

Leandra Ines Seganfredo Santos
Genivaldo Rodrigues Sobrinho
(Organizadores)

Multiletramentos

Articulações para/no ensino da leitura e da escrita

Coleção

 **SALA DAS
LETRAS**

Vol. 1

UNEMAT
Universidade do Estado de Mato Grosso


UNEMAT
EDITORA

Leandra Ines Seganfredo Santos
Genivaldo Rodrigues Sobrinho
(Organizadores)

**MULTILETRAMENTOS:
ARTICULAÇÕES PARA/NO ENSINO
DA LEITURA E DA ESCRITA**
vol.1



Cáceres-MT
2015

UNEMAT Editora

Editor: Maria do Socorro de Souza Araújo

Diagramação: Ricelli Justino dos Reis

Capa: Ketheley Leite Freire Rey

Revisão: Terezinha Della Justina

Publicação *Online*

Conselho Editorial:

Maria do Socorro de Souza Araújo (Presidente)

Ariel Lopes Torres

Luiz Carlos Chierogatto

Mayra Aparecida Cortes

Neuza Benedita da Silva Zattar

Sandra Mara Alves da Silva Neves

Severino de Paiva Sobrinho

Tales Nereu Bogoni

Roberto Vasconcelos Pinheiro

Fernanda Ap. Domingos Pinheiro

Roberto Tikau Tsukamoto Júnior

Gustavo Laet Rodrigues

Ficha catalográfica

S237m Santos, Leandra Ines Seganfredo.

Multiletramentos: articulações para/no ensino da leitura e da escrita / Leandra Ines Seganfredo Santos, Genivaldo Rodrigues Sobrinho (orgs.). Cáceres: Ed. UNEMAT, 2015.

322 p.

ISBN: 978-85-7911-148-8

Coleção Sala das Letras

ISBN: 978-85-7911-147-1

1. Leitura. 2. Letramento. 3. Multiletramento. I. Rodrigues Sobrinho, Genivaldo (org.). II. Título. III. Título: articulações para/no ensino da leitura e da escrita.



Unemat Editora
Avenida Tancredo Neves n° 1095
Fone (0xx65) 3221-0023
Cáceres - MT - Brasil - 78200-000

SUMÁRIO

PREFÁCIO	7
Maria do Socorro Oliveira	
APRESENTAÇÃO	10
Leandra Ines Seganfredo Santos e Genivaldo Rodrigues Sobrinho	

PARTE I

CAPÍTULO 1

LEITURA, ESCRITA E ESCOLA: PONDERAÇÕES DE UM GRUPO DE DOCENTES DE LÍNGUA PORTUGUESA	17
Leandra Ines Seganfredo Santos e Genivaldo Rodrigues Sobrinho	

PARTE II

CAPÍTULO 2

O DISCURSO POLÍTICO E AS NOVAS TECNOLOGIAS COMO FERRAMENTAS PARA O MULTILETRAMENTO	36
Ademir Juvêncio da Silva e Maria Salete Dias Antônio	
ORALIDADE E NOVAS TECNOLOGIAS: MULTILETRAMENTOS FAVORECENDO A APRENDIZAGEM	40
Ademir Juvêncio da Silva	
ORALIDADE E MULTILETRAMENTOS: CAMINHOS PARA A APRENDIZAGEM	51
Maria Salete Dias Antônio	
O DISCURSO POLÍTICO E AS NOVAS TECNOLOGIAS NA PERSPECTIVA DOS MULTILETRAMENTOS	58
Ademir Juvêncio da Silva e Maria Salete Dias Antônio	

CAPÍTULO 3

O DISCURSO POLÍTICO NAS CAMPANHAS ELEITORAIS	60
Edivaldo Aparecido Mazolini e Elaine Xavier Lima Babinski	
PRÁTICAS DE MULTILETRAMENTOS COM CHARGE E PARÓDIA	69
Edivaldo Aparecido Mazolini	

O MULTILETRAMENTO NOS TEXTOS HUMORÍSTICOS CHARGE E PARÓDIA	83
Elaine Xavier Lima Babinski	
ANÁLISE DO PROTAGONISMO E DA CRITICIDADE NAS PRODUÇÕES TEXTUAIS DE ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL	98
Edivaldo Aparecido Mazolini e Elaine Xavier Lima Babinski	

CAPÍTULO 4

ÉTICA NO PROCESSO ELEITORAL	101
Cleunice Fernandes da Silva, Marcia Weber e Miguel Rodrigues de Oliveira	
CONTRIBUIÇÕES DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA PARA O PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DE LÍNGUA MATERNA	107
Cleunice Fernandes da Silva	
ENSINO E APRENDIZAGEM DE LÍNGUA MATERNA: LINGUAGEM COMO PRÁTICA SOCIAL	117
Marcia Weber	
A PROPAGANDA ELEITORAL EM INTERFACE COM OS GÊNEROS MULTIMODAIS: UMA ANÁLISE DO PROCESSO DE PRODUÇÃO DE PARÓDIAS	129
Miguel Rodrigues de Oliveira	
ENTRELAÇANDO SABERES: UMA PROPOSTA DIDÁTICA EM DIFERENTES CONTEXTOS	144
Cleunice Fernandes da Silva, Márcia Weber e Miguel Rodrigues de Oliveira	

CAPÍTULO 5

ESTUDO DOS GÊNEROS E LETRAMENTO: CONTEXTOS DE PRODUÇÃO A PARTIR DE UMA SITUAÇÃO DO COTIDIANO	148
Elen Cristina Freire	
MULTILETRAMENTOS E GÊNEROS ORAIS: O SEMINÁRIO COMO INSTRUMENTO DE FORMAÇÃO CRÍTICA NA ESCOLA	155
Polyana Sampaio da Silva Scrimim	
USO DO DISCURSO POLÍTICO NA CRIAÇÃO DE UM CONTEXTO DE PRODUÇÃO	161
Elen Cristina Freire	

CONSCIÊNCIA POLÍTICA NA ADOLESCÊNCIA: O GÊNERO SEMINÁRIO COMO INSTRUMENTO DE DEBATE Polyana Sampaio da Silva Scrimim	167
SEQUÊNCIA DIDÁTICA COLETIVA: A ARTICULAÇÃO DE IDEIAS EM FAVOR DE UMA PROPOSTA PEDAGÓGICA Elen Cristina Freire e Polyana Sampaio da Silva Scrimim	178

CAPÍTULO 6

CONSCIENTIZAÇÃO POLÍTICA César Vicente da Costa, Nilze Maria Malaguti e Sérgio Cervieri	181
SEQUÊNCIA DIDÁTICA: DESMASCARANDO A PROPAGANDA ELEITORAL César Vicente da Costa	185
SEQUÊNCIA DIDÁTICA: UMA ESTRATÉGIA PARA O TRABALHO COM O GÊNERO DOCUMENTÁRIO Nilze Maria Malaguti	194
SEQUÊNCIA DIDÁTICA: TRABALHANDO COM O GÊNERO DOCUMENTÁRIO EM SALA DE AULA Sergio Cervieri	204
SEQUÊNCIA DIDÁTICA COM O GÊNERO DOCUMENTÁRIO: PROXIMIDADES E DISTANCIAMENTOS César Vicente da Costa, Nilze Maria Malaguti e Sérgio Cervieri	212

CAPÍTULO 7

POLÍTICO FABULANDO Alessandra de Oliveira, Maríndia Becker e Sidnei Alves da Rocha	219
FÁBULA POLÍTICA Alessandra de Oliveira	235
FABULANDO Maríndia Becker	239
FÁBULAS POLÍTICAS: CONSCIÊNCIA CRÍTICA JUVENIL Sidnei Alves da Rocha	250
A POLÍTICA NA FLORESTA Sidnei Alves da Rocha, Alessandra de Oliveira e Maríndia Becker	271

CAPÍTULO 8

(RE)SIGNIFICANDO AS PRÁTICAS DA LEITURA E DA ESCRITA POR MEIO DO MULTILETRAMENTO Denis Alves Farias, Elisangela Dias Saboia e Marcia Maria Silva de Souza	274
DISCURSO E PODER: A LINGUAGEM COMO FERRAMENTA DE INTERAÇÃO SOCIAL Denis Alves Farias	281
A LEITURA E A ESCRITA A PARTIR DO GÊNERO ARTIGO DE OPINIÃO Elisangela Dias Saboia	291
ENSINO E APRENDIZAGEM INTERLIGADOS AOS PROCESSOS SOCIAIS Marcia Maria Silva de Souza	307
REFLETINDO A PRÁTICA DOCENTE E PROCESSOS SOCIAIS POR UMA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA Denis Alves Farias, Elisangela Dias Saboia e Marcia Maria Silva de Souza	316
SOBRE OS AUTORES	319

PREFÁCIO

Tratar da produção de conhecimento de professores, especialmente daqueles inseridos em Programas de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), leva-nos a pensar em uma dicotomia que, longe de pretender cair no reducionismo de olhar elementos opostos, almeja vislumbrar e articular dimensões advindas dos domínios acadêmico e escolar as quais se complementam na atividade reflexiva e transformadora do professor: a dicotomia formação/ação. Fazer essa aproximação – formação/ação – requer colocar em discussão diferentes questões que integram o processo de letramento do professor: Quem é esse professor? Onde atua? Em que mundos de letramento se insere? De que modo e com que propósito atua em sala de aula? Corresponde a estabelecer relações entre os saberes científicos de referência, construídos por esses professores na instância de formação acadêmica, e os saberes escolares por eles trabalhados na prática cotidiana do espaço escolar.

Em minha leitura, são essas duas matrizes analíticas o eixo organizador deste livro ‘(Multi)Letramentos: articulações para/no ensino da leitura e da escrita’, cuja preocupação é evidenciar como *saberes curriculares*, construídos nas disciplinas ‘Aspectos Sociocognitivos e Metacognitivos da Leitura e da Escrita’ (ASMLE) e ‘Estratégias do Trabalho Pedagógico com a Leitura e a Escrita’ (ETPLE), articulam-se e moldam *saberes práticos* de professores, desenvolvidos em turmas de diferentes níveis do ensino fundamental em municípios do Estado de Mato Grosso. Se considerarmos que toda prática é informada por uma teoria, a intenção dessa coletânea é destacar como a *formação teórica* oferecida no PROFLETRAS impacta a *ação* de professores no que se refere ao ensino-aprendizagem da leitura e da escrita, trabalhada em sala de aula, mas projetada para fora da escola com vistas ao exercício da cidadania. Nesse processo em que a teoria recria a prática e a prática recria a teoria a partir da reflexão, a formação/ação funde-se em um único objeto – a *práxis* do professor – reveladora da ação reflexiva desse profissional movido pelo propósito de buscar a transformação da realidade escolar.

Em função desse propósito, as ações de ensinar, traduzidas nesta coletânea, apresentam um primeiro diferencial: organizaram-se não pelo repasse da informação, mas por meio de um dispositivo didático, a *Sequência Didática*, que permitiu sequenciar um plano de atividades de leitura e escrita, centrado em uma temática de real interesse para alunos e professores, porque inserida nas preocupações de todo cidadão brasileiro – o processo eleitoral no Brasil –, utilizando-se, para tanto, do trabalho *com* vários gêneros textuais.

O uso desse recurso de ensino-aprendizagem, viabilizado pela discussão do vídeo em formato digital ‘Propaganda eleitoral gratuita – a verdadeira’, disponível em um dos sites mais compartilhados no mundo – o *You Tube* – permitiu que a construção

do conhecimento sobre essa temática estivesse situada na vida dos alunos, isto é, fosse conduzido de modo a permitir que eles desenvolvessem o *letramento cívico*, aquele que os prepara para serem cidadãos, leitores e produtores de textos, que, a partir da reflexão e do uso consciente da linguagem, assumem posições críticas sobre o mundo e sobre as problemáticas sociais em que se encontram envolvidos, neste caso, o modo como a propaganda eleitoral é feita pelos candidatos brasileiros. A sátira apresentada na forma de propaganda política consistiu, de fato, no mote a partir do qual os alunos se constituíram em *sujeitos políticos*, conscientes da tarefa de dizer o mundo e sobre ele agir por meio da prática de vários gêneros textuais: charge, paródia, seminário, documentário, fábula, artigo de opinião.

A natureza instrumental, evidenciada nas diferentes propostas de trabalho apresentadas na coletânea, destaca não apenas a dimensão formal dos gêneros textuais estudados, as suas características composicionais, mas, sobretudo, o caráter político e crítico dessa prática de linguagem que aponta para a possibilidade de preparar os educandos para a vida democrática, cívica e em funcionamento na era digital, melhor dizendo, no domínio dos *multiletramentos*, caracterizados pela diversidade cultural e pelo entrelaçamento de variados sistemas semióticos, multimodais.

E não foi esse senão o propósito das experiências de linguagem vivenciadas nos diferentes contextos de aprendizagem focalizados na obra. Ao possibilitarem o *acesso* e a *disponibilidade* dos letramentos via compreensão e produção de gêneros textuais, orais e escritos, tendo como critério de seleção o tema-problema – propaganda eleitoral –, os professores mobilizaram recursos e conhecimentos capazes de construir alunos diferentes, no sentido de se enxergarem como leitores autônomos e críticos, protagonistas da sua própria aprendizagem e conscientes da sua identidade leitora e escritora, verdadeiros *agentes de letramentos*. Nessa condição, o aluno se torna hábil para ser senhor do seu dizer e responsivo ao dizer do outro, incluindo-se nesse processo de alteridade a capacidade para opinar, por exemplo, sobre o discurso político, naturalmente clivado por relações de poder que afetam, sobremaneira, o modo como os cidadãos enfrentam a (im)possibilidade de participar e transformar a vida social. E o domínio dos gêneros textuais representa, a nosso ver, um instrumento de empoderamento que oportuniza aos aprendizes uma relação mais autônoma e crítica com a linguagem.

Ao trabalhar leitura e escrita tendo como ponto de partida temáticas ligadas ao cotidiano dos alunos (p. ex., política brasileira) e considerando, sobretudo, os *fundos de conhecimento* desses alunos, construídos ao longo das suas experiências de vida nos múltiplos contextos em que eles se inserem fora da escola, o professor conta com a possibilidade de desenvolver ações pedagógicas positivas e, certamente, mais significativas.

Significativas porque permitem ao aluno “quebrar o frame” da posição de sujeito-aluno para a de sujeito-autor na medida em que, com o recurso da mediação

do professor aliado ao da tecnologia midiática, ele assume uma posição proativa, ou seja, passa a refletir sobre fatos e discursos, criticando-os e posicionando-se frente à vida política do país por meio da expressão de opiniões e argumentos. Tal postura desenvolve no aluno sentimentos de autoconfiança, liderança, responsabilidade e iniciativa para resolver problemas via linguagem.

Experiências como as aqui relatadas são significativas também para o professor no sentido de que oportunizam a reflexão e o questionamento sobre a prática docente. No momento em que o professor deixa de ser apenas mandatário da escrita (aquele manda o aluno escrever) e se torna também escrevente, ao pensar e documentar a sua prática pedagógica por meio de um relatório didático-científico-reflexivo, ele assume o papel de *professor pesquisador/reflexivo* – aquele que se instrumentaliza teoricamente para observar, indagar, propor alternativas e redimensionar o seu fazer pedagógico, transformando velhas práticas em outras novas. Tal movimento, entretanto, só é possível quando o professor parte do princípio de que ação e reflexão compõem uma relação dialética. O diálogo prática-teoria-prática deverá ser sempre um movimento recorrente na formação do professor/pesquisador.

A teoria funciona como uma lente interpretativa que nos ajuda a enxergar o que antes não éramos capazes de compreender. Se a teoria é um instrumento que ajuda a olhar e apreender o real, essa apreensão passa, necessariamente, pelo questionamento da prática, na situação ora em análise. Nesse sentido, a prática é o ponto de partida e a finalidade da teoria no processo de profissionalização docente. Dela emergem as questões, as necessidades, as alternativas e as possibilidades de transformação. É a prática que esboça os caminhos a percorrer, mas o olhar investigativo que se declina sobre esses caminhos é informado pela teoria.

E é exatamente, esse diálogo – teoria e prática – que a coletânea traz para o leitor, fruto das indagações e buscas por uma dinâmica mais produtiva no ensino da leitura e da escrita, compartilhadas no processo de profissionalização do professor/pesquisador integrado ao Programa PROFLETRAS/polo Sinop-MT.

Maria do Socorro Oliveira
Natal-RN, junho de 2015.

APRESENTAÇÃO

A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) aprovou, em 2013, o Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) com a especificidade de atender aos professores de Letras em serviço no ensino público.

A proposta do Programa é direcionada para os professores da rede pública de ensino, que atuam do 1º ao 9º anos do Ensino Fundamental, na área de Língua Portuguesa/Literatura. É composta pela área de concentração Linguagens e Letramentos e abriga duas linhas de pesquisa: Teorias da Linguagem e Ensino e Leitura e Produção Textual: diversidade social e práticas docentes. As disciplinas são distribuídas em três eixos: a dos Fundamentos (Elaboração de Projetos e Tecnologias Educacionais; Alfabetização e Letramento) com trinta horas; as obrigatórias (Fonologia, Variação e Ensino; Gramática, Variação e Ensino; Texto e Ensino; Aspectos Sociocognitivos e Metacognitivos da Leitura e da Escrita; e, Leitura do Texto Literário) com quarenta e cinco horas; as optativas (Ensino da Escrita, Didatização e Avaliação; Linguagem, Práticas Sociais e Ensino; Linguagem, Práticas Sociais e Ensino; Práticas de Oralidade e Práticas Letradas do 1º ao 5º ano; Práticas de Oralidade e Práticas Letradas do 6º ao 9º ano; Erros de Decodificação na Leitura: Rotas e Graus de Atipicidade dos Sujeitos; Erros de Escrita: Previsibilidade e Atipicidade; Gêneros Discursivos/Textuais e Práticas Sociais; Estratégias do Trabalho Pedagógico com a Leitura e a Escrita; Literatura e Ensino; Literatura Infanto-Juvenil; Produção de Material Didático para o Ensino de Língua Portuguesa como Adicional) com quarenta e cinco horas. Destas, o professor-aluno escolherá três para cursar.

O sentido maior de participar de um Programa dessa envergadura está na função social que ele abriga em seu escopo ao priorizar a formação de profissionais que não tiveram acesso à pós-graduação *stricto sensu* depois de sua formação inicial. A UNEMAT é uma das instituições associadas com duas unidades de funcionamento, uma em Cáceres e outra em Sinop. A unidade de Sinop oferece dezoito vagas. A primeira turma de ingressantes é formada por docentes de onze diferentes municípios do estado de Mato Grosso.

Socializamos neste material resultados do trabalho desenvolvido durante a disciplina obrigatória “Aspectos Sociocognitivos e Metacognitivos da Leitura e da Escrita” (ASMLE) e a disciplina optativa “Estratégias do Trabalho Pedagógico com a Leitura e a Escrita” (ETPLE). Os textos que compõem esta coletânea são de cunho didático-científico-reflexivo dispostos em forma de propostas de sequências didáticas que foram concebidas em duplas ou trios e executadas individualmente, cada um na escola onde trabalha. Após a aplicação das propostas, os discentes produziram um relatório crítico-analítico-reflexivo em que apresentam o passo a passo seguido em sala, os resultados obtidos e as limitações encontradas, analisando-os à luz das

teorias estudadas durante as disciplinas cursadas. Por fim, depois de socializarem os resultados com os colegas da dupla/trio e os demais colegas da turma, produziram um relatório coletivo, apontando aproximações e diferenças no fazer docente nos diferentes contextos.

A realização das atividades coincidiu com o período eleitoral no Brasil (segundo semestre de 2014), em que seriam eleitos presidente, senadores, deputados e governadores. Para discutir as possibilidades de uso das tecnologias digitais em sala para estimular a leitura e escrita, em uma das aulas foi apresentado o vídeo “Propaganda eleitoral gratuita – a verdadeira” (disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dMVgb3DtS0Y>), que satiriza a forma com que a propaganda eleitoral é feita pelos candidatos brasileiros. Por sugestão dos discentes, ficou acordado que todas as propostas teriam esta temática e abordariam, de alguma forma, o vídeo em questão, entretanto, cada dupla/trio teria liberdade para escolher o gênero textual a ser explorado na proposta.

Sete propostas foram elaboradas, culminando em um rico material, em que foram trabalhados os seguintes gêneros textuais: charge, paródia, discurso político, seminário, documentário, fábula e artigo de opinião.

Antes, porém, de apresentarmos as propostas, na Parte I, trazemos o texto “Leitura, escrita e escola: ponderações de um grupo de docentes de Língua Portuguesa” em que analisamos como o grupo de docentes compreendia os conceitos de leitura e escrita quando ingressaram no Programa, pois acreditamos que suas práticas são marcadas por suas concepções teóricas, não só daquelas discutidas no âmbito da formação contínua, como também daquelas construídas ao longo de sua formação inicial. Utilizamos-nos das bases teóricas selecionadas para estudo nas disciplinas ASMLE e ETPLE para nortear a análise. Os dados mostram que os mestrandos encontram-se em um importante momento de reflexão acerca de suas práticas e abertos à mudanças.

Na Parte II, apresentamos o capítulo 2 com a proposta – *O discurso político e as novas tecnologias como ferramentas para o multiletramento* – é assinada por Ademir Juvêncio da Silva e Maria Salete Dias Antônio. Nela os autores propõem a reflexão sobre o tema, instigando o aluno a opinar sobre os discursos políticos. No texto – *Oralidade e novas tecnologias: multiletramentos favorecendo a aprendizagem* – Ademir Juvêncio da Silva descreve a análise a proposta que desenvolveu em uma turma de sétimo ano, apontando o trabalho com SD útil e indispensável porque é necessário percorrer um caminho para que os alunos possam compreender melhor e colocar em prática o seu aprendizado. O texto – *Oralidade e multiletramentos: caminhos para a aprendizagem* – de autoria de Maria Salete Dias Antônio mostra que a experiência foi válida porque fez perceber e analisar como ocorrem os processos de autoria dos alunos. Consoante Maria Salete, quando a escola abre espaço para o multiletramento possibilita ao educando ter uma formação crítica, ter domínio de suas próprias aprendizagens com autonomia,

sabendo buscar como e o que aprender. Já no texto – *O discurso político e as novas tecnologias na perspectiva dos multiletramentos* – Ademir Juvêncio da Silva e Maria Salete Dias Antônio refletem sobre a importância de se trabalhar com SDs na produção de gêneros discursivos no ensino fundamental dentro da perspectiva dos multiletramentos. Para eles, a metodologia aplicada proporcionou liberdade de expressão e envolvimento com as novas tecnologias, transformando um tema pouco debatido e aceito em sala de aula em uma atividade agradável e prazerosa.

A proposta que compõe o capítulo 3 foi elaborada por Edivaldo Aparecido Mazolini e Elaine Xavier Lima Babinski, intitula-se – *O discurso político nas campanhas eleitorais* – e propõe desenvolver a competência leitora e habilidades para analisar charges, paródias e vídeo. No texto reflexivo – *Práticas de multiletramentos com charge e paródia* – Edivaldo Aparecido Mazolini pondera que a execução da sequência didática proporcionou um espaço para os alunos refletirem sobre a importância de ser um eleitor consciente, pois nela está implícita a importância de se fazer uma reflexão sobre quadro político e de se conscientizar, enquanto cidadão e eleitor, no sentido de eleger os representantes políticos que realmente estejam preocupados com o coletivo. *O multiletramento nos textos humorísticos charge e paródia* – é o texto assinado por Elaine Xavier Lima Babinski, em que descreve a importância do desenvolvimento da proposta, pois os alunos refletiram e desenvolveram a criticidade sobre o discurso político, o papel do eleitor e o uso do humor produzido pelo vídeo, compreendendo questões que afetam o dia a dia. Produziram textos orais e escritos contextualizados com a temática trabalhada em sala e compreenderam os objetivos e as condições de produção dos gêneros abordados. *Análise do protagonismo e da criticidade nas produções textuais de alunos do ensino fundamental* – é o texto escrito por Edivaldo Aparecido Mazolini e Elaine Xavier Lima Babinski, resultante do trabalho realizado a partir da proposta. Os autores sugerem que a escola como um todo precisa trabalhar mais com os alunos os textos multimodais e multissemióticos que circulam, com frequência, nas redes sociais e que o trabalho proporcionou aos alunos um momento para refletir sobre o atual contexto político brasileiro.

Ética no processo eleitoral é a proposta contemplada no capítulo 4, de autoria de Cleunice Fernandes da Silva, Marcia Weber e Miguel Rodrigues de Oliveira buscou oportunizar um momento de reflexão em relação às questões inerentes ao processo eleitoral para que o aluno se posicionasse criticamente. Cleunice Fernandes da Silva descreve no texto – *Contribuições da sequência didática para o processo de ensino e aprendizagem de língua materna* – que o desenvolvimento da SD revelou a importância de se trabalhar a linguagem em uma perspectiva que adota o texto em uma concepção sócio interacionista, não como mero pretexto para se explorar os aspectos linguísticos. No texto – *Ensino e aprendizagem de língua materna: linguagem como prática social* – Marcia Weber pontua que o trabalho realizado fez com que o texto não fosse apenas pretexto para uma possível correção ou atribuição de nota, mas contribuiu para perceber

que o texto do aluno não é algo fechado, fixo e regular; que a contextualização e a discussão da temática se fazem necessárias no processo de escrita e que o aluno, como um ser social, já possui um posicionamento diante dos fatos. Miguel Rodrigues de Oliveira, por sua vez, assina o texto – *A propaganda eleitoral em interface com os gêneros multimodais: uma análise do processo de produção de paródias* – em que afirma que houve avanços consideráveis no processo ensino aprendizagem da oralidade e da escrita dos alunos envolvidos, em decorrência da sistemática adotada nos procedimentos. *Entrelaçando saberes: uma proposta didática em diferentes contextos* – é o texto resultante das ponderações que o trio fez sobre o trabalho realizado, em que evidenciaram que embora os alunos, a princípio, não demonstrassem interesse pela temática escolhida, com o decorrer da aplicação e a intervenção do professor, verificou-se uma mudança no posicionamento, pois participaram e realizaram as atividades propostas demonstrando reflexão e criticidade, sendo a postura do professor, enquanto mediador, fundamental para o êxito da proposta.

Para o quinto capítulo Elen Cristina Freire produziu a SD – *Estudo dos gêneros e letramento: contextos de produção a partir de uma situação do cotidiano* – em que sugere o trabalho com artigo de opinião e Polyana Sampaio da Silva elaborou a SD intitulada – *Multiletramentos e gêneros orais: o seminário como instrumento de formação crítica na escola* – para desenvolver a oralidade a partir de seminário. No texto – *Uso do discurso político na criação de um contexto de produção* – Elen Cristina Freire defende o trabalho com SD por acreditar que o mesmo ajuda a promover o letramento, pois parte de situações do cotidiano, do conhecimento prévio do aluno, juntamente com as intervenções do professor para uma produção final que faz sentido para o aluno, principalmente quando ele percebe que não está escrevendo para o professor apenas, mas para a comunidade. *Consciência política na adolescência: o gênero seminário como instrumento de debate* – é o relatório analítico produzido por Polyana Sampaio da Silva. Nele a autora enfatiza a utilização da tecnologia em sala de aula como auxílio no processo de ensino-aprendizagem atuando como aliada do conhecimento. As autoras assinam ainda o texto – *Sequência didática coletiva: a articulação de ideias em favor de uma proposta pedagógica* – em que ponderam sobre as diferenças na realização das propostas, os avanços e as limitações para desenvolver esse tipo de trabalho em cada um dos contextos em que estão envolvidas.

A proposta – *Conscientização política* – apresentada no capítulo 6 é de César Vicente da Costa, Nilze Maria Malaguti e Sérgio Cervieri e sugere o desenvolvimento do gênero textual documentário contrapondo as promessas feitas em campanha e o discurso oficial dos dirigentes políticos com a realidade local dos educandos. César Vicente da Costa denomina seu texto de – *Sequência didática: desmascarando a propaganda eleitoral* – em que descreve e analisa a utilização das tecnologias de forma pedagógica. O autor mostra como o trabalho teve repercussão na sociedade e fez com que a população refletisse sobre os problemas que atingem a cidade. No texto – *Sequência didática: uma estratégia para o trabalho com o gênero documentário* – Nilze Maria Malaguti enfatiza o trabalho de pensar sobre estratégias utilizadas na produção de um documentário e revê os caminhos necessários para alcançar melhores

resultados na produção final. Já Sérgio Cervieri escreve o documento – *Sequência didática: trabalhando com o gênero documentário em sala de aula* – caracterizando o trabalho desenvolvido como uma tentativa tímida de trabalhar a leitura, interpretação e produção de texto de uma forma diferente, discutindo temas relacionados à vida política do país, desmistificando um pouco a visão de política como algo ruim, que as pessoas não querem nem comentar. Como o próprio título afirma, no texto – *Sequência didática com o gênero documentário: proximidades e distanciamentos* – os autores César Vicente da Costa, Nilze Maria Malaguti e Sérgio Cervieri marcam as proximidades e os distanciamentos no desenvolvimento da proposta em contextos distintos. Para eles, a proposta mostrou a possibilidade de esquematizar um plano com vistas a aprimorar a expressão oral e escrita do aluno na perspectiva textual de ensino da língua.

Alessandra de Oliveira, Maríndia Becker e Sidnei Alves da Rocha são os mentores da proposta descrita no sétimo capítulo, intitulada – *Políticofabulando* – em que recomendam o desenvolvimento do gênero textual fábula para despertar a crítica quanto ao tema política. No texto – *Fábula política* – Alessandra de Oliveira relata o percurso trilhado com alunos do Ensino Médio, com participação ativa, explanando sua compreensão, inferindo opiniões acerca dos temas, e refletindo sobre de quem são as vozes presentes nos textos, com uma leitura crítica reflexiva das fábulas e do vídeo apresentados. Para a autora a experiência contribuiu para a construção de um novo olhar sobre o ensino-aprendizagem dos gêneros textuais norteados pela sequência didática. Maríndia Becker, por sua vez, escreveu – *Fabulando* – e diagnosticou que com as produções textuais do gênero fábula e a confecção dos fantoches, o aluno passou a se ver como protagonista do seu dizer, do seu fazer, ou seja, passou da posição sujeito-aluno para a posição de sujeito-autor. *Fábulas políticas: consciência crítica juvenil* – foi o título escolhido por Sidnei Alves da Rocha para nomear as reflexões desencadeadas a partir do desenvolvimento da proposta. Para o autor, trabalhos como esses servem para fazer com que os estudantes demonstrem todo o seu potencial e o quão eles são ligados aos problemas enfrentados no e pelo país. As produções demonstram que as redes sociais serviram de informações e conhecimentos preciosos para a escrita de fábulas. Em – *A política na floresta* – os autores articulam os fazeres docentes desenvolvidos nos três contextos e salientam o papel de protagonistas que os alunos puderam assumir a partir deste trabalho.

Por fim, o capítulo 8 desvela a proposta – *(Re)significando as práticas da leitura e da escrita por meio do multiletramento* – de Denis Alves Farias, Elisangela Dias Saboia e Marcia Maria Silva de Souza que sugere o trabalho com o gênero textual artigo de opinião para discutir as eleições no Brasil. No trabalho *Discurso e poder: a linguagem como ferramenta de interação social* – Denis Alves Farias articula o processo desenvolvido em sala e analisa que o aluno, como construtor de linguagem, passa a olhar para seu papel na interação do qual seu conhecimento de língua será uma decorrência, podendo desenvolver, nesse percurso, conhecimentos e estratégias. *A leitura e a escrita a partir do gênero artigo de opinião* – foi escrito por Elisangela Dias Saboia e nele a autora descreve que se os alunos vivenciassem mais um ensino organizado por meio de SDs a aprendizagem da leitura e escrita de fato melhoraria, pois em uma sequência

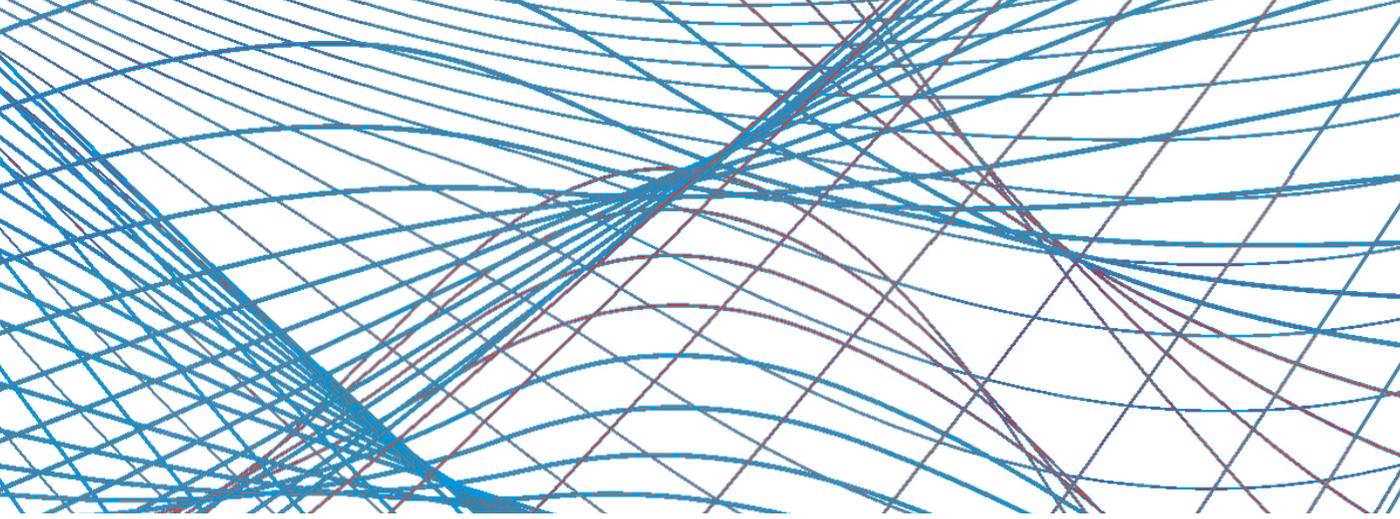
organizada somente em cinco módulos já houve uma tentativa de melhoria dos textos pelos estudantes, não tanto quanto o desejado em relação aos argumentos, mas quanto a critérios gramaticais, discursivos, organização textual, além da preocupação quanto à ortografia vigente. Para Marcia Maria Silva de Souza em – *Ensino e aprendizagem interligados aos processos sociais* – pensar atividades que desenvolvam habilidades de leitura e escrita dos alunos é prática necessária no contexto escolar e cabe aos professores como responsáveis pelo processo de ensino e aprendizagem realizá-las de acordo com as necessidades dos estudantes. *Refletindo a prática docente e processos sociais por uma aprendizagem significativa* – é o texto coletivo assinado por Denis Alves Farias, Elisangela Dias Saboia e Marcia Maria Silva de Souza. Nele os autores deixam clara a intenção de desenvolver a expressão oral, a formação de opinião e argumentos por meio da proposta.

Esperamos que as ideias, propostas, discussões e análises aqui compartilhadas constituam-se reflexões colaborativas para criação de novas teorizações e práticas acerca da leitura e escrita na escola.

Sinop, julho de 2015.
Leandra Ines Seganfredo Santos
Genivaldo Rodrigues Sobrinho



PARTE I



CAPÍTULO 1

LEITURA, ESCRITA E ESCOLA: PONDERAÇÕES DE UM GRUPO DE DOCENTES DE LÍNGUA PORTUGUESA

*Leandra Ines Seganfredo Santos
Genivaldo Rodrigues Sobrinho*

1 INTRODUÇÃO

A sociedade letrada contemporânea exige proficiência em leitura e habilidades na escrita, e tem desafiado a escola a lançar novos olhares e a buscar mudanças de atitudes sobre práticas pedagógicas já sedimentadas.

Temos acompanhado na mídia e em resultados de pesquisas que o desempenho da Educação Básica no Brasil vem sendo classificado em níveis muito baixos, tanto em avaliações entre os países do mundo, quanto naquelas que comparam as distintas localidades do país (ROJO, 2009). Os mesmos estudos apontam que a solidificação de índice razoavelmente satisfatório de desenvolvimento da nação depende do avanço educacional do seu povo. Tal avanço perpassa pela apropriação de habilidades específicas de leitura e de escrita que devem processar-se tão bem quanto necessários forem os papéis sociais de que gozam os falantes por força das necessidades comunicativas adequadas contextualmente.

Uma vez que a linguagem constitui fator de identidade de comunidades de fala, seu domínio pleno é passaporte de poder e cidadania. Nesse sentido, o papel da escola é decisivo na vida do cidadão, já que é a principal agência promotora dos processos de alfabetização e letramento, sendo o professor o mediador primordial, que deve estar sempre e adequadamente preparado para empreender o investimento de desenvolver as potencialidades discursivas dos alunos.

Entretanto, o corpo docente não tem se mostrado devidamente qualificado

para exercer as práticas letradas em uma escola que se espera seja inclusiva. Alunos, por sua vez, têm apresentado importantes lacunas de letramento de natureza linguístico-discursiva, tanto na modalidade falada quanto na modalidade escrita do português (MOLLICA, 2012) e os índices de evasão escolar têm sido altos ao longo dos anos do ensino fundamental.

Diante desse quadro, o Programa de Mestrado em Letras – PROFLETRAS, criado em 2013 e desenvolvido em rede nacional, em parceria entre mais de três dezenas de instituições de ensino superior, tem sido apontando como um importante espaço de discussão do ensino de Língua Portuguesa (LP) no sentido de rever práticas e teorias.

Na Universidade do Estado de Mato Grosso, *campus* de Sinop, há uma unidade do PROFLETRAS que oferta, anualmente, dezoito vagas para docentes de LP, efetivos da rede pública de ensino. A primeira turma iniciou os estudos em agosto de 2013. Eles são provenientes de diferentes municípios do estado, onde atuam tanto na rede estadual quanto municipal de ensino.

Em busca de conhecer um pouco da clientela para melhor planejar as disciplinas, no primeiro dia de aula coletamos, por meio de um questionário, as concepções que os docentes tinham acerca dos principais temas que norteariam todo o Curso, a saber: concepções de língua(gem), alfabetização, letramento, papel da escola e do professor no ensino de LP, conceitos de leitura e escrita, dentre outros. Para o desenvolvimento da disciplina obrigatória “Aspectos Sociocognitivos e Metacognitivos da Leitura e Escrita” e a disciplina optativa “Estratégias do Trabalho Pedagógico com a Leitura e a Escrita”, julgamos importante analisar as respostas dadas pelos docentes aos temas diretamente ligados às disciplinas. Dessa forma, neste texto apresentamos a visão dos docentes que sulcaram as escolhas teórico-metodológicas para o desenvolvimento das referidas disciplinas e oportunizaram a elaboração e execução das propostas descritas nesta coletânea.

Além dessa introdução, este texto está organizado em três seções. Na primeira, buscamos fundamentar teoricamente o estudo, apresentando ideias essenciais ligadas aos conceitos de leitura, de escrita e do papel da escola no processo de ensino e aprendizagem; na seguinte, transcrevemos excertos das respostas dos docentes, buscando analisá-los; no final, mencionamos algumas contribuições do estudo para o ensino de LP.

2 LEITURA E ESCRITA NA SOCIEDADE E NO CONTEXTO ESCOLAR

As práticas sociais de leitura e escrita oportunizam ao indivíduo sua integração na sociedade, alterando sua condição sociocultural, política, linguística e econômica. Por meio da leitura, ele acessa informações, expõe ponto de vista e compartilha cultura, exercendo, dessa forma, a cidadania. Assim, as transformações da sociedade, sobretudo com o advento das novas tecnologias digitais, têm redefinido as práticas sociais,

intensificando o uso da leitura e da escrita (BORTONE e MARTINS, 2008).

Nesse contexto, a escola apresenta-se como um espaço privilegiado para a construção da perspectiva da pedagogia dos multiletramentos. De acordo com Rojo, o conceito de multiletramentos

Aponta para dois tipos específicos e importantes de multiplicidade presentes em nossas sociedades, principalmente urbanas, na contemporaneidade: a multiplicidade cultural das populações e a multiplicidade semiótica de constituição dos textos por meio dos quais ela se informa e se comunica (ROJO, 2012, p. 13).

Para Coscarelli e Novais, em textos compostos por várias modalidades sígnicas que não só a verbal (multimodais)

o leitor precisa reconhecer outras unidades além do léxico verbal, ou seja, precisa perceber as unidades dessas outras modalidades e integrá-las. Imagem, som, movimento, design são categorias de signos organizadas por elementos de natureza diversa, que precisam ser decodificados em unidades que vão contribuir para a construção do sentido (COSCARELLI e NOVAIS, 2010, p. 39).

Rojo alerta para a necessidade de novas ferramentas “de áudio, vídeo, tratamento de imagem, edição e diagramação”, além daquelas comumente usadas nas escritas manual e impressa. Novas práticas de produção e de análise crítica são requeridas e apresentam-se como desafio nas práticas escolares de leitura e escrita que “já eram restritas e insuficientes mesmo para a ‘era do impresso’” (ROJO, 2012, p. 21-22). A autora advoga em favor de uma atuação escolar que transforme o “consumidor acrítico” (p. 28) por meio dos letramentos críticos.

Entretanto, tal construção demanda (re)visitar conceitos de língua, leitura, produção oral e escrita. Bortone e Martins (2008) asseguram que a língua não é apenas um sistema abstrato que reflete nossos pensamentos de forma neutra e imune às condições socioculturais. É, pois, um jogo de poder, uma arena de conflitos. Para as referidas autoras, a linguagem que usamos para ler o mundo determina, em grande medida, a forma como pensamos e agimos nesse mundo e sobre ele. Assim, os significados são construídos e produzidos, de forma contextual, no interior de práticas discursivas determinadas.

No que se refere ao processo de leitura, Leffa (1996) aponta quatro definições: a primeira, ele define como geral, em que ocorre um processo de representação construído pelo leitor por meio da língua e de sinais não linguísticos a partir da relação com o conhecimento prévio de mundo, reconhecendo-o, de acordo com o autor, através de espelhos; a segunda e terceira definições são específicas e antagônicas e enquadram-se

na extração e atribuição de significado ao texto.

Na definição restrita de leitura, como extração de significado do texto, este tem um significado preciso, exato e completo, obtido através do esforço e da persistência, precisa ser apreendido pelo leitor na sua íntegra, tendo a ênfase no produto final da compreensão. Leffa (1996, p. 13) argumenta que essa definição é limitada, pois “o conteúdo não se transfere do texto para o leitor, mas antes se reproduz no leitor, sem deixar de permanecer no texto”.

Já na definição restrita de leitura como atribuição de significado ao texto, a origem de tal significado está no leitor, o que pode provocar em cada leitor e em cada leitura uma visão diferente da realidade, dependendo das experiências prévias, estando o significado na série de acontecimentos que o texto desencadeia na mente do leitor a partir de um procedimento não linear.

Por fim, a quarta definição proposta pelo autor é a chamada conciliatória, que caracteriza a leitura como interação com o texto, ou seja, o ato de leitura envolve o papel do leitor, do texto e seu processo de interação. Para ele, a compreensão só ocorre se houver afinidade entre os elementos leitor e texto e se determinadas condições estiverem presentes, tais como as competências fundamentais para o ato da leitura e a intenção do leitor. Assim, conclui Leffa (1996, p. 18), a leitura é um processo feito de múltiplos processos, que ocorrem tanto simultânea como sequencialmente.

Por semelhante modo, Koch (2007) assevera que toda e qualquer definição de leitura depende da concepção que se adote sobre sujeito, língua, texto e sentido. Aponta que a leitura pode ter foco no autor, no texto ou na interação autor-texto-leitor. Na leitura com foco no autor, cuja concepção de língua é representação do pensamento, o texto é produto do pensamento do autor, sendo o leitor passivo, quer dizer, cabe-lhe captar a representação mental; na leitura com foco no texto, a língua é um código, o texto é produto da decodificação e ao leitor cabe o reconhecimento do sentido das palavras e estruturas. Finalmente, a leitura com foco na interação autor-texto-leitor, a língua adquire uma concepção dialógica em que o texto é construído na interação texto-sujeitos e a leitura é uma atividade interativa de produção de sentidos que vai além do conhecimento do código linguístico e que considera as experiências do leitor. Para a autora, a leitura exige mais que conhecimento linguístico do leitor que também precisa mobilizar estratégias de ordem linguística-cognitivo-discursiva, participando, com efeito, da construção do sentido.

A leitura não é uma prática de “extração”. Implica compreensão e conhecimentos prévios que são constituídos antes mesmo da leitura. Nesse sentido, consoante Bortone e Martins (2008, p. 11), a leitura

precisa ser vista como um processo no qual o leitor realiza um trabalho de construção do significado do texto, a partir do conhecimento de mundo,

dos conhecimentos linguísticos, da intencionalidade do autor, entre outros. O texto, nessa perspectiva, não pode mais ser considerado como algo pronto e acabado, mas como um conjunto de pressupostos, intenções, implícitos que, somados aos fatores contextuais e intertextuais que evoca, criam um universo de leitura a ser desvendado pelo leitor.

Cumpre-nos mencionar, ainda, que toda e qualquer leitura precisa ter um propósito e este condiciona o processo. É feita para informar, para realizar trabalhos, para consultas, por prazer ou deleite ou pelo simples fato de os textos serem apresentados aos nossos olhos. Diversos fatores determinam a leitura, não só ligados ao autor, ao leitor, mas também ao texto, quer sejam materiais, linguísticos ou de conteúdo. Isso requer intensa participação do leitor por meio de diferentes estratégias. Dentre elas, podemos citar estratégias subjacentes aos processos mentais como a *cognitiva*, de conhecimento de mundo, linguístico ou de gênero; a *metacognitiva*, que envolve o estabelecimento de objetivos, formulação de hipóteses fazendo uso de elementos como título, subtítulo, datas, fontes e ilustrações; e a de *componente textual*, quer dizer, de conhecimento sociointeracional, sobre as ações verbais e formas de interação pela linguagem.

Diante das dificuldades de leitura e escrita dos alunos, o papel da escola e, principalmente do professor, é o de orientá-los para que explorem os elementos constitutivos do texto e desenvolvam a competência leitora e escritora, por meio de orientações práticas que lhes possibilitem a aquisição de estratégias adequadas para processar, compreender, interagir e dialogar com os textos, permitindo-lhes empenhar-se na realização consciente de um trabalho linguístico que realmente tenha sentido para si. Uma proposta didática de leitura precisa fazer sentido ao aluno mediante o trabalho com uma diversidade de textos de boa qualidade, sob diferentes formas, com liberdade de escolhas e em uma perspectiva colaborativa (SOLÉ, 1998).

Apesar das diferentes concepções acerca de leitura e das diferentes possibilidades de leitura e escrita, a todo instante lemos e produzimos textos por meio de algum gênero, pois é impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum gênero, assim como é impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum texto. A posição defendida por Bakhtin (1997) e também por Bronckart (1999) é adotada pela maioria dos autores que trata a língua em seus aspectos discursivos e enunciativos. Essa visão segue uma noção de língua como atividade social, histórica e cognitiva. É nesse contexto que os gêneros textuais/discursivos se constituem como ações sócio-discursivas para *agir sobre o mundo e dizer o mundo*, constituindo-o de algum modo, de forma oral e escrita. Nesse contexto, a escrita aparece como uma marca da cultura da sociedade e seu maior objetivo é permitir a leitura. Assim, a produção, compreensão e construção do sentido dependem, também, do contexto, como constitutivo da própria interação pela linguagem (CAGLIARI, 2007, KOCH, 2007). A escrita é um ato de comunicar-se através de convenções; não é, entretanto, mera codificação de signos.

Dessa forma, os gêneros textuais/discursivos são instrumentos para que os sujeitos se apropriem da linguagem. Nas escolas brasileiras, o processo de ensino e aprendizagem da LP tem-se norteado pelo trabalho com os gêneros, tomados como objetos de ensino e responsáveis pela seleção dos textos (MARCUSCHI, 2005).

Dolz e Schneuwly (2004, p. 62) propõem o seguinte agrupamento de gêneros a serem trabalhados: narrar, relatar, argumentar, expor e instruir, a partir de critérios como: domínios sociais de comunicação, homogeneidade quanto às capacidades de linguagem e retomada a distinções tipológicas, a partir de uma progressão curricular, em “que cada agrupamento seja trabalhado em todos os níveis da escolaridade, por meio de um ou outro dos gêneros que o constituem”.

Uma vez que a língua deve ser trabalhada sempre em situações de uso real, Bortone e Martins (2008) advogam que a produção textual precisa ser incentivada na escola mediante o trabalho com gêneros, pois cada texto tem uma função social a desempenhar. Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 97) sugerem que o procedimento seja organizado em torno de sequências didáticas, definidas como “um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito”. Para os referidos autores

As sequências didáticas visam ao aperfeiçoamento das práticas de escrita e de produção oral e estão principalmente centradas na aquisição de procedimentos e de práticas. Ao mesmo tempo em que constituem um lugar de intersecção entre atividades de expressão e de estruturação, as sequências didáticas podem assumir a totalidade do trabalho necessário para levar os alunos a um melhor domínio da língua e devem apoiar-se em certos conhecimentos, construídos em outros momentos (DOLZ, NOVERRAZ e SCHNEUWLY, 2004, p. 114).

Esse tipo de trabalho permite, de acordo com os autores, atividades de estruturação da língua em uma perspectiva textual a partir de diversas atividades de observação, manipulação e análise de unidades linguísticas que envolvem questões gramaticais, ortográficas, dentre outras. A refacção ou reescrita de textos é incentivada, no sentido de aprimorar a produção.

É o que se tem chamado de análise linguística, de acordo com Silva, em cujas bases epistemológicas estão “a capacidade humana de refletir, analisar, pensar sobre os fatos e os fenômenos da linguagem; e a propriedade que a linguagem tem de poder referir-se a si mesma, de falar sobre a própria linguagem, por intermédio de atividades epilinguísticas e metalinguísticas” (SILVA, 2010, p. 955). O ensino configura-se, pois, como uma prática que tem o uso da linguagem como seu ponto de partida e de chegada em que o papel do professor é o de

oportunizar aos alunos o uso efetivo da língua, criando condições reais

de interação deles entre si e com o próprio professor, tanto por meio de situações cotidianas, como o diálogo durante a aula, quanto de situações mais específicas de linguagem, para propósitos também mais específicos (SILVA, 2010, p. 956).

Silva pondera ainda que o ensino de língua nessa abordagem não tem o domínio dos termos técnicos como o principal objetivo, mas sim, transformam-se em instrumento de reflexão sobre a língua. A funcionalidade é o critério de seleção dos conteúdos, e envolvem aqueles relevantes para o desenvolvimento da competência discursiva dos alunos.

Todos falam e alguns escrevem. A escrita é extremamente recente em todas as diversas formas de se manifestar e a maioria das línguas faladas no mundo não a tem. Na LP, por exemplo, temos uma grande tradição escrita, mas nem por isso deixamos de falar, inclusive aqueles considerados mais letrados. Embora falemos bastante, damos uma importância muito grande à escrita. Tanto a oralidade quanto a escrita são fundamentais, e referem-se a duas maneiras dos indivíduos organizarem seus discursos para praticarem as interações no dia a dia, sem que uma seja mais importante que a outra. Quer dizer, cada uma tem seu lugar, não concorrem, não competem, mas são complementares e utilizadas harmonicamente (MARCUSCHI, 2001).

Muitas marcas do indivíduo passam pela fala devido a seu caráter de envolvimento situacional; já na escrita isso não acontece, já que tem um caráter de afastamento. Tanto a fala quanto a escrita são contextualizadas. A oralidade tem um grande conjunto de elementos simbólicos dos quais não podem ser passados para a escrita como, por exemplo, a gestualidade, o tom de voz, a velocidade, a pausa, o volume, dentre outros. Tanto a fala como a escrita são formas históricas de manifestação que vão assimilando todos os desenvolvimentos, tecnológicos e outros, ao longo da história. Nossa escrita tem ficado cada vez menos alfabética e tem envolvido cada vez mais outras formas simbólicas (MARCUSCHI, 2008).

A oralidade e a escrita estão também acopladas aos gêneros textuais que produzimos. Dessa forma, concernente ao trabalho com gêneros aparece, também, uma preocupação quanto ao ensino daqueles orais. Diferentemente dos escritos, que possibilitam a revisão, a observação do próprio comportamento e de textos de referência, quer dizer, permitem refletir sobre como fazer ou escrever, o processo de produção e produto final dos textos orais constituem um todo cujo objeto produzido desaparece imediatamente (DOLZ, NOVERRAZ e SCHNEUWLY, 2004). Em sala de aula, as pessoas normalmente acham que devem aprender a escrever, todavia os fenômenos da oralidade também precisam ser tratados em sala de aula.

A escrita não é uma representação da fala e a fala não é uma representação da escrita. Fala e escrita são diferentes maneiras de representação da língua, uma gráfica e outra fônica. A língua é uma prática discursiva, é um conjunto de práticas sociais

(visão mais rica e produtiva que nos permite ver como a língua funciona no dia a dia) e não apenas um conjunto de formas ou de regras gramaticais (visão empobrecida). A escola existe para ensinar a escrever, mas não precisa ignorar o que as pessoas falam porque quando chegam à escola já sabem a língua. O que ela precisa é ensinar usos orais e escritos da língua, preocupar-se com aqueles gêneros que são mais relevantes no cotidiano, que são mais praticados. Fala e escrita são multimodais, caracterizam-se por formas diferentes de construir a informação, em que gestos e palavras são modos de representação (DIONÍSIO e BEZERRA, 2011).

Diante da diversidade e variação linguística, estudos têm mostrado (BAGNO, 2007, BORTONE e MARTINS, 2008, por exemplo), haver um entendimento de que não há uma fala certa e uma fala errada, mas sim falas mais monitoradas e menos monitoradas, que devemos usar de acordo com a situação na qual nos encontramos, bem como não há língua ou variedade melhor ou pior que outra, visto que todas exercem a principal função de comunicar. Entretanto, a escola precisa ensinar a norma padrão, uma vez que possui maior prestígio social que as demais e os alunos devem, dessa forma, sabê-la para usá-la em contextos que assim a exigirem. É o que Bagno (2007, p. 129) chama de “ponto de equilíbrio” entre os eixos da “adequabilidade” e da “aceitabilidade”, isto é, bom senso de como usar e como produzir.

É desejável, pois, que a escola ofereça materiais diversos e de qualidade, oportunizando a leitura e a escrita multimodal, em ambiente encorajador, e construa uma política de formação de leitores e escritores na qual todos possam contribuir com sugestões.

3 LEITURA, ESCRITA E ESCOLA: ALGUMAS PONDERAÇÕES DE DOCENTES DE LÍNGUA PORTUGUESA

Dedicamos esta seção à apresentação e discussão da visão que os docentes de LP tinham quando ingressaram no Programa de Mestrado em Letras. Está dividida em subseções: na primeira, tratamos do conceito de leitura e discutimos a (difícil) tarefa de se ensinar a gostar de ler; na sequência, caracterizamos a escrita para o grupo; por fim, abordamos a escola e seu papel no ensino da leitura, da fala e da escrita, consoante a visão dos professores.

3.1 O que se compreende por leitura

As respostas dos mestrandos mostram pelo menos cinco visões de leitura, como: processo de decodificação de signos linguísticos, construção de significados, compreensão do mundo, deleite e processo de reflexão crítica.

Das dezoito respostas obtidas, a metade delas menciona o processo de decodificação de signos linguísticos como o mais elementar, entretanto eles também asseveram que “ler não é só decodificar palavras”, mas também compreendê-las,

interpretá-las em um contexto e aplicá-las no dia a dia, como mostra o excerto a seguir:

(01) Ler não é só compreender um agrupamento de letras e palavras, como também interpretar e ver todos os sentidos contidos em determinado texto. Ler é perceber que há mais por trás do que está gravado no papel ou em uma imagem, ler é perceber vários significados em uma só mensagem (Mestrando 16).

Percebe-se haver uma visão ampliada do conceito de leitura, encaminhando-se para a visão interacionista de produção de significados. Em cinco excertos, aparece explicitamente este entendimento:

(02) Ler não é só decodificar as palavras, mas se envolver com elas, buscando suas significações, estilo, contextualização, períodos históricos, inferências e intertextualidade. Temos que ser artesãos das palavras, descobrir seus segredos e mistérios, deslocando de uma realidade a outra e enriquecer nossas ideias, vocabulários e pontos de vista (Mestrando 05).

Além de decodificar, o escrito é, antes de tudo, compreender e inferir significado. É uma forma de compreendermos melhor o mundo que nos rodeia e podermos “transitar” nos campos do conhecimento. De acordo com os mestrandos, durante a leitura, podem-se ativar sentidos como lembranças, visual, tátil para atribuir significado ao ato de ler e este se tornar compreensivo a ele. A decodificação de palavras e/ou textos e a construção de significados são aliadas à capacidade de a leitura ampliar a compreensão de mundo, remetendo-nos às implicações que o contexto impõe ao “ato de ler”.

É necessário provocar a compreensão dos sinais e códigos, em um movimento de relação dos conhecimentos novos com o conhecimento de mundo, ampliando-o e (re)construindo-o. A leitura permite o entendimento de sua própria cultura e a do outro:

(03) Ler é compreender o mundo. Desde o nascimento, ou antes, a criança já lê o corpo da mãe. A mãe lê, no choro de seu bebê, o que ele quer. A leitura de um objeto para um é diferente do que é para outro, pois o contexto sociocultural implica diretamente no ato de ler (Mestrando 02).

Pelo menos quatro mestrandos associaram a leitura a um ato “dinâmico, incrível e prazeroso” e extremamente importante em nossa sociedade.

(04) É uma atividade essencial, que permite ter momentos de prazer, de aprimoramento e construção de conhecimentos (Mestrando 04).

O prazer que a leitura pode proporcionar está ligado aos objetivos atribuídos a ela, que culminam em conhecimento. A “atividade” mencionada pelo mestrando deixa explícito o caráter ativo requerido ao leitor, independentemente do tipo de leitura a ser realizada. Silva (2005, p. 145) é enfática ao afirmar que

se quisermos formar comunidades de leitores e motivar as crianças a aprender como se escreve, precisamos não perder de vista a necessidade de garantir tempo pedagógico para leitura de textos literários (leitura deleite), leitura de diversos gêneros textuais em jornais, revistas, entre outros portadores, e participação em situações em que elas irão interagir com outras pessoas através da escrita.

Por fim, aparece o ato de ler como um processo de reflexão crítica que permite ao leitor maior apropriação da linguagem e sua inserção no mundo letrado, ampliando sua capacidade de compreensão e intervenção nas práticas sociais, conforme mostram os excertos que seguem:

(05) É o ato em que uma pessoa consegue estabelecer uma relação entre a linguagem verbal, escrita e oral, compreendendo e refletindo sobre o que está grafado, e principalmente, relacionando a mensagem, sua compreensão com o seu cotidiano, com a sua realidade enquanto sujeito (Mestrando 06).

(06) Ler é compreender o que está implícito e explícito no texto. É relacionar aquela informação com o seu meio social, refletir, ser crítico, posicionar-se diante dos argumentos ou situações apresentadas (Mestrando 08).

Podemos dizer que as concepções não são excludentes, já que cada uma tem sua importância para o desenvolvimento da competência leitora, dialogando, dessa forma, entre si. No trabalho com a leitura em sala de aula, é importante aproveitar características das concepções de leitura que são úteis à situação de interação, afirmam Menegassi *et al* (2011, p. 498), em que “a prática da leitura interacionista configura-se como processo que implica a participação ativa do leitor e do texto para a construção do significado e para a produção de sentidos do enunciado”.

Nesse emaranhado de visões, resultantes do percurso de formação e do próprio processo de desenvolvimento da competência leitora dos professores-mestrandos, permeiam importantes questões: é papel da escola, leia-se, do professor, o ensino da leitura ou do gosto pela leitura? Seriam as duas questões complementares?

Para a maior parte dos mestrandos o mais desafiador é ensinar o gosto pela leitura. Treze dos dezoito professores deixaram claro que essa tarefa é “desafiadora”, “complicada” e “difícil”:

(07) Ensinar a gostar de ler é muito complicado e desafiador, pois é algo que

não se obriga, ensina-se pelo exemplo. Partindo-se do pressuposto de que a maioria dos professores lê só por obrigação ou lê somente os textos do seu livro didático, (isso não é “achismo”, percebo tal fato muito bem em minha escola). Ler você até aprende por obrigação, mas gostar de ler depende de olhar fatores como interesse, incentivo e exemplos bons (Mestrando 18).

(08) O mais desafiador, em minha opinião, é ensinar a gostar de ler, pois nos dias atuais o professor deve lançar de estratégias de leitura que cativem o aluno a gostar de ler e principalmente fazer um diagnóstico para verificar que tipos de leitura a clientela mais gosta. E, é lógico, não deixar de lado leituras essenciais (Mestrando 13).

Estes e os demais excertos contemplados nas respostas dos professores mostram aspectos importantes: um deles é o “bom exemplo”. Temos acompanhado um histórico de sujeitos não leitores e esse fato reflete, também, no profissional docente que, muitas vezes, por inúmeros motivos, também não gosta de ler, o que dificulta ainda mais seu trabalho em sala de aula.

Para despertar o gosto pela leitura, corroborando as ideias de Solé (1998), o mestrando 13 salienta a necessidade de conhecimento e uso de diversas estratégias, dentre elas, aquelas que cativam o aluno. Para cativá-lo, é imprescindível partir de um diagnóstico do que ele gosta e motivá-lo a ampliar seu repertório. O difícil, entretanto, é quando nos deparamos com respostas como “eu não gosto de ler nada”. É preciso compreender que, na verdade, não é que o aluno não gosta, mas sim, não compreende a existência de diferentes tipos de leitura e de que precisa apropriar-se deles e dos benefícios que proporcionam. O mestrando 02, por exemplo, lembra que, em uma sociedade altamente multissemiótica, algumas ações como “folhear um livro, ou frequentar uma biblioteca parecem ser algo do passado, numa geração ‘wi-fi’”. Fica evidente, em seu depoimento, a influência das novas tecnologias de informação que exigem domínio do letramento digital. Nesse sentido, o aluno lê, mas a leitura realizada nem sempre lhe proporciona crescimento intelectual ou amadurecimento, precisando ser estimulado a refletir acerca do que lê.

Além das estratégias já mencionadas, diretamente ligadas às escolhas metodológicas do professor, o trabalho com a leitura é influenciado por questões de outra ordem que o limitam, dentre elas, a heterogeneidade e superlotação das turmas, a ausência de material diversificado, a falta de tempo específico para a realização de leitura e prática pedagógicas não atrativas.

Entretanto, três dos professores acreditam que as duas ações precisam ocorrer concomitantemente. Além de gostar de ler, o professor precisa, de acordo com o mestrando 03, ter “competência”, remetendo, mais uma vez, à importância e à responsabilidade do docente nas práticas de leitura:

(09) Acredito que são equivalentes é que é possível se conseguir as duas coisas com muita competência, principalmente se aquele que ensina também gosta (Mestrando 03).

(10) Ambos são possíveis sem muito sofrimento se forem bem estimulados desde o início do contato da criança com o objeto lido. Pois se é apresentada uma gama de textos como livros, listas de compras, contas que chegam (energia, água etc), naturalmente ela reconhece o valor de ler, ou saber ler; cabe depois aprofundar este conhecimento prévio, ou melhor, aprimorar este ato (Mestrando 09).

O contato com diferentes gêneros textuais que circulam no cotidiano e sua exploração sistematizada na escola, conforme mencionamos no item dois deste texto, é mencionado no excerto acima como aliado no processo de leitura. Contrariando o pensamento dos demais, o mestrando 07 afirma que o que é realmente desafiador é o ensino da leitura. Para ele, os alunos costumam ler, mas cada um gosta de um determinado assunto, gênero textual, principalmente mensagens no celular, gibis, *sites* com assuntos de que gostam. Por fim, o mestrando 05 sugere que a prática do letramento como a mais desafiadora. Para ele, infelizmente, muitos alunos que já estão cursando o Ensino Médio encontram-se ainda em um nível baixo de alfabetização e não cultivam o hábito da leitura e nem dominam o uso de gêneros textuais específicos de determinadas esferas sociais.

Os dados nos mostram que os docentes possuem uma mescla teórico-metodológica, com ênfase em uma visão dialógica de linguagem, em consonância com aquela proposta nos documentos oficiais, e de ensino de leitura em que a interação é o elemento primário de relações sociais para efetivação dos gêneros textuais/discursivos, em qualquer situação.

3.2 O que se compreende por oralidade e escrita

No que concerne à escrita, de forma análoga, os professores-mestrandos demonstraram conhecimentos diversificados. Todavia, a visão mais restrita de escrita como mera codificação de signos é sobreposta por uma mais ampla de apropriação do código para uso nas práticas sociais, remetendo-nos à concepção de letramento, conforme descrito por Rojo (2009), Kleiman (2007), dentre outros. Os excertos que seguem mostram isso:

(11) Não é apenas organizar os signos e seguir a gramática normativa. Escrever é ter conhecimento do assunto, saber argumentar e fundamentar seus argumentos, expressando com clareza seu ponto de vista (Mestrando 08).

(12) Escrever é expressar na escrita e com palavras o que sente, o que compreende sobre determinado assunto, opinar, criticar, mas é também se

colocar no lugar do leitor do texto e se indagar sobre o que está escrevendo: a pessoa que lerá o texto conseguirá entendê-lo? O que quero dizer sobre determinado tema? (Mestrando 13).

(13) É produzir significado através de um sistema de signos, sendo essa uma das formas de interação social da linguagem (Mestrando 17).

Há um entendimento de que o uso de códigos da língua objetiva a comunicação. É um exercício que exige um processo de apropriação tanto do código escrito, quanto conhecimentos e vivências. Para o mestrando 4, por exemplo, a estrutura linguística permite conseguir estabelecer comunicação por meio de texto escrito de maneira coesa e coerente.

No excerto 12 acima, o mestrando 13 aponta questões importantes sobre o papel do escritor. Para ele, a escrita envolve o registro das ideias do autor que devem ser suficientemente claras para que o leitor possa compreendê-las. Ele sugere que um exercício de colocar-se no papel de leitor pode auxiliar o processo de autoria.

Já no excerto 13, aparece a escrita como produção de significados, assemelhando-se à concepção de leitura já discutida no tópico 3.1. É o que aparece, também, nos dizeres do mestrando 9 que afirma serem a escrita e a leitura ações indissociáveis:

(14) Escrever é uma prática social da língua que pode ser retomada pela leitura. A escrita é uma modalidade da língua indissociável da leitura, e é muito utilizada nas sociedades ditas letradas.

Os apontamentos feitos pelos mestrandos mostram uma compreensão da escrita como uma possibilidade de registrar todas as vivências, situações, ações e ideias que fluem da capacidade motora do ser em sua relação com o mundo. É expressar nossos anseios, pensamento e ponto de vista em relação aos fatores que nos cercam, não só por meio de letras, mas outros muitos tipos de registros/signos. Ao conceituar a escrita, os mestrandos 1 e 18 ponderam acerca dos diferentes suportes usados para a escrita ao longo dos tempos. Se, em um passado distante o papiro, tábuas, pedras e outros objetos eram utilizados, no presente o papel tem dividido espaço com diferentes suportes e ferramentas:

(15) É transmitir suas ideias para o papel. Porém, hoje há diversos suportes que substituem o papel e isso deve ser levado em consideração. Os celulares e os computadores possuem ferramentas cada vez mais avançadas e precisam fazer parte da estrutura do ensino (Mestrando 1).

(16) Escrever é produzir diferentes e diversos textos, quer sejam mensagens, torpedos, contos, crônicas, poemas, entre outros, em diversos meios e espaços, sejam eles reais ou virtuais, independentemente de seu tamanho

ou forma, quer sejam artigos, dissertações, ensaios etc. (Mestrando 18).

Vemos, nas respostas obtidas, uma grande preocupação dos participantes do estudo em atrelar as ações de leitura e escrita desencadeadas na escola àquelas que circundam a sociedade. A multimodalidade aparece no excerto 16 em uma clara defesa do ensino baseado na perspectiva de gêneros textuais/discursivos, conforme descrevem Bakhtin (1999), Marcuschi (2005), Dolz e Schneuwly (2004) e Bortone e Martins (2008), para retomar apenas alguns autores cujas ideias já foram expostas na seção dois deste texto.

Acerca da modalidade escrita que cabe à escola ensinar, dentre os dezoito mestrandos que responderam ao questionamento, quinze asseveram ser “a escrita padrão”, “a escrita formal”, “a norma culta”. Ecoando dizeres de Bagno (2007) e Bortone e Martins (2008), para eles, o aluno precisa aprender que há uma escrita padrão para a LP, porque se não houvesse convenção, cada um escreveria de uma forma e dificultaria a comunicação. Entendem que a norma culta é a que tem prestígio e é aquela usada para inclusão na sociedade letrada. Assim, a escola é o lugar propício para seu ensino, quer dizer, para aprender a “escrever corretamente”. Todavia, ao mesmo tempo, argumentam que esse tipo de escrita não pode ser a única a ser ensinada/ explorada neste contexto. A visão dos mestrandos acerca do trabalho com a escrita na escola corrobora a visão contemporânea de que a linguagem é uma ferramenta de uso no social e que cada situação requer um tipo diferente de uso, exigindo do indivíduo o conhecimento dessa diversidade para escolhas coerentes e posicionamento crítico diante de sua produção, quer seja ela oral ou escrita.

Para eles, todo e qualquer ensino deve partir do contexto social do aluno. Isso implica reconhecimento de que cada indivíduo já chega à escola com um repertório linguístico, marcado pela oralidade, que deve ser respeitado. Defendem o ensino baseado em diferentes gêneros, pois, dessa forma, fará sentido para os alunos e atenderá à sua realidade:

(17) A escola deve ensinar a escrita utilizada em seus mais variados modos, porém deve-se dar um destaque à variedade culta da escrita, por ser a variedade que é mais prestigiada pela sociedade, mas é preciso reconhecer o valor que a escrita variada apresenta na e para a sociedade (Mestrando 9).

(18) A escola deve ensinar a escrita necessária ao processo de inclusão dos indivíduos numa sociedade considerada letrada e para que esta sirva à prática social do indivíduo (Mestrando 15).

(19) A escola deve ensinar a escrita que permita ao aluno posicionar-se de forma coesa e coerente em relação às situações discursivas que ele vivencia (Mestrando 4).

O mestrando 3 pondera que isso permite, também, que o aluno se “apropriar das novas escritas circulantes nas redes sociais para um melhor aprendizado”, deixando explícita a influência dos multiletramentos na sociedade e, conseqüentemente, na vida de cada indivíduo (ROJO, 2009; MARCUSCHI, 2008). Nesse sentido, almejam que a escola, ou seja, que o professor possa ensinar a escrita com autonomia, com criatividade, com compreensão, procurando mostrar que o aluno deve priorizar o conhecimento, procurando relacioná-lo ao seu cotidiano.

Escrita e oralidade são temas ainda relativamente pouco explorados. Conseqüentemente, podemos observar certos equívocos, tanto em discursos quanto em práticas de docentes de LP. Um exemplo disso é quando se dá mais relevância a uma das modalidades em detrimento de outra. Conforme adverte Marcuschi (2001 e 2008), elas não são concorrentes, mas sim, manifestam-se em caráter de complementaridade, cada uma realizando funções específicas.

Conforme descrevemos anteriormente, de acordo com Dionísio e Bezerra (2011) e com Silva (2010), é papel da escola ensinar usos orais e escritos da língua, a partir de sua funcionalidade. Essa assertiva é mencionada em várias respostas registradas pelos mestrandos, acerca de qual fala cabe à escola ensinar, conforme segue:

(20) A escola deve ensinar ao aluno a fala que lhe permita estabelecer comunicação oral nas mais diversas situações discursivas (Mestrando 4).

(21) A escola precisa ensinar a fala que o aluno ainda não conhece, mas deve ser feito utilizando-se da fala que ele já utiliza. Lembrando que o aluno já conhece a norma coloquial e é partindo daí que a escola terá êxito. O aluno deve aprender também a forma padrão para que possa utilizar nos momentos que a exigem (Mestrando 1).

(22) Cabe à escola ensinar a língua padrão e trabalhar com as variantes, a fim de quebrar paradigmas de certo ou errado, como, também, esclarecer os contextos de fala (Mestrando 11).

Há um consenso entre os mestrandos de que, em uma sociedade multi e pluricultural, ao mesmo tempo competitiva e globalizada, faz-se necessária uma ação interventiva da escola, no sentido de trabalhar a heterogeneidade, seja relacionada à fala ou a outros elementos culturais, de mostrar a riqueza das variações, bem como respeitá-las. Sugerem que o professor faça uso da forma padrão, de forma que o aluno compreenda e “adeque-se linguisticamente ao ambiente”.

Por fim, conforme descrevem os mestrandos 1 e 11, nos excertos 21 e 22 acima dispostos, parece haver uma compreensão que se alinha às ideias defendidas por Bagno (2007) e Bortone e Martins (2008), de que a escola “terá êxito” se adotar um trabalho com a linguagem partindo do conhecimento que os alunos trazem para dentro dela,

ampliando-o, mediante a apropriação da norma padrão, de forma equilibrada, reflexiva e sistematizada. Não é, portanto, simplesmente uma questão de fala e escrita certas ou erradas, mas sim, de adequadas ou não a determinado contexto.

4 PARA FINALIZAR

Os conceitos de leitura e escrita, bem como o papel que os docentes atribuem à escola nos mostram importantes caminhos que precisam ser trilhados, tanto na formação inicial quanto contínua do professor de LP.

Concordamos com Bortone e Martins (2008, p. 16) de que

É urgente o constante diálogo com o professor em exercício, trazendo novas abordagens, tanto no que se refere às especificidades dos discursos oral e escrito, como em relação aos processos de ensino/aprendizagem da leitura e produção de textos. O conhecimento das novas metodologias favorece a descoberta de novos caminhos dentro do cotidiano do professor.

A formação permite que o docente permaneça em um movimento de refacção de suas práticas. Cursos de formação contínua oportunizam socialização de experiências e novas reflexões. Ademais, viabilizam acesso às mais recentes teorias que discutem os conceitos concernentes aos temas em questão. Entretanto, o acesso e estudo de tais teorias, por si só, não garantem mudanças. É necessário, pois, que se articulem teoria e práticas em um processo reflexivo.

Nesse sentido, sugerimos a criação de algumas estratégias a fim de que as produções dos alunos não sejam simplesmente para atender a um pedido ou ordem do professor para, posteriormente, ir parar na lixeira, literalmente.

No que diz respeito à produção, destacamos a importância de o professor propor a elaboração de modelos coletivos, estimulando a reflexão acerca do tema, da estrutura linguística, do gênero textual abordado, bem como o respeito às opiniões dos colegas. Para o aprimoramento da escrita, é importante a organização da produção em cadernos individuais, já que isso permite um acompanhamento metódico do percurso trilhado, mostrando avanços e limitações. Também sugerimos o trabalho de refacção textual e a criação de fichas e/ou tabelas contendo critérios específicos de correção que auxiliam tanto o docente quanto os discentes na formação de hábitos para um olhar sistematizado às produções (RUIZ, 2001). Há ainda a possibilidade de troca de textos entre os colegas para que possam construir andaimagem na produção dos textos desenvolvendo, dessa forma, a correção coletiva/colaborativa (BORTONI-RICARDO; MACHADO, 2013).

Para a socialização do conhecimento produzido, pode-se preparar livro coletivo impresso ou até mesmo digital (*e-books*, *audio-books*, jornais e revistas escolares, por

exemplo), já que não há custos ou estes são baixos; pode-se também organizar portfólio de produções textuais para serem encaminhados à família, bem como organizar evento para mostra dos trabalhos como exposições, varais, seminários, concursos, dentre outros.

Na contemporaneidade, é imprescindível que a escola se aproprie, efetivamente, das mídias digitais e as utilize como aliadas na difusão das ações pedagógicas nela desenvolvidas. Para isso, pode apropriar-se da criação de *sites*, *blogs* e manutenção de redes sociais que são amplamente usadas pelos indivíduos na sociedade, extramuros escolares e que, muitas vezes, ainda são vetados entre os muros da escola.

REFERÊNCIAS

- BAGNO, M. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. 49. ed. São Paulo: Loyola, 2007.
- BAKHTIN M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BORTONE, M. E.; MARTINS, C. R. B. **A construção da leitura e da escrita: do 6º ao 9º ano do ensino fundamental**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- BORTONI-RICARDO; MACHADO, V. (Orgs.). **Os doze trabalhos de Hércules: do oral para o escrito**. São Paulo: Parábola, 2013.
- BRONCKART, J. **Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo**. São Paulo: EDUC, 1999.
- CAGLIARI, L C. Linguagem: oralidade e escrita. In: BRASIL. **Um mundo de letras: práticas de leitura e escrita**. Salto para o Futuro. Bol. 03, abril, Brasília: MEC/SEED, p. 11-25, 2007.
- COSCARELLI, C. V.; NOVAIS, A. E. Leitura: um processo cada vez mais complexo. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, RS, v. 45, n. 3, p. 35-42, jul./set. 2010.
- DIONÍSIO, A. P.; BEZERRA, A. **O livro didático de português: múltiplos olhares**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2011.
- KLEIMAN, A. Letramento e suas implicações para o ensino de língua materna. **Signo**, Santa Cruz do Sul, RS, v. 32, n. 53, p. 1-25, 2007.
- KOCH, I. G. V. Texto: leitura e produção de sentidos. In: BRASIL. **Um mundo de letras: práticas de leitura e escrita**. Salto para o Futuro. Bol. 03, abril, Brasília: MEC/SEED, p. 26-40, 2007.
- LEFFA, V. J. **Aspectos da leitura: uma perspectiva psicolinguística**. Porto Alegre: Sagra D C Luzzatto, 1996.
- MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita: atividades de recontextualização**. São Paulo: Cortez, 2001.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Org.). **Gêneros textuais e ensino**. 3. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, p. 19-36.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MENEGASSI, R. J. *et al.* Concepções de linguagem e o ensino da leitura em língua materna. **Linguagem & Ensino**, Pelotas, v. 14, n. 2, p. 479-501, jul./dez. 2011.

MOLLICA, M. C. Lacunas de Letramento. In: AZEVEDO, C. *et al* (Orgs.). **Estudos e práticas de alfabetização e letramento**. São Paulo: Expressão & Arte Editora, 2012, p. 28- 40.

ROJO, R. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola, 2009.

ROJO, R.; MOURA, E. **Multiletramentos na Escola**. São Paulo: Editora Parábola, 2012.

RUIZ, E. **Como se corrige redação na escola**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2001.

SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. *et al.* **Gêneros orais e escritos na escola**. Trad. e org. de Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

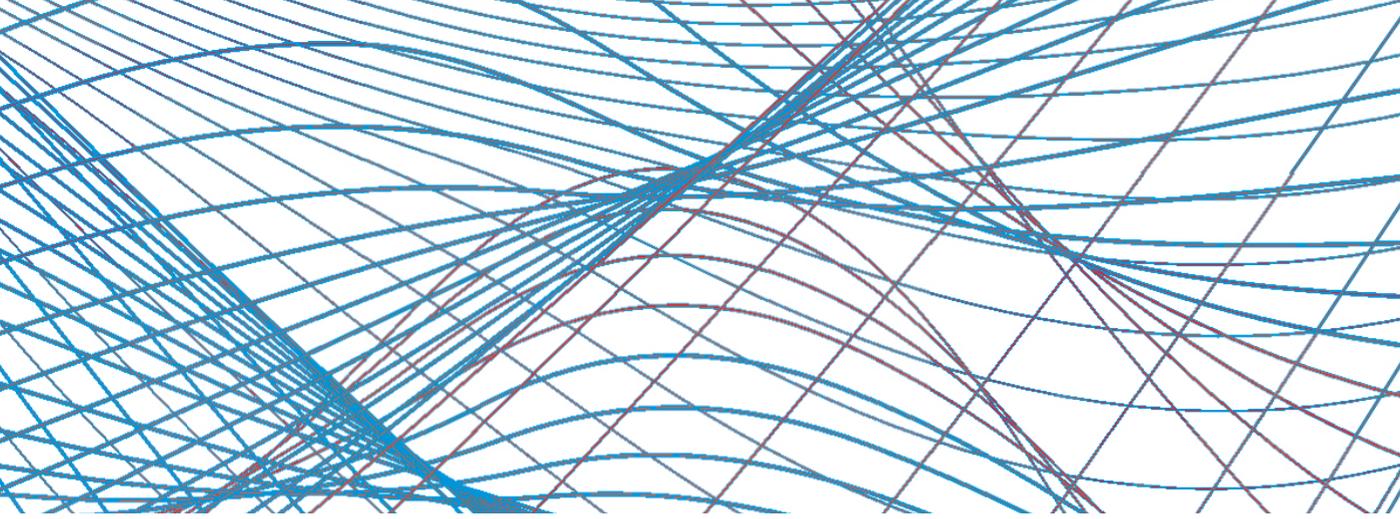
SILVA, N. Ensino Tradicional de Gramática ou Prática de Análise Linguística: uma questão de (con)tradição nas aulas de português. **Revista Brasileira de Linguística aplicada**, v. 10, n. 4, p. 949-973, 2010.

SILVA, R. P. Leitura e escrita na alfabetização. In: MORAIS, A. G.; ALBUQUERQUE, E. B. C.; LEAL, T. F. (Orgs.). **Alfabetização: apropriação do sistema de escrita alfabética**. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2005, p. 133-146.

SOLÉ, I. **Estratégias de leitura**. 6. ed. Porto Alegre, RS: Editora Artmed, 1998.



PARTE II



CAPÍTULO 2

O DISCURSO POLÍTICO E AS NOVAS TECNOLOGIAS COMO FERRAMENTAS PARA O MULTILETRAMENTO

*Ademir Juvêncio da Silva
Maria Salete Dias Antônio*

Turma: 7º ano do Ensino Fundamental

Duração: 10 aulas

Objetivos:

- ✓ Proporcionar a reflexão sobre o tema, instigando o aluno a opinar sobre os discursos políticos;
- ✓ Desenvolver a capacidade argumentativa;
- ✓ Relacionar fatos representados em ações reais;
- ✓ Compreender e produzir textos discursivos.

Apresentação da situação (1 aula):

Objetivos específicos:

- ✓ Compreender o gênero textual oral discurso político;
- ✓ Demonstrar os conhecimentos prévios sobre o gênero textual em estudo.

Será explicado aos alunos que os mesmos produzirão um texto oralmente abordando o tema “Propaganda Eleitoral” cujo objetivo é desenvolver o poder argumentativo no discurso oral. Em seguida, será comentado que a produção constará de um vídeo com propostas políticas e que haverá uma simulação de eleição por parte de alunos de outra turma escolhendo os dois melhores discursos.

Produção inicial (1aula):

Objetivos específicos:

- ✓ Produzir texto oral argumentativo;
- ✓ Reconhecer as mídias eletrônicas como ferramentas didático-pedagógicas.

Os alunos serão instigados a produzir um discurso político dissertativo-argumentativo cuja temática seja propagandas eleitorais. Esta primeira produção será gravada pelo professor para análise comparativa com a produção final que se dará após os módulos. Enquanto ocorrem as gravações individuais, o restante da turma fará momentos de leitura em sala de aula com um professor auxiliar e os alunos serão encaminhados um após outro até outra sala para gravação.

Módulo 1 (2 aulas):

Objetivos específicos:

- ✓ Reconhecer e analisar situações argumentativas no discurso político;
- ✓ Compreender a linguagem utilizada neste gênero textual.

Os alunos assistirão ao vídeo “Propaganda eleitoral gratuita – a verdadeira” (by Marcelo Adnet)¹ de 2’56”, observando as atitudes dos atores e a letra da música para compreenderem as intenções no discurso. Após isso, será entregue a eles uma folha com um questionário envolvendo perguntas relacionadas ao tema “Campanhas Eleitorais” para que respondam individualmente. As respostas serão socializadas para conhecimento dos demais colegas. Em seguida, os alunos ouvirão as gravações realizadas por eles próprios para avaliação da linguagem empregada, se houve clareza, coerência e principalmente poder de convencimento.

Módulo 2 (2 aulas):

Objetivos específicos:

- ✓ Desenvolver a habilidade crítico-argumentativa;
- ✓ Interagir com o outro por meio das ideias apresentadas.

A turma será dividida em 09 grupos para representarem situações do vídeo criticamente, da seguinte forma:

Grupo 01: Os alunos comentarão sobre a escolha da classe social predominante como alvo (ruas, locais, bairros, etnias);

Grupo 02: Avaliará a questão da máscara social, a importância de se apresentar dentro dos padrões exigidos pela sociedade (casado, feliz, fiel);

1 Marcelo França Adnet nasceu no Rio de Janeiro, em 1981. É ator comediante, músico, apresentador e jornalista brasileiro. Foi considerado pela Revista Época como um dos 100 brasileiros mais influentes de 2009.

Grupo 03: Observará os adesivos e panfletos e as consequências (poluição visual e do meio ambiente, gastos desenfreados na utilização de veículos e imóveis);

Grupo 04: Comentará sobre os abraços, apertos de mão e visitas;

Grupo 05: Discutirá sobre as montagens de fotos, vídeos e gravações;

Grupo 06: Fará uma comparação entre as promessas apresentadas que não podem ser cumpridas e as que os políticos fazem;

Grupo 07: Avaliará os tipos de músicas e *jingles* das propagandas políticas;

Grupo 08: Analisará as poses para fotos, postura, conduta comparada com a vida real do político;

Grupo 09: Apresentará algumas siglas e os possíveis significados das mesmas.

Cada grupo apresentará suas conclusões argumentativas da forma que melhor convier para os demais colegas (cartazes, exposição oral, música, dramatização, paródia).

Módulo 3 (2 aulas):

Objetivos específicos:

- ✓ Perceber estratégias nos diferentes discursos políticos apresentados;
- ✓ Perceber, analisar e refletir sobre as diferentes ideologias presentes no discurso político.

Serão apresentados vídeos sobre Campanhas Políticas para que os alunos assistam e percebam as estratégias utilizadas pelos personagens para convencer o público telespectador e conquistar o seu voto.

Produção final (2 aulas):

Objetivo específico:

- ✓ Aperfeiçoar a argumentação no discurso político.

Os alunos serão divididos em duplas em que cada um assumirá o papel de presidente do país e de governador do estado para fazerem um vídeo apresentando um discurso político ideal para a atualidade, de forma a conquistar o voto da maioria dos eleitores (que se constituirão em alunos da turma de outra escola). Será estipulado o tempo máximo de um minuto por aluno para apresentar suas propostas de campanha e se identificar. Após a gravação do vídeo, será feita a edição das imagens pelo professor. Os vídeos serão apresentados para uma turma de outra escola para que seja feita uma eleição dos dois melhores discursos (Presidente e Governador) e divulgados no Jornal, *Facebook* e *blog* escolares.

Materiais necessários:

Projektor multimídia, pincel, lousa, computador, filmadora/celular, papel

sulfite, cartolina, microfone.

Resultados esperados:

Espera-se que os alunos possam compreender as estruturas do gênero textual discurso político (objetividade, linguagem adequada, argumentação e clareza).

Bibliografia consultada:

BAKTHIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Ensino Médio. Brasília: Ministério da Educação, 2002.

DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. **Sequências didáticas para o oral e a escrita**: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. *et al.* **Gêneros orais e escritos na escola**. Trad. e org. de Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004. p. 95-128.

ROJO, R; MOURA, E. (Orgs.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

ORALIDADE E NOVAS TECNOLOGIAS: MULTILETRAMENTOS FAVORECENDO A APRENDIZAGEM

Ademir Juvêncio da Silva

1 INTRODUÇÃO

É de conhecimento geral entre os educadores que a escola precisa inserir em suas matrizes curriculares a utilização das novas tecnologias para que possa favorecer a aprendizagem e não haja uma “concorrência desleal” entre o universo escolar e a sociedade. O professor munido de experiências que visem ao uso correto e dosado dessas ferramentas terá êxito em seus resultados, pois os alunos terão aulas mais atrativas e desafiadoras.

A proposta do trabalho com o gênero discurso político faz parte da disciplina Aspectos Sociocognitivos e Metacognitivos da Leitura e Escrita, ministrada pela professora pós-doutora Leandra Ines Seganfredo Santos do Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), no primeiro semestre de 2014.

Durante as aulas da referida disciplina, foi apresentado um vídeo do *Youtube* disponível no endereço eletrônico <http://www.youtube.com/watch?v=3dpy0sRDBc8> que mostrava características do discurso político e as estratégias utilizadas para se conseguir o voto do eleitor. Uma das atividades da disciplina consistiu na elaboração de uma proposta em forma de Sequência Didática (SD) para desenvolver com alunos dos quais os professores atuam em suas respectivas escolas.

Este texto descritivo-analítico contempla a aplicação de uma SD na turma de 31 alunos do 7º ano A, do período matutino, da Escola Municipal Rui Barbosa, situada em Sorriso-MT e possui o objetivo de elencar os desafios, as dificuldades e os resultados obtidos durante o trabalho com os adolescentes.

2 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), que norteiam o ensino público brasileiro, orientam os educadores a utilizarem, durante as aulas, abordagens relacionadas ao cotidiano. Portanto, aliar temas atuais por meio de recurso tecnológico bastante presente no dia a dia são maneiras de cumprir essa meta (BRASIL, 2010).

Como agente de letramento, o professor deve promover práticas letradas de que o aluno possa participar e agir nas atividades e ações de linguagem, como produções textuais tanto orais quanto escritas, favorecendo o desenvolvimento de múltiplos letramentos nos sujeitos, principalmente a competência discursiva. Com base nessas orientações, foi escolhido o tema “O discurso político nas campanhas eleitorais” para

que os alunos possam desenvolver sua habilidade escritora e de oratória.

Para a aplicação, foi adotada a SD. Schneuwly e Dolz (2001, p. 93) nos relatam finalidades de se trabalhar com SDs:

- Preparar os alunos para dominar sua língua nas situações mais diversas da vida cotidiana, oferecendo-lhes instrumentos precisos, imediatamente eficazes, para melhorar suas capacidades de escrever e falar;
- Desenvolver no aluno uma relação consciente e voluntária com seu comportamento de linguagem, favorecendo procedimentos de avaliação formativa e de autorregulação;
- Construir no aluno uma representação da atividade de escrita e de fala em situações complexas, como produto de um trabalho, de uma lenta elaboração.

Os objetivos amplos de se trabalhar com o gênero discurso político foram: proporcionar reflexão sobre o tema, instigando os alunos a opinar sobre as situações representadas no vídeo; desenvolver a capacidade argumentativa; relacionar fatos representados em ações reais; compreender e produzir textos discursivos.

Em uma atividade em que a aprendizagem é o objetivo maior, pretende-se que haja uma análise e reflexão do caminho percorrido entre o planejamento e produção desejada. Isso precisa acontecer tanto por parte do professor quanto do aluno, pois ambos são sujeitos ativos nos processos escolares. Quando há essa reflexão sobre o monitoramento do próprio conhecimento, acontece a metacognição. De acordo com Jou e Sperb (2006, p. 177), “a essência do processo metacognitivo parece estar no próprio conceito de *self*, ou seja, na capacidade do ser humano de ter consciência de seus atos e pensamentos.”

As SDs possuem características de ajudar o educando a pensar em suas atividades cognitivas, pois com as etapas desenvolvidas em torno de um determinado gênero discursivo, o aluno pode se monitorar, reorganizar as ideias e melhorar a produção inicial culminando em uma produção final melhor estruturada.

Na apresentação, foi explicado aos alunos que os mesmos produziram um texto oralmente abordando o tema “propaganda eleitoral” cujo objetivo era desenvolver o poder argumentativo no discurso oral. A apresentação e a produção inicial foram realizadas no mesmo dia, em 2 (duas) horas-aula. Foi explicado oralmente aos alunos sobre a gravação que fariam e a destinação final, conforme explicitam Schneuwly e Dolz (2001, p. 84): “após uma apresentação da situação, na qual é descrita de maneira detalhada a tarefa de expressão oral ou escrita que os alunos deverão realizar, estes elaboram um primeiro texto inicial”. É um momento importantíssimo para que o alunado perceba a intenção do texto produzido. “A fase inicial de apresentação da

situação permite, portanto, fornecer aos alunos todas as informações necessárias para que conheçam o projeto comunicativo visado e a aprendizagem de linguagem a que está relacionado” (SCHEUWLY e DOLZ, 2001, p. 85).

Em seguida, foi comentado que a produção final tratava-se de um vídeo com propostas políticas havendo uma simulação de eleição por parte de alunos de outra escola votando nos dois melhores discursos. Os objetivos específicos desta etapa consistiam na compreensão do gênero textual oral discurso político e demonstração dos conhecimentos prévios sobre o gênero textual em estudo.

A próxima etapa consistiu na produção inicial e incidia em produzir um texto oral argumentativo e reconhecer as mídias eletrônicas como ferramentas didático-pedagógicas. Os alunos foram instigados a produzir um discurso político dissertativo-argumentativo com a temática Propagandas Eleitorais.

Na sequência, coloquei na lousa as características do gênero textual oral discurso político sugeridas pelos próprios alunos para facilitar a produção. Eles disseram, entre outras coisas, argumentação, poder de convencimento, clareza e firmeza na voz. Lembraram também que o candidato precisa escolher um número para representá-lo.

O comportamento da turma foi de bastante ansiedade, pois os alunos demonstravam muito interesse em fazer a produção, interrompendo as explicações momentaneamente com conversas paralelas. Foi deixado um tempo para que pensassem no discurso. Logo após, foram encaminhados à sala de informática para assistirem ao filme *Sempre ao seu lado*, enquanto aluno por aluno fazia a gravação do discurso político na sala de aula, com o auxílio do programa *Audacity*.

Durante a gravação, quase todos os alunos se mostraram inseguros, envergonhados e houve a necessidade de relembrar as características de um discurso para que comesçassem a gravar. O tempo para início da gravação foi em média 2 minutos por aluno e cada áudio apresentou em média 40 segundos.



Figura 01: Aluno Gian Carlos realizando a gravação no programa *Audacity*.

Fonte: Acervo do autor.



Figura 02: Aluno João Vítor realizando a gravação no programa *Audacity*.

Fonte: Acervo do autor.

Foi um momento importante em que os alunos demonstraram conhecer o gênero discursivo em tese, e apresentaram problemas simples de volume insuficiente de voz, pausa em situações inadequadas ou acanhamento diante do professor.

No primeiro módulo da SD, a sala foi preparada em semicírculo para que os alunos pudessem visualizar bem o vídeo a ser mostrado e participar ativamente das discussões sobre o mesmo, pois o gênero discurso político seria apresentado. Os objetivos específicos foram reconhecer e analisar situações argumentativas no discurso político e compreender a linguagem utilizada neste gênero textual. Ao adentrar a sala, os alunos foram surpreendidos pelas carteiras dispostas de modo não habitual, etiquetadas com o nome de cada um e mensagem de otimismo. Todos se sentaram e foi explicado a eles que assistiriam a um pequeno vídeo para continuarmos com o projeto.

Bastante atentos, assistiram duas vezes ao vídeo “Propaganda eleitoral gratuita – a verdadeira” (*by* Marcelo Adnet). Fiz alguns comentários sobre a intenção do vídeo e questionei se ficou algo obscuro. Após isso, foi entregue a eles uma folha com um questionário envolvendo perguntas relacionadas ao tema campanhas eleitorais para que respondessem individualmente na folha. As respostas foram socializadas oralmente para conhecimento dos demais colegas. A princípio, alguns alunos reclamaram em fazer uma atividade de escrita, mas logo perceberam que não era tão complicado responder.



Figura 03: Alunos respondendo ao questionário sobre o vídeo apresentado.

Fonte: Acervo do autor.

Após cerca de 30 minutos, fizemos uma socialização do questionário. Eu lia uma pergunta e solicitava que alguém a respondesse. Os demais teciam comentários aditivos à resposta do colega. Depois da última questão, comentei com eles sobre a crítica às propagandas eleitorais e refletimos se a produção do áudio da aula anterior atingiu o objetivo de convencer o eleitorado. Por fim, ouvimos alguns textos gravados na aula anterior. Os alunos se mostraram bastante envergonhados quando o seu áudio era apresentado. Os demais esboçavam algum sorriso, mas nada que pudesse constrangê-los.

No *link* a seguir é possível verificar a produção de alguns alunos relativa ao primeiro módulo: <https://www.youtube.com/watch?v=KBVVNCebNGM&feature=youtu.be>.

O segundo módulo teve como objetivos específicos desenvolver a habilidade crítico-argumentativa dos alunos e interagir com o outro por meio das ideias apresentadas. Para a realização deste módulo, a turma foi dividida em 09 (nove) grupos para representarem situações do vídeo criticamente, da seguinte forma:

- Grupo 01: os alunos comentaram sobre a escolha da classe social predominante como alvo (ruas, locais, bairros, etnias);
- Grupo 02: avaliou a questão da máscara social, a importância de se apresentar dentro dos padrões exigidos pela sociedade (casado, feliz, fiel);
- Grupo 03: observou os adesivos e panfletos e as consequências (poluição visual e do meio ambiente, gastos desenfreados, adesivação de veículos e imóveis);
- Grupo 04: comentou sobre os abraços, apertos de mão e visitas;
- Grupo 05: discutiu sobre as montagens de fotos, vídeos e gravações;
- Grupo 06: fez uma comparação entre as promessas impossíveis de serem cumpridas apresentadas e as que os políticos fazem;

- Grupo 07: avaliou os tipos de músicas e *jingles* das propagandas políticas;
- Grupo 08: poses para fotos, postura, conduta comparada com a vida real do político;
- Grupo 09: apresentou algumas siglas e os possíveis significados das mesmas.

Como não houve tempo suficiente na aula anterior para mostrar todos os áudios, alguns ficaram para o início dessa aula. Os alunos ouviram a produção inicial dos demais colegas e foi solicitado que se reunissem em grupos de 3 para a próxima etapa do trabalho. Quando se organizaram, foi entregue a cada grupo uma tira de papel com um tema, uma cartolina e pincéis. Orientei para que prestassem atenção aos detalhes do vídeo do Marcelo Adnet, que foi apresentado novamente. Cada grupo deveria observar principalmente as cenas que envolviam o conteúdo do tema entregue.

O trabalho foi bastante envolvente, pois todos os alunos participaram efetivamente da montagem do seu cartaz para a apresentação na aula posterior.



Figura 04: Alunas Natália, Anna e Daniela organizando o cartaz para apresentação. Ao fundo, Mateus e João Vítor.

Fonte: Acervo do autor.

Cada grupo apresentou suas conclusões argumentativas para os demais colegas em forma de cartazes, expondo oralmente à frente da turma. Houve bastante conversa no decorrer das apresentações, necessitando da intervenção do professor, porém, todos os grupos realizaram a proposta, compreendendo o caminho percorrido até então.



Figura 05: Mariana, Lorelissa e Gabriela da Silva apresentando o trabalho.
Fonte: Acervo do autor.

O último módulo teve como objetivos fazer o aluno perceber estratégias nos diferentes discursos políticos apresentados e notar, analisar e refletir sobre as diferentes ideologias presentes no discurso político. Como atividades, foram apresentados vídeos sobre campanhas políticas para que os alunos assistissem e percebessem as estratégias utilizadas pelos personagens para convencer o público telespectador e conquistar o seu voto. Com o auxílio do projetor multimídia, foi mostrado um vídeo do *Youtube*, “Nossa Língua 18 – Discurso Político – Bloco 1”, disponível no endereço eletrônico <http://www.youtube.com/watch?v=umBN7cyHMPQ>, que apresenta características de um discurso político mostrando, inclusive, alguns detalhes e dicas para argumentar e convencer o possível eleitor a votar.

Após isso, foi apresentado uma série de 3 vídeos do *Youtube*, para que os alunos pudessem tê-los como exemplos para a elaboração do trabalho final. Em ordem de apresentação, os vídeos se intitulam “Discurso Político – PE=C²”, disponível no endereço eletrônico <http://www.youtube.com/watch?v=Axah9PK7IXc>; “Horário Eleitoral // Parte 01”, disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=fKI--jeSf6Y>; e “Horário Político // Parte 02”, disponível no endereço eletrônico <http://www.youtube.com/watch?v=SXnoBZ4-5es>. Esses vídeos são produções de discursos políticos de alunos do ensino médio e do ensino fundamental disponíveis na *Internet* para observação.

Vários comentários foram tecidos em relação aos vídeos e às contribuições proporcionadas por eles. As dúvidas eram sanadas para que pudessem produzir com mais segurança. Todas essas etapas são necessárias, pois como afirma Solé (1998, p. 171), “mais do que ‘esperar’ que o aluno dê indícios do que pode fazer, seria mais conveniente perguntar-nos sobre o que é capaz e sobre o que podemos fazer para ajudá-lo a aumentar suas possibilidades, para torná-lo mais competente e autônomo.” Desta forma, as expectativas do resultado da produção final eram positivas, já que os alunos demonstravam interesse e empolgação com o trabalho.

A produção final teve como objetivo específico aperfeiçoar a argumentação no

discurso político e se deu da seguinte forma: os alunos foram divididos em duplas e cada um assumiu o papel de presidente do país e de governador do estado e fizeram um vídeo apresentando um discurso político ideal para a atualidade, de forma a conquistar o voto da maioria dos eleitores (que se constituíam em alunos de uma turma de outra escola). Os alunos vieram preparados para a gravação do vídeo. Antecipadamente, foi solicitado que viessem com roupas apropriadas, se assim o desejassem, para o efeito visual. Muitos alunos adotaram a dica.

De acordo com Scheuwly e Dolz (2001, p. 90), “a sequência é finalizada com uma produção final que dá ao aluno a possibilidade de pôr em prática as noções e os instrumentos elaborados separadamente nos módulos.” Assim, a elaboração da gravação do vídeo foi o momento de se fazer a avaliação sobre o aprendizado dos alunos no decorrer da proposta.

A sala foi organizada com duas mesas e duas cadeiras dispostas lado a lado para que os alunos pudessem se acomodar. As duplas (presidente e governador) já possuíam o discurso pronto e com o auxílio de uma câmera digital, o vídeo foi gravado por mim. O restante da turma foi encaminhado à sala de informática para assistirem ao filme “Bons de Bico”, que faz uma reflexão sobre a organização social para defenderem uma situação comum a todos.

Após isso, fiz a edição e os vídeos foram apresentados, primeiramente para os próprios alunos e, posteriormente, a uma turma de outra escola para que fosse feita uma eleição dos dois melhores discursos (presidente e governador). Os vencedores foram divulgados no jornal, no *Facebook* e no *blog* escolares. Esta divulgação foi autorizada pelos pais e responsáveis dos alunos, de acordo com o documento assinado pela direção da escola e pelos mesmos.



Figura 06: Keiteanny e Morgana durante a gravação do vídeo.

Fonte: Acervo do autor.

O momento foi bastante proveitoso, pois puderam perceber a importância da troca do turno no discurso e também a firmeza da voz para transmitir segurança aos telespectadores. Alguns alunos tiveram dificuldade em se manter sérios e organizados, como a situação pedia, mas nada que pudesse atrapalhar o desempenho da dupla (que

possuía um número para a eleição). Houve melhora significativa no volume da voz e no conteúdo do discurso, se compararmos a produção final com o primeiro texto.

Após a produção final, houve a edição, juntando os vídeos com auxílio do programa *Movie Maker*. No *link* a seguir, há a possibilidade de conferir o vídeo com todas as produções finais realizadas pela turma: Produção final do discurso político da turma 7º ano A.

Primeiramente, os alunos tiveram contato com o vídeo da turma, assistindo na sala de informática. Ficaram muito alegres com o resultado e ao final houve aplausos. Posteriormente, assistiram ao vídeo produzido pela turma do 7º ano A da Escola Estadual 13 de Maio, da cidade de Sorriso-MT para escolherem o melhor discurso para presidente e o melhor discurso para governador. Da mesma forma, esta turma citada assistiu ao vídeo da minha turma e elegeu como melhor discurso para presidenta, o da aluna Morgana Pereira, e como melhor discurso para governadora, o da aluna Natália Menêzes.



Figura 07: Natália, melhor discurso para governadora e Morgana, melhor discurso para presidenta.
Fonte: Acervo do autor.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho com SD é louvável. O resultado final possui uma diferença muito grande em relação ao primeiro trabalho. Desta forma, cabe uma reflexão sobre a condução dos conteúdos em sala de aula pelos professores de língua portuguesa nos dias atuais. A SD é uma ferramenta útil e indispensável porque é necessário percorrer um caminho para que os alunos possam compreender melhor e colocar em prática o seu aprendizado.

O trabalho com inúmeros conteúdos não garante a efetividade do ensino. Como relatam Oliveira, Tinoco e Santos (2014, p. 103),

[...] o conhecimento de um variado leque de gêneros não é o suficiente. Para a inserção de nossos alunos em múltiplas práticas letradas, a experiência em

situações vivenciais, sempre mediadas pela linguagem [...], é o que pode fazer toda a diferença.

Isso pode garantir o aprendizado, pois permite ao alunado as possibilidades de adequações e possíveis ajustes no trabalho definitivo. Fazer uma avaliação somativa, apresentando apenas um ou mais exemplos de um determinado gênero discursivo, é uma prática antiga que não dá ao estudante chances de se superar e se sobressair. Com a SD há explicações – além dos exemplos, certamente – e atividades afins nos módulos imprescindíveis para o sucesso da produção definitiva.

Das dificuldades na aplicação da proposta, a que mais se destacou foi a ansiedade dos alunos, pois atrapalhou o andamento das atividades com euforias, em determinados momentos, exageradas. Entretanto, é compreensível, já que trabalhos dessa natureza são pouco explorados e aplicados em sala de aula. Isso ocorre talvez porque os docentes não estejam preparados o suficiente para utilizar as ferramentas atuais disponíveis. As disciplinas do Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) têm-nos auxiliado incontestemente nos aspectos voltados ao uso das novas tecnologias, recursos imprescindíveis para o ensino na modernidade.

A disciplina de Aspectos Sociocognitivos e Metacognitivos da Leitura e Escrita colaborou para a ampliação das minhas perspectivas em relação às metodologias aplicáveis em sala de aula. A partir do estudo sobre as SDs, pude perceber a importância de se dar ao aluno chances para que possa chegar ao sucesso em uma produção textual oral ou escrita. Desta forma, a aprendizagem será facilitada, pois a frustração de aluno e professor será praticamente nula, como aconteceu com a aplicação da SD para produzir o gênero discurso político.

REFERÊNCIAS

- ADNET, M. **Propaganda eleitoral gratuita – a verdadeira**. Vídeo disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=3dpy0sRDBc8>. Acesso em 10/07/2014, às 21h.
- JOU, G. I.; SPERB, T. M. **A metacognição como estratégia reguladora da linguagem**. Psicologia: reflexão e crítica. v. 19, n. 2, 2006.
- NOSSA LÍNGUA. **Nossa Língua 18 – Discurso Político – Bloco 1**. Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=umBN7cyHMPQ>. Acesso em 12/07/2014, às 22h.
- OLIVEIRA, M. S.; TINOCO, G. A.; SANTOS, I. B. A. **Projetos de letramento e formação de professores de língua materna**. Natal: EDUFRN, 2014.
- RESTA, L. **Discurso Político – PE=C²**. Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=Axah9PK7IXc>. Acesso em 12/07/2014, às 22h30min.

SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola**. São Paulo: Mercado de Letras, 2001.

SCHUTZ, N. **Horário eleitoral**. Parte 01. Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=fKI--jeSf6Y>. Acesso em 13/07/2014, às 21h30min.

_____. **Horário político**. Parte 02. Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=SXnoBZ4-5es>. Acesso em 13/07/2014, às 21h45min.

ORALIDADE E MULTILETRAMENTOS: CAMINHOS PARA A APRENDIZAGEM

Maria Salete Dias Antônio

1 INTRODUÇÃO

Esse texto descritivo analítico é resultado da aplicação de uma sequência didática (SD), envolvendo alunos do 7º ano do ensino fundamental, na escola 13 de Maio, no Município de Sorriso-MT, durante o primeiro semestre de 2014, tendo como objetivo elencar o processo de desenvolvimento das ações, os desafios, as dificuldades, os avanços, ou seja, resultados significativos obtidos durante o trabalho com os educandos.

Essa proposta de trabalho faz parte da disciplina Aspectos Sociocognitivos e Metacognitivos da Leitura e Escrita, ministrada pela professora Leandra Ines Seganfredo Santos do Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT).

O gênero explorado na SD foi discurso político, abordado o tema: propagandas eleitorais, tendo como suporte o vídeo “Propaganda eleitoral gratuita – a verdadeira”. A SD adotada tem como objetivos levar o educando a refletir sobre o tema, instigando-o a opinar sobre as situações representadas no vídeo; desenvolver a capacidade argumentativa; relacionar fatos representados em ações reais, bem como compreender e produzir textos discursivos.

2 ABORDAGEM METODOLÓGICA

A escola deve promover situações em que os alunos possam participar de atividades e ações de linguagem a fim de desenvolver suas habilidades comunicativas, seja de forma oral ou escrita, favorecendo o desenvolvimento de múltiplos letramentos nos sujeitos, principalmente a competência discursiva. Partindo desse pressuposto, foi escolhido o tema “O discurso político nas campanhas eleitorais” para que os alunos possam desenvolver habilidades relacionadas à escrita e à oralidade.

Para o desenvolvimento do trabalho, foi adotada Sequência Didática (SD), que é uma terminologia da Linguística e tem a característica de ser “um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito” (SCHNEUWLY e DOLZ, 2004, p. 82). O trabalho com sequências didáticas permite a elaboração de contextos de produção de forma precisa, por meio de atividades e exercícios múltiplos e variados com a finalidade de oferecer aos alunos noções, técnicas e instrumentos que desenvolvam suas capacidades de expressão oral e escrita em diversas situações de comunicação. Uma SD é constituída das seguintes etapas: produção inicial, módulos e produção final.

A aprendizagem dos alunos foi percebida e avaliada diariamente, de forma contínua, com registro de participação, envolvimento dos alunos em todas as etapas propostas de trabalho coletivo ou individual.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E ANÁLISE

Conforme afirma Bakhtin (1992), os gêneros textuais são caracterizados por três elementos essenciais: conteúdo temático, estilo e construção composicional, sendo que a forma do texto vai ser consequência das intenções comunicativas.

Partindo desse pressuposto, iniciamos a aplicação da SD apresentando o tema a ser trabalhado, momento em que foi percebida grande aceitação, envolvimento por parte dos alunos, talvez por ser um tema pertinente, pelo fato de ser época de campanha eleitoral em todo território nacional. Porém, alguns demonstraram certa apatia em relação ao tema afirmando que “odiavam política”. A partir dessas observações foram questionados oralmente sobre o que é política e o que é ser político. Poucos alunos responderam e a dúvida ficou no ar até assistirem aos vídeos, entrevistas e depoimentos sobre o tema. Mas, antes de assistirem aos vídeos e depoimentos, desenvolveram a primeira produção de forma individual: discurso político oral. Após planejarem o discurso, foi feita gravação em áudio para análise comparativa com a produção final. Enquanto ocorriam as gravações individuais, o restante da turma fez momentos de leitura em sala de aula com um professor auxiliar e eram encaminhados um após outro até a biblioteca para gravação.

Após a produção inicial, foi dado início aos módulos da SD. Sendo assim, assistiram ao vídeo “Propaganda eleitoral gratuita – a verdadeira” (by Marcelo Adnet), observando as atitudes dos atores e a letra da música para compreenderem as intenções no discurso. Riram muito durante o vídeo e faziam comentário como: “pior que é verdade”... “parece fulano”. Nesse momento, portanto, percebe-se que os alunos estavam associando ações, personagens do vídeo a fatos e personalidades reais, próximos à realidade deles.

Em seguida foi entregue a eles uma folha com um questionário (em anexo) envolvendo perguntas relacionadas ao tema Campanhas Eleitorais para que respondessem individualmente. As respostas foram socializadas oralmente para conhecimento dos demais colegas. Logo após, os alunos ouviram as gravações realizadas por eles próprios para avaliação da linguagem, clareza, coerência e principalmente poder de convencimento.



Figura 01: Turma do 7º ano assistindo ao 1º vídeo.

Fonte: Acervo da autora.

No segundo módulo, a turma foi dividida em 09 (nove) grupos para representarem situações do vídeo criticamente, da seguinte forma:

- Grupo 01: os alunos comentaram sobre a escolha da classe social predominante como alvo (ruas, locais, bairros, etnias);
- Grupo 02: avaliou a questão da máscara social, a importância de se apresentar dentro dos padrões exigidos pela sociedade (casado, feliz, fiel);
- Grupo 03: observou os adesivos e panfletos e as consequências (poluição visual e do meio ambiente, gastos desenfreados, adesivação de veículos e imóveis);
- Grupo 04: comentou sobre os abraços, apertos de mão e visitas;
- Grupo 05: discutiu sobre as montagens de fotos, vídeos e gravações;
- Grupo 06: fez uma comparação entre as promessas que não podem ser cumpridas apresentadas e as que os políticos fazem;
- Grupo 07: avaliou os tipos de músicas e *jingles* das propagandas políticas;
- Grupo 08: poses para fotos, postura, conduta comparada com a vida real do político;
- Grupo 09: apresentou algumas siglas e os possíveis significados das mesmas.

Cada grupo apresentou suas conclusões argumentativas para os demais colegas em forma de cartazes ou jogral.

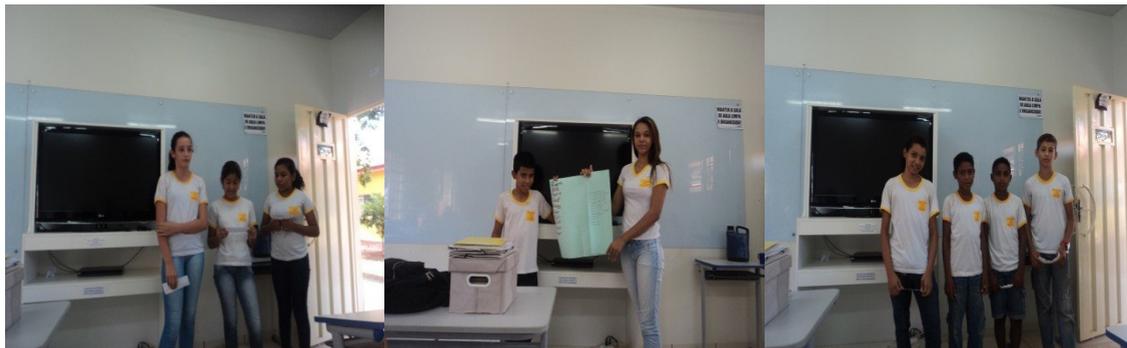


Figura 02: Apresentação de trabalho.

Fonte: Acervo da autora.

No terceiro módulo, foram apresentados vídeos sobre campanhas políticas para que os alunos assistissem e percebessem as estratégias utilizadas pelos personagens para convencer o público telespectador e conquistar o seu voto. Também assistiram às entrevistas falando sobre a origem da palavra política bem como sua importância no nosso dia a dia.

Na produção final, os alunos, em dupla, planejaram novo discurso político para ser gravados em vídeo, em que um deveria assumir o papel de governador e o outro de presidente da República. Durante a essa atividade, percebeu-se que os alunos se atentaram aos elementos fundamentais, que fazem parte do gênero discurso político, utilizados nos exemplos assistidos.

Após os vídeos prontos, editados, foram entregues, juntamente com as cédulas de votação, com o nome de todos os candidatos, ao outro professor, da outra escola, para que os alunos, em comum acordo, assistissem aos discursos de todos os candidatos e escolhessem um candidato a presidência e outro ao governo.

O mesmo aconteceu com esta turma que, recebendo o vídeo com as gravações dos candidatos da outra turma, juntamente com as cédulas de votação, já com os nomes impressos, assistiram e votaram nos candidatos de sua preferência, sendo a urna lacrada e levada à escola de destino.

Porém, duas grandes dificuldades foram percebidas: primeiramente, o fato de não quererem expor sua identidade. Para tanto usaram nomes fictícios, alguns parafrazeados, ex: Bernardo Campos; Eduarda Campos; Titirica. O segundo problema percebido foi a dificuldade de se desprenderem do papel e falarem de forma espontânea. Muitos fizeram a oralização da escrita, condição aceita para que aderissem à gravação.

A situação é compreensível, uma vez que são as formações discursivas inter-relacionadas que determinam o que pode e deve ser dito, a partir de determinado lugar, pelo funcionamento de pré-construídos (PÊCHEUX, 1988). O educando, por exemplo, ao assumir a identidade de candidato à presidência ou a governador, terá que se colocar, de forma imaginária no lugar deste, para que seu objetivo seja alcançado,

que no caso seria a de conquistar o voto dos eleitores (alunos de outra turma). Essas situações revelam os mecanismos de funcionamento do discurso e é nesse momento que se faz uso das formações imaginárias. Nesse sentido, Orlandi (2000, p. 40), mostra a distinção entre lugar e posição:

Assim não são os sujeitos físicos nem os seus lugares empíricos como tal, isto é, como estão inscritos na sociedade, e que poderiam ser sociologicamente descritos, que funcionam no discurso, mas suas imagens que resultam de projeções. São essas projeções que permitem passar das situações empíricas – os lugares dos sujeitos – para as posições dos sujeitos no discurso.

É esse jogo imaginário o responsável pela troca de palavras, de sentidos. É nesse jogo que o sujeito incorpora, assume diferentes papéis sociais. E será então através das formações imaginárias que os educandos (sujeito) se posicionarão discursivamente. E essa formação discursiva estará revestida de toda uma ideologia, própria de cada sujeito. Podemos afirmar então que serão as condições de produção e as formações imaginárias que proporcionarão todo esse jogo imaginário, em que presidirá a troca de palavras, o que fará com que o sujeito se sinta em uma determinada posição. Será o aluno colocando-se no lugar de um candidato à eleição e ao mesmo tempo no lugar de eleitor para que, a partir de então, possa desenvolver seu discurso de forma a agradar o público alvo e assim conquistar o maior número de votos.

Na semana seguinte, conforme combinado com o professor da outra escola, a urna foi entregue a eles de forma lacrada. Iniciou-se então a abertura da urna e a contagem de votos em sala de aula. Neste momento percebeu-se certa apreensão, devido ao silêncio geral em sala de aula. Conforme os votos foram se somando a determinado candidato, começaram a tomar partido e torcidas começaram naturalmente acontecer, com aplausos a cada vez que se dizia o nome de um dos candidatos que estavam à frente na apuração.



Figura 03: Candidatos finalistas.

Fonte: Acervo da autora.

As gravações foram postadas no *Facebook* da rádio escolar, disponíveis no *link*: <https://www.facebook.com/video.php?v=1538029536410500&set=vb.100006104044817&type=2&theater>

A foto dos finalistas foi postada no jornal escolar impresso que também foram postadas no *Facebook* da rádio escolar no endereço eletrônico:

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1558611114352342&set=ms.c.ejw1yMkNADAIA7CNKglk0P0Xq3r5aZAwKzUVGvgBpBBj->

CIGARRO

Os efeitos do tabagismo.



tomando um tabu. Fumo passivo, bem como o cheiro desagradável da fumaça do cigarro, são fatores que contribuem para o estigma social.

Efeito sobre posses:
A fumaça do cigarro afeta pertences domésticos: Vidro em espelhos, janelas e móveis vão se tornar nebulosos quando expostos à fumaça do cigarro por um período prolongado. Mobiliário, piso, tapetes e outros itens com superfícies porosas absorvem a fumaça do cigarro, o que faz com que os itens para manter o cheiro da fumaça. Esse cheiro vai se tornar obsoleto com o tempo.

Fumar cigarros afeta quase todos os aspectos da vida de um fumante. Cada órgão interno é afetado pelo tabagismo. Muitos dos efeitos do tabagismo são pelo menos parcialmente reversíveis se o fumante deixa de fumar. Por exemplo, no primeiro dia de largar o hábito, o risco de doença cardíaca e acidente vascular cerebral é reduzido, como resultado direto do aumento de oxigênio e redução de dióxido de carbono. No entanto, esses efeitos aumentam dentro de minutos depois de tomar um puff. Dificuldades respiratórias

Fumar afeta o coração e os pulmões. Enquanto alguns dos efeitos são reversíveis, isto é apenas o caso, se você parar de fumar antes que o dano é muito ruim. Com cada inalação de fumaça de cigarro, o revestimento dos brônquios tornam-se irritados, isto faz com que produzam muco. Este muco leva a tosse crônica. Ela também pode causar sintomas semelhantes à asma em um não- asmático. A DPOC é uma outra complicação causada pelo tabagismo. Com estes efeitos sobre os pulmões, a pé ou de qualquer atividade pode se tornar muito difícil.

Câncer:
Cigarros contêm aditivos que são agentes cancerígenos conhecidos, o que significa que eles são conhecidos por causar câncer. Estes agentes cancerígenos incluem formaldeído e hidrocarboneto. O câncer de pulmão, câncer de boca e câncer de garganta são os três cânceres mais prevalentes que têm uma ligação direta com o tabagismo. Em alguns casos, o câncer não podem ser capturados até o ponto onde é intratável.

Problemas do sistema circulatório:
Quando você fuma, a fumaça de cigarro substituir oxigênio no corpo. Isto significa que menos oxigênio chegue ao coração. Isso pode causar um batimento cardíaco irregular e outras complicações. Os produtos químicos nos cigarros também depositam placa. Com esta placa se acumula, o risco de ter um ataque cardíaco aumenta porque o fornecimento de sangue para o coração é restrito.

Efeitos sociais:
Os efeitos negativos do tabagismo não são limitados a questões apenas de saúde relacionados. O tabagismo também causa certos efeitos sociais. Como as pessoas estão se tornando mais conscientes da saúde, o tabagismo está se

Riquezas de Mato Grosso

Ellen Floravano dos Santos

Mato Grosso,
Cidade de grandes riquezas
De muitas plantações
Aqui o verde é uma das belezas.
O milho e a soja
São duas das maiores riquezas
O verde e os animais
Demonstram a nobreza
O cururu
E o siriri
São danças típicas daqui
Temos cor de tudo
Cor de árvore, água e flor
Aqui tem cor de tudo
Cor de gente
Cor de gente
Boa pra cultivar
Boa pra viver
Pra crescer e me inspirar
Tem fazendas
Tem agronegócios
Tem muitas exportações
A soja é a alegria
Ouro que enche muitos caminhões
Sorriso, Sinop, Tapurah
Cidades do nosso Estado
Com suas lindas riquezas
Mato Grosso é visitado.



SEGUIR ABAIXO OS EFEITOS DE PARAR DE FUMAR

Em 20 minutos
A pressão arterial e os batimentos cardíacos retornam ao normal.

1 dia
A irritação dos olhos e do nariz desaparece.

Em 8 horas
A nicotina e a maioria dos produtos químicos do cigarro deixam o corpo.

3 dias
A tosse e o muco começam a diminuir.

De 2 a 12 semanas
A capacidade pulmonar começa a melhorar.

De 1 a 9 meses
As células do pulmão começam a se regenerar.

Em apenas 1 ano
O risco de câncer de pulmão cai pela metade.

De 10 a 15 anos
O risco de câncer de pulmão cai para metade.

De 15 a 20 anos
O risco de câncer de pulmão cai para metade.

DISCURSO POLÍTICO



Alunos da 7ª ano "A" (6ª série) eleitos no discurso político, desenvolvidos na aula de Língua Portuguesa, sob orientação da Profª Maria Salete Dias Antônio:

Presidentes Governadores

Alunos: *Rafael Augusto de Brito (Governador) / Nome fictício: Marcos Rocha*
Rodrigo Oliveira Gato (Presidente) / Nome fictício: Hugby
Eleitores: 7ª ano "A" da escola Rui Barbosa

Apresentações teatrais



7º ano A

Chapeuzinhos coloridos
Turma: 7º ano "A"
Disciplina: Língua Portuguesa
Profª: Maria Salete Dias Antônio



9º ano E

Romeu e Julieta (William Shakespeare)
Turma: 9º ano "E"
Disciplina: Inglês
Profª: Vânia Soares da Silva Amâncio

Figura 04: Página 02 do Jornal Escolar, Folha 13.

Fonte: Acervo da autora.

Segundo Antunes (2009, p. 89), “é fundamental prever para quem se vai escrever, produzir seus textos. Redações, discursos escritos ‘para ninguém’ causa o

desinteresse e a ineficiência (mutilação ostensiva do sujeito). O aluno acaba escrevendo ‘para o professor’. Assim o ato de escrever torna-se em *escrita-cópia, escrita-norma, escrita-castigo* (escrita de textos sem discussão prévia, sem planejamento, sem rascunhos)”.

Por isso é necessário que os professores se familiarizem com metodologias voltadas para as estratégias facilitadoras da compreensão leitora (BORTONIRICARDO, MACHADO e CASTANHEIRA, 2010b, p. 16) e também na produção textual. Com isso, tanto na escrita como na oralidade, os alunos terão maior dedicação, envolvimento nas atividades propostas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebeu-se durante toda a aplicação da SD certa ansiedade por parte dos alunos, comportamento esse responsável pelo total envolvimento da turma nas etapas de atividades propostas. Foi uma experiência muito válida, que nos fez perceber e analisar como ocorrem os processos de autoria dos alunos.

Enquanto professor, devemos sempre estar inovando nossas práticas docentes objetivando melhoria no processo de letramento de nossos educandos, através da pedagogia do multiletramento, ou seja, uma pedagogia que prima pela abordagem da diversidade cultural e a diversidade de linguagem na escola, levando em conta a multimodalidade (linguística, visual, gestual, espacial e áudio).

Quando a escola abre espaço para o multiletramento, entendemos que possibilita ao educando ter uma formação crítica, ter domínio de suas próprias aprendizagens e tendo autonomia, sabendo buscar como e o que aprender. Assim, o sujeito, nessa perspectiva, pode ser criador de sentido, capaz de transformar discursos tanto orais quanto escritos, dentro de um contexto de multiletramentos.

REFERÊNCIAS

- BAKTHIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCNEUWLY, B. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. *et al.* **Gêneros orais e escritos na escola**. Trad. e org. de Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004. p. 95-128.
- ROJO, R.; MOURA, E. (Orgs.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola, 2012.

O DISCURSO POLÍTICO E AS NOVAS TECNOLOGIAS NA PERSPECTIVA DOS MULTILETRAMENTOS

*Ademir Juvêncio da Silva
Maria Salete Dias Antônio*

O trabalho com o gênero discurso político foi aplicado em duas turmas de 7º ano do ensino fundamental de duas escolas públicas, sendo uma da rede estadual e outra da rede municipal de Sorriso-MT. Ambas as turmas são compostas por alunos de diferentes bairros do município pertencentes a diversas classes sociais e possuem idade média de 12 anos.

Houve um envolvimento significativo com o trabalho nas duas turmas, pois os alunos se mostraram motivados para desenvolver as tarefas propostas. Isso ocorreu devido ao fato de ter sido uma atividade pouco praticada pelos docentes e alunos. Porém, observamos grande ansiedade e inquietação em algumas das etapas como, por exemplo, o momento de ouvir os áudios produzidos por eles, provocando euforia e dificultando o entendimento dos demais, havendo a necessidade de ouvir os áudios novamente.

Um dos maiores desafios enfrentados pelos alunos foi a dificuldade em produzir o discurso oral sem o auxílio da escrita. Desta forma, a gravação de vários estudantes deixou transparecer que se tratava de um texto escrito e não espontâneo, resultando na oralização da escrita. Isso demonstrou a insegurança na eloquência de um discurso coerente, momento em que os alunos perceberam a importância da escrita para produzir um texto, mesmo sendo oral, com uma destinação mais abrangente.

Os alunos procuraram, por diversas vezes, o professor a fim de que auxiliasse na estruturação do texto escrito, demonstrando insegurança em desenvolver a atividade sozinhos. Essa prática nos faz perceber a importância da mediação do professor em todo o processo de aprendizagem. Caso não sejam oferecidos esclarecimentos e orientações suficientes e eficazes, o sucesso do aluno na produção definitiva pode ser frustrante, tanto para ele quanto para o mediador.

No entanto, obtivemos êxito na aplicação da sequenciadidática (SD), já que houve uma explanação detalhada das características do gênero em tese, com orientações individuais e respeito às limitações de cada um. De acordo com Schnewly, Dolz e Noverraz (2002, p. 86), quando uma SD é bem desenvolvida e esclarecida

não põe os alunos numa situação de insucesso; se a situação de comunicação é suficientemente bem definida durante a fase de apresentação da situação, todos os alunos, inclusive os mais fracos, são capazes de produzir um texto oral ou escrito que responda corretamente à situação dada, mesmo que não respeitem todas as características do gênero visado.

Para tanto, é imprescindível o conhecimento das novas tecnologias por parte do professor, a fim de auxiliar no momento das gravações e edições de vídeos e áudios. Percebemos a importância de disciplinas em cursos de atualizações profissionais que, assim como as ofertadas pelo PROFLETRAS, orientem dando suporte ao educador em questões relacionadas ao domínio das novas tecnologias e diferentes metodologias de aplicação dos conteúdos, em prol de uma educação voltada aos multiletramentos.

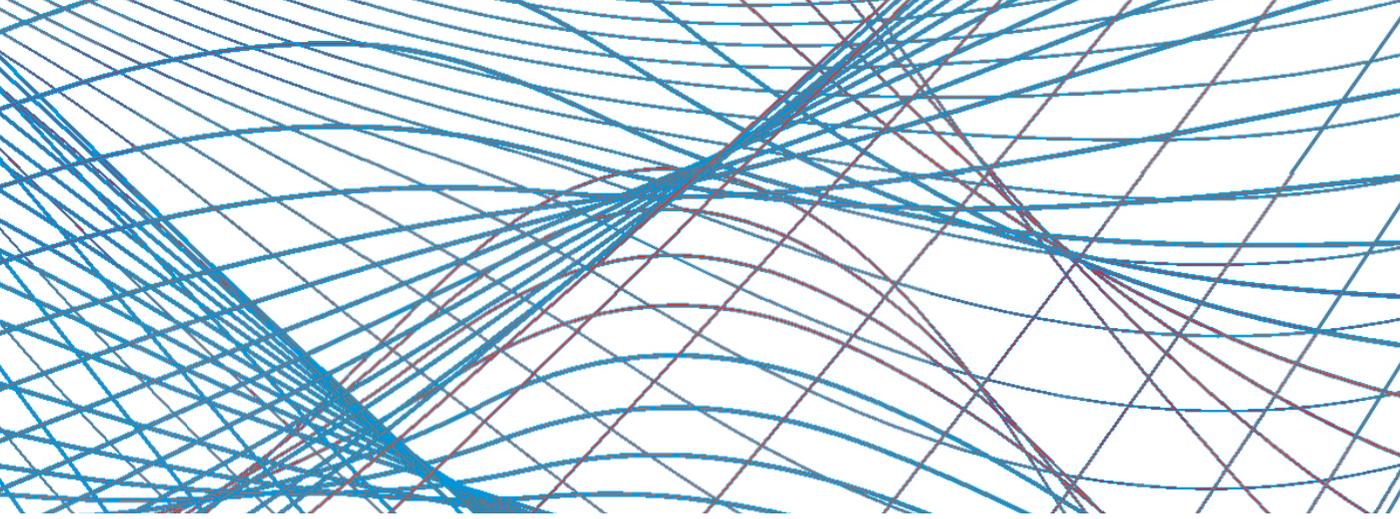
Durante a produção final (gravação do vídeo em duplas), os alunos se mostraram ansiosos e inibidos, já que provavelmente nunca se expuseram desta forma em um trabalho escolar. A ansiedade aumentou quando terminaram a produção e aguardavam a eleição que seria realizada pela turma de alunos da outra escola, após assistirem aos vídeos. Findada a votação, a urna foi lacrada, enviada à escola de origem e aberta em sala para a apuração dos votos. A cada cédula aberta, a apreensão era visível nos olhares dos alunos, demonstrando a seriedade com que desenvolveram a proposta.

O resultado final da eleição confirmou alguns pontos que foram levantados no questionário escrito entregue a eles no primeiro módulo: fala com clareza; tem boa aparência física; é seu conhecido ou da sua família. Esses pontos foram observados, pois os próprios alunos, após a eleição, comentaram sobre a aparência física dos alunos candidatos, sobre seus discursos e que se conheciam por terem estudado juntos ou morarem no mesmo bairro.

Com o desenvolvimento deste trabalho, pudemos ratificar o quão importante é trabalhar com SDs na produção de gêneros discursivos no ensino fundamental dentro da perspectiva dos multiletramentos. Discurso político é um gênero abrangente que pode ser explorado em todos os níveis de escolarização com as devidas adaptações conforme contexto em que os alunos estão inseridos. A metodologia aplicada proporcionou liberdade de expressão e envolvimento com as novas tecnologias, transformando um tema pouco debatido e aceito em sala de aula em uma atividade agradável e prazerosa.

REFERÊNCIA

DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. *et al.* **Gêneros orais e escritos na escola.** Trad. e org. de Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004. p. 95-128.



CAPÍTULO 3

O DISCURSO POLÍTICO NAS CAMPANHAS ELEITORAIS

*Edivaldo Aparecido Mazolini
Elaine Xavier Lima Babinski*

Turma: 3ª fase do 3º ciclo do Ensino Fundamental

Duração: 12 aulas

Justificativa:

Este trabalho visa fazer uma reflexão a partir do conhecimento dos alunos sobre a temática política. O que vemos nos veículos de comunicação é o quanto muitos brasileiros são enganados com promessas falsas nas campanhas eleitorais. Somos surpreendidos a cada dia com novos escândalos no governo envolvendo políticos das variadas esferas. Isso faz com que muitos reflitam sobre a importância de ser eleitor, pois está implícita a decisão de mudar esse quadro político. Porém, muitos não sabem em quem votou ou mesmo em quem irá votar deixando para decidir em frente à urna eletrônica, e outros que ainda vendem seus votos. Atitudes como essas abrem campo para que os representantes do povo possam continuar fazendo barbaridades com o serviço público.

Diante disso, faz-se necessário levar para a sala de aula uma temática como essa, pois nossos estudantes precisam compreender a importância e a consequência de seus votos no futuro. Pensando nessa questão, a *Internet* nos disponibiliza uma diversidade de gêneros textuais como *charges*, *cartum*, vídeos, paródias, músicas, videoclipes que tratam desse assunto utilizando do humor para fazer uma crítica implícita sobre o quanto o discurso nas campanhas eleitorais tentam influenciar o povo brasileiro em votar em pessoas desonestas e despreparadas que estudam uma forma de enganar aqueles que mais precisam das políticas sociais.

Não temos por objetivo influenciar os alunos com as nossas concepções sobre política, e sim proporcionar um debate sobre a corrupção, o discurso político nas campanhas eleitorais, bem como o papel do eleitor, entre outros temas, deixando sempre os alunos conduzirem a discussão. Assim, organizaremos os turnos das falas, promovendo a discussão e instigando os alunos a refletirem sobre a temática abordada.

Objetivos:

- ✓ Desenvolver competência leitora e habilidades para analisar charges, paródias e vídeo.
- ✓ Propiciar a discussão sobre a política no Brasil;
- ✓ Promover e estimular a análise crítica de gêneros textuais como charges, músicas, paródias e videoclipes;
- ✓ Incentivar a produção textual escrita e oral – charges e paródias –utilizando a temática abordada;
- ✓ Compreender a estrutura de músicas e paródias;
- ✓ Promover a reescrita das produções para melhorá-las tanto na semântica quanto na sintaxe, fazendo uma reflexão sobre o uso da língua.

Apresentação da situação (1 aulas):

Iniciaremos a aula com a apresentação de três charges que tratam da temática o discurso político no Brasil. Na sequência faremos uma breve contextualização sobre este gênero textual, apresentando um pouco sobre os autores, as condições de produção e o seu objetivo. Em seguida, passaremos a primeira charge projetada através do projetor multimídia, instigando os alunos a falarem o que compreenderam, analisando o efeito de humor, ironia ou ambiguidade presente. Desse mesmo modo apresentaremos as duas charges seguintes com a mesma didática: o importante é o professor não manifestar sua opinião para não influenciar o posicionamento dos alunos, mas sim, deixar que falem e ir apenas organizando os turnos das falas. Esse momento será gravado para posteriormente transcrevermos e analisarmos a compreensão dos mesmos.

Produção inicial (2 aulas):

Finalizada a discussão, solicitaremos aos alunos que sentem em duplas para elaborar uma charge, retratando o quadro político brasileiro que conhecem por meio de noticiários, revistas, jornais, etc. Essa será a primeira produção escrita, que recolheremos para fazer anotações e sugestões, depois a devolveremos aos alunos para que a retomem na reescrita.

Módulo 1 (2 aulas):

Começaremos este módulo com uma charge que introduz o vídeo principal. Essa charge apresenta uma visão crítica sobre os muitos eleitores brasileiros que se veem como “palhaços” diante da nossa política. Os alunos analisarão o texto observando a

figura do palhaço e a linguagem verbal presente.

Em seguida, faremos uma breve introdução sobre o vídeo, abordando as condições de produção, objetivo e os atores envolvidos. Logo depois, passaremos o vídeo de Marcelo Adnet (disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=dMVgb3DtS0Y>, acesso em: 26/05/2014) intitulado “Propaganda eleitoral gratuita: a verdadeira”.

Apresentação dos atores principais do vídeo:

a) Marcelo França Adnet: nasceu no Rio de Janeiro, em 5 de setembro de 1981. É ator, ex-VJ, músico, humorista, apresentador, e jornalista. Após participações curtas em séries de TV, comerciais e filmes, Marcelo tornou-se conhecido nacionalmente através do programa 15 Minutos da MTV Brasil, onde divagava sobre diversos assuntos e fazia improvisos e imitações. Atualmente faz parte do elenco da Rede Globo, onde interpretou Paladino, o protagonista da série O Dentista Mascarado, de Fernanda Younge Alexandre Machado. Foi considerado pela revista Época um dos 100 brasileiros mais influentes do ano de 2009. Estreou um novo programa de humor na Globo, “Tá no ar: a TV na TV”, criado por ele mesmo e Marcius Melhem. A atração faz críticas ao atual cenário da televisão brasileira.

b) Marcius Vinícius de Assis Melhem, ou apenas Marcius Melhem, nasceu em Nilópolis, Rio de Janeiro, em 8 de fevereiro de 1972. Além de ator, ele é autor, humorista, redator, dublador e roteirista de televisão. Marcius também é jornalista e diretor da Agência Leia, que produz conteúdo em tempo real sobre economia.

Ao término do vídeo, pediremos aos alunos que reflitam e escrevam suas opiniões/impressões em uma folha que será entregue ao final para o professor. Nesse papel escreverão o que acharam sobre os textos trabalhados fazendo um resgate com as charges trabalhadas na aula. Dado o tempo suficiente para a escrita, pediremos para que se sentem em grupos com três integrantes e debatam o que entenderam discutindo pontos de vista sobre o que analisaram. Depois solicitaremos que elenquem um colega para socializar com a turma o que o grupo debateu.

Módulo 2 (2 aulas):

Neste momento entregaremos as charges que os alunos produziram com as possíveis sugestões e observações ortográficas e semânticas. Em seguida, faremos uma retomada sobre o objetivo da charge, o efeito de humor e a crítica implícita contida na linguagem verbal e não verbal. Os alunos farão uma reescrita de suas charges observando em que poderia melhorá-las, antes que o trabalho final seja exposto no mural da escola. Finalizado a atividade as duplas apresentarão para a turma o trabalho que fizeram e em seguida recolheremos as duas charges. A última versão será exposta no mural da escola para que outros possam ler e apreciar os trabalhos desenvolvidos em sala.

Módulo 3 (2 aulas):

Apresentaremos brevemente a biografia do cantor Gabriel O Pensador e entregaremos a letra da música “Até quando”. Faremos a leitura com os alunos e discutiremos sobre o que entenderam; em seguida passaremos o videoclipe da música e debateremos sobre a temática, pois fala de política, injustiça, conformismo, entre outros assuntos.

Falaremos sobre o gênero musical, sua estrutura, rima, versos, sonoridade, ritmo, e também sobre as paródias produzidas, seu objetivo e como é construída. Pediremos aos alunos que, em trios, elaborem uma paródia que trate das temáticas apresentadas na música de Gabriel O Pensador, em que podem fazer uma referência com os outros textos trabalhados até aqui. Apresentaremos a proposta de gravar as paródias dos alunos e divulgar na hora do recreio para a escola por meio de caixas de som. Recolheremos as paródias para analisarmos e entregaremos na outra aula, assim os alunos farão as alterações que se fizerem necessárias.

Depois, apresentaremos o videoclipe Melô do Congresso de Luciano Pires, que é uma paródia da música Felicidade de Lupicínio Rodrigues, ressaltaremos o objetivo da paródia. Discutiremos sobre a imagem do burrinho no clipe e a letra da paródia que retrata o Congresso Nacional, políticos corruptos e os valores morais. Nesse momento ouviremos o que eles pensam sobre os escândalos que envolvem a política brasileira.

Produção final (3 aulas):

Entregaremos os textos produzidos pelos alunos e faremos um atendimento com cada trio analisando as produções e mostrando as sugestões para que os alunos possam melhorar suas paródias. Assim, os alunos poderão produzir a versão final, atentando para a estrutura da música, o sentido produzido e a ortografia. Nosso objetivo é que os alunos reflitam sobre suas práticas discursivas para melhorarem a primeira versão. Se for necessário, será feito um trabalho diferenciado com aqueles que tiverem maior dificuldade em contra turno para obter os resultados esperados.

Os alunos serão instigados a gravarem as letras de suas músicas, podendo ser em casa para os grupos que têm acesso à *Internet* em casa, pois na escola o laboratório de informática não está disponível, uma vez que está sem funcionário. O que cobraremos de início é a apresentação em sala de aula – prazo de uma semana – da letra da música produzida pelo grupo. Assim, finalizaremos as atividades com uma socialização dos trabalhos e uma avaliação oral no final sobre o tema abordado, em que poderão fazer sugestões e análises de tudo que foi feito. O fechamento de todo o trabalho desenvolvido é a apresentação das gravações para os alunos da turma durante a aula de Língua Portuguesa.

Materiais necessários:

Notebook com acesso a *Internet*; projetor multimídia; caixa de som; papel

sulfite; gravador.

Resultados esperados:

Esperamos que com essa sequência os alunos compreendam o efeito de humor, bem como a estrutura da charge e da paródia. Os alunos poderão refletir e desenvolver a criticidade sobre o discurso político, o papel do eleitor e o uso do humor produzido pelo vídeo para compreender questões que afetam o dia a dia dos brasileiros. Espera-se que produzam textos orais e escritos contextualizados com a temática trabalhada em sala e compreendam os objetivos e as condições de produção dos gêneros abordados.

Bibliografia consultada:

COSSON, R. **O texto literário: teoria e prática**. São Paulo: Editora Contexto, 2012.

_____. **Círculos de leitura e letramento Literário**. São Paulo: Editora Contexto, 2014.

DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B. Gêneros e progressão em expressão oral e escrita. Elementos para reflexões sobre uma experiência suíça (francófona). In: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. *et al.* **Gêneros orais e escritos na escola**. Trad. e org. de Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. **Ler e Compreender: os sentidos do texto**. São Paulo: Editora Contexto, 2013.

LEFFA, V. J. **Aspectos da leitura: uma perspectiva psicolinguística**. Porto Alegre: Sagra D C Luzzatto, 1996.

PAIVA, A.; MARTINS, A.; PAULINO, G.; VERSIANI, Z. (Orgs.). **Literatura e Letramento: espaço, suportes e interfaces**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2007.

ROJO, R.; MOURA, E. **Multiletramentos na Escola**. São Paulo: Editora Parábola, 2012.

SANTOS, L. W.; RICHE, R. C.; TEIXEIRA, C. S. **Análise e produção de textos**. São Paulo: Editora Contexto, 2012.

SOARES, M. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 1998.

SOLÉ, I. **Estratégias de leitura**. 6. ed. Porto Alegre, RS: Editora Artmed, 2009.

Webgrafia:

Biografia de Marcelo Adnet disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/Marcelo_Adnet, acesso em 26/05/2014.

Biografia de Marcius Melhem disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/Marcius_Melhem

Melhem, acesso em 26/05/2014.

Clipes Musicais de Gabriel O Pensador “Até quando”, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=rH5TRzmOVFo>, acesso em 26/05/2014.

Gabriel o Pensador - Pega Ladrão (sugestão para os alunos), disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=KPgs45B6AaI>, acesso em 26/05/2014.

Melô do Congresso de Luciano Pires, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=78DmAmBzwtk&feature=kp>, acesso em 26/05/2014.

Anexos:



Figura 01: Disponível em: <https://www.google.com.br/search?q=charge+sobre+pol%C3%ADtica&espv=2&biw=1366&bih=643&tbn=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ei=9XQ-VPeeJuG1iwK95IHwDA&ved=0CBwQsAQ> acessado no dia 20/05/2014.



Figura 02: Disponível em: <https://www.google.com.br/search?q=charge+sobre+pol%C3%ADtica&espv=2&biw=1366&bih=643&tbn=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ei=9XQ-VPeeJuG1iwK95IHwDA&ved=0CBwQsAQ> acessado no dia 20/05/2014



Figura 03: Disponível em: <https://www.google.com.br/search?q=charge+sobre+pol%C3%ADtica&espv=2&biw=1366&bih=643&tbn=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ei=9XQ-VPeeJuG1iwK95IHwDA&ved=0CBwQsAQ> acessado no dia 20/05/2014.



Figura 04: Disponível em: <https://www.google.com.br/search?q=charge+sobre+pol%C3%ADtica&espv=2&biw=1366&bih=643&tbn=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ei=9XQ-VPeeJuG1iwK95IHwDA&ved=0CBwQsAQ> acessado no dia 20/05/2014.

PEGA LADRÃO

Gabriel O Pensador

Pega ladrão! No governo!

Pega ladrão! No congresso!

Pega ladrão! No senado!

Pega lá na câmara dos deputados!

Pega ladrão! No palanque!

Pega ladrão! No tribunal!

É por causa desses caras que tem gente com fome, que tem gente matando, etc e tal.

Pega, pega!

Pega, pega ladrão!!

Pega, pega!

Pega, pega ladrão!!

Pega, pega!

Pega, pega ladrão!!

A miséria só existe porque tem corrupção.

Pega, pega!

Pega, ladrão!!

Pega, pega!

Pega, pega, ladrão!!

Pega, pega!

Pega, pega ladrão!!

Tira do poder!

Bota na prisão!!

E você, que é um simples mortal, levando uma vidinha legal,alguém já te pediu um real?

Alguém já te assaltou no sinal?

Você acha **que as coisas** vão mal?

Ou você tá satisfeito? Você acha que isso é tudo normal?

Você acha que o país não tem jeito?

Aqui não tem terremoto, aqui não tem vulcão.

Aqui tem **tempo** bom, aqui tem muito chão.

Aqui tem gente boa, aqui tem gente honesta, mas no poder é que tem gente que não presta.

“Eu fui eleito e represento o povo Brasileiro.

Confie em mim que eu tomo conta do dinheiro”.

(refrão)

Tira esses malandro do poder executivo!

Tira esses malandro do poder judiciário!

Tira esses malandro do legislativo!

Tira do poder que eu já cansei de ser otário!

Tira esses malandro do poder municipal!

Tira esses malandro do governo estadual!

Tira esses malandro do governo federal!

Tira a grana deles e aumenta o meu salário!

- Tá vendo esta mansão sensacional? Comprei com o dinheiro desviado do **hospital**.

- E o meu cofre, cheio de dólar? É o dinheiro que seria pra fazer mais uma escola.

- Precisa ver minha fazenda! Comprei só com o dinheiro da merenda!

- E o meu filhão? Um milhão só de mesada! E tudo com o dinheiro das criança abandonada.

- E a minha esposa? Só não me leva à falência porque eu tapo esse buraco com o rombo da previdência.

- Vossa excelência... Ce não viu meu avião! Comprei com uma verba que era pra construir prisão!

- E a superlotação?

- Problema do povão! Não temo imunidade? Pra nós não pega não.

(refrão)

A miséria só existe porque tem corrupção.

Desemprego só aumenta porque tem corrupção.

Violência só explode porque tem tanta miséria e desemprego.

Porque tem tanta corrupção!

“Todos que me conhecem sabem muito bem que eu não admito o enriquecimento do pobre e o empobrecimento do rico!”

E você, que nasceu nesse país.

E que sonha e que sua pra ser feliz.

Você presta atenção no que o candidato diz?

Ou cê vota em qualquer um, seu babaca?

E depois da eleição, você cobra resultado?

Ou fica aí parado, de braço cruzado?

Cê lembra em quem votou pra Deputado?

E quem você botou lá no Senado?

MÊLO DO CONGRESSO

Letra de Luciano Pires, Junior Poli e Labi Mendonça

Honestidade foi-se embora

E a vergonha no Congresso

já não mora

Esperança no Brasil

só piora

Porque sei que a falsidade

lá vigora.

O deputado já começa aproveitando

mete a mão, vai desviando

E não para de roubar

E o dinheiro do hospital

vai pra boiada

Para amante um novo carro

que o Juninho vai comprar.

Moralidade foi-se embora

E a maldade no Congresso

É lááááá que mora

E é por isso que o nosso

Só se explora

Porque sei que a pilantragem

lááá vigora.

O deputado fala errado

Ri à toa,

Se fingindo de inocente
e começa a enrolar
E o coitado que votou nessa pessoa
lembra o voto, que vergonha
quatro anos pra aturar.

Seriedade foiiii-se embora
O picareta virou dono
e nos devoraaa
E povo inteiro já percebe
aaaaa ilusão
De que a política em Brasília
É enganação.

Daqui a pouco é eleição, e lá vêm eles,

Com sorriso, abraço e beijo,
Pro meu voto conquistar
E eu mando à merda,
não sou burro nem palerma
Ninguém mais me passa a perna
eu vou botar pra quebrar.

Renovação vamoooooos embora
Que a limpeza do Congresso
nááá demora
Não sou trouxa, to cansado
vooooo a forra
Porque sei que a falsidade
Nááááá VIGORA.

PRÁTICAS DE MULTILETRAMENTOS COM CHARGE E PARÓDIA

Edivaldo Aparecido Mazolini

1 INTRODUÇÃO

Elaboramos a sequência didática (SD) em dupla, com o intuito de desenvolver estratégias de leitura e produção textual através da temática: o discurso político nas campanhas eleitorais. Finalizado esta etapa, apliquei as atividades na turma do 3º ciclo da 3ª fase G do turno vespertino da Escola Estadual José Domingos Fraga, localizada em Sorriso/MT. Foi estruturada em cinco módulos e planejada para ser executada em dez aulas.

Este trabalho faz uma reflexão sobre o conhecimento que alunos têm sobre política, bem como constatar como é possível ver o quanto os brasileiros são enganados com promessas falsas nas campanhas eleitorais nos diversos meios de comunicação. Somos surpreendidos constantemente com novos escândalos no governo envolvendo políticos de vários partidos e nas variadas esferas administrativas.

Assim, com a execução desta SD, proporcionamos um espaço para os alunos refletirem sobre a importância de ser um eleitor consciente, pois nela está implícita a importância de se fazer uma reflexão sobre quadro político e de se conscientizar enquanto cidadão e eleitor, no sentido de eleger os representantes políticos que realmente estejam preocupados com o coletivo – a sociedade.

Atualmente, há eleitores que não sabem em quem votou ou até mesmo em quem irá votar, deixando para decidir no momento de votar, e outros que ainda vendem seus votos. Atitudes como essas abrem campo para que os representantes do povo possam continuar fazendo uso da máquina pública para atender a seus interesses particulares.

Diante disso, faz-se necessário levar para sala de aula uma temática como essa, pois nossos estudantes precisam compreender a consequência de seus votos no presente e no futuro. Sobre o assunto política, a *Internet* disponibiliza uma diversidade de gêneros textuais como charges, cartum, vídeos, paródias, músicas, videoclipes, entre outros, a partir dos quais é possível levar o leitor a uma reflexão crítica. Tais gêneros tratam a política utilizando o humor para fazer uma crítica implícita sobre o quanto o discurso nas campanhas eleitorais influencia o povo brasileiro a votar em pessoas desonestas e despreparadas que estudam uma forma de enganar por meio do discurso, aqueles que mais precisam das políticas sociais.

2 METODOLOGIA

Com base nas leituras em sala e na proposta da disciplina Aspectos

Sociocognitivos e Metacognitivos da Leitura e Escrita, que consistia em elaborar uma sequência didática a partir do vídeo “Propaganda eleitoral gratuita – a verdadeira”, de Marcelo Adnet, propusemos a produção de charges e de paródias utilizando recursos tecnológicos, propiciando aos estudantes um espaço para discussões e reflexão sobre um tema tão pertinente para a melhoria de nossa sociedade, a fim de despertar nos alunos uma consciência crítica sobre uma realidade tão comum na política atual. O objetivo do trabalho foi desenvolver nos estudantes competências leitoras, escritoras e habilidades que os levasse a compreender e interpretar charges, paródias e vídeos relacionados à criticidade. Assim, abrir espaço à discussão reflexiva sobre a situação política no Brasil, promovendo e estimulando a análise crítica de gêneros textuais, bem como, incentivando a produção textual escrita e oral nos gêneros textuais charges e paródias – utilizando a temática abordada e a compreensão da estrutura dos textos trabalhados e dos produzidos pelos alunos.

Promovemos, em seguida, a reescrita das produções para melhorá-las tanto graficamente, semanticamente quanto sintaticamente, fazendo uma reflexão sobre o uso da língua para veicular, através do discurso, o pensamento e opiniões com criticidade e reflexividade sobre a temática, contribuindo com a formação sociopolítica dos estudantes, no sentido de desenvolvermos um trabalho que fosse mais atrativo aos estudantes acrescentando vídeos, músicas e imagens aos conteúdos trabalhados. Para tanto, utilizamos algumas ferramentas tecnológicas como: *notebook* com acesso a *Internet*; projetor multimídia; celular, caixa de som; gravador e textos impressos. Segue abaixo como se desenvolveu a sequência didática nos seus cinco módulos.

2.1 PERCURSO TRILHADO NO DESENVOLVIMENTO DA SD

Módulo 1:

Iniciamos a aula apresentando três charges (figuras 02, 03 e 04 do anexo da SD descrita no texto que antecede este) que possuem como temática o discurso político no Brasil. Promovemos um debate em sala a partir da análise que fizeram das charges; demos continuidade falando um pouco sobre os autores das mesmas, seus objetivos ao produzirem uma charge e a importância dessas estarem contextualizadas com os fatores sociocultural, histórico e político, bem como as condições de produção e o lugar social que o autor ocupa e representa.

Para consolidar o conhecimento produzido com o debate promovemos uma breve contextualização sobre este gênero textual, fundamentado no artigo científico “O gênero textual charge e sua aplicabilidade em sala de aula”. Seguem dois excertos, sendo que no primeiro temos uma abordagem sobre o que é charge, e no segundo sobre o emprego da charge na sala de aula:

Produzir charge está intimamente atrelado à necessidade do ser humano em

gerar críticas, principalmente, ao sistema sócio-político no qual se encontra inserido, especialmente, no atinente àqueles que detêm o poder político e/ou econômico.

[...] Assim sendo, pode-se apontar a caricatura como um dos primeiros recursos utilizados para criticar aos poderes constituídos. No dizer de Oliveira (2001, p. 265): “Os textos de charge ganham mais quando a sociedade enfrenta momentos de crise, pois é a partir de fatos e acontecimentos reais que o artista tece sua crítica num texto aparentemente desprezioso”. Dessas primeiras considerações percebe-se que, socialmente, a charge e caricatura encontram-se entrelaçadas ao binômio história-memória. Sendo a charge uma forma de registro crítico e opinativo da história imediata de um grupo social, a sua recepção pelo leitor depende da existência de uma memória social que é acionada no momento da leitura permitindo-lhe construir os possíveis sentidos para o discurso do qual esta é portadora.

O entendimento das definições produzidas desde a leitura da charge pode alterar de acordo com seus interlocutores, provocando, em cada leitor, uma atitude ativa, em que ele, sujeito do seu discurso, faz um diálogo com o texto, no qual nele se constrói e é construído.

É nessa interação dialógica que se dá o entendimento do discurso midiático e da crítica mordaz aos políticos por meio de sátira, ironia, zombaria, e outros recursos linguísticos e gráficos visuais presentes na charge. Bakhtin & Volochinov (2004, p. 132) nos mostra que “compreender é opor à palavra do outro a uma contra-palavra.

É nesse ponto de vista teórico que se compreende a leitura da charge como uma prática social, um mecanismo de entendimento ativo, no qual os sentidos são estabelecidos desde a relação dialógica estabelecida entre texto-autor-interlocutor.

Dessa forma, foi proposto atividades que possibilitaram alunos a reflexão crítica sobre os fatos noticiados. Neste contexto, há a contra-palavra, ou seja, a resposta dos alunos às atividades de leitura de charges propostas, o seu posicionamento diante do conteúdo temático e das sátiras ao momento atual político-social brasileiro. (LESSA, 2007, p. 09-10).

Em seguida, trabalhamos a charge da figura 02 do anexo da SD, projetando-a através de um projetor multimídias, instigamos os alunos a falarem o que compreenderam, analisando o efeito de humor, ironia ou ambiguidade presente. De início tiveram receios em falar, mas aos poucos alguns começaram a expor suas interpretações e em seguida a turma toda participou intensamente da discussão, em alguns momentos sequer respeitavam os turnos de fala dos colegas. De um modo geral, atingiram o objetivo proposto para a atividade que era levar os alunos a perceber que o discurso dos políticos, geralmente é destoante com a prática.

Na charge observa-se a visão da sociedade através da fala do garoto que, possivelmente, devido ao pouco conhecimento, acredita ou ironiza a fala do político e a fala do pai que demonstra totalmente desacreditar no discurso do político. Esta charge faz uma crítica associando o político à mídia ao afirmar que tudo não passa de “magia da teleilusão”. Após as análises da referida charge, apresentamos as duas

charges seguintes (figuras 03 e 04) usando a mesma didática. Nessa a participação foi mais intensa e os alunos chegaram mais facilmente aos elementos geradores de humor e conseqüentemente às críticas nelas implícitas e explícitas, relacionando na charge 02 a manipulação das pesquisas eleitorais que associadas a um discurso bem montado por marqueteiros políticos seduz os eleitores e culmina com a crítica na charge da figura 04, o povo enganado.

Para concluir esse módulo, solicitamos aos alunos que sentassem em grupos para elaborarem uma charge, uma vez que coletivamente uníamos alunos com habilidades de desenhar, pintar, criar diálogos, entre outros; para que, através de charges, viessem a retratar suas impressões e opiniões sobre o quadro político brasileiro que conheciam por meio de noticiários, revistas, jornais, etc; principalmente após contextualização dos conteúdos trabalhados na SD.

Esta foi a produção inicial dos alunos, recolhemos para analisá-la e deixar as contribuições, depois as devolvemos aos grupos para que a retomassem e reescrevessem ou refizesse a parte gráfica que julgassem pertinente mudar.

Módulo 2:

Começamos esse módulo com a charge D, figura 01 do anexo de nossa proposta de SD, que introduz o vídeo principal. Esta charge apresenta uma visão crítica sobre os muitos eleitores brasileiros que se veem como “palhaços” diante do contexto político brasileiro. Os alunos analisaram o texto observando a figura do palhaço (linguagem não verbal) e a escrita (linguagem verbal) presente na charge, fazendo uma relação entre o dito e o não dito implícito na charge.

Em seguida, fizemos uma breve introdução sobre o vídeo, abordando as condições de produção, objetivos e os atores envolvidos. Logo depois, passamos o vídeo “Propaganda eleitoral gratuita – a verdadeira”, de Marcelo Adnet. Antes de passar o vídeo apresentamos a biografia dos atores principais e mostramos algumas fotos de seus trabalhos na TV, disponíveis na *Internet*.

Ao término do vídeo, solicitamos que os alunos registrassem no diário de leitura quais impressões e sensações tiveram ao assistirem ao vídeo. Esse registro foi entregue ao professor no final da aula. Nessa produção escrita os alunos descreveram suas reflexões estabelecendo uma relação das charges com o vídeo e de ambos com a realidade social e política atual. Após a escrita, solicitamos que se sentassem em grupos de três integrantes e socializassem, no pequeno grupo, o que entenderam discutindo pontos de vista em comum sobre o que analisaram. Depois, solicitamos que elegessem um colega para socializar com a turma o que o grupo debateu.

Seguem registros das impressões de quatro alunos sobre o vídeo apresentado:

O vídeo mostra um pouco da realidade do que acontece na política e como eles fazem para enganar o povo. (Aluno A)

Eu achei engraçado a parte que ele coloca o chapéu de engenheiro e aponta o dedo, o vídeo mostra exatamente como os políticos fazem a falsidade que os políticos têm. (Aluno B)

Que o político abraça a mulher a força, quando vai comer o lanche da escola ficou com nojo e tava querendo jogar no lixo e quando falou que a mulher dele era a do lado e depois era o homem da esquerda. (Aluno C)

As promessas que nunca serão cumpridas, a falsidade. Na campanha eles aparecem de minha em meia hora com sorrisos, gentilezas mas depois que passa a campanha nunca mais aparecem. (Aluno D)

Observamos que, apesar dos desafios de escrita, os alunos apresentam habilidades de compreensão e interpretação da realidade sociopolítica, contextualizando-a com a sua realidade social. De um modo geral, captaram detalhes que passariam despercebidos e trouxeram elementos que eu não tinha observado.

Módulo 3:

Neste módulo fizemos a devolutiva das charges que os alunos haviam produzido, com as possíveis sugestões e observações ortográficas e semânticas. Em seguida, fizemos uma retomada sobre o objetivo da charge, o efeito de humor e a crítica implícita contida na linguagem verbal e não verbal. Os alunos reescreveram suas charges observando o que poderia ser melhorado, para que o trabalho final fosse exposto no mural na sala. Finalizado a atividade, os grupos apresentaram para a turma o trabalho que fizeram e em seguida recolhemos as duas charges, em que as duas versões (produção inicial e final) foram expostas no mural da sala para que alunos da turma pudessem ler e apreciar os trabalhos desenvolvidos pelos grupos.

Módulo 4:

Apresentamos brevemente a biografia do cantor Gabriel O Pensador e entregamos a letra da música “Até quando”. Fizemos a leitura com os alunos e discutimos sobre o que entenderam; em seguida passamos o videoclipe da música e realizamos debate sobre a temática da música, que fala de política, injustiça social, conformismo, entre outros assuntos.

Falamos sobre o gênero musical, sua estrutura, rima, versos, sonoridade, ritmo, e também sobre as paródias produzidas, seu objetivo e como são construídas. Pedimos aos alunos que, em trios, elaborassem uma paródia que tratasse das temáticas apresentadas na letra da música de Gabriel O Pensador e que fizessem fazer uma referência com os outros textos trabalhados até aqui. Apresentamos a proposta de

gravar as paródias e divulgarmos na hora do recreio para a escola por meio de caixas de som. Os grupos deram início à produção das paródias fazendo, em sala, a produção inicial que recolhemos para analisarmos, as quais entregamos na aula seguinte, assim os alunos fizeram as alterações que julgaram necessárias.

Após a produção inicial recolhida, observou-se que era necessário aprofundarmos os conhecimentos sobre o gênero. Para tanto, pesquisamos na *Internet* conteúdos sobre paródias e selecionamos o seguinte, entre outros, que foram trabalhados com a turma:

Paródia¹

A paródia tem como elemento principal, na maioria das vezes, a *comédia*, ou seja, a partir da estrutura de um poema, música, filme, obras de arte ou qualquer gênero que tenha um enredo que possa ser modificado. Mantém-se o esqueleto, isto é, características que remetam à produção original, como por exemplo o ritmo – no caso de canções – mas modifica-se o sentido. Com cunho, em muitos casos, cômico, provocativo e/ou retratação de algum tema que esteja em alta no contexto abordado (Brasil, mundo política, esporte, entre outros).

O novo contexto empregado à estrutura do que já existia passa por um processo de **intertextualização** para o leitor, ouvinte, espectador. Para compreender a intenção da paródia, às vezes, é necessário um pré-conhecimento do objeto inicial, por isso, em geral, opta-se por parodiar obras que sejam conhecidas pelo público a ser atingido.

Utilizada também em propagandas, a paródia é um meio de familiarizar o produto em questão com as pessoas alvo. É o caso da lâ de aço “Assolan”, que em seus comerciais televisivos parodia músicas de alguns grupos e/ou cantores que estão na mídia, isto é, canções que, normalmente, a sociedade já ouviu e, com isso, mantendo o ritmo e mudando a letra, os espectadores gravam consciente ou inconscientemente os trocadilhos e acabam adquirindo determinado item.

Retornando à marca “Assolan”, sua reformulação em cima de “Festa no apê – Latino” foi a seguinte:

Original

‘Hoje é festa lá no meu apê, pode aparecer, vai rolar bundalê ...
...Chega aí, pode entrar, quem ta aqui, ta em casa
é festa lá no meu apê, pode aparecer, vai rolar bundalê ...’

Paródia

‘A família não para de crescer, usou, passou, limpou, é Assolan fenômeno
Lã de aço, têm esponjas, panos multiuso, saponáceos
Hoje é festa na casa e no apê, usou, passou, limpou, é Assolan fenômeno
(bis)’.

Para fundamentar o debate, em sala, sobre paródias utilizamos o artigo

1 Por Maira Althoff De Bettio. Conteúdo disponível no *site* da InfoEscola: Navegando e Aprendendo. *Link*: <http://www.infoescola.com/generos-literarios/parodia/>

científico: O gênero paródia em aulas de Língua Portuguesa: uma abordagem criativa entre letra e música, de Alan Carlos Simões (2012). Segue um trecho do referido artigo:

Antes de apresentarmos nossa prática de ensino com o gênero paródia, cabe-nos pensar sobre a paródia. A paródia pode ser definida como um gênero textual que possui em sua essência o processo de intertextualidade. Tal processo ocorre quando, “[...] um texto, está inserido em outro texto (intertexto) anteriormente produzido, que faz parte da memória social de uma coletividade” (KOCH; ELIAS, 2011, p. 86).

Dessa forma, podemos entender que o gênero paródia se caracteriza como uma forma de intertextualidade, implícita (KOCH; ELIAS, 2011, 2011a; KOCH, 2011b). Ou seja, cabe ao interlocutor recuperar em sua memória social os elementos que darão sentido ao texto. No caso de uma paródia musical, escreve-se um novo texto (letra) para uma música já conhecida, mantendo-se seus aspectos melódicos, harmônicos e rítmicos, ou variando-se apenas pequenos elementos para melhor atender a métrica da canção. Entretanto, neste processo de reescrita, altera-se o sentido do texto, na maior parte das vezes para gerar um efeito cômico, provocativo ou de interseção a algum tema que esteja em alta em determinado contexto político, histórico ou social. Por conseguinte, cabe ao interlocutor o conhecimento dos diversos tipos de relações que este texto mantém com outros textos, a fim de se alcançar os efeitos estilísticos desejados.

A seguir, apresentamos algumas estratégias de ensino de produção textual que tem como base o gênero paródia. Sabemos que alguns professores podem sentir-se desconfortáveis ao utilizar elementos de outras disciplinas que não às de sua formação específica, como no caso da intercessão entre as disciplinas música e língua portuguesa. Entretanto, em nossa abordagem, ofereceremos elementos que auxiliem essa aproximação multidisciplinar de forma simples, aplicável e proveitosa para a ampliação do processo de ensino e aprendizagem em sala de aula. (SIMÕES, 2012, p. 7).

Apresentamos o videoclipe “Melô do Congresso”, de Luciano Pires, que é uma paródia da música “Felicidade” de Lupicínio Rodrigues, ressaltamos o objetivo da paródia. Discutimos sobre a imagem do burrinho no clipe e a letra da paródia que retrata o Congresso Nacional, políticos corruptos e os valores morais. Nesse momento, os alunos relataram o que pensavam sobre os escândalos que envolvem a política brasileira.

Módulo 5:

Fizemos a devolutiva da produção inicial, realizamos atendimento com cada trio, analisando as produções e mostrando as sugestões para que os alunos pudessem melhorar suas paródias; para que os alunos pudessem produzir a versão final, atentando para a estrutura da música, o sentido produzido e a ortografia. Com esse trabalho nesses módulos, proporcionamos um momento para que os alunos refletissem sobre suas práticas discursivas e assim melhorar a primeira versão. A maioria dos grupos necessitava de atendimento no contra turno uma vez que tiveram dificuldades em

produzir a paródia mesmo após a orientação na produção inicial. Vários grupos tentaram mudar completamente a paródia.

Mas o atendimento no contra turno não foi realizado uma vez que os alunos não compareceram, pois a maioria mora em bairros distantes da escola e dependem de transporte escolar para virem a ela. Parte deles, por ser de famílias carentes, exerce alguma atividade para contribuir na renda familiar.

Mesmo diante desses desafios, solicitamos que os alunos se organizassem e gravassem as letras de suas músicas em casa, já que, além dos entraves citados, o laboratório de informática da escola, em 2014, esteve fechado para atendimento, uma vez que não tinha funcionário.

Esta gravação não aconteceu como se esperava, pois a maioria dos alunos não possuem computadores equipados com *software* que editam vídeos. Alguns fizeram vídeos caseiros, mas não vieram no contra turno para edição com o professor. O tempo para desenvolver essa atividade era de uma semana, mas, como não deram conta, o prazo foi estendido por mais uma semana. Após a segunda semana, ao cobrar os alunos sobre a atividade, mesmo os que fizeram vídeos, pediram ao professor que não passasse o vídeo, uma vez que eles não haviam gostado da qualidade da produção musicalizada e do próprio vídeo. Em diálogo, manifestaram certo temor em apresentar seus vídeos à turma e ao restante da escola.

Diante do exposto, a produção de paródias ficou apenas na parte escrita, produção inicial, que não foi recolhida após a devolutiva que demos para que se produzisse a versão final.

4 ANÁLISES DOS RESULTADOS OBTIDOS

Desenvolvemos as atividades com uma sequência didática que consistia em fazer a primeira produção de charges para, em seguida retomá-la, a fim de os alunos refletirem e reorganizarem as ideias construídas em grupo. Os alunos desenvolveram todo o trabalho em grupo e na maioria dos grupos houve interação e debate para elaborarem a charge. Seguem algumas imagens dos trabalhos em grupo.





Figuras 01 a 03: Alunos desenvolvendo as atividades em grupo.

Fonte: Acervo do autor.

A primeira produção foi realizada em duas aulas. Recolhemos essa produção e, na aula seguinte, a entregamos destacando as ocorrências de desvios ortográficos; também passamos orientações sobre as falas, os tipos de balões, os diálogos, elementos que provocam humor, ironia e crítica nas charges. Aproveitamos para destacar a diferença cartum, charge e tira.

Selecionamos três produções para análise, das quais observamos evolução da produção inicial (PI) para a produção final (PF). Na tentativa de melhor contextualizar as charges com a proposta desta SD, solicitamos aos grupos que, após realização da produção final, dessem um título a charge. A maioria dos grupos necessitou da mediação do professor na elaboração de um título que tivesse ligação com a charge produzida.

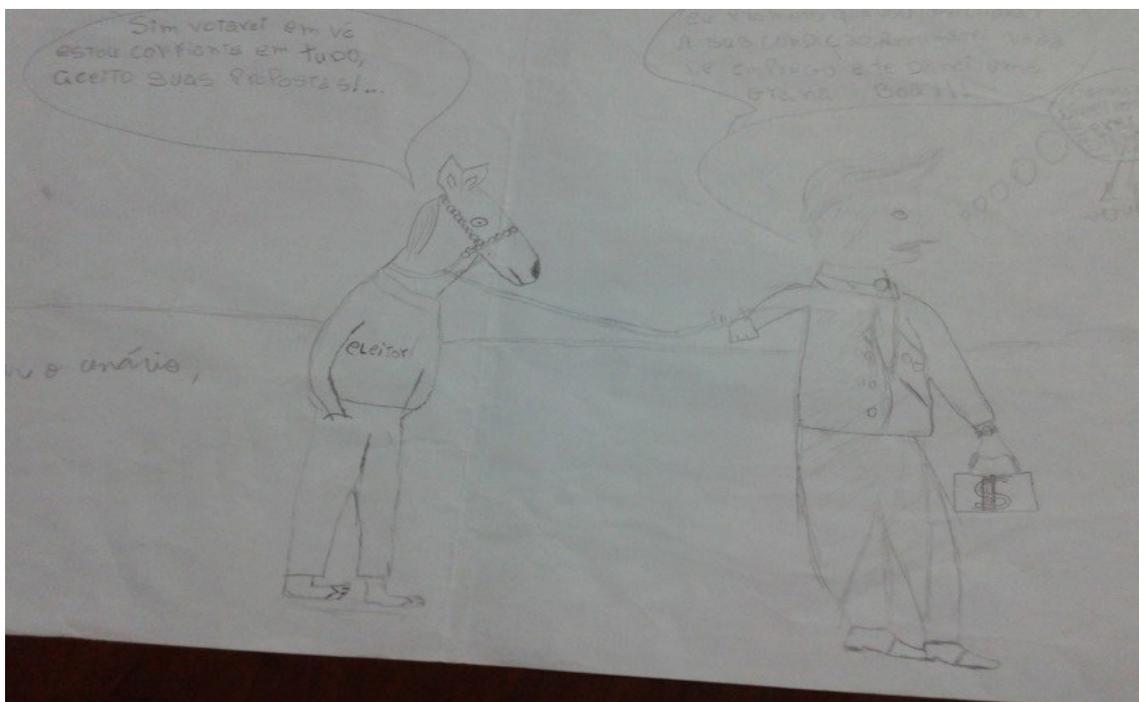


Figura 04: PI – Voto de cabresto nos currais eleitorais.

Fonte: Acervo do autor.



Figura 05: PF – Voto de cabresto nos currais eleitorais.

Fonte: Acervo do autor.

Na produção inicial acima, destacamos a criatividade dos alunos em relacionar uma realidade muito comum no campo político ao ilustrar a questão do “voto de cabresto”. Ao solicitarmos que detalhassem o cenário, acrescentamos mais elementos visuais à temática do trabalho, contextualizando também o chamado “curral eleitoral”. Quanto aos elementos visuais, podemos ainda chamar a atenção para a caracterização do eleitor na charge, a cabeça dispensa comentários, mas devemos observar as mãos no bolso, que passam a mensagem de que se trata de pessoas que não fazem nada, aceitam tudo submissamente; e quanto aos pés, o que motivou a fazê-lo usando chinelos? Talvez, inconscientemente, quisessem evidenciar que as pessoas que mais se submetem a essa situação são as que fazem parte das camadas sociais menos favorecidas; enquanto que a cabeça, sugere que independente de classe social, trata-se de pessoas pouco instruídas, ou ainda, alienadas.

É possível observar que na produção inicial, figura 04, os alunos elaboraram a charge sem se preocuparem com cenário e com a ordem das falas. Já, na produção final, figura 05, além de melhor caracterizar o cenário, inverteram a posição das personagens

para que as falas seguissem uma ordem lógica e, assim, a charge não ficasse sem sentido, ou seja, eles aprimoram e refletiram sobre a charge e como esta seria recebida pelo leitor, dessa forma, inverteram o desenho colocando quem fala primeiro do lado esquerdo.

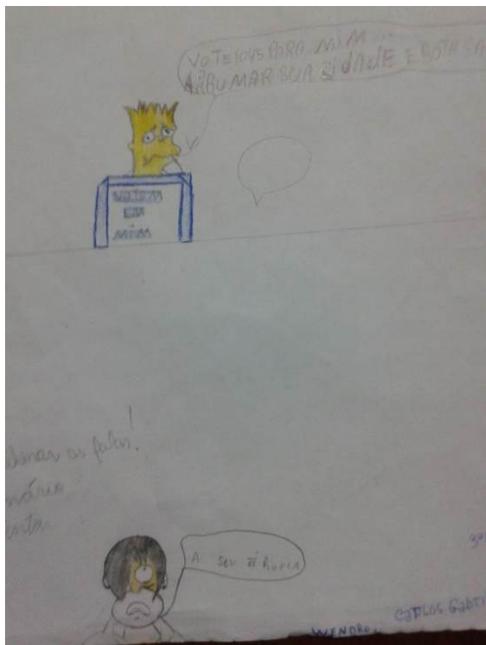


Figura 06: PI – Visão patriarcalista na política.
Fonte: Acervo do autor.



Figura 07: PF – Visão patriarcalista na política.
Fonte: Acervo do autor.

Ao analisar a figura 06, observamos que os alunos que compõem esse grupo não se dedicaram o suficiente na produção inicial, possivelmente pela dificuldade em trabalhar com imagens. Mas, depois de observarem a dedicação dos colegas, as contribuições deixadas no trabalho e as orientações feitas na segunda aula, o grupo apresentou um novo trabalho na produção final. Observamos que na figura 06, temos um candidato pedindo voto e um eleitor ofendendo-o a distância. Essas personagens têm algumas semelhanças com as personagens da família Simpson. Já na figura 07, os alunos buscaram definir melhor as personagens, mesmo que fazendo cópias, mas demonstram interesse em fazer algo melhor que na produção inicial: pintaram a charge e mudaram as falas e o desenho das personagens não assumiram características sociais da família Simpson. O Homer Simpson passou a exercer o papel de candidato, a Marge Simpson e outra personagem feminina aparecem como repórteres, enquanto Homer Simpson entra em um local com um tapete vermelho. Um fato curioso que na produção inicial o político era representado por Bart Simpson.

Na versão final, praticamente fizeram outra produção. O que podemos depreender de uma mudança tão expressiva de uma charge para outra? Possivelmente, os alunos quisessem expressar que muitos eleitores têm uma visão patriarcalista dos políticos, como se necessitassem deles para se sustentarem na sociedade.



Figura 08 e 09: PI – Eleitores e o tempo; PF – Eleitores e o tempo.
Fonte: Acervo do autor.

No trabalho deste grupo, foi possível sugerir o acento na palavra “políticos”; esclarecer o emprego “por que” pronome interrogativo, e do “porque” como conjunção coordenativa e subordinativa bem como seus respectivos valores; e orientá-los quanto às inadequações ortográficas nas palavras “caem” grafada “caiem” e da expressão “de novo” cujas palavras foram unidas ao ser grafadas.

A charge criada pelo grupo não enfatiza o humor, mas de modo bastante reflexivo tece uma crítica à conduta do povo, ou seja, expressaram como, geralmente as pessoas ficam paradas no tempo esperando “as coisas mudarem”. Se observarmos a árvore praticamente seca, as personagens da charge possuíam corpos e após trinta anos, os mesmos são tracejados apenas em linhas, certamente para expressar como a vida piorou. Para realçarem esse fator, o grupo faz um jogo de cores no cenário que passa de um azul para um marrom.

Após a conclusão da produção final, as charges foram expostas em mural na sala para que eles também pudessem avaliar a produção final dos demais grupos. Depois foram fotografadas para serem arquivadas digitalmente. Posteriormente, pretendemos selecionar algumas delas e publicá-las na revista escolar, para que sejam apreciadas por mais público.

Seguem cinco fotos da exposição das charges em mural na sala da turma:



Figuras 10 a 14: Exibição do trabalho no mural da escola.

Fonte: Acervo do autor.

O próximo gênero textual também foi em grupo, os alunos se reuniram para produzir uma paródia, mas antes trabalhamos o gênero por meio da apresentação do vídeo “Melô do Congresso – Atenção nas eleições!”. Nesta paródia há, como personagem principal, um burro, desacreditado com a política no Brasil. Percebemos isso por meio da leitura não verbal, pois sua postura curvada de cabeça baixa revela um desânimo com os políticos corruptos.

Os alunos se empolgaram com a dança que o burrinho faz durante a paródia da música “Felicidade” de Lupicínio Rodrigues. Eles não conheciam a música parodiada, foi necessário apresentá-los, pois houve a curiosidade em saber como era.

Apresentamos a proposta da produção de uma paródia, e os alunos em grupos escolheriam a música para produzirem uma paródia. Eles tiveram uma aula para darem início aos trabalhos da paródia e deveriam concluí-la como atividade extraclasse, uma vez que iriam fazer as gravações.

Alguns alunos tentaram desenvolver as paródias, mas outros colegas do grupo não contribuíram. Vários fatores podem ter levados ao desestímulo dessa atividade tais como: pouco trabalho com música, dificuldade em obter o *playback* da música escolhida, medo ou vergonha de gravar um áudio ou vídeo parodiando algo, dificuldade em reunir o grupo para fazer a gravação. Alguns grupos rascunharam suas paródias, outros chegaram até a gravar, mas não as apresentaram alegando não estarem boas. O trabalho com paródias deve ser retomado, associado a outros gêneros, além do uso de recursos tecnológicos.

Portanto, com o desenvolvimento desta sequência, constatamos que os alunos

compreendem os elementos que geram humor e crítica na charge. A produção de charges contribuiu significativamente para ampliar o conhecimento sobre este gênero do discurso. Os alunos refletiram e desenvolveram criticidade sobre o discurso político, o papel do eleitor e o uso do humor produzido pelo vídeo compreendendo questões que afetam o nosso dia a dia. Produziram textos orais e escritos contextualizados com a temática trabalhada em sala e compreenderam os objetivos e as condições de produção do gênero abordado.

REFERÊNCIAS

- COSSON, R. **O texto literário: teoria e prática**. São Paulo: Editora Contexto, 2012.
- _____. **Círculos de leitura e letramento Literário**. São Paulo: Editora Contexto, 2014.
- DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B. Gêneros e progressão em expressão oral e escrita. Elementos para reflexões sobre uma experiência suíça (francófona). In: Gêneros orais e escritos na escola. Campinas, SP: Mercado de Letras; 2004.
- KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. **Ler e Compreender: os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2013.
- LEFFA, V. J. **Aspectos da leitura: uma perspectiva psicolinguística**. Porto Alegre: Sagra D C Luzzatto, 1996.
- LESSA, D. P. O gênero textual charge e sua aplicabilidade em sala de aula. **Revista Travessias: Pesquisas em educação, cultura, linguagem e arte**. v. 1. n. 1. 2007.
- PAIVA, A.; MARTINS, A.; PAULINO, G.; VERSIANI, Z. (Orgs.). **Literatura e Letramento: espaço, suportes e interfaces**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2007.
- ROJO, R.; MOURA, E. **Multiletramentos na Escola**. São Paulo: Editora Parábola, 2012.
- SANTOS, L. W.; RICHE, R. C.; TEIXEIRA, C. S. **Análise e produção de textos**. São Paulo: Editora Contexto, 2012.
- SIMÕES, A. C. O gênero paródia em aulas de Língua Portuguesa: uma abordagem criativa entre letra e música. **Anais do SIELP**. v. 2, n. 1. Uberlândia: EDUFU, 2012. ISSN 2237-8758.
- SOARES, M. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.
- SOLÉ, I. **Estratégias de leitura**. 6. ed. Porto Alegre: Editora Artmed, 2009.

WEBGRAFIA

- Biografia de Marcelo Adnet disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/Marcelo_Adnet
- Biografia de Marcius Melhem disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/Marcius_Melhem
- Clipes Musicais de Gabriel O Pensador “Até quando”, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=rH5TRzmOVfo>
- Gabriel o Pensador - Pega Ladrão (sugestão para os alunos), disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=KPgs45B6AaI>
- Melô do Congresso de Luciano Pires disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=78DmAmBzwtk&feature=kp>

O MULTILETRAMENTO NOS TEXTOS HUMORÍSTICOS CHARGE E PARÓDIA

Elaine Xavier Lima Babinski

1 INTRODUÇÃO

Pensando o multiletramento nos textos de humor, buscamos envolver as ferramentas tecnológicas no auxílio da produção textual de dois gêneros distintos em suas estruturas, mas que possuem semelhança no sentido de utilizar o humor como crítica social, econômica e política. Elaboramos um planejamento em dupla, com o objetivo de desenvolver estratégias de leitura e produção textual com o tema ‘O discurso político nas campanhas eleitorais’. Finalizado esta etapa cada professor aplicou as atividades em sua respectiva turma.

Diante disso, para organizarmos o planejamento desenvolvemos uma sequência didática (SD) e a aplicamos na turma 3º fase do 3ª ciclo D, pertencente ao turno vespertino da Escola Estadual José Domingos Fraga, localizada em Sorriso/MT.

Construímos cinco módulos e utilizamos dez aulas para concluí-lo, porém com alguns grupos foi necessário nos reunirmos extraclasse para editar o vídeo da charge e paródia. Este trabalho também buscou promover em sala de aula uma reflexão a partir do conhecimento dos alunos sobre a política, para (re)significar tal tema durante as discussões. Nos diversos meios de comunicação o que é possível ver é o quanto os brasileiros são enganados com promessas falsas nas campanhas eleitorais. Somos surpreendidos a cada dia com novos escândalos no governo envolvendo políticos das variadas esferas.

Isso faz com que muitos reflitam sobre a importância de ser eleitor, pois está implícita a decisão de mudar esse quadro político. O que dificulta é que ainda hoje há muitos que não sabem em quem votou ou mesmo em quem irá votar deixando para decidir em frente à urna eletrônica, e outros que ainda vendem seus votos. Atitudes como essas abrem campo para que os representantes do povo possam continuar fazendo barbaridades no serviço público.

Desse modo, faz-se necessário levar para sala de aula uma temática como esta, pois nossos estudantes precisam compreender a responsabilidade e a consequência de seus votos no futuro. Pensando nessa questão, a *Internet* disponibiliza-nos uma diversidade de gêneros textuais como charges, vídeos, paródias, músicas, videoclipes, entre outros. Tais gêneros tratam a política utilizando o humor para fazer uma crítica implícita sobre o quanto o discurso nas campanhas eleitorais tenta influenciar o povo brasileiro em votar em pessoas desonestas e despreparadas.

Durante as aulas buscamos não influenciar os alunos com nossas concepções

sobre política, e sim proporcionamos debates, produções orais e textuais para que pudessem compreender o problema que afeta toda a sociedade brasileira: a corrupção. É importante para o estudante entender o que há nas entrelinhas do discurso político nas campanhas eleitorais, bem como o papel do eleitor, entre outros temas, pois, de acordo com Lorenzi e Pádua a “formação de um leitor proficiente é um dos principais objetivos do ensino de língua portuguesa (..) e uma proposta com vistas aos multiletramentos precisa levar em conta o caráter multimodal dos textos e a multiplicidade de sua significação” (2012, p. 39). Assim, sempre permiti que os alunos conduzissem as discussões, ressaltando a importância de não se ofenderem por terem concepções diferentes, uma vez que os pais influenciam muito as escolhas dos filhos na política local. E durante as aulas, pude observar que alguns alunos citavam nomes de políticos do município, assim uns defendiam e outros condenavam. Por isso, organizei turnos das falas entre os alunos, promovendo a discussão e instigando a refletirem sobre a temática abordada.

2 METODOLOGIA

Por meio das leituras em sala e a proposta da disciplina, que consistia em elaborar uma sequência a partir do vídeo de Marcelo Adnet, disponível na *Internet* intitulado “Propaganda eleitoral gratuita – a verdadeira”, quisemos propor a união dos recursos tecnológicos (construção de paródias) com as discussões sobre um tema tão pertinente para a melhoria de nossa sociedade por meio de cidadãos conscientes e críticos.

O objetivo do trabalho foi desenvolver a competência leitora e habilidades para analisar charges, paródias e vídeos, propiciando discussão sobre a política no Brasil, promovendo e estimulando a análise crítica de gêneros textuais. Objetivamos também incentivar a produção textual escrita e oral – charges e paródias – utilizando a temática abordada, bem como a compreensão da estrutura dos textos produzidos.

Dessa forma, promovemos, em seguida, a reescrita das produções para melhorá-las tanto semanticamente quanto sintaticamente, fazendo uma reflexão sobre o uso da língua. Utilizamos para as aulas as ferramentas tecnológicas como: *notebook* com acesso à *Internet*; projetor multimídia; caixa de som; gravador e textos impressos. Segue abaixo a análise da SD, bem como os trabalhos construídos pelos alunos nos cinco módulos.

3 SEQUÊNCIA DIDÁTICA: O PERCURSO TRILHADO

Módulo 1:

Iniciei o primeiro módulo explicando aos alunos detalhes da SD, ressaltando o que iriam produzir e para quem. Muitos não gostaram de saber que íamos falar sobre política, relatando que é “um assunto chato e que não adiantava falar sobre o

assunto”. Interferi explicando que se não falássemos sobre política e entendêssemos esse tema como iríamos cobrar dos governantes as melhorias necessárias. Assim, continuei apresentando a proposta, convencendo aqueles que não gostaram da ideia de que iriam se divertir ao estudar tal temática, uma vez que iríamos utilizar o celular, gravador, *Internet* e elaborar desenhos em atividades coletivas.

Ao iniciar o conteúdo, por meio do projetor multimídia, apresentei várias charges, conforme descrevemos no planejamento da SD. Ao trabalhar cada charge, instiguei os alunos a refletirem sobre os traços, cores, expressões das personagens, falas, balões e o efeito de humor presente, expliquei que todos os elementos presentes nesse gênero textual tem um objetivo a transmitir ao leitor e o não entendimento causa dificuldades na interpretação. Verifiquei que alguns alunos tiveram algumas dificuldades em compreender o efeito de sentido, precisamente o humor. Um aluno relatou “professora não entendi por que o cego sentiu cheiro de pizza, se não tem pizzaria por perto”. O interessante nesse momento foi que outros alunos responderam ao colega, dizendo que “no Brasil tem um ditado de que tudo acaba em pizza, em nada mesmo, pois quem tem dinheiro não é preso”. Nessa situação não interferi, deixei que interagissem, apenas fui organizando os turnos das falas.

Outro ponto que observei, durante as análises das charges, foi que em caso de dúvidas de alguns alunos quanto ao entendimento, eu precisava sempre chamar a atenção de dois ou três que compreendiam rapidamente e acabavam zombando ou ofendendo os colegas que precisavam de um tempo maior para interpretar, ou que sentiam a necessidade de perguntar o significado de alguma palavra ou expressão. Situações parecidas são vivenciadas por muitos professores e cabe a nós sempre interferirmos, explicando sobre o respeito e a diferença que existem em cada um; assim busquei fazer durante as análises. A charge que mais foi compreendida pela maioria da turma, e que causou o riso, tinha como foco o roubo/corrupção. Expliquei também durante a interpretação a ironia e a ambiguidade presente em todas as charges trabalhadas.

Finalizada a discussão, os alunos sentaram em grupos e expliquei que teriam que elaborar em conjunto uma charge. Para desenvolver esta primeira produção, entreguei para o grupo cópias das charges trabalhadas e sugeri que pesquisassem por meio do celular outros textos para motivá-los a desenhar. Na sala havia cerca de cinco alunos que gostavam e dominavam a técnica de desenho, porém o restante da turma não se sentia muito à vontade com suas habilidades artísticas. Para que a produção se concretizasse, fiz a sugestão de olharem e pesquisarem desenhos para elaborarem o deles, assim a atividade fluiu e pararam de reclamar que não sabiam desenhar. Alguns grupos conseguiram me entregar, já outros levaram para casa e me trouxeram na aula seguinte para que fizesse sugestões e anotações.

Módulo 2:

Ao iniciar este segundo módulo projetei na TV a charge da figura 01 descrita no anexo da proposta de SD, como introdução do vídeo que viria logo a seguir. Assim, abordei a figura do palhaço e questionei sobre quem ele estava representando, fizemos a leitura do balão e instiguei-os a falar o que significava a expressão “mundos e fundos”, e também sobre a promessa feita pelos candidatos em época de eleição. Uma aluna relatou durante a aula:

Achei muito engraçado, porque nos tempos que são candidatos eles sempre aparecem prometendo coisas, mas depois de eleitos eles somem. Na hora prometem o céu e as estrelas, aparece na porta da sua casa com santinho e depois não aparece mais. (Aluna A)

Diante da afirmação acima, a aluna demonstra sua total insatisfação com os candidatos que aparecem em sua casa pedindo votos a seus pais, prometendo melhorias para a rua/bairro/cidade, e que, após eleitos desaparecem, evitando o contato com a população, não cumprindo com suas propostas.

Ao término da discussão sobre a charge, falei brevemente sobre o objetivo do vídeo e os atores que estavam envolvidos, apresentando uma tela na TV com a biografia dos dois humoristas, grande parte dos alunos já os conhecia de outros trabalhos em programas de televisão. O vídeo está disponível na *Internet* intitulado “Propaganda eleitoral gratuita – a verdadeira”.

Ao término do vídeo, solicitei aos alunos que refletissem e escrevessem suas opiniões/impressões em uma folha de caderno. Nesse papel escreveram o que acharam sobre o vídeo, fizeram também um resgate das charges trabalhadas na aula e em seguida debateram o que entenderam, discutindo os diferentes pontos de vista. Depois me entregaram os relatos que serviram como dados para análises posteriores. Segue abaixo alguns dos relatos.

Eu achei muito engraçado o vídeo todo por, na verdade ser muito parecido com a realidade e quase idêntico a propaganda da maioria dos políticos a única diferença é que ele diz a verdade que as promessas são falsas. (Aluno B)

O fato do vídeo ser muito parecido com as propagandas eleitorais que passam no dia a dia na TV por exemplo a cena com que ele coloca o chapéu de operário e aponta para frente como se isso significasse alguma coisa ou a cena do abraço forçado que é uma coisa que sempre vemos nos horários políticos. (Aluno C)

A semelhança entre esse vídeo e a propaganda original é que ele faz tudo que o políticos fazem só que no vídeo fala todas as verdades. Oque eu achei

mais engraçado foi a hora que ele fala para esquecer tudo que ele roubou mas não pode esquecer o numero. (Aluno D)

Tudo oque aparece no vídeo aparece nas propagandas eleitorais. A paródia só faz as letras da musica diferente. Eles abraçam, segura bebes, e diz que vai mudar a situação do país, mas não faz nada, apenas iludem com promessas do povo. (Aluna E)

A parte que eu achei mais engraçado foi quando ele foi comer a comida da escola mas o melhor foi que a propaganda e parecidíssima com o real a diferença e que a real não fala a verdade já a parodia diz oque realmente acontece. (Aluno F)

Com tais relatos podemos observar que houve uma compreensão por parte dos alunos sobre o tema discutido. Nos vinte e cinco textos coletados, houve uma unanimidade nas afirmações feita pelos alunos diante dos problemas encontrados na política brasileira e também a descrença por parte dos estudantes nas promessas que candidatos fazem e que na maioria não é cumprida. Verificamos que muitos compreenderam a ironia, ambiguidade e o efeito de humor presente no vídeo, pois notaram a semelhança entre as propagandas políticas reais e a paródia, o que causou o riso conseqüentemente.

Módulo 3:

No terceiro módulo, entreguei as charges com algumas sugestões, por exemplo, a organização dos elementos presentes neste gênero como os desenhos, cores, o melhor lugar para os balões, o efeito de humor, enfim, apontei que devemos pensar no leitor do texto. Com relação as falas nos balões fiz alguns apontamentos quanto à grafia, ortografia e questões semânticas, para que não perdêssemos o objetivo do gênero trabalhado. Com o término recolhi as charges e me reuni no outro dia em contra turno com três alunos para fotografarmos as charges para a elaboração do vídeo, logo abaixo, na seção 4, há algumas das charges elaboradas pelos alunos.

Módulo 4:

Neste módulo utilizei o projetor multimídia e expus a biografia do cantor Gabriel O Pensador. Em seguida entreguei a letra da música “Até quando”. Fizemos a leitura e discutimos sobre qual a mensagem que a letra musical trazia. Ao analisar os vídeos que passei, foi possível observar que o que chamou mais a atenção dos alunos foi o vídeo elaborado com montagens de fotos da *Internet* e fundo musical de Gabriel O Pensador do que o videoclipe oficial do cantor. Creio que isso ocorreu pelo fato da montagem mostrar políticos corruptos e conhecidos no Brasil por desvios altíssimos estampados em jornais e noticiários de TV.

Depois apresentei o videoclipe Melô do Congresso, de Luciano Pires, que é

uma paródia da música “Felicidade”, de Lupicínio Rodrigues. Os alunos gostaram e riram muito da dança do burrinho. Discutimos sobre quem seria o burrinho no clipe e também sobre a letra da paródia que retrata o Congresso Nacional, políticos corruptos, os valores morais e a esperança de mudança. Assim como em outros momentos da SD, os estudantes tiveram a oportunidade de debater o assunto e pude questioná-los sobre o que pensavam acerca dos escândalos políticos no Brasil. Aproveitei para explicar nesta aula o que é o gênero musical, sua estrutura, rima, versos, sonoridade, ritmo, também falei sobre as paródias e o seu objetivo. Utilizei páginas eletrônicas para abordar o conteúdo, em uma delas havia um texto escrito por Maíra Althoff de Bettio, e que também apresenta a lei que trata sobre os direitos autorais,

A **paródia** tem como elemento principal, na maioria das vezes, a *comédia*, ou seja, a partir da estrutura de um poema, música, filme, obras de arte ou qualquer gênero que tenha um enredo que possa ser modificado. Mantém-se o esqueleto, isto é, características que remetam à produção original, como por exemplo o ritmo – no caso de canções – mas modifica-se o sentido. Com cunho, em muitos casos, cômico, provocativo e/ou retratação de algum tema que esteja em alta no contexto abordado (Brasil, mundo política, esporte, entre outros).

Esse gênero textual até encontra um lugar em meio às leis brasileiras, que diz o seguinte: “Segundo a lei brasileira sobre direitos autorais, Lei 9.610/98 Art. 47. São livres as paráfrases e paródias que não forem verdadeiras reproduções da obra originária nem lhe implicarem descrédito”. Essa permissão deve existir em função de a paródia ter se tornado uma ferramenta usada em muitos meios e profissões com os mais variados fins. (Disponível em <http://www.infoescola.com/generos-literarios/parodia/>).

Propus aos alunos que, em grupos, elaborassem uma paródia que tratasse das temáticas apresentadas nos diversos textos trabalhados. Indaguei-os se autorizariam a gravação das paródias e que depois passaríamos na sala; todos concordaram. Não deu tempo de terminar durante a aula, então levaram para casa para me entregarem depois. Na aula seguinte deixei mais um tempo para terminarem e fui auxiliando no que precisavam para elaborar, podiam usar o celular e o fone de ouvido para construir a paródia e gostaram muito dessa parte, uma vez que não são autorizados a usar o celular em sala de aula, observei que isso despertou o interesse em muitos em elaborar a paródia.

Módulo 5:

A outra aula era para que os alunos lessem na biblioteca, então conversei com a bibliotecária para que ficasse com a turma, autorizado pela coordenadora da escola, enquanto eu gravava a paródia com cada grupo na sala de aula separada. Conforme o grupo terminava, ia para a biblioteca e assim consegui gravar com todos.

O fechamento do trabalho foi a edição dos vídeos feito em contra turno com dois alunos que se dispuseram a vir dois dias na semana para finalizarmos. Quando terminamos as edições, passei para os alunos os vídeos das charges e das paródias utilizando a TV e o *notebook*.

4 ANÁLISES DOS RESULTADOS OBTIDOS NA CHARGE E NA PARÓDIA

As atividades foram desenvolvidas em uma sequência que consistia em fazer a primeira produção, trabalhar mais especificamente a temática e depois retomar a primeira produção para refletir e reorganizar as ideias construídas por cada grupo. Os alunos produziram coletivamente e foi possível observar que, com o auxílio e a intervenção da professora, eles interagiram e debateram para construir o gênero charge e paródia, conforme as imagens dos grupos.



Figuras 01 a 03: Alunos desenvolvendo a atividade em grupos.

Fonte: Acervo da autora.

A primeira produção elaborada pelos alunos foi uma charge sobre política, a proposta era apresentar por meio de falas e desenhos o quadro político do Brasil e utilizar o humor para tecer uma crítica construtiva e reflexiva. Segundo Lemke,

Precisamos de um letramento verdadeiramente crítico (inclusive multimídia), para manter nossa relativa autonomia em fazer escolhas sobre o que e em quem acreditamos, com o que nos identificamos, o que elegamos, admiramos, criticamos ou odiamos (ROJO, 2012, p. 132).

Dessa forma, é necessário buscar a constituição de sujeitos democráticos, éticos e responsáveis não somente pelas questões políticas no país, mas também de outros assuntos que afetam a sociedade, como por exemplo, educação, economia, questões ambientais, entre outros. É imprescindível entender que por meio da produção e divulgação dos trabalhos os alunos possam produzir significados e se tornarem protagonistas da sociedade em que vivem.

No final da aula, recolhi os textos construídos e fiz apontamentos e sugestões sobre o que melhoraria o efeito de humor e sentido da charge, uma vez que este era o objetivo: construir para uma leitor exigente, outros alunos. Assim, teriam que realizar a atividade com capricho para que todos pudessem entender o desenho e as falas

presentes no balão. Ao todo foram construídas oito charges, dessas apresentarei três como exemplo do trabalho desenvolvido com a turma. Analisarei a primeira versão em contraponto com segunda, ressaltando as falas, os tipos de balões, o humor, a ironia e a crítica presente nos textos elaborados.



Figura 04: Produção inicial de charge.

Fonte: Acervo da autora.

- Por que?
- Porquê com ele vamos ficar sem carro e sem teto!
- Lá vem o presidente “Lepo-Lepo”!
- Vote em mim!



Figura 05: Segunda versão da charge.

Fonte: Acervo da autora.

- Vote em mim!
- Lá vem o presidente “Lepo-Lepo”!
- Por quê?
- Porque com ele vamos ficar sem carro e sem teto!

Nesta charge fiz a intervenção quanto à organização do desenho na folha, uma vez que o primeiro a falar no diálogo estava localizado do lado direito e o segundo estava do lado esquerdo, dessa forma, o leitor olha primeiro para o lado esquerdo e não compreende o diálogo, pois está invertido, assim era possível ler o final e depois o começo dos diálogos. Expliquei para o grupo o porquê de ter colocado tal sugestão e depois utilizei o quadro para esclarecer aos outros grupos que a ordem do desenho e dos diálogos presentes na charge influencia na hora da leitura, pois, dependendo da escolha do grupo em construir balões e desenhos, deixariam o leitor confuso no momento da leitura.

É possível observar que com a intervenção os alunos refletiram em suas práticas e

mudaram a ordem do desenho. Entre eles decidiram que era só inverter a folha e, sobrepondo outra folha A4, era fácil desenhar de novo, como mostram as figuras 04 e 05 . Outro ponto que precisou de intervenção foram as inadequações da escrita de algumas palavras, como ‘porquê’ com acento circunflexo no início da oração e o ‘por que’ no final da oração sem o circunflexo. Neste quesito aproveitei e expliquei a regra dos porquês.

Observando como um todo a escrita, a ortografia do texto desse grupo, avalio que os alunos tiveram um resultado satisfatório, porém o que precisou de fortes mudanças foi o sentido da charge prejudicado pela organização dos balões, no mais ficou muito boa a produção.

Quanto à atualidade e o efeito de humor presente no gênero, faz-se aos leitores que ouviram e conhecem a música composta por Magno Santana e Felipe Escanduras, cujo nome é ‘Lepo-lepo’. Os alunos fizeram uma paráfrase de um trecho da música “Eu não tenho carro, não tenho teto”, assim as personagens nomearam o político com o título da música, deixando nas entrelinhas que tal político deixa o povo sem carro, sem teto por roubar o dinheiro público.

Assim, os alunos utilizaram a música do momento que era tocada em muitas rádios e que fazia sucesso, para tecer uma crítica à corrupção no país. Neste sentido, houve o humor, a criticidade e a atualidade da piada, pois só quem ouviu a música consegue relacionar e rir da charge construída. Vale ressaltar que muitos aprovaram a piada presente no texto e riram compreendendo o que o grupo quis mostrar. É interessante observar que os desenhos são exclusivamente de homens, todos engravatados e aparenta já serem de meia idade, o que pode ser interpretado como a falta de mulheres discutindo e trabalhando na política. O outro ponto a ser analisado é que o grupo pode ter implicitamente mostrado que uma música, *hit* do verão, foi tão popular que atingiu várias esferas da sociedade.

Ressaltei como sugestão a relevância de usarem as cores nos desenhos e tive que chamar a atenção de grande parte dos grupos em relação a pintar os desenhos, pois muitos disseram gostar apenas de traçar as linhas, sugeri então que integrantes dos grupos ficassem com a função de pintar se achassem pertinente minha sugestão, pois expliquei que com as cores a charge chamaria mais a atenção do público leitor. Vamos ao segundo trabalho:

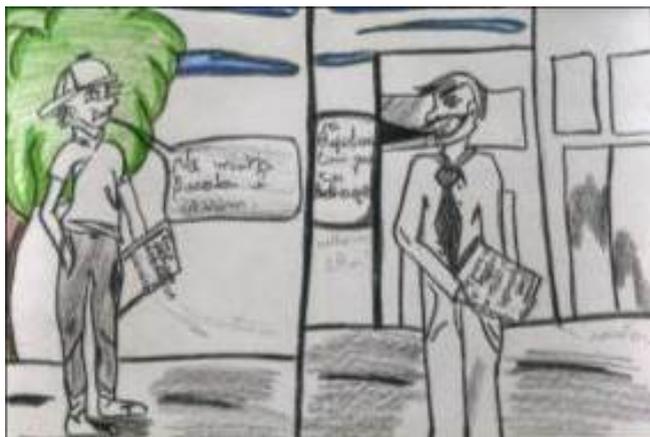


Figura 06: Primeira versão da charge.

Fonte: Acervo da autora.



Figura 07: Segunda versão da charge.

Fonte: Acervo da autora.

As interferências feitas, como é apresentado na figura 06, são referentes às inadequações como a palavra ‘roba’ para rouba. Esse fenômeno é chamado de monotongação que, de acordo com Camara Junior (2002), é a mudança fonética que consiste na passagem de um ditongo a uma vogal simples. Para Bagno (2003), a monotongação ocorre, principalmente, no seguinte contexto: ditongo “ou”, exemplo louco > “loco” e que é muitas vezes utilizada na hora da fala e conseqüentemente é possível encontrar em muitos textos de alunos, como exemplo está a palavra escrita na charge.

Outro ponto em que interferi foi o acento circunflexo da palavra ciências, que esqueceram de colocar, de acordo com os integrantes do grupo. Quanto ao sentido, é possível interpretar uma crítica aos materiais usados pelo aluno e o do político. O caderno do estudante mostra a importância das disciplinas ministradas na escola, já o do político apresenta o que há de ruim na sociedade. O grupo quis abordar que a educação é o sinônimo de conhecimento e de boas ações, mas a política (prefeitura) é

onde ocorrem crimes contra a população, assim é tecida a crítica contra a corrupção.

Indaguei-os em relação ao sentido do texto e pedi para que falassem sobre o humor presente. Os alunos pertencentes ao grupo chegaram à conclusão, depois de discussões, que o texto e o desenho estavam sem graça segundo eles e que, portanto não havia humor. Sugeri que revissem as falas, porém, com as inferências nas aulas, os alunos foram mais longe, acharam melhor construir uma nova charge, como mostra a figura 07.

O que é possível analisar quanto ao desenho é que se trata da representação da população feita por uma família muito magra, triste e abatida, retratada por pessoas humildes, com roupas simples e sem uma rica alimentação. A mãe está gestante, o que requer uma atenção especial no que refere à boa alimentação, saúde e moradia. O lugar da cena é uma rua, um lugar público e de interação social; lá se encontram com um homem bem vestido, de terno e bastante acima do peso, representando uma pessoa bem alimentada na visão do grupo; dele saltam cédulas de dinheiro com asas, como se o dinheiro não fosse dele, pois não está em seu bolso e sim voando. O político oferece um conselho ao ser questionado sobre sua boa vida, 'vá virar político!' o grupo fez uma crítica afirmando que não é preciso uma preparação, estudo, trabalho para ter um cargo político e sim sugere algo fácil que bastasse querer e 'viraria' um político e teria uma ótima vida.

Já a terceira charge apresenta:



- Eu prometo mais saúde e educação

- Ha ha ha nunca me canso de ouvir essas mentiras

Figura 08: Primeira versão da charge.

Fonte: Acervo da autora.



- Eu prometo mais saúde e educação!

- Hahaha! Nunca me canso de ouvir essas mentiras.

Figura 09: Segunda versão da charge.

Fonte: Acervo da autora.

No trabalho do terceiro grupo, sugeri o acento da palavra ‘saúde’, melhorar o cenário e a cor. Assim, na segunda versão verifiquei que os alunos melhoraram tais aspectos. Com relação ao diálogo, analiso que a personagem da charge ri das promessas feitas por políticos nas campanhas eleitorais, mostrando sua indignação diante das ‘mentiras’ contadas por muitos candidatos. Nesta charge nota-se a TV, um meio de comunicação presente em praticamente quase todas as casas brasileiras e por onde muitos veem os telejornais que divulgam os crimes, acusações e julgamentos de políticos brasileiros. O eleitor se mostra irônico e utiliza o riso para mostrar crítica a falsas promessas, segundo Bergson (*apud* PROBB, 1992, p. 31):

O riso ocorre quase com a precisão de uma lei da natureza: ele acontece sempre que há uma causa para isso. O erro de tal afirmação é bem evidente: pode-se dar a causa do riso, porém é possível existirem pessoas que não riem e que é impossível fazer rir. A dificuldade está no fato de que o nexos entre o objeto cômico e a pessoa que ri não é obrigatório nem natural. Lá, onde um ri, outro não ri. A causa disso pode residir em condições de ordem histórica, social, nacional e pessoal.

Diante disso, o riso ocorre porque o eleitor faz parte do contexto histórico e social do quadro político de seu país, e sabe que em toda eleição há muita comédia e falsidade nos discursos ditos para convencer e garantir o voto de um eleitor ingênuo e fácil de manipular, porém este eleitor que assiste, diferentemente dos que são julgados como alienados por assistirem TV, se mostra diferente dos demais. Reunimos todas as charges e fizemos um vídeo para mostrar o resultado das produções dos alunos e o reproduzi na TV no final da SD.

Para a próxima produção, também era em grupo, os alunos se reuniram para construir uma paródia, mas, antes trabalhamos o gênero por meio da apresentação do vídeo “Melô do Congresso”. Nessa paródia há como personagem principal um

burro, desacreditado com a política no Brasil, percebemos isso por meio da leitura não verbal, pois sua postura curvada de cabeça baixa revela um desânimo com os políticos corruptos.

Os alunos riram muito com a dança que o burrinho faz durante a paródia da música “Felicidade”, de Lupicínio Rodrigues. Muitos não conheciam a música parodiada, foi necessário apresentá-la, pois houve a curiosidade em saber como era.

Apresentamos a proposta da produção de uma paródia e coincidiu que a turma junto com a professora de artes estarem produzindo paródias. Este fato facilitou ainda mais a atividade, uma vez que já sabiam o que era uma paródia. Em grupos criaram a letra a partir de um gênero musical que mais gostavam, em que surgiu rock, funk, sertanejo e um clássico infantil.



Figura 10: Alunos realizando a atividade da paródia.

Fonte: Acervo da autora.

Os alunos ensaiaram durante a aula e fiz uma gravação com todos os grupos, como mostra a figura 10, em que os alunos estão já no processo de gravação. Note que a aluna posicionada no centro do grupo tomou a frente para contar e iniciar a música para que todos contassem juntos. Os alunos utilizaram o caderno com a letra da música. As gravações foram feitas com cada grupo enquanto os outros alunos estavam na aula de leitura na biblioteca da escola. Muitos estavam envergonhados por saberem que o resultado seria apresentado para a turma; alguns pediram para apenas gravar o áudio, deixei grupos com muitos integrantes para que não se sentissem constrangidos. Diante disso, incentivei-os, frisando que o produto final iria ficar ótimo, assim consegui gravar com todas as imagens e áudios. Sempre mostrava o resultado para o grupo para que avaliassem se tinha ficado a contento, pois iriam ser reproduzidos depois.

Com isso, depois de gravar, consegui que todos aceitassem divulgar. O resultado foi divertido, pois muitos comentaram ser diferente e estranho se ver na TV; a cada grupo que aparecia para cantar sua paródia, eram gritos e palmas que os alunos faziam. Precisei passar duas vezes para que conseguissem ouvir sem interrupção.

Avalio como positivo, percebi o quanto estavam entrosados e empolgados com o resultado do trabalho. Para que fosse possível ouvir as paródias e ver as charges

produzidas pela turma, editei um vídeo juntando os dois trabalhos e postei no canal do *Youtube*, no *link*: <http://youtu.be/oowGu00WXWY>, para que todos tivessem acesso e pudessem visualizar os trabalhos produzidos.

Dessa forma, foi possível perceber que com o desenvolvimento desta SD, os alunos compreenderam o efeito de humor, bem como a estrutura da charge e da paródia. Os alunos refletiram e desenvolveram a criticidade sobre o discurso político, o papel do eleitor e o uso do humor produzido pelo vídeo, compreendendo questões que afetam o nosso dia a dia. Produziram textos orais e escritos contextualizados com a temática trabalhada em sala e compreenderam os objetivos e as condições de produção dos gêneros abordados.

REFERÊNCIAS

- BAGNO, M. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. 21. ed. São Paulo: Loyola, 2003.
- CAMARA JÚNIOR, J. M. **Dicionário de linguística e gramática: referente à língua portuguesa**. 23. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- COSSON, R. **O texto literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2012.
- _____. **Círculos de leitura e letramento Literário**. São Paulo: Contexto, 2014.
- DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B. **Gêneros e progressão em expressão oral e escrita**. Elementos para reflexões sobre uma experiência suíça (francófona). In: DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.
- KOCH, I. V.; ELIAS, V. **Ler e Compreender: os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2013.
- LEFFA, V. J. **Aspectos da leitura: uma perspectiva psicolinguística**. Porto Alegre: Sagra D C Luzzatto, 1996.
- PAIVA, A.; MARTINS, A.; PAULINO, G.; VERSIANI, Z. (Orgs.). **Literatura e Letramento: espaço, suportes e interfaces**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- PROBB, V. **Comicidade e riso**. São Paulo: Ática, 1992.
- ROJO, R.; MOURA, E. **Multiletramentos na Escola**. São Paulo: Editora Parábola, 2012.
- SANTOS, L. W.; RICHE, R. C.; TEIXEIRA, C. S. **Análise e produção de textos**. São Paulo: Contexto, 2012.
- SOARES, M. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 1998.

SOLÉ, I. **Estratégias de leitura**. 6. ed. Porto Alegre: Editora Artmed, 2009.

WEBGRAFIA

Biografia de Marcelo Adnet disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/Marcelo_Adnet, acesso em 26/05/2014.

Biografia de Marcius Melhem disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/Marcus_Melhem, acesso em 26/05/2014.

Clipes Musicais de Gabriel O Pensador “Até quando”, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=rH5TRzmOVFo>, acesso em 26/05/2014.

Gabriel o Pensador - Pega Ladrão (sugestão para os alunos), disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=KPgs45B6AaI>, acesso em 26/05/2014.

Melô do Congresso de Luciano Pires disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=78DmAmBzwt&feature=kp>, acesso em 26/05/2014.

Párodia disponível em <http://www.brasilecola.com/redacao/parafrase-parodia.htm>, acesso em 26/05/2014.

ANÁLISE DO PROTAGONISMO E DA CRITICIDADE NAS PRODUÇÕES TEXTUAIS DE ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Edivaldo Aparecido Mazolini
Elaine Xavier Lima Babinski

A sequência didática “O discurso político nas campanhas eleitorais” elaborada por nós em dupla e, posteriormente, desenvolvida individualmente em duas turmas de 3ª fase do 3º ciclo do ensino fundamental, oportunizou após conclusão uma análise conjunta da execução e dos resultados obtidos com a aplicação da SD nas referidas turmas.

A opção em aplicar uma SD com textos multimodais e multisemióticos se deve ao fato de, antecipadamente, sabermos que a maioria dos estudantes de ambas as turmas apresenta um nível de aprendizagem semelhante na área de leitura, interpretação e produção textual, semelhantes, conseguindo fazer inferências ao analisar situações vivenciadas em seu cotidiano, através do conhecimento prévio que possuem, mas com certos desafios na interpretação e compreensão ao analisar textos escritos, bem como em fazer inferências contextuais e relações intertextuais.

É importante ressaltarmos que a SD teve como objetivo envolver os alunos em um assunto polêmico em nosso país, por esse motivo precisa ser discutido em sala de aula. A escola necessita atuar no letramento crítico transformando e/ou ressignificando os sentidos para esta geração que domina e utiliza constantemente *Facebook*, *Blog*, *Twitter*, *WhatsApp*, entre outros, mas que analisa superficialmente as informações veiculadas nestes meios. Diante disso, para termos uma aula que desperte a atenção de nossos estudantes a tecnologia é indispensável para propiciar a inclusão e o interesse dos mesmos.

Assim, os textos humorísticos estão presentes em todo o universo midiático, pois é um recurso utilizado para compreender o humor crítico, porém nem todos compreendem o efeito de sentido presente em charges, paródia e vídeos, quando se trata de reflexão sociocultural e política. Segundo Probb (1992, p. 55), “o riso é provocado pela repentina descoberta de algum defeito oculto. Quando este defeito não existe ou quando nós não o identificamos, não rimos”. Dessa forma, ocorreram situações em que alguns alunos não compreenderam o humor presente nos textos e não identificaram o efeito de sentido. Em uma das charges, por exemplo, um aluno relatou durante a aula que não entendeu o fato de uma personagem dizer ao outro que estava sentindo cheiro de *pizza* em frente ao Congresso Nacional, e assim que disse outro aluno explicou o ditado popular “tudo acaba em *pizza*”.

No desenvolvimento da SD, observamos em ambas as turmas o envolvimento dos alunos na sua execução, devido, principalmente, ao tema fazer parte da realidade

social deles e pela ludicidade ao trabalhar com textos humorísticos. Constatamos que, quanto à interpretação a maioria dos estudantes não teve dificuldades em compreender as mensagens implícitas nas charges e nos vídeos trabalhados. É importante destacar que após cada módulo os alunos debatiam os temas abordados, conseguiam fazer inferências entre o texto e a realidade social vivenciada e se posicionavam como sujeitos de seu discurso fazendo uma reflexão sobre como as estratégias dos políticos são montadas para alienar o eleitor.

Foi possível observar que a partir de textos audiovisuais os alunos conseguiram ampliar suas habilidades escritoras, apesar dos desafios apresentados no campo ortográfico e sintático, ao tratar de assuntos que eles analisaram e discutiram em grupo formulando argumentos para entender como a propaganda eleitoral é feita, por muitos candidatos, com o intuito de enganar o cidadão. Segue a transcrição do relato de três estudantes sobre o vídeo “Propaganda eleitoral gratuita – a verdadeira”:

O que tem em comum o vídeo, com a política real é que tudo é uma falsidade, e que tudo isso que eles falam acontece só no período de política e nota. (Aluno A)

Esse vídeo mostra o que os políticos não mostra, eles pega a confiança da população e fazem promessa que eles não vão cumprir, a parte engraçada foi a hora que o politico abraçam as pessoas suadas, e depois limpa na camisa. (Aluno B)

Eu achei muito engraçado o vídeo todo por, na verdade, ser muito parecido com a maioria dos políticos a única diferença é que ele diz a verdade que as promessas são falsas. (Aluno C)

Quanto à análise e produção de charges em ambas as turmas, os alunos não se empenharam muito na produção inicial, pois literalmente fizeram uma produção sem aprofundar nos detalhes que caracterizam o gênero, não se preocuparam com os efeitos de sentido (ambiguidade, metáfora, jogo de imagens, entre outros) que geram a crítica através da comicidade. Mas, no decorrer dos módulos da SD, eles observaram a importância do tema abordado e com a intervenção dos professores dedicaram-se mais na produção final.

No que se refere à produção de paródias, deparamos com alguns desafios que impactaram diretamente na execução dessa atividade. As principais dificuldades encontradas foram as seguintes: os alunos não dispunham de acesso à *Internet* em suas casas, bem como, também não possuíam equipamentos tecnológicos que os auxiliassem na gravação audiovisual das paródias; outro fator que foi um entrave foi a própria escola, que dispunha de laboratório de informática e demais ferramentas tecnológicas, mas não liberava seu acesso à comunidade estudantil, devido a falta de um técnico. Assim, durante o ano de 2014 o laboratório de informática da escola ficou fechado.

Mesmo diante desses desafios a turma acompanhada pela professora Elaine X. Lima Babinski conseguiu desenvolver parcialmente as atividades relacionadas à paródia, pois alguns alunos possuíam alguns recursos tecnológicos e a professora conseguiu reunir os alunos, em pequenos grupos, no horário da aula de leitura na biblioteca e com o seus equipamentos fez as gravações audiovisuais; e, no contra turno, ela trouxe alguns alunos para juntos fazerem a edição dos vídeos das paródias.

Quanto à produção e apresentação das paródias, os alunos formaram grupos de cinco a sete integrantes, inicialmente se mostraram tímidos, mas no decorrer da atividade foram soltando-se e a concluíram demonstrando certa satisfação.

Já na turma do professor Edivaldo Aparecido Mazolini, além dos desafios citados, na produção de paródias houve outros: a turma se dividiu em grupos menores e os alunos são provenientes de vários bairros, tendo a escola, em sua maioria, como único ponto de encontro. Apenas dois moravam no bairro em que a escola situa. Isso dificultou os alunos a se reunirem para fazerem atividades extraclases e para irem à escola no contra turno.

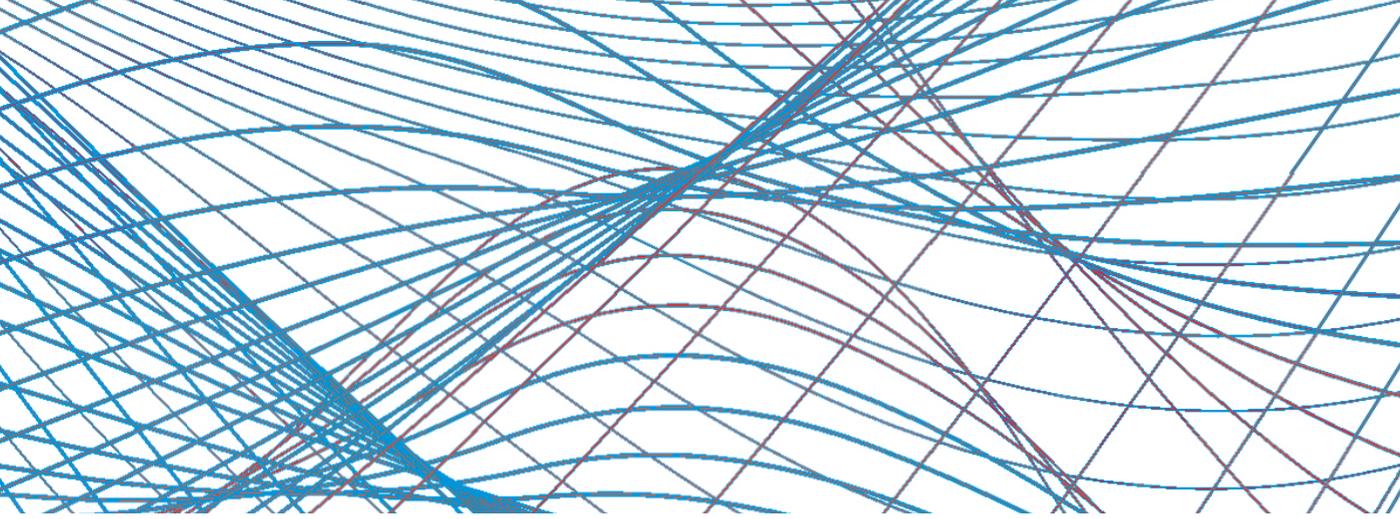
Os alunos dessa turma chegaram a rascunhar a paródia, mas esse trabalho acabou sendo mais individualizado que em grupo. No momento de organizarem para concluir a versão final e gravação audiovisual, devido também a heterogeneidade da turma, gerou muita discussão e constatamos que em sua maioria não se motivaram para realizar essa atividade. Muitos alunos relataram que não gostariam de fazer a gravação, outros não quiseram sequer socializar com a turma a produção.

Diante do exposto, ressaltamos que, para desenvolver paródias, com gravação audiovisual, além da disponibilidade de recursos tecnológicos na escola, precisa-se ter um grupo de alunos que interajam entre si e tenham disponibilidade de vir à escola no contra turno.

Assim, constatamos com a execução desta SD que, não somente os profissionais de Língua Portuguesa, mas a escola como um todo precisa trabalhar mais com os alunos os textos multimodais e multissemióticos que circulam, com frequência, nas redes sociais. A importância desses gêneros se dá pelo fato de ampliarem as possibilidades de promover significações, pois não basta apenas ler, é necessário se posicionar criticamente, entender as estratégias estéticas e compreender os múltiplos sentidos inferidos nos gêneros que circulam no nosso cotidiano. Assim, a relevância desse trabalho para os alunos da 3ª fase do 3º ciclo consistiu em proporcionar-lhes um momento para refletir sobre o atual contexto político brasileiro e a partir das produções e debates em sala se posicionarem criticamente, enquanto sujeitos protagonistas no meio que vivem.

REFERÊNCIA

PROBB, V. **Comicidade e riso**. São Paulo: Editora Ática, 1992.



CAPÍTULO 4

ÉTICA NO PROCESSO ELEITORAL

*Cleunice Fernandes da Silva
Marcia Weber
Miguel Rodrigues de Oliveira*

Turma: 9º ano do Ensino Fundamental

Duração: 8 aulas

Objetivo:

Oportunizar um momento de reflexão em relação às questões inerentes ao processo eleitoral para que o aluno se posicione criticamente.

Apresentação da situação (1 aula):

Leitura e compreensão da charge, bem como do videoclipe da música “Malandro é malandro”.

Objetivos específicos:

- ✓ Ler, de maneira autônoma, textos de gêneros variados;
- ✓ Identificar diferenças ou semelhanças observadas no tratamento dado a uma mesma informação veiculada em diferentes gêneros discursivos;
- ✓ Articular informações textuais e conhecimentos prévios;
- ✓ Inferir informações explícitas e implícitas;
- ✓ Estabelecer relação entre o texto verbal e recursos gráfico-visuais.

Apresentaremos a charge para leitura e compreensão acerca das questões éticas no processo eleitoral. Nesse momento, realizaremos o levantamento dos conhecimentos prévios sobre o conceito de ética e disponibilizaremos dicionários para confirmar ou refutar as informações apresentadas. Logo após, assistiremos ao

vídeo da música “Malandro é malandro” (disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=7gXEbMrTqAg&hd=1>, acesso em 20/05/2014), para propor uma discussão a respeito da relação existente entre a charge e o vídeo, observando o que os alunos compreendem a respeito da temática.



Disponível em: <http://www.sudoestehoje.com.br/novoportal/wp-content/uploads/2013/08/charge1.jpg>
Acesso em 20/05/2014;

Produção inicial (1 aula):

Elaboração de uma paródia da música “Malandro é malandro” a partir da temática estudada.

Objetivos específicos:

- ✓ Perceber-se e situar-se como leitor/produtor de linguagens;
- ✓ Refletir sobre o emprego dos recursos linguístico-gramaticais adequados à produção do gênero solicitado.

Entregaremos uma cópia da letra da música “Malandro é malandro” para começarmos a produção escrita de uma paródia, que terá como temática o processo eleitoral. Em seguida, realizaremos os apontamentos dos aspectos linguísticos nos textos produzidos.

Malandro é Malandro e Mané é Mané

Diogo Nogueira

E malandro é malandro e mané é mané
Podes crer que é

E malandro é malandro e mané é mané
Podes crer que é (2x)

E malandro é malandro e mané é mané
Podes crer que é

Já o Mané ele tem sua meta
Não pode ver nada que ele cagueta
Mané é um homem que moral não tem
Vai pro samba paquera e não ganha ninguém
Está sempre duro é um cara azarado
E também puxa saco pra sobreviver
Mané é um homem desconsiderado
E da vida ele tem muito que aprender

Malandro é o cara que sabe das coisas
Malandro é aquele que sabe o que quer
Malandro é o cara que ta com dinheiro
E não se compara com um Zé Mané
Malandro de fato é um cara maneiro
E não se amarra em uma só mulher

Disponível em <http://www.vagalume.com.br/diogo-nogueira/malandro-e-malandro-e-mane-e-mane.html> Acesso 02/06/2014

Módulo 1 (1 aula):

Leitura do texto “Eleições no Brasil”.

Objetivos específicos:

- ✓ Identificar as principais características relacionadas à eleição no Brasil;
- ✓ Promover discussões a respeito do texto lido, fazendo intervenções no sentido de manter o foco no tema em questão.

Dividiremos a turma em grupos, disponibilizando uma cópia do texto “Eleições no Brasil” para que cada grupo realize a leitura e discussões. Depois será feita a leitura compartilhada do texto, socializando os principais pontos destacados.

Por: Thais PacievitchTweatar

As eleições no Brasil são realizadas através do voto direto, secreto e obrigatório. A primeira eleição da qual existem registros no Brasil, ocorreu em 1532, por meio da qual foi escolhido o representante do Conselho da Vila de São Vicente.

Atualmente no Brasil ocorrem eleições a cada dois anos, sempre nos anos pares. À exceção do cargo de senador, que tem mandatos com duração de oito anos, os demais cargos eletivos têm mandatos de quatro anos. Como as eleições ocorrem a cada dois anos, os cargos eletivos são disputados em dois grupos, da seguinte forma:

Eleições federais e estaduais - para os cargos de: Presidente da República (e vice), Senador, Deputado Federal, Governador (e vice) e Deputado Estadual. Eleições municipais – para os cargos de Prefeito (e vice) e Vereadores.

As eleições ocorrem no primeiro domingo de outubro. Os cargos correspondentes ao Poder Legislativo (Senadores, Deputados Federais, Deputados Estaduais e Vereadores) são disputados em turno único. Para os cargos do Poder Executivo (Presidente, Governadores e Prefeitos), pode haver segundo turno, a ser realizado no último domingo de outubro.

Os candidatos a qualquer cargo são filiados a algum dos mais de 30 partidos políticos legalizados existentes no país, cada um com uma ideologia política. Todos os partidos recebem recursos do fundo partidário, acesso aos meios de comunicação (rádio e TV), e direito ao horário eleitoral durante as campanhas.

O processo eleitoral é organizado pela Justiça Eleitoral, que é composta pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE), cuja sede é em Brasília, pelos Tribunais Regionais Eleitorais (TRE), sendo um em cada estado, território ou Distrito, pelos Juízes Eleitorais e pelas Juntas Eleitorais. Todos estes órgãos são regidos pelo Código Eleitoral, que estabelece as competências de cada órgão/segmento.

Segundo a Constituição Federal, em seu artigo 14, o voto é facultativo para os analfabetos, aos maiores de 70 anos e para os maiores de 16 anos e menores de 18 anos. É obrigatório para os cidadãos entre 18 e 70 anos, sendo necessário justificar a ausência em qualquer seção eleitoral, no dia da eleição, sob pena de multa.

Desde 2000, com o uso das urnas eletrônicas, as eleições brasileiras passaram a ser totalmente informatizadas, o que permite que atualmente sejam consideradas as eleições mais rápidas e atualizadas do mundo.

Disponível em <http://www.infoescola.com/politica/eleicoes-no-brasil/>, acesso: 20/05/2014.

Módulo 2 (2 aulas):

Abordagem das características do gênero paródia por meio do vídeo “Propaganda eleitoral gratuita – a verdadeira” (by Marcelo Adnet);

Objetivos específicos:

- ✓ Abordar a temática e realizar um debate a partir de uma leitura crítica do texto.
- ✓ Explorar as características do gênero textual paródia.

Assistiremos ao vídeo “Propaganda eleitoral gratuita – a verdadeira” (by Marcelo Adnet (disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=dMVgb3DtS0Y&hd=1> Acesso em 20/05/2014). A seguir, destacaremos os pontos importantes através de um debate com a turma, utilizando estratégias de leitura que abordem o tema e a ideia principal do texto. Em um segundo momento, iremos trabalhar sistematicamente as características do gênero paródia com o auxílio do texto abaixo, disponibilizado em cópias para os alunos.

Definição de paródia:

A paródia é a recriação de um texto, geralmente célebre, conhecido, uma reescritura de caráter contestador, irônico, zombeteiro, crítico, satírico, humorístico, jocoso.

A paródia constrói, assim, um percurso de desvio em relação ao texto parodiado, numa espécie de insubordinação crítica, cômica.

Disponível: <http://www.pucrs.br/gpt/parodia.php> Acesso: 26 de maio de 2014.

A paródia tem como elemento principal, na maioria das vezes, a comédia, ou seja, a partir da estrutura de um poema, música, filme, obras de arte ou qualquer gênero que tenha um enredo que possa ser modificado. Mantém-se o esqueleto, isto é, características que remetam à produção original, como por exemplo, o ritmo – no caso de canções – mas modifica-se o sentido. Com cunho, em muitos casos, cômico, provocativo e/ou retratação de algum tema que esteja em alta no contexto abordado (Brasil, mundo política, esporte, entre outros).



Paródia da BomBril.

O novo contexto empregado à estrutura do que já existia passa por um processo de intertextualização para o leitor, ouvinte, espectador. Para compreender a intenção da paródia, às vezes, é necessário um pré-conhecimento do objeto inicial, por isso, em geral, opta-se por parodiar obras que sejam conhecidas pelo público a ser atingido.

Utilizada também em propagandas, a paródia é um meio de familiarizar o produto em questão com as pessoas alvo. É o caso da lá de aço “Assolan”, que em seus comerciais televisivos parodia músicas de alguns grupos e/ou cantores que estão na mídia, isto é, canções que, normalmente, a sociedade já ouviu e, com isso, mantendo o ritmo e mudando a letra, os espectadores gravam consciente ou inconscientemente os trocadilhos e acabam adquirindo determinado item.

Esse gênero textual até encontra um lugar em meio às leis brasileiras, que diz o seguinte: “Segundo a lei brasileira sobre direitos autorais, Lei 9.610/98 Art. 47. São livres as paráfrases e paródias que não forem verdadeiras reproduções da obra originária nem lhe implicarem descrédito”. Essa permissão deve existir em função de a paródia ter se tornado uma ferramenta usada em muitos meios e profissões com os mais variados fins.

Por: Por Máira Althoff De Bettio

Fontes: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Paródia>
<http://www.youtube.com/watch?v=oTgOchYHYDU>
<http://letras.terra.com.br/latino/101382/>

Disponível: <http://www.infoescola.com/generos-literarios/parodia/>. Acesso: 26 de maio de 2014.

Produção final (3 aulas):

Refacção da paródia escrita realizada na produção inicial.

Objetivos específicos:

- ✓ Retomar a produção inicial verificando as características do gênero paródia.
- ✓ Fazer o aprimoramento e reescrita do texto a partir das novas informações.
- ✓ Realizar a gravação em áudio dos textos produzidos.
- ✓ Socializar nas mídias digitais da escola.

Nesta etapa, devolveremos os textos da primeira produção, para que os alunos realizem não só as adequações a respeito dos aspectos linguísticos, como também a análise referente à temática e às características do gênero. Após, será feita a reescrita do texto. Em outro momento, os alunos gravarão em áudio os textos produzidos que serão publicados nas mídias digitais.

Materiais necessários:

Projeter multimídia, caixa de som, pincel, lousa, computador, aparelho celular e textos impressos.

Bibliografia consultada:

BAKTHIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BRANDÃO, H. N. (coord.). Texto, gêneros do discurso e ensino. In: **Gêneros do discurso na escola**: mito, conto, discurso político, divulgação científica. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Ensino Médio. Brasília: Ministério da Educação, 2002.

DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCNNEUWLY, B. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. *et al.* **Gêneros orais e escritos na escola**. Trad. e org. de Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004. p. 95-128.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

ROJO, R.; MOURA, E. (Orgs.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

SOLÉ, I. **Estratégias de leitura**. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

CONTRIBUIÇÕES DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA PARA O PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DE LÍNGUA MATERNA

Cleunice Fernandes da Silva

1 INTRODUÇÃO

Este texto visa descrever e analisar a aplicação de uma sequência didática (doravante SD), que tem como temática “Ética no processo eleitoral” e foi elaborada para efetivar as propostas teóricas das disciplinas “Aspectos sociocognitivos e metacognitivos da leitura e da escrita” e “Estratégias do Trabalho Pedagógico”, do Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS). O Programa tem como objetivo formar professores de Língua Portuguesa voltados para a inovação e capazes de refletir acerca de questões relevantes sobre diferentes usos da linguagem.

A SD foi desenvolvida com alunos da 3ª fase do 3º ciclo E, da Escola Estadual Rosa dos Ventos. O Projeto Político Pedagógico (PPP, 2014), dessa unidade escolar, apresenta como filosofia oportunizar ao educando o acesso ao conhecimento científico e social, trabalhando a formação humana, ética, política, técnica, científica, artística e democrática, inspirando-se nos princípios de liberdade e democracia e nos ideais de solidariedade humana, igualdade, bem-estar social e no respeito à natureza, contribuindo para o exercício da cidadania e convivência social e seu engajamento nos movimentos da sociedade.

Segundo Travaglia (1996, p. 108), o ensino de língua materna só se justifica quando desenvolve “a capacidade de o falante empregar adequadamente a língua nas diversas situações de comunicação.” Para que esse objetivo seja atendido, é necessário propiciar ao aluno o contato com o maior número possível de situações comunicativas por meio da análise e produção de enunciados. De acordo com o autor, os enunciados são produtos das situações de comunicação, e são dessa forma, por natureza, textos. Nessa perspectiva, o autor concebe o texto “como espaço intersubjetivo resultado da interação entre sujeitos da linguagem que atuam em uma situação de comunicação para atingir determinados objetivos”.

Santos *et al* (2013, p. 16), ao considerar o texto uma importante unidade de ensino, ressalta a necessidade de repensar as práticas presentes no processo de ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa, já que, constantemente, esse importante instrumento, que é o texto, vem sendo usado como mero pretexto, ou seja, explorado em atividades artificiais, como destaque os dígrafos ou os sujeitos, que não possibilitam a conquista da autonomia linguística por parte do aluno.

Para Cavalcante (2013), o texto é fruto da interação, ou seja:

[...] o texto é um evento comunicativo em que estão presentes os elementos linguísticos, visuais e sonoros, os fatores cognitivos e vários aspectos. É também, um evento de interação entre locutor e interlocutor, os quais se encontram em um diálogo constante. (CAVALCANTE, 2013, p. 20)

Conforme Cavalcante (2013, p. 44), presentificam-se no ambiente social inúmeros motivos para que haja interação entre os indivíduos. As situações discursivas são diversificadas, dependendo da necessidade comunicativa, podem exigir que o falante informe ou persuada, anuncie ou solicite, reclame ou ensine etc., dessa forma não é possível estabelecer que apenas alguns gêneros textuais circulem na escola. Para a autora “as pessoas se utilizam de múltiplas possibilidades de interação linguística (...) para que as comunicações se realizem de modo satisfatório”.

Santos *et al* (2013, p. 30) recorre à concepção bakhtiniana de gêneros, evidenciando que para o autor “os gêneros são tipos de enunciados relativamente estáveis, situados sócio-historicamente, com intencionalidade bem definida e relevante para um grupo social”.

Nesse contexto, adotando o ensino de Língua Portuguesa em uma perspectiva interacionista, pensou-se na elaboração e aplicação de uma SD, conforme proposto pelos autores Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 97), que conceituam a SD como “(...) um conjunto de atividades escolares organizadas de maneira sistemática em torno de um gênero textual oral ou escrito.”.

Quando nos comunicamos, adaptamo-nos à situação de comunicação. Para Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 97), conforme a situação comunicativa, o falante adapta o discurso, dessa forma produz diferentes textos orais ou escritos em condições diferentes. Esclarecem que apesar da gama de textos orais e escritos existentes, percebe-se uma regularidade.

Em situações semelhantes, escrevemos textos com características semelhantes, que podemos chamar de *gêneros de textos*, conhecidos de e reconhecidos por todos, e que, por isso mesmo, facilitam a comunicação: a conversa em família, a negociação no mercado ou o discurso amoroso. (DOLZ, NOVERRAZ e SCHNEUWLY, 2004, p. 97)

Os autores afirmam que o uso da SD pode auxiliar o aluno a desenvolver competências significativas em relação ao gênero textual, ampliando assim sua capacidade de adequar a escrita e a fala à situação de comunicação.

A SD, segundo Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 98 e 99), é estruturada em: **apresentação da situação**, nessa etapa “é descrita de maneira detalhada a tarefa de expressão *oral* ou escrita que os alunos deverão realizar”; **primeira produção**, nessa fase o professor terá a oportunidade de “avaliar as capacidades já adquiridas e ajustar

as atividades e os exercícios previstos na sequência às possibilidades e dificuldades reais de uma turma.”; **os módulos**, compostos por um conjunto variado de atividades ou exercícios, proporcionam ao aluno “os instrumentos necessários para esse domínio, pois os problemas colocados pelo gênero são trabalhados de maneira sistemática e aprofundada.”; **produção final**, “o aluno pode pôr em prática os conhecimentos adquiridos e, com o professor, medir os progressos alcançados.”.

2 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

A SD “Ética no processo eleitoral”, que foi elaborada pelos mestrandos Marcia Weber, Miguel Rodrigues de Oliveira e por mim, Cleunice Fernandes da Silva, sob orientação da Profa. Dra. Leandra Ines Seganfredo Santos, na disciplina “Aspectos Sociocognitivos e metacognitivos da leitura e da escrita”, bem como do Prof. Dr. Genivaldo Rodrigues Sobrinho, disciplina “Estratégias do trabalho pedagógico”, tem como objetivo principal oportunizar um momento de reflexão em relação às questões inerentes ao processo eleitoral para que o aluno se posicione criticamente.

Na “Apresentação inicial”, pensada para ocorrer em uma hora aula, foram propostas a leitura e compreensão da charge, bem como do videoclipe da música “Malandro é malandro”.

Essa etapa contemplou como objetivos específicos: ler, de maneira autônoma, textos de gêneros variados; identificar diferenças ou semelhanças observadas no tratamento dado a uma mesma informação veiculada em diferentes gêneros discursivos; articular informações textuais e conhecimentos prévios; inferir informações explícitas e implícitas; estabelecer relação entre o texto verbal e recursos gráfico-visuais.

Usando o projetor multimídia, apresentei a charge para a turma, que realizou a leitura. A princípio, os alunos não conseguiram entender qual era a temática abordada, comecei a destacar alguns elementos do texto como a palavra “vote”, os sacos de dinheiro etc. A partir desse momento, eles acionaram seus conhecimentos prévios e comentaram. Demonstraram a visão que eles têm acerca do processo eleitoral brasileiro, evidenciando que para eles a política no Brasil é sinônima de corrupção. Muitos alunos afirmaram que não queriam falar sobre política e, apesar de terem gostado da charge, não queriam discutir sobre esse assunto. Então, ressaltai a importância de se entender como ocorrem as eleições em nosso país e que a política está presente em várias atividades do nosso cotidiano. Citei como exemplo a escolha do líder de sala, que representava a sala, estabelecendo uma conexão entre a turma e a coordenação/direção.

Complementando esse trabalho, os alunos pesquisaram no dicionário o significado das palavras ética, democracia e política, depois compartilharam o resultado da pesquisa. Essa partilha foi muito interessante, pois apesar de encontrarem o mesmo significado, apresentaram pontos de vista diferentes. Esses foram relacionados à temática e os alunos fizeram importantes considerações, como a importância de

os representantes políticos agirem de forma ética e o fato de o eleitor, por meio da democracia, ter o poder de escolher quem o representará.

Em um segundo momento, os alunos assistiram, por meio do uso do projetor multimídia e caixa de som, ao vídeo da música “Malandro é malandro”. Os alunos demonstraram gostar do ritmo e da letra, porque pediram para assistir ao vídeo novamente. Logo após, pedi para que eles estabelecessem relação entre o vídeo, a charge e os termos pesquisados. Anotei as inferências realizadas por eles na lousa, destacando a criticidade demonstrada por alguns. Esses relacionaram as características do “malandro” ao político e as do “mané” ao eleitor. Importante destacar que um grupo de alunos afirmou que na atualidade, se o indivíduo não tem malandragem, não consegue conquistar as coisas que almeja.

Depois conversei com eles sobre produzirmos uma paródia da música “Malandro é malandro” na próxima aula, alguns ficaram empolgados e perguntaram se poderiam produzir em casa, mas eu pedi para que elaborássemos em sala e eles concordaram.

Na etapa “Produção inicial”, planejada para uma hora aula, foi proposto que os alunos elaborassem a paródia da música “Malandro é malandro” a partir da temática estudada. Essa atividade objetivou, especificamente, o desenvolvimento de capacidades como: perceber-se e situar-se como leitor/produtor de linguagens; refletir sobre o emprego dos recursos linguístico-gramaticais adequados à produção do gênero solicitado.

Iniciei o processo de produção, entregando uma cópia da letra da música “Malandro é malandro e mané é mané” que seria parodiada para que os alunos realizassem a leitura. Após a leitura, iniciaram a produção, auxiliados por mim. Cabe ressaltar que busquei ser o mais imparcial possível, pois queria que o texto representasse realmente o que os alunos pensavam. Um fato significativo foi que durante o processo, eles trocaram muitas informações, criando dessa forma um ambiente de construção colaborativo.

No “Módulo I”, esquematizado para uma hora aula, foi proposto que os alunos realizassem a leitura do texto “Eleições no Brasil”. Essa atividade possibilitou o desenvolvimento dos seguintes objetivos: identificar as principais características relacionadas à eleição no Brasil; promover discussões a respeito do texto lido, fazendo intervenções no sentido de manter o foco no tema em questão.

Nessa etapa, estava planejado que a turma seria dividida em grupos para leitura e discussão do texto, mas devido as constantes manifestações de indisciplina nos trabalhos em grupo, cada aluno recebeu uma cópia do texto para que destacasse os pontos significativos. Logo após realizarem o trabalho de forma individual, fizemos a leitura coletiva. Depois, fui anotando na lousa os principais pontos que eles destacaram

no texto como: o desconhecimento do significado da palavra “facultativo”, bem como até que idade o voto era obrigatório, a dinamização do processo de apuração dos votos proporcionada pelo uso das urnas eletrônicas, o significado das siglas TRE e TSE, entre outros.

Essa atividade foi muito produtiva, pois os alunos foram capazes de ler e realizar apontamentos significativos, o que demonstrou compreensão e assimilação de importantes conhecimentos.

No “Módulo 2”, planejado para duas horas aulas, foi proposto abordar as características do gênero paródia por meio do vídeo “Propaganda eleitoral gratuita – a verdadeira”. Esse módulo buscou abordar a temática, realizar um debate a partir de uma leitura crítica do texto e explorar as características do gênero textual paródia.

Inicialmente, os alunos assistiram ao vídeo. Foi visível que, logo a princípio, eles compreenderam a sátira apresentada pelo vídeo. Alguns sorriram, outros olharam com reprovação. Depois, destacaram os pontos importantes do texto através de um debate. Enquanto comentavam o filme, fui relacionando na lousa as principais ideias destacadas por eles, ao mesmo tempo, que os questionava sobre partes do vídeo que ainda não tinham sido abordadas. Os alunos observaram que a maioria das propagandas eleitorais tem como principal característica convencer o espectador e para conseguir esse objetivo, manipulam as informações, apresentando apenas o que eles querem que população veja.

Após essa atividade, entreguei uma cópia, contendo dois textos, que apresentavam as principais características do gênero paródia para que realizassem a leitura individual. Foi pedido aos alunos que, durante a leitura, verificassem se o vídeo apresentava características de uma paródia. Os alunos perceberam com a leitura que o vídeo era uma paródia, pois apresentava caráter contestador, ironia, crítica, entre outras características presentes nesse gênero textual.

Em relação à “Produção final”, pensada para ser realizada em três aulas, foi proposta a refacção da paródia escrita na produção inicial. Essa etapa teve como objetivos específicos: retomar a produção inicial verificando as características do gênero paródia; fazer o aprimoramento e reescrita do texto a partir das novas informações; realizar a gravação em áudio dos textos produzidos; socializar nas mídias digitais da escola.

Antes de devolver os textos aos alunos para que realizassem as alterações necessárias, retomei oralmente as principais características do gênero paródia. Ao entregar as produções, pedi que os alunos lessem e verificassem os apontamentos em relação aos aspectos linguísticos do texto. Nesse momento, foi oportunizado que eles reescrevessem suas produções, solicitando sempre que necessário o meu auxílio para sanarem dúvidas em relação à correção.

Na produção final, verifiquei que os alunos mantiveram os posicionamentos iniciais. Os textos revelaram que eles têm uma visão negativa acerca dos políticos, visto que atribuem a esses representantes públicos predicativos como “ladrão”, “safado”, “trapaceiro”, “corrupto”, entre outros. Essa percepção é formada basicamente do que eles veem e escutam no meio social em que estão inseridos. Apesar de, em vários momentos, eu ter afirmado que todos nós somos políticos, percebi que, para os alunos, políticos são aqueles que ocupam cargo de vereador, senador, prefeito etc. Ao contrário do que pensam a respeito dos políticos, os alunos acreditam que o eleitor é “honesto”, “esperto”, “trabalhador” etc. Segundo algumas paródias, o eleitor tem o poder de mudar a situação política do país e acabar com a corrupção.

A ideia inicial era que todos os alunos gravassem suas paródias, mas alguns se recusaram por timidez ou falta de interesse. Perante essa realidade, convidei seis alunas, que elaboraram paródias muito criativas, para comparecerem na escola no contra turno e gravarem seus textos. A princípio elas não queriam realizar essa atividade, mas devido a minha insistência e elogios as suas produções, elas concordaram.

Durante a gravação, as alunas decidiram que apenas leriam os textos, não musicalizariam. Usando o gravador de celular, gravei a leitura das paródias e percebi que, apesar de termos que repetir muitas vezes, porque estavam ansiosas ou nervosas, as alunas começaram a se envolver no processo. Ao término da gravação, já estavam mais tranquilas em relação à ideia de publicação das paródias, mas pediram que os nomes não fossem divulgados. Concordei em usar apenas as iniciais.

As produções escritas revelaram criticidade e repúdio aos atos corruptivos que ocorrem no Brasil, o que pode ser percebido nos textos selecionados:

Eleitor é trabalhador e político é ladrão
 Eleitor é trabalhador
 Político é ladrão
 Podes crer que é

Eleitor é o cara que sabe das coisas
 Eleitor é aquele que sabe o que quer
 Eleitor é o cara que sabe organizar o dinheiro
 E não se compara com um bobalhão
 Eleitor é de fato um cara maneiro
 E não vota em político trapaceiro

Eleitor é trabalhador
 Político é ladrão
 Podes crer que é (2x)

Já o eleitor tem sua meta

E o político não pode ver nada que ele já quer
 Político é um homem que moral não tem
 Vai na câmara e não tem vergonha
 Está sempre errado e é um cara safado
 Não tem medo de ser azarado
 Faz de tudo para sobreviver
 E das leis tem muito que aprender

Político é o corrupto e eleitor é o honesto
 Podes crer que é

Político é aquele que sabe roubar
 De bom não faz nada, nem quer trabalhar.
 Vive de boa querendo ganhar,

Aluna P

Não importa quem vai trapacear.
Corrupção é seu lema
E não se preocupa com algema.

Aluna K

Eleitor e Político!

Político é o corrupto e eleitor é o honesto
Podes crer que é

Eleitor é Eleitor e Político é Político
podes crer que é.

O eleitor precisa de dinheiro
Mesmo assim não é trapaceiro.
Faz as coisas pensando no futuro
E fica bem mais seguro.
Precisa votar para um mundo melhor
Se não vamos acabar na pior
É necessário primeiro analisar
Para depois ver se vai ajudar.

Eleitor é aquele que sabe o que quer
podes crer que é.
Eleitor é o cara trabalhador
Rala o dia inteiro pra ganhar seu dinheiro.
Eleitor porém é um cara esperto
Não vota em corrupto sabe que não é certo

Eleitor é Eleitor e Político é Político
podes crer que é

Aluna C

O cidadão é o trabalhador e o
político é o corrupto.
podes crer que é
trabalhador é o cara que sabe das coisas
trabalhador é aquele que sabe o que quer
trabalhador é o cara que batalha por seu
dinheiro
E não se compara com um Zé mané
trabalhador de fato é um cara maneiro
E não se amarra com político trapaceiro.

Já o político é um homem safado
É uma pessoa que moral não tem
na eleição pede voto, faz promessa
depois que passa as mentiras
não é cumprida, quem fica na pior
os cidadãos.

Aluna L

Eleitor é eleitor e político é político é,
Podes crer que é ...

O cidadão é o trabalhador e o
político é o corrupto
podes crer que é.

Eleitor é eleitor e político é político é,
podes crer que é
político é o cara que não sabe das coisas
político é aquele que não sabe o que quer
político é o cara que rouba o dinheiro
e é parecido com um Zé Mané,
político de fato é um cara que não é maneiro
e não se contenta com pouco dinheiro é...

Já o político não tem sua meta
não pode ver nada que ele quer
Político é um homem que moral
não tem
Vai pro gabinete e rouba o dinheiro
Está sempre preocupado é um cara atarefado
E puxa o saco pra sobreviver
Política é um homem abestalhado
E da vida tem muito que aprender

Eleitor é eleitor e político é político é,
Podes crer que é ...

Já o eleitor tem sua meta,
Não pode ver corrupção que ele cagueta

Eleitor é uma pessoa do bem,
Que vai pra urna e não vota em um Zé
Ninguém
é sempre puro, e não vota em um político
safado
eleitor é considerado
pois da vida ele tem muito esperado.

Aluna N

O sábio é honesto, não é como
um político qualquer, e nele eu boto fé.

O sábio é o cara que sabe das coisas
O sábio é aquele que sabe o que quer
O sábio é o cara que batalha pelo
seu dinheiro.
E não gasta com uma besteira
qualquer.

O sábio é de fato um cara de fé.
E de bom caráter é.

O sábio é honesto, não é como
um político qualquer, e nele eu boto fé. (2x)

Já o político é uma merda
Não pode ver nada que ele cagueta
Político corrupto é aquele que
se gaba.

Mas na verdade não é nada
Está sempre mentindo
Pra conseguir o que quer
Corrupto é o próprio enganado
E acha que não é.

Aluna N S

Acerca da publicação das gravações, optou-se pelo *blog* da escola. Esse trabalho era realizado anteriormente com o auxílio do técnico de laboratório, todavia, em 2014, a Secretaria de Educação do Estado de Mato Grosso não permitiu a contratação de um profissional para ocupar essa função. Por esse motivo, nesse ano letivo, contei com o auxílio do professor Anderson Ribeiro, que ministra aulas de Geografia, para postar as produções das alunas.

Como o trabalho consistia em parte de oralizações, fui orientada pelo professor Anderson a criar uma conta na plataforma *online* de publicação de áudio “Soundcloud”. Após a publicação das produções orais nesse ambiente virtual, conseguimos postar os textos escritos e orais no *blog* da escola. O produto final ficou muito interessante e pode ser conferido em: <http://escolaestadualrosadosventos.blogspot.com.br/>

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término da aplicação da SD “Ética no processo eleitoral”, ficou evidente a importância de se trabalhar a partir do modelo proposto por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004). A aplicação de uma sequência de atividades que congrega a tríade leitura crítica, análise e produção textual, é fundamental para o desenvolvimento da competência linguística pelo aluno.

Ao desenvolver com os alunos atividades de leitura de textos orais/escritos, produção de textos orais/escritos e análise linguística, conforme proposta dos Parâmetros Curriculares Nacionais, notei que os alunos demonstraram mais interesse no desenvolvimento das atividades, pois, conforme afirma Santos *et al* (2013, p. 16), as

práticas que relacionam “uso-reflexão-uso” garantem um ensino de Língua Portuguesa produtivo. Para a autora, assim como comprovado por mim, nessa perspectiva, o aluno não adotou uma postura passiva, pelo contrário, foi capaz de construir o seu conhecimento.

O desenvolvimento da SD também revelou a importância de se trabalhar a linguagem em uma perspectiva que adota o texto como centro. Segundo Brandão (2003, p. 17), o texto tem que deixar de ser “entendido como fonte ou pretexto para exploração das formas gramaticais isoladas do contexto ou como material anódino, indiferenciado, a ser trabalhado de forma homogênea nas pretensas atividades de leitura”. Durante a aplicação da SD “Ética no Processo Eleitoral”, o texto foi trabalhado em uma concepção sócio interacionista, não como mero pretexto para se explorar os aspectos linguísticos.

Para Brandão (2003, p. 18), ao se privilegiar a interação, reconhece-se diferentes tipos de textos, que apresentam variadas formas de textualização, com o intuito de atender diversas situações de interlocução. A realização da sequência de atividades oportunizou aos alunos a leitura e reflexão de diferentes gêneros textuais, bem como uma produção de uma paródia que demonstra sua criticidade a respeito das questões políticas vivenciadas por eles.

Em relação à minha prática docente, compreendo que precisamos estar em constante processo de formação. Foi a partir da participação do Programa de Mestrado Profissional em Letras que tive contato com importantes concepções teóricas a respeito do ensino de Língua Portuguesa e, ao mesmo tempo, pude elaborar propostas de ensino aprendizagem que estão em consonância com a perspectiva sociointeracionista da linguagem.

Assim como declara Freire (2001, p. 16) “Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo, educo e me educo.”, tenho consciência de minha incompletude e da necessidade de continuar a aprimorar minha prática.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, H. N. (Coord.). Texto, gêneros do discurso e ensino. In: **Gêneros do discurso na escola: mito, conto, discurso político, divulgação científica**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

CAVALCANTE, M. M. **Os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto: 2013.

DOLZ, J.; SCHEUWLY, B. **Gêneros orais e escritos na escola/** tradução e organização Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São

Paulo: Paz e Terra, 2001.

SANTOS. L. W.; RICHE, R. C.; TEIXEIRA, C. S. **Análise e produção de textos.** São Paulo: Contexto, 2013.

TRAVAGLIA, L. C. **Ensino de gramática numa perspectiva textual interativa.** 1996. Disponível em :

<http://www.solar.virtual.ufc.br/arquivos/prof/2300/2/251064/artigo_ensino_gramatica_numa_perspectiva.pdf>. Acesso em 06/10/2014.

ENSINO E APRENDIZAGEM DE LÍNGUA MATERNA: LINGUAGEM COMO PRÁTICA SOCIAL

Marcia Weber

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como finalidade descrever e analisar o desenvolvimento de uma sequência didática (SD) elaborada na disciplina “Aspectos sociocognitivos e metacognitivos da leitura e da escrita”, do programa de Mestrado Profissional e Letras – PROFLETRAS. A proposta de trabalho descrita foi desenvolvida em duas turmas de 3ª fase do 3º ciclo do ensino fundamental (turmas B e C), na Escola Estadual Cleufa Hübner – Sinop/MT.

Afim de melhor atender as demandas educacionais, a organização das atividades em sala de aula deve estar pautada em propostas que busquem compreender e satisfazer as necessidades atuais de ensino e de aprendizagem, coadunando com as concepções teóricas e com os orientativos oficiais ao que concerne a língua materna.

Uma das possibilidades de planejar as ações em sala de aula é organizá-las através de SDs. Os pesquisadores Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 97) as definem como “um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito”. Para eles, o desenvolvimento de SD permite aos alunos dominar melhor um gênero textual num movimento em espiral.

O desenvolvimento das SDs dá-se através de um movimento complexo-simples-complexo, em que primeiramente apresenta-se uma situação inicial na qual ocorrerá a primeira produção. Neste trabalho o educador poderá diagnosticar as necessidades dos alunos, ajustando assim as próximas atividades, as quais podem ser divididas em módulos, com as quais serão trabalhadas as dificuldades em diferentes níveis e com atividades e exercícios variados, uma vez que serão desenvolvidas no coletivo. Após trabalhar cada módulo (a quantidade varia de acordo com a necessidade observada pelo professor), parte-se então para a produção final, momento em que os alunos terão a possibilidade de pôr em prática o que fora estudado nos módulos, nesse processo é possível verificar quais capacidades foram desenvolvidas pelos educandos. Esse trabalho possibilita desenvolver atividades que abordam três aspectos essenciais no ensino e aprendizagem da língua materna, são eles a leitura, a escrita e a reescrita, envolvendo a análise linguística.

A leitura, de acordo com Solé (1998, p. 23-24), é um processo de interação entre leitor e texto que pode ocorrer de forma descendente, em que o leitor no momento da leitura relaciona seus conhecimentos prévios para relacionar com as novas informações que o texto carrega, gerando novos *inputs*. Leffa (1996, p. 10) pondera que a leitura acontece a partir de um processo de representação, que se dá pela intermediação com

a realidade. Dessa forma, segundo o autor, a verdadeira leitura só é possível quando se tem um conhecimento prévio dessa realidade. Esses conceitos de leitura foram abordados, pois dialogam com o trabalho proposto, em que a temática escolhida para a SD “Ética no processo eleitoral” estava totalmente voltada para o contexto atual de nossa sociedade, uma vez que o ano de 2014 foi um ano de eleições no país.

A escola, enquanto uma das agências de letramento, deve proporcionar atividades que possibilitem a leitura além da decodificação dos códigos, atendo-se à compreensão do texto. Trabalhando numa perspectiva em que o leitor seja ativo, intervindo na construção do sentido e atribuindo significados.

2 ARTICULANDO TEORIA E PRÁTICA: DA APRESENTAÇÃO DA PROPOSTA À PRODUÇÃO FINAL

Hoje o ensino de língua portuguesa volta seu olhar às práticas discursivas, tanto para dentro, como para fora da escola, com a finalidade de possibilitar aos alunos uma melhor compreensão e uso das linguagens presentes nos textos orais e escritos que circulam socialmente. A preocupação advém de como melhor desenvolver as capacidades inerentes aos processos de leitura e escrita, nas quais os alunos participam diariamente, sem que se forme um abismo entre o que se trabalha na escola e suas vivências.

Os documentos oficiais (PCN, 1998; Orientações Curriculares Área de Linguagem-MT, 2010) orientam que o ensino da língua materna tome como objeto de ensino o texto, como objeto de significação, leitura, interação, apreciação, expressão e fruição dos diversos elementos linguísticos, a fim de compreender e usar a língua portuguesa como língua materna, geradora de significação e integradora da organização de mundo e da própria identidade (Orientações Curriculares Área de Linguagem-MT, 2010).

Conforme Antunes (2009, p. 49), o texto é uma “forma de atuação social e prática de interação dialógica”, entendendo que ele ultrapassa os aspectos linguísticos e verbais. Já que engloba uma gama de

(...) relações, de recursos, de estratégias, de operações, de pressupostos, que promovem a sua construção, que promovem seus modos de sequenciação, que possibilitam seu desenvolvimento temático, sua relevância informativo-contextual, sua coesão e sua coerência. (ANTUNES, 2009, p. 51)

Lembrando que os textos produzidos tomam forma e sentido quando vistos na perspectiva dos gêneros, pois

(...) como um conceito rico nos estudos linguísticos, pode nos falar da mente, da sociedade, da linguagem e da cultura (...). Mesmo assim, essas questões

nos ajudam a compreender, principalmente, como as pessoas aprendem a ser participantes competentes nas sociedades letradas complexas e como as práticas educacionais podem ajudar a tornar tais pessoas competentes para serem agentes sociais efetivos. (BAZERMAN, 2011, p. 10).

Partindo dos conceitos abordados acima, cabe então pensar sobre o planejamento das atividades pedagógicas a serem desenvolvidas. Essa é uma das etapas mais importantes da prática do professor, pois é nesse momento que irá refletir sobre o seu contexto, considerando os alunos, suas crenças e concepções sobre ensino e aprendizagem, o ambiente e os objetivos. Moretto (2010, p. 100) afirma que “o planejamento é um roteiro de saída, sem certeza dos pontos de chegada. Por esta razão todo planejamento busca estabelecer a relação entre a previsibilidade e a surpresa”. Dessa forma o planejamento pode ser visto como um momento de criar condições que favoreçam a melhor aprendizagem dos envolvidos.

A SD proposta teve como objetivo oportunizar um momento de reflexão em relação às questões inerentes ao processo eleitoral para que o aluno se posicionasse criticamente sobre o assunto. Acredito ser papel da escola criar espaço para debater os assuntos que dizem respeito à vida dos alunos, relacionando-os com os saberes socialmente construídos; pois considera-se que os alunos são sujeitos, ou seja, indivíduos com suas histórias particulares, inseridos numa história maior de seu grupo social (MORETTO, 2010, p. 16).

Ao apresentar a proposta de trabalho aos alunos, com a leitura e compreensão da charge e do videoclipe da música “Malandro é malandro”, muitos não se mostraram interessados, questionando o porquê “falar de política” se eles ainda não são eleitores. Também surgiram falas, dizendo que não seria importante abordar o assunto, já que na política só há “roubalheira e corrupção”, até mesmo xingamentos depreciativos em relação ao tema. Nesse momento argumentei sobre a importância de estudar e aprofundar a temática para sair do senso comum, do que todos dizem sem apresentar argumentos e sobre a importância de posicionar-se diante dos assuntos de nossa realidade, exercendo, assim, seus papéis sociais enquanto cidadãos

A cidadania vai além de uma máscara com a qual o “eu” se apresenta ao seu grupo social para impor suas características. Ela implica o compromisso consciente de inserção no contexto social, a sua compreensão e o engajamento como agente transformador da sociedade, em busca da convivência harmônica e respeitosa dos membros da comunidade. (MORETTO, 2010, p. 30)

A charge e o videoclipe foram apresentados utilizando recursos de multimídia, realizando uma leitura no coletivo, na perspectiva do letramento, ou seja, ir além da mera decodificação das palavras e buscar compreendê-las em seu contexto, contudo

tornou-se necessário considerar os conhecimentos prévios dos alunos. Segundo Santos *et al* (2013), é necessário trabalhar os conhecimentos textuais, linguísticos, enciclopédicos, intertextuais e contextual; esse conjunto dará possibilidades do leitor realizar uma leitura crítica.

Esta etapa foi muito importante, discutimos sobre a temática e os aspectos a ela inerentes como, por exemplo, o conceito de ética. Os alunos expuseram o que entendiam por ética, a maioria falou que “ser ético é agir corretamente”. Após buscamos no dicionário, encontramos o seguinte conceito “É. social: parte prática da filosofia social, que indica as normas a que devem ajustar-se as relações entre os diversos membros da sociedade.” (FERREIRA, 2011).

Assim, compreendemos o porquê devemos agir eticamente, como também tratamos sobre as relações em sociedade. Muitos alunos não relacionaram o “ser ético” com as relações interpessoais, já que pensavam apenas no individual.

Dentre os objetivos específicos traçados para esse momento, considero que foram atingidos na articulação de informações textuais e conhecimentos prévios, na inferência de informações explícitas e implícitas e ao estabelecer relação entre o texto verbal e recursos gráfico-visuais. Com a leitura dos textos, os alunos participaram ativamente, confrontando a ideia principal da charge com a nossa realidade, a compra de votos. Uma aluna questionou se trabalhar em campanhas eleitorais também é visto de forma negativa, expliquei que o trabalho na campanha é algo legal e não fere a legislação, o que é muito diferente da venda de votos. Outro ponto abordado foi a relação entre a música e a charge, levantaram o seguinte questionamento “quem é malandro? e quem é mané?”, nesse contexto de compra de voto, já que o voto é secreto. Pude perceber um senso crítico nessa leitura e os conhecimentos prévios sendo ativados, observaram que, neste caso, cabem os conceitos abordados anteriormente no que se refere à ética.

Conforme Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004) destacam, a apresentação inicial de uma SD é importante por ser neste momento que os alunos constroem a representação do que será trabalhado nos módulos, e ocorre a apresentação da situação de comunicação que a proposta iria percorrer: o gênero abordado, a quem se dirigiria, em qual forma (oral e escrita). Combinamos que produziriam uma paródia da música “Malandro é malandro” a partir da temática “Ética no processo eleitoral” e que as mesmas seriam publicadas no *blog* da escola.

Alguns alunos questionaram o trabalho com o gênero escolhido (paródia), mas a maioria concordou com a proposta, dessa forma não modificamos o que já estava organizado. Percebi que a apresentação prévia do que será desenvolvido nas aulas faz com que eles participem das negociações didáticas, tornando-os protagonistas do trabalho.

Na primeira produção, realizada individualmente, não houve muita interferência por minha parte, pois o objetivo era que escrevessem livremente a partir dos conhecimentos que já possuíam, tanto em relação ao gênero, quanto ao tema. Segundo Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), a produção inicial tem a função de regular a SD, para o aluno e para o professor, e permite que se consiga trabalhar com a avaliação formativa. Essa atividade propiciou que o aluno se percebesse e se situasse como leitor/produtor de linguagens e que refletisse sobre o emprego dos recursos linguístico-gramaticais adequados à produção do gênero solicitado. Fora entregue aos alunos uma cópia da letra da música e cada aluno produziu uma paródia.

No primeiro módulo estava destinada uma aula para as atividades, mas como não pude comparecer nesse dia e para não interromper o processo, a coordenadora pedagógica da escola passou a atividade para os alunos, que realizaram a leitura do texto “Eleições no Brasil” (conforme estava planejado) e destacaram as principais ideias, utilizando duas aulas. Acredito que não prejudicou o andamento dos trabalhos. No dia seguinte, os trabalhos foram retomados, os grupos socializaram as impressões do texto, destacando como principais apontamentos:

- Voto obrigatório- muitos acham que o voto deveria ser facultativo independente de idade (abordado nas duas turmas);
- O processo de urnas eletrônicas e o fato do Brasil ser o país mais rápido e atualizado no processo eleitoral;
- Acesso aos meios de comunicação para propaganda eleitoral- de acordo com a opinião dos alunos não deveria haver propaganda eleitoral.

Cavalcante (2013, p. 19) aborda o texto como processo de interação em que há o propósito da interação entre os sujeitos envolvidos e suas posições sócio-históricas irão contribuir para a construção de sentidos. Segundo os educandos, no texto havia informações que não eram de seu conhecimento, desta forma, o texto auxiliou para aumentar o conhecimento sobre a temática. Observa-se que, nesse sentido, os alunos ativaram os conhecimentos prévios, contrapondo-os com os novos conhecimentos.

Quando os alunos formulam perguntas pertinentes sobre o texto, não só estão utilizando o seu conhecimento prévio sobre o tema, mas também – talvez sem ter a intenção – conscientizam-se do que sabem e do que não sabem sobre o assunto. Além do mais, assim adquirem objetivos próprios, para os quais tem sentido o ato de ler. (SOLÉ, 1998, p. 110)

Ao trabalharmos as características do gênero paródia, no módulo dois, debatemos, também sobre a temática, a partir do vídeo apresentado “Propaganda eleitoral gratuita – a verdadeira” (*by* Marcelo Adnet). As impressões do grupo em relação ao vídeo foram muito boas, pois conseguiram realizar uma leitura crítica, relacionando com as campanhas veiculadas nas mídias.

Primeiramente foram abordados o tema e a ideia principal, neste momento tiveram dificuldade em diferenciar os dois termos, mas com intervenção chegaram ao consenso que temática abrange algo maior, neste caso as “eleições” e a ideia principal é algo mais restrito no caso do vídeo “a campanha eleitoral”. Conforme Solé (1998, p. 135), o tema indica do que trata um texto, já a ideia principal informa sobre o enunciado mais importante que o escritor utiliza para explicar o tema, podendo estar explícita ou implícita. O que ficou mais evidente quando passamos a discutir sobre o título do vídeo, foi o porquê do título “Propaganda eleitoral gratuita – a verdadeira”, destacaram a questão dos recursos financeiros destinado às propagandas e a expressão “a verdadeira” pelo fato de mostrar realmente como é a construção das propagandas, que é algo pensado e manipulado, ou seja, uma encenação, de acordo com as falas dos alunos.

Outro ponto abordado nesse módulo foi o trabalho conceitual sobre o gênero paródia em que foi exposto o texto abordando o conceito e as principais características da paródia, através de leitura compartilhada, com o projetor multimídia. Logo após assistimos ao vídeo novamente, para analisá-lo em relação às características da paródia. Nesta etapa, os alunos conseguiram associar algumas características dos conceitos estudados ao vídeo, as principais foram: ironia, criticidade, zombaria e humor. Trabalhar na perspectiva dos gêneros vai além da repetição ritual e de proposições padronizadas, pois as atividades “não apenas identificam o gênero solicitado, mas também propiciam ao aluno um ambiente de fala (...)” (BAZERMAN *et al*, 2011, p. 31).

Para melhor exemplificar, acrescentei mais um exemplo, apresentando a eles os textos a seguir:

Canção Do Exílio (Gonçalves Dias)
Minha terra tem palmeiras
Onde canta o sabiá;
As aves que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.

Que tais não encontro eu cá;
Em cismar - sozinho, à noite -
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.

Não permita Deus que eu morra,
Sem que eu volte para lá;
Sem que desfrute os primores
Que não encontro por cá;
Sem qu'inda aviste as palmeiras
Onde canta o Sabiá.

Em cismar, sozinho, à noite
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Disponível:
<http://gladislangaro.comunidades.net/index.php?pagina=1624208760>

Minha terra tem primores,

Canção do Exílio às Avelãs (Jô Soares)

Minha Dinda tem cascatas
Onde canta o curió
Não permita Deus que eu tenha
De voltar pra Maceió.
Minha Dinda tem coqueiros
Da Ilha de Marajó
As aves, aqui, gorjeiam
Não fazem cocoricó.

O meu céu tem mais estrelas
Minha várzea tem mais cores.
Este bosque reduzido
deve ter custado horrores.
E depois de tanta planta,
Orquídea, fruta e cipó,
Não permita Deus que eu tenha
De voltar pra Maceió.

Minha Dinda tem piscina,
Heliporto e tem jardim
feito pela Brasil's Garden:
Não foram pagos por mim.
Em cismar sozinho à noite
sem gravata e paletó
Olho aquelas cachoeiras
Onde canta o curió.

No meio daquelas plantas
Eu jamais me sinto só.
Não permita Deus que eu tenha
De voltar pra Maceió.
Pois no meu jardim tem lagos

Onde canta o curió
E as aves que lá gorjeiam
São tão pobres que dão dó.

Minha Dinda tem primores
De floresta tropical.
Tudo ali foi transplantado,
Nem parece natural.
Olho a jabuticabeira
dos tempos da minha avó.
Não permita Deus que eu tenha
De voltar pra Maceió.

Até os lagos das carpas
São de água mineral.
Da janela do meu quarto
Redescubro o Pantanal.
Também adoro as palmeiras
Onde canta o curió.
Não permita Deus que eu tenha
De voltar pra Maceió.

Finalmente, aqui na Dinda,
Sou tratado a pão-de-ló.
Só faltava envolver tudo
Numa nuvem de ouro em pó.
E depois de ser cuidado
Pelo PC, com xodó,
Não permita Deus que eu tenha
De acabar no xilindró.

Disponível: <http://recantopoeticolettig3.blogspot.com.br/2012/04/cancao-do-exilio-as-avelas-jo-soares.html>

Pelo fato dos alunos não terem vivenciado esse momento histórico da política brasileira representado no texto de Jô Soares, realizei uma contextualização para que conseguissem abstrair o sentido e a criticidade presente no texto. Percebi que esse exemplo auxiliou no entendimento do gênero, como também deu pistas para a reescrita da produção final.

Conforme abordam os pesquisadores proponentes do trabalho com SDs, os módulos permitem ao professor trabalhar problemas de níveis diferentes, variar as

atividades e exercícios e capitalizar as aquisições, como também propicia que o professor faça as interferências e modificações necessárias durante o percurso.

Na produção final, os alunos formaram grupos e expuseram suas produções iniciais, com o objetivo de compartilhar as ideias e produzir um único texto. Alguns alunos não se mostraram interessados em produzir, mesmo assim todos os grupos produziram e após realizaram a gravação em áudio, utilizando o celular.

Por se tratar de um gênero artístico, foram consideradas na produção dos alunos a criatividade e as características apontadas por Hutcheon (1985). Para a autora, um aspecto relevante a ser destacado no estudo desse gênero é a grande variedade de nuances irônicas em relação ao texto parodiado, podendo configurar-se como uma crítica séria ou até uma zombaria, revelando formas que expressam admiração respeitosa ou um desejo de ridicularização. Outro aspecto abordado por essa pesquisadora é que a essência está na autorreflexividade (HUTCHEON, 1985, p. 16).

Partindo desse prisma, o processo de reescrita focalizou apenas as questões ortográficas, priorizando manter as ideias e impressões dos alunos. Alguns grupos não sentiram-se à vontade para musicalizar o texto, então deixei livre para que apenas lessem durante a gravação. Após a gravação, encaminharam o áudio para meu *e-mail*, os que não conseguiram, encaminharam pelo *bluetooth* do celular. A próxima etapa foi publicar as produções escritas e suas oralizações no *blog* da escola. Como a escola não dispõe de recursos tecnológicos para realizar esse trabalho com os alunos, toda a divulgação foi realizada por mim.

O uso da tecnologia na educação há muito tempo está inserida no processo de ensino e aprendizagem, como o lápis, o quadro, o giz os livros que utilizamos, contudo o que temos atualmente é a inserção das tecnologias digitais, que nos dão a possibilidade de produzir, divulgar e compartilhar o conhecimento.

Não basta apenas termos acesso às tecnologias, mas principalmente saber como inseri-las no processo educacional, buscando a seleção de informações que permitam aos indivíduos a compreensão, atuação e transformação de seu contexto. No que se refere ao ensinar e aprender, partimos do pressuposto que as atividades consigam desenvolver capacidades de ler e interpretar o que nos cerca, de forma significativa e com sentido, potencializando a autonomia e a reconstrução de significados.

Os objetos digitais de aprendizagem são recursos que colaboram para estimular os alunos a se envolver com o processo de aprendizagem. São consideradas tecnologias digitais de aprendizagem todo e qualquer recurso, disponível em formato digital, que conduza os alunos a se apropriar de algum conceito de forma estruturada e consistente, fazendo-os contextualizar e conectar assuntos e temas diversos ou mesmo se aprofundar sobre determinado conhecimento.

No *blog* foi publicada uma paródia, com a letra e áudio.



Político é ladrão eleitor e mané, podes crer que é
Político é ladrão eleitor e mané, podes crer que é

Político é aquele que ferra com o povo
Político é aquele que tem o que quer
Político é aquele que é cheio do dinheiro
Político é aquele que manja dos migué

Político é ladrão eleitor e mané, podes crer que é
Político é ladrão eleitor e mané, podes crer que é

Já o eleitor é um pobre coitado
Que trabalha muito e vive quebrado
Está sempre duro e é um cara sarado
E tem a esperança do país melhorar

Político é ladrão eleitor e mané, podes crer que é
Político é ladrão eleitor e mané, podes crer que é

Alunas: Jennyfer, Meiryelle, Stephanie, Jaqueline
3ª fase C



Fonte: <http://tanaredecleufa.blogspot.com.br/>

Seguem *links* de algumas produções oralizadas:

https://sites.google.com/site/tanaredecleufa/Voz00108_192kbps.mp3?attredirects=0&d=1

https://sites.google.com/site/tanaredecleufa/Voz%20003_192kbps.mp3?attredirects=0&d=1

https://sites.google.com/site/tanaredecleufa/Trabalho%20%28%20Politico%20%29_192kbps.mp3?attredirects=0&d=1

https://sites.google.com/site/tanaredecleufa/Poli%CC%81tico%20E%CC%81%20Poli%CC%81tico_192kbps.mp3?attredirects=0&d=1

https://sites.google.com/site/tanaredecleufa/Voz%20002_192kbps.mp3?attredirects=0&d=1

3 REFLEXÕES SOBRE O TRABALHO DESENVOLVIDO

Com a realização desse trabalho, pude avaliar não somente a aprendizagem dos alunos, mas principalmente minha prática, realizando um movimento de ação-reflexão-ação, movimento tão discutido pelos pesquisadores da educação, como Zeichner (2008) e Esteban e Zaccur (2008). Estes destacam que os profissionais “vêm refletindo e pesquisando para melhor compreender o compreender de seus alunos” (ESTEBAN; ZACCUR, 2008, p. 12).

Quando a organização dos trabalhos escolares parte do coletivo, da partilha e da cooperação de todos os envolvidos, dentro de uma concepção dialógica, a prática adquire uma outra significação. Num trabalho em que há a negociação entre os pares, o professor passa de mediador a agente de letramento, pois irá respeitar as vontades e aprender ao mesmo tempo em que ensina. Nesse sentido, o profissional deve ter consciência que seu esforço dependerá da cooperação e da partilha de/com os envolvidos e que seu planejamento sofrerá alterações durante o percurso.

De acordo com Kleiman (2007), para ser um agente de letramento o profissional deve partilhar de uma concepção dialógica e interacionista da linguagem, é na interação que as identidades são constituídas, ou seja, é na interação que o sujeito tomará a posição de agente de letramento ao não.

Contudo, mesmo trabalhando nessa perspectiva, houve questionamentos por parte dos alunos, uma das questões abordadas foi a música base e o tema que, segundo eles, não era interessante. Nesse sentido, fica a reflexão de como abordar sempre o que eles têm interesse e o que para eles é significativo. Como educadora, fica a indagação e a preocupação de como conciliar o que é significativo para os alunos e o que é importante para nós enquanto formadores de opiniões abordar em sala de aula, a fim de proporcionar discussões e argumentar pontos de vista. Acredito que trabalhando nessa perspectiva somos agentes de letramento e formadores de opinião. Uma das possibilidades seria deixar que eles escolhessem a música base e a temática continuasse a mesma.

Quanto a nossa aprendizagem (professora e alunos), obtivemos bons resultados, os alunos conseguiram produzir de acordo com as suas capacidades e integraram nas produções os conceitos trabalhados, assim como conseguimos negociar o andamento dos trabalhos.

Outro ponto que cabe ressaltar nesse trabalho foi o uso das tecnologias, momento em que eles mais se envolveram foi na gravação dos áudios com os celulares. Possivelmente, se a escola disponibilizasse de mais recursos tecnológicos, haveria um maior envolvimento.

Para finalizar, pontuo que esse trabalho fez com que o texto não fosse apenas pretexto para uma possível correção ou atribuição de nota, mas contribuiu para perceber

que o texto do aluno não é algo fechado, fixo e regular; que a contextualização e a discussão da temática se fazem necessárias no processo de escrita e que o aluno, como um ser social, já possui um posicionamento diante dos fatos, cabendo ao professor propiciar momentos de debates e trazer novas informações, para que haja o confronto entre o velho e o novo, assim o aluno poderá construir o seu conhecimento e perceber que é através da linguagem que interagimos com o que nos cerca.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, I. **Língua, texto e ensino: outra escola possível**. São Paulo: Parábola, 2009.
- BAZERMAN, C.; HOFFNAGEL, J. C.; DIONISIO, A. P. (Orgs.). **Gênero, agência e escrita**. Tradução e adaptação Judith Chambliss Hoffnagel. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais** (5ª a 8ª séries). Brasília: MEC/SEE, 1998.
- BORTONI-RICARDO; MACHADO, V. R.; CASTANHEIRA, S. F. Matrizes de referência para a formação e o trabalho do professor como agente de letramento. In: BORTONI-RICARDO; MACHADO, V. R.; CASTANHEIRA, S. F. (Orgs.). **Formação do professor como agente letrador**. São Paulo: Contexto, 2010, p. 19-24.
- CAVALCANTE, M. M. **Os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2013.
- DOLZ, J; NOVERRAZ, M; SCHNEUWLY, B. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. *et al.* **Gêneros orais e escritos na escola**. Trad. e org. de Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004. p. 95-128.
- ESTEBAN, M.T; ZACCUR, E. A pesquisa como eixo de formação docente. In: ESTEBAN, M.T & ZACCUR, E. (Orgs.). **Professora pesquisadora: uma práxis em construção**. 2. ed.. Rio de Janeiro: DP&A, 2008, p. 11-23.
- GERALDI, J. W. **Portos de passagem**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- HUTCHEON, L. **Uma teoria da paródia: ensinamentos das formas de arte do século XX**. Trad. de Tereza Louro Pérez. Lisboa: Edições 70, 1985.
- KLEIMAN, A. B. Letramento e suas implicações para o ensino de língua materna. **Signo**. Santa Cruz do Sul, v. 32 n 53, p. 1-25, dez, 2007. Disponível em: <http://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/view/242>. Acesso 13/08/2013.
- LEFFA, V. J. **Aspectos da leitura: uma perspectiva psicolinguística**. Porto Alegre: Sagra-Luzzatto, 1996.
- MATO GROSSO/SEDUC. **Orientações Curriculares para a Educação Básica do**

Estado de Mato Grosso: Área de Linguagens. Cuiabá: Superintendência de Educação Básica, 2010.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão.** São Paulo: Parábola, 2008.

MORETTO, V. P. **Planejamento: planejando a educação para o desenvolvimento de competências.** 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

SANTOS, L. W.; RICHE, R. C.; TEIXEIRA, C. S. **Análise e produção de textos.** São Paulo: Contexto, 2013.

SOLÉ, I. **Estratégias de leitura.** 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

ROJO, R. (Org.). **Multiletramentos na escola.** Roxane Rojo. São Paulo: Parábola, 2012.

XAVIER, A. C.; MARCUSCHI, L. A. (Orgs.). **Hipertexto e Gêneros Digitais. Novas formas de construção do sentido.** 3. ed. São Paulo: Editora Cortez, 2010.

ZEICHNER, K. Formando professores reflexivos para uma educação centrada no aprendiz: possibilidades e contradições. In: ESTEBAN, M.T & ZACCUR, E. (Orgs.). **Professora pesquisadora: uma práxis em construção,** 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2008, p. 25-52.

A PROPAGANDA ELEITORAL EM INTERFACE COM OS GÊNEROS MULTIMODAIS: UMA ANÁLISE DO PROCESSO DE PRODUÇÃO DE PARÓDIAS

Miguel Rodrigues de Oliveira

1 INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas têm ocorrido vários estudos no intuito de ampliar os níveis de escolarização, não só na forma quantitativa, mas principalmente qualitativa. Tais pesquisas apontam a necessidade de se conhecer melhor as concepções de línguas que nortearam o ensino aprendizagem no passado e no presente. Assim, a prática dos professores estaria determinada conforme a concepção de língua incutida nestes, adotando certas posturas, mesmo que não tenha consciência disso. Dessa forma, para que haja mudanças significativas no processo de ensino e aprendizagem é necessário que os educadores estejam em constante formação continuada de forma a refletir sobre as novas descobertas no âmbito da educação em conjunto com suas ações em sala de aula.

É nesta perspectiva que o presente trabalho se insere, cujo objetivo é relatar como ocorreu o trabalho, apresentar e discutir os resultados envolvendo o referido tema, proposto no formato de sequência didática.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Quanto às concepções de língua, segundo Koch e Elias (2013), a língua concebida como expressão do pensamento e enfoque estrutural determina práticas escolares focadas no ensino da gramática tradicional, desvinculada do contexto, descontextualizados das práticas de uso da escrita. Nela, o texto é visto como um produto acabado a ser decodificado pelo receptor. A concepção difundida nos Parâmetros Curriculares Nacionais (1995) é a sociointeracionista, fundamentada nos estudos de Bakhtin, Bronckart, Marcuschi, entre outros, tomando a língua como atividade social, histórica, cognitiva e lugar de interação, o produtor e o leitor do texto são parceiros, agentes da construção dos sentidos. Na compreensão dos textos, são considerados os conhecimentos prévios, elementos internos e externos ao texto.

Outro aspecto contemplado nos recentes estudos é a maneira de conduzir o ensino aprendizagem da leitura e da escrita; anteriormente eram trabalhadas as tipologias textuais: narração, descrição, argumentação, injunção. Com os PCN é proposto que os gêneros textuais, sejam tomados como ponto de partida para o desenvolvimento da leitura e da escrita. Pelo fato destes, representarem situações de uso real da língua, por estarem ligados às práticas sociais em que os indivíduos produzem enunciados com determinados fins comunicativos e de acordo com os eventos sociais. De acordo com

Koch e Elias (2013, p. 16), seguindo a perspectiva bakhtiniana, os gêneros textuais:

São tipos relativamente estáveis de enunciados em cada esfera de troca: os gêneros possuem uma forma de composição, um plano composicional; além do plano composicional, distinguem-se pelo conteúdo temático e pelo estilo; trata-se de entidades escolhidas, tendo em vista as esferas de necessidade temática, o conjunto dos participantes e a vontade enunciativa ou a intenção do locutor, sujeito responsável por enunciados, unidades reais e concretas da comunicação.

Acredito que atualmente, a maioria dos professores de Língua Portuguesa está sensibilizada para o fato da importância de se trabalhar os gêneros textuais em sala de aula, mas ainda carecem de muitos estudos e reflexões para realizar suas ações educativas com maior eficácia.

Com o objetivo de oportunizar que na abordagem dos gêneros textuais fossem contemplados a escrita e a oralidade, Schneuwly e Dolz (2004) apresentam um trabalho, denominado sequência didática, de forma a orientar os professores no desenvolvimento de suas propostas.

Ainda com relação às transformações necessárias para aprimorar o processo de ensino aprendizagem é importante discutir o uso das novas tecnologias da informação, aliadas aos multiletramentos no ambiente da educação, tendo em vista que estas, atualmente, permeiam o nosso meio e os alunos pertencentes a todas as classes, fazem uso constante de computadores, celulares, jogos eletrônicos entre outros, desde muito pequenos. Portanto, os multiletramentos estão entre os saberes emergentes que o profissional da educação da atualidade precisa adquirir em primeiro lugar para facilitação de sua própria vivência e em segundo, porque existe uma demanda por parte dos alunos e do sistema de ensino para a obtenção desses conhecimentos, sob pena das aulas tornarem-se desarticuladas com o que acontece fora dos muros da escola e conseqüentemente desinteressantes para os nossos educandos. Porém, não basta apenas ter acesso a esses meios é preciso também desenvolver conhecimentos de forma a articular os conteúdos do currículo, com tais mídias, considerando as multiculturalidades linguísticas e semiótica dos alunos. Para Rojo e Moura (2013, p. 8):

Trabalhar com multiletramentos pode ou não envolver (normalmente envolverá) o uso de novas tecnologias de comunicação e de informação (“novos letramentos”), mas caracteriza-se como um trabalho que parte das culturas de referência do alunado (popular, local, de massa) e de gêneros, mídias e linguagens por eles conhecidos, para buscar um enfoque crítico, pluralista, ético e democrático – que envolva agência – de textos/discursos que ampliem o repertório cultural, na direção de outros letramentos, valorizados (como é o caso dos trabalhos com hiper e nanocontos) ou desvalorizados (como é o caso do trabalho com picho).

Nesse sentido, é importante o professor trabalhar sistematicamente um determinado gênero textual, articulando com outras modalidades discursivas, como vídeos, músicas, paródias, charges, entrevistas, entre outros, demonstrando que uma mesma temática poderá envolver diferentes modalidades de linguagens.

2.1 O GÊNERO TEXTUAL PARÓDIA

As representações textuais em forma de paródias são produzidas com a intenção de provocar nos expectadores sensações de humor, ironia, crítica, entre outros. São construídas a partir de uma composição original que poderá ser uma música, poema, filme, obra de arte ou assuntos que estão na mídia. Geralmente os produtores de paródias, conservam o esquema do objeto que se está parodiando, acrescentando outras partes de acordo com o objetivo que se tem em mente.

No caso de uma canção mantém-se o ritmo, a quantidade de estrofes, versos e rimas para que o interlocutor possa fazer uma relação com a primeira versão da música. É um recurso bastante utilizado com diferentes intenções. Tendo como exemplos às paródias criadas em épocas de eleições, enfatizando o trabalho do candidato, suas propostas, seu caráter, entre outros. Da mesma forma são adotadas por aqueles que querem passar uma imagem negativa de tal político.

A publicidade utiliza com frequência o recurso da paródia de músicas, filmes, provérbios para promoção de seus produtos, reforçando o apelo do público para aquisição de certa mercadoria.

Quanto à liberdade de expressão na produção de paródias “segundo a lei brasileira sobre direitos autorais, Lei 9.610/98, Art. 47, “São livres as paráfrases e paródias que não forem verdadeiras reproduções da obra originária nem lhe implicarem descrédito”¹.

Assim, aquele que se aventurar na produção deste tipo textual, deve atentar para que aborde o tema de forma não agressiva ou desrespeitosa, pois afinal todos os cidadãos têm o direito de serem respeitados, independentemente de quem são.

3 METODOLOGIA

A execução desta proposta de ensino aprendizagem fundamenta-se em recentes pesquisas no âmbito educacional, envolvendo a concepção sociointeracionista da língua, sendo esta vista como atividade social, histórica, cognitiva e lugar de interação, o produtor e o leitor do texto, parceiros, agentes da construção dos sentidos. Na compreensão dos textos, são considerados os conhecimentos prévios, elementos internos e externos ao texto, elegendo os gêneros textuais para o trabalho com a leitura e escrita por apresentarem situações reais de comunicação, finalidades comunicativas, articulados com as práticas sociais.

1 Disponível em: <http://www.infoescola.com/generos-literarios/parodia/>. Acesso: 26 de maio de 2014.

A sequência didática foi adotada para abordagem dos gêneros textuais como forma de se trabalhar a oralidade e a escrita de maneira integrada. Também foram utilizadas as novas tecnologias da informação, como recurso para tornar as aulas mais dinâmicas e voltadas para a realidade dos alunos.

A turma do 5º ano, selecionada para aplicação da sequência didática, é composta de 12 alunos, na faixa de 10 a 11 anos, entre estes, 9 meninos e 3 meninas. É uma turma pequena e bem conceituada, porém, em decorrência da escola ser de horário integral e já terem estudado as disciplinas comuns às demais escolas no período da manhã, as tarefas que envolvem leitura e escrita já não são tão bem aceitas no horário vespertino. Como a SD em questão envolvia leitura e escrita, acredito que poderia ter alcançado melhores resultados se fosse administrada na parte da manhã. Ainda assim, os objetivos propostos foram alcançados de forma satisfatória.

4 APLICAÇÃO DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA

O desenvolvimento da proposta de ensino e aprendizagem ocorreu no período de 30/07/2014 à 18/08/2014 no período vespertino, com uma aula diariamente, tendo intervalo de alguns dias sem que houvesse aulas. Dessa forma apresento a seguir os assuntos tratados nas aulas, acompanhado do relatório diário.

A SD foi elaborada para ser aplicada em uma turma do 9º ano do ensino fundamental, porém, devido a minha intenção em desenvolver o trabalho na escola na qual estou lotado, tive que optar por uma turma do 5º ano, pelo fato da escola não ministrar aulas para outras séries acima desse nível. Com referência ao produto final, que era a gravação em áudio dos textos produzidos, optei pela compilação dos textos no formato de um caderno das paródias da turma do 5º da EMEB Silvana.

Inicialmente a coordenadora da escola apresentou-me à turma de alunos, falando-lhes do privilégio destes em serem selecionados para o desenvolvimento da sequência didática “Ética no processo eleitoral”. A princípio os alunos demonstraram compromisso, dedicação e cooperação, porém após alguns instantes se tornaram muito agitados, inquietos e indisciplinados a ponto de tornar quase impossível a realização dos trabalhos.

Dando continuidade, falei sobre o tema em questão “Ética no Processo Eleitoral”, mostrando-lhes a charge “Malandro é malandro e Mané é Mané”, solicitei que observassem, descrevessem e apontassem as relações de significados entre a charge e o processo eleitoral, ouvindo as respostas dos alunos, solicitando que falassem de forma ordenada, para que fossem entendidos. Observei que os educandos têm dificuldades na realização deste tipo de atividade, pois muitas vezes eles não conseguem parar e ouvir o colega ou esperar a vez para falar, sem contar aqueles que aproveitam esses momentos para fazerem o que não devem. Prossegui as atividades dando ênfase na oralidade, detectando dessa forma avanços na construção dos conhecimentos de forma coletiva, de

maneira que os educandos responderam as perguntas até acima do esperado. Bortoni-Ricardo e Machado, apud Cagliari (2013, p. 166), citam que:

Na sociedade atual, tanto a oralidade quanto a escrita são imprescindíveis. Mesmo que a alfabetização seja um processo que só se inicia oficialmente no primeiro ano do ensino fundamental, suas bases são lançadas bem antes disso. Desde que nasce a criança está exposta às práticas sociais da leitura e da escrita, está mergulhada no mundo da linguagem, da fala, no meio em que vive.

Nesse sentido é que a oralidade na escola deve ser trabalhada em conjunto com a escrita, pois, muitas vezes, os alunos têm dificuldades em entender os textos, justamente por não conseguir relacioná-los às situações de produções dos mesmos. Por isso é de suma importância que, antes de fazer as leituras, os educadores façam questionamentos, no intuito de preparar os educando para a leitura propriamente dita.

A apreciação do vídeo *Youtube* da música: “Malandro é malandro e Mané é Mané” ficou um pouco prejudicada, uma vez que não tinha caixa de som, para ouvirem melhor.

Na segunda aula realizei a leitura da música “Malandro é malandro e Mané é Mané”, de forma pausada, para que os alunos adquirissem melhor compreensão. Na interpretação solicitei-lhes que dissessem quais palavras da música eram desconhecidas para eles. Citaram: meta e cagueta. Reli os trechos com tais palavras, incentivando-os para que inferissem o significado destas, de acordo com o contexto. A seguir anotei as respostas na lousa, confrontando-as posteriormente com os significados do dicionário. Observei que a princípio os educandos demonstraram pouca familiaridade no uso de dicionários, então expliquei-lhes como encontrar as palavras. Depois de alguns instantes, incentivei alguns alunos para que lessem, enquanto ia comentando tais significados, chamando a atenção para os vários sentidos, os quais devem ser selecionados de acordo com o contexto em que as palavras se encontram.

Na terceira e quarta aulas disse para os alunos que eles fariam uma primeira produção de paródia de acordo com as orientações iniciais e o que já sabiam a respeito desse gênero textual. Perguntei o que é o título da música, estrofes, rimas, versos, refrão, complementando os seus conhecimentos. Reforcei que uma paródia é produzida a partir de um texto original o qual é modificado, de forma a torná-lo engraçado, crítico, irônico; obedecendo a uma temática e sem haver perda do ritmo; quando for uma paródia de música, neste caso a música “Malandro é malandro e Mané é Mané”. Assim solicitei aos alunos que produzissem a primeira versão da referida paródia. Em conjunto, elaboramos uma lista de palavras possíveis de serem incluídas na música, sendo estas: candidato, eleições, voto, dinheiro, carro, ajuda, deputado, governador, senador, presidente, entre outros.

Como incentivo para que os alunos se dedicassem nas produções, enfatizei os objetivos propostos: confecção de um caderno de paródias da turma do 5º ano da EMEB Silvana, divulgação dos textos no mural da escola e no *Facebook* e apresentação das paródias produzidas.

Quanto às produções de paródias, alguns alunos se dirigiram aos políticos em seus textos, de forma bastante agressiva e desrespeitosa, então eu lhes falei que isto também não é ético e que precisamos usar uma linguagem polida. Mesmo que seja em uma paródia, necessitamos formar alunos críticos sim, mas podemos alcançar essa habilidade de forma educada e por meio de bons argumentos. Reforcei que em aulas posteriores ampliaríamos os conhecimentos a respeito da temática para que tivessem mais possibilidades na reescrita dos textos.

Dessa forma, foi realizada a leitura compartilhada do texto “Eleições no Brasil”, intercalada com comentários e explicações. A seguir os alunos registraram seus conhecimentos adquiridos com a referida leitura por meio de desenhos, podendo ser constatado que houve aprendizagem em relação a tais atividades.

Na aula seguinte, inicialmente propus aos alunos a produção coletiva de texto com o tema “Eleições no Brasil”, assim conforme iam falando a respeito do que entenderam com a referida leitura e comentários, eu anotava na lousa suas falas, reestruturando-as para que houvesse melhor coerência. Pedi que um aluno registrasse em meu caderno o texto coletivo, demonstrando assim a importância desse momento.

A seguir foi realizada a leitura comentada “Características da paródia”, fazendo pausas para explicar com mais detalhes na lousa. Como exemplo para a construção de uma paródia, escrevi no quadro a música “Terezinha de Jesus”, que é bem conhecida dos alunos. Reescrevi-a ao lado deixando o texto lacunado, dando continuidade perguntei aos alunos que palavras poderíamos escrever naqueles espaços, observando a relação entre as palavras de forma a manter o tema “Ética no processo eleitoral”. Percebi que os alunos tiveram dificuldades em encontrar as palavras adequadas para a produção da paródia, mas com minha intervenção a atividade pôde ser concluída.

Como não havia projetor disponível na escola assistimos ao vídeo *Youtube* “Propaganda Eleitora – A verdadeira”, no próprio *notebook* do professor, havendo por isso dificuldades para visualizar as imagens, devido ao tamanho da tela. Com isso, reitero que os professores precisam estar abertos às possibilidades de ampliação de seus conhecimentos em todas as áreas educacionais, inclusive com referência às novas tecnologias, porém não deve confiar totalmente nestas e estar preparado para conduzir suas aulas com ou sem as mesmas, porque na última hora pode acontecer uma surpresa, tendo nesse caso que saber fazer uso do que tem a sua disposição no momento, usando sua criatividade de acordo com os recursos disponíveis em cada situação.

Logo após pedi que os alunos que citassem os pontos que lhes chamaram à

atenção durante a audição e visualização do vídeo. Enquanto relatavam as partes de destaque, solicitei-lhes que interpretassem as determinadas situações, incentivando-os para que refletissem sobre as atitudes de muitos candidatos em épocas de eleições e qual o verdadeiro objetivo destes comportamentos. Percebi que os educandos têm conhecimentos a respeito dos aspectos envolvidos no processo eleitoral, identificando situações irregulares por parte dos candidatos, bem como do eleitorado.

Foi realizada uma revisão das características do gênero textual paródia por meio de releitura do texto “Características da paródia”, com comentários a respeito e registros na lousa.

Retomando as produções das paródias da aula anterior, percebi que a escrita destas, estavam abaixo do esperado, pois não haviam conseguido manter o tema e a coerência, por isso resolvi digitar os textos, deixando lacunas para que preenchessem, procurando não se distanciar do tema. Tive o cuidado de transcrever o texto-base, ao lado para facilitar o processo de produção, oportunizando assim andaimes para que todos conseguissem realizar a tarefa.

Para recapitulação do tema “Ética no processo eleitoral”, solicitei-lhes que registrassem suas impressões por meio de ilustrações ou escrita. Pela observação dos trabalhos, constatei que os mesmos ampliaram os conhecimentos.

Como as reescritas dos textos de alguns alunos ainda não estavam coerentes, escrevi na lousa uma lista de palavras, referentes à temática. A seguir solicitei-lhes que dissessem quais destas ainda não haviam compreendido, fui explicando e dando exemplos. Posteriormente, chamei um aluno por vez à frente, para auxiliá-los nas reestruturações dos textos, lendo as produções, citando as partes que não ficaram adequadas, incentivando-os a citarem outras palavras mais significativas e proporcionando-lhes sugestões de melhorias. Houve situações em que as produções estavam ilegíveis, impedindo a compreensão. Nestes casos sugeri que lessem o que escreveram, oportunidade na qual era feito questionamentos, no sentido de refletir sobre o processo de escrita, oferecendo um maior auxílio de acordo com o nível de conhecimento do sistema alfabético por parte do aluno. Bortoni-Ricardo e Machado (2013, p. 151) afirmam que:

A proposta para estabelecer relações positivas com os alunos está pautada na sensibilidade e na receptividade por parte do professor; na compreensão das necessidades dos alunos; na prática do afeto positivo, interações verbais e sociais freqüentes; no reforço das discussões e expressões do aluno; no estímulo da autonomia pessoal; e no incentivo da linguagem, principalmente dos alunos que falam pouco em sala de aula. Com isso, o professor poderá aproximar de forma efetiva os alunos às práticas de escrita e transformá-los em futuros cidadãos da cultura escrita.

Nesse sentido, acredito que todo esforço que o professor fizer para recuperar o processo de desenvolvimento do aluno, será gratificante para ambos: da parte do aluno, porque finalmente encontrou a chave para a busca do conhecimento e para o professor por sentir realizado profissionalmente e emocionalmente.

Dessa maneira, com alguns ajustes e motivados pelo professor, foi estabelecida a coerência nos textos. Com tal atitude, pude perceber que a tarefa de produzir uma paródia, enfatizando uma temática é uma atividade que exige muitas reflexões por parte do professor e dos alunos, mas é também motivador constatar o crescimento que tal exercício proporciona. Outro fator a considerar é em relação à mudança do comportamento que ocorre no alunado com esta modalidade de trabalho, por envolver a participação coletiva da turma, necessitando que falem um de cada vez, ouça o colega, compartilhe a experiência do outro, tornando assim um processo complexo ao oportunizar a articulação de várias ações, porém sempre que possível é fundamental a efetivação de tal prática, pois é justamente neste ambiente que a aprendizagem adquire objetivo, por permitir a construção dos conhecimentos de maneira interacional.

Na última aula, durante a entrega dos textos digitados para os alunos, elogiei o trabalho realizado e o esforço pessoal de cada um, reforçando que vale a pena se dedicar para ter o trabalho reconhecido e que isto é de suma importância para o crescimento do educando de maneira integral, participando do processo de construção do conhecimento, interagindo de forma crítica, realizando um trabalho em conjunto com a leitura e a escrita, dentro de um projeto em que faça sentido ler e escrever.

Assim, posso dizer que apesar de vários percalços, como o acontecimento destas atividades em um horário em que os educandos já se encontravam cansados, houve avanços significativos com o desenvolvimento de tais atividades, sendo que estas foram aceitas com certa naturalidade. Quanto ao nível das produções, ficaram dentro dos padrões esperados, levando em consideração o grau de escolaridade da turma em relação à complexidade da tarefa proposta.

Dando prosseguimento, as paródias foram expostas no mural da escola, além de confeccionadas no formato de caderno de paródias da turma do 5º ano. Cada aluno foi presenteado com um exemplar, outra cópia foi doada para escola, eu também fiz questão de reservar uma, para fazer parte do meu acervo de materiais escolares.

5 CONCLUSÕES

Retomando ao objetivo do presente trabalho afirmo que houve avanços consideráveis no processo ensino aprendizagem da oralidade e da escrita dos alunos envolvidos, em decorrência da sistemática adotada nos procedimentos. A metodologia privilegiou a sequência didática envolvendo vários aspectos importantes do ensino de forma articulada, cada parte em função da outra. Foi um processo contínuo, de desprendimento pessoal, mas também enriquecedor. Para os educandos da mesma

maneira foi uma experiência incomum, em razão do formato das atividades apresentadas.

Assim, a evolução dos alunos pôde ser constatada em relação às suas primeiras e últimas versões textuais produzidas, em que se constata que ampliaram os seus conhecimentos com referência ao gênero textual e ao tema de estudo.

Alguns fatores intervíram negativamente para a consecução de melhores resultados, sendo estes: desenvolvimento da proposta em horário oposto às atividades normais do currículo, em razão da escola ser de horário integral, sendo que neste período é mais adequado a prática de esportes, artes, pois os alunos já tiveram as atividades relacionadas à leitura e escrita no período anterior, falta de recursos tecnológicos, como projetor, precariedade do laboratório de informática e a indisciplina de alguns educandos. Porém, apesar destes aspectos, podemos afirmar que houve ganhos consideráveis com a realização desta intervenção.

Finalmente, concluo este trabalho, consciente de que foi valiosíssima a experiência realizada, pois aprendi muito com o estudo da teoria necessária neste processo, as intervenções realizadas junto aos alunos, no uso de diferentes recursos tecnológicos, incorporando tudo isso à minha postura de trabalho e no crescimento pessoal e profissional.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais.** Língua portuguesa. Secretaria de Educação Fundamental, Brasília: MEC/SEF, 2001.
- BORTONI-RICARDO, S. M.; MACHADO, V. R. (Org.). **Os doze trabalhos de Hércules: do oral para o escrito.** São Paulo: Parábola Editorial, 2013.
- KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. **Ler e Compreender os sentidos do texto.** 3. ed. São Paulo: Contexto, 2013.
- LEFFA, J. **Aspectos da leitura: uma perspectiva psicolinguística.** Porto Alegre: Sagra D. Luzzato, 1996.
- ROJO R., MOURA E. (Orgs.). **Multiletramentos na escola.** São Paulo: Parábola, 2012.
- SCHNEUWLY, B., DOLZ, J., *et al.* **Gêneros orais e escritos na escola.** São Paulo: Mercado de Letras, 2004.

ANEXO: Paródias produzidas pelos alunos

ALUNO: BRUNO

E político é político e pobre é pobre
 Podes crer que é
 E político é político e pobre é pobre
 Podes crer que é.

Político é o cara que quer ter dinheiro
 Político é aquele que sabe o quer
 Político é o cara que conquista as pessoas
 E não se compara com um Zé Mané
 O político de fato está no meio do povo
 E não se complica com um caso qualquer.

E político é político e pobre é pobre
 Podes crer que é
 E político é político e pobre é pobre
 Poder crer que é.

CANDIDATOS DEIXAM CARGOS PARA CONCORRER AS ELEIÇÕES



ALUNO: FELIPE

E homem é homem e mulher é mulher
 Podes ver que é
 E homem é homem e mulher é mulher
 Podes ver que é.

Homem é o cara que quer as coisas
 Homem é aquele que sabe o que quer
 Homem é o cara que olha para o povo
 E não se compara com a mulher
 Homem de fato é um cara valente
 E não se vende por um voto sequer.

E homem é homem e mulher é mulher
 Podes ver que é
 E homem é homem e mulher é mulher
 Podes ver que é.



ALUNO: VÍTOR GUSTAVO

E eleitor é eleitor e governador é governador
 Podes crer que é
 E eleitor é eleitor e governador é governador
 Podes crer que é.

Político é o cara que faz promessas
 Político é aquele que conquista o povo
 Político é o cara que tem horário eleitoral
 E não se compara com um Zé Mané
 Político de fato é um ser humano
 Que não deve comprar o voto das pessoas.

E eleitor é eleitor e governador é governador
 Podes crer que é
 E eleitor é eleitor e governador é governador
 Podes crer que é.



ALUNO: ÍGOR DANILO

E político é político e eleitor é eleitor
 Podes crer que é
 E político é político e eleitor é eleitor
 Podes crer que é.

Político é o cara que sabe o que quer
 Político é aquele que está com o dinheiro
 E eleitor é o cara que não tem dinheiro
 E não se compara com um Zé Mané
 Político de fato é um cara de sorte
 E não se amarra em um carro qualquer.

E político é político e eleitor é eleitor
 Podes crer que é
 E Político é político e eleitor é eleitor
 Podes crer que é.



ALUNO: LUCAS

E senador é senador e prefeito é prefeito
Podes crer que é
E senador é senador e prefeito é prefeito
Podes crer que é.

Político é o cara que sabe das coisas
Político é aquele que gosta de falar
Político é o cara que promete melhorar tudo
E não se compara com um Zé Mané
Político de fato é um cara maneiro
E não se amarra em um caso qualquer.

E senador é senador e prefeito é prefeito
Podes crer que é
E senador é senador e prefeito é prefeito
Podes crer que é.

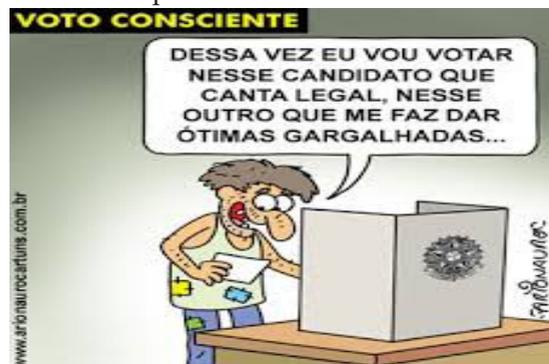


ALUNO: JOÃO PAULO

E eleitor é eleitor e governador é governador
Podes crer que é
E eleitor é eleitor e governador é governador
Podes crer que é.

Eleitor é o cara que sabe de tudo
Eleitor é aquele não tem dinheiro
Eleitor é o cara que precisa votar
E não se compara com um cara qualquer
Eleitor de fato é um cara legal
E não se amarra em uma ajuda sequer.

E eleitor é eleitor e governador é governador
Podes crer que é
E eleitor é eleitor e governador é governador
Podes crer que é.



ALUNO: RENAN

E prefeito é prefeito e vereador é vereador
 Podes crer que é
 E prefeito é prefeito e vereador é vereador
 Podes crer que é.

Político é o cara que faz propaganda
 Político é aquele que pede apoio
 Político é o cara que manda fazer as coisas
 E não se compara com um Zé Mané
 Político de fato conquista os outros
 E não se engana com um caso qualquer.

E prefeito é prefeito e vereador é vereador
 Podes crer que é
 E prefeito é prefeito e vereador é vereador
 Podes crer que é.



ALUNA: IASMIM

E prefeito é prefeito e deputado é deputado
 Podes crer que é
 E prefeito é prefeito e deputado é deputado
 Podes crer que é.

Deputado é o cara que sabe das coisas
 Deputado é aquele que está no meio das
 pessoas
 Deputado é o cara que está com o dinheiro
 E não se compara com um Zé Mané
 Deputado de fato é um homem maneiro
 E não se incomoda com um voto sequer.

E prefeito é prefeito e deputado é deputado
 Podes crer que é
 E prefeito é prefeito e deputado é deputado
 Podes crer que é.



ALUNA: KAMILI

E candidato é candidato e prefeito é
prefeito

Podes crer que é

E candidato é candidato e prefeito é
prefeito

Podes crer que é

Candidato é o cara que sabe de tudo

Candidato é aquele que tem dinheiro

Candidato é o cara que é legal e maneiro

E não se compara com um cara qualquer

Candidato de fato é um cara legal

E não se amarra em carro qualquer.

E candidato é candidato e prefeito é
prefeito

Podes crer que é

E candidato é candidato e prefeito é
prefeito

Podes crer que é.



ALUNO: RAFAEL

E eleitor é eleitor e político é político
Podes confiar

E eleitor é eleitor e político é político

Podes confiar.

Político é o cara que administra a cidade

Político é aquele que veste o paletó

Político é o cara que deve ajudar o pobre

E não se compara com um Zé Mané

Político de fato pode ser um ricaço

E não se compara com um cara qualquer.

E eleitor é eleitor e político é político
Podes confiar

E eleitor é eleitor e político é político

Podes confiar.



ALUNA: LARISSA

Deputado é deputado e presidente é presidente

Podes confiar

Deputado é deputado e presidente é presidente

Podes confiar.

Deputado é o cara que conquista o eleitor

Deputado é aquele que promete fazer o bem

Deputado é o cara que não deve comprar o voto

E não se compara com um Zé Mané

Deputado de fato é um cara esperto

E não se compara com um cara qualquer.

Deputado é deputado e presidente é presidente

Podes confiar

Deputado é deputado e presidente é presidente

Podes confiar.



ALUNO: LUÍZ FELIPE

E político é político e pobre é pobre

Podes crer que sim

E político é político e pobre é pobre

Podes crer que sim.

Político é o cara que pede voto

Político é aquele que sabe o quer

Político é o cara que é dono do pedaço

E não se compara com um Zé Mané

Político de fato pode ser um ricaço

E não se compara com um cara qualquer.

E político é político e pobre é pobre

Podes crer que sim

E político é político e pobre é pobre

Podes crer que sim.



ENTRELAÇANDO SABERES: UMA PROPOSTA DIDÁTICA EM DIFERENTES CONTEXTOS

*Cleunice Fernandes da Silva
Márcia Weber
Miguel Rodrigues de Oliveira*

O Mestrado Profissional em Letras/PROFLETRAS tem como objetivo formar professores de Língua Portuguesa conscientes da necessidade de criar práticas pedagógicas inovadoras que levem a reflexão de questões relevantes sobre diferentes usos da linguagem. Nesse sentido, a sequência didática, doravante SD, “Ética no processo eleitoral” foi elaborada na tentativa de atender as propostas do programa, contemplando as teorias estudadas e as pesquisas realizadas na área do ensino de língua materna. De acordo com Schneuwly, Dolz, *et al* (2004, p. 97):

Uma sequência didática tem, precisamente, a finalidade de ajudar o aluno a dominar melhor um gênero de texto, permitindo-lhe, assim, escrever ou falar de uma maneira mais adequada numa dada situação de comunicação. O trabalho escolar será realizado, evidentemente, sobre gêneros que o aluno não domina ou o faz de maneira insuficiente; sobre aqueles dificilmente acessíveis, espontaneamente, pela maioria dos alunos; e sobre públicos e não privados.

A elaboração e aplicação da SD proporcionou a realização de diferentes atividades, organizadas em etapas, com enfoque na construção do conhecimento por meio da interação, retomando especificidades do gênero paródia quando necessário, estimulando a cooperação e o trabalho coletivo. Essa proposta possibilitou maior contato com o gênero textual de forma contextualizada e respeitou as particularidades de cada aluno.

O trabalho foi desenvolvido em cinco turmas, sendo quatro de 3ª fase do 3º ciclo e uma de 5º ano, realizado em três escolas públicas do município de Sinop/MT, que culminou com a produção de paródias que foram divulgadas nas mídias virtuais e no mural da escola. Em virtude de a mesma SD ter sido aplicada em contextos distintos, verificou-se que o processo ocorreu de forma diferenciada em cada turma, contudo também foram constatadas similaridades.

Na escola Estadual Rosa dos Ventos e Cleufa Hübner, a SD foi desenvolvida com alunos da 3ª fase do 3º ciclo em horário regular. Na Escola Municipal de Educação Básica/EMEB Silvana, que funciona em período integral, as atividades foram desenvolvidas com uma turma de 5º ano, no período vespertino, que é destinado para a realização de atividades extracurriculares. Esse fato gerou uma maior resistência por parte dos alunos à proposta, já que os educandos não estavam acostumados a

permanecer nesse período em sala de aula com atividades de leitura e escrita.

O planejamento, que fora pensado para ser aplicado igualmente nas três escolas, foi alterado de acordo com as necessidades apresentadas e com a realidade de cada unidade escolar. Ao trabalhar com o ensino-aprendizagem, é necessário ter consciência de que alterações podem ocorrer, já que as realidades vivenciadas nos ambientes escolares não são idênticas. Principalmente, quando se trata do uso dos recursos tecnológicos.

Libâneo (1994), ao refletir acerca da importância do planejamento para a prática docente, afirma que:

O planejamento escolar é uma tarefa docente que inclui tanto a previsão das atividades em termos de organização e coordenação em face dos objetivos propostos, quanto a sua revisão e adequação no decorrer do processo de ensino. O planejamento é um meio para programar as ações docentes, mas é também um momento de pesquisa e reflexão intimamente ligado à avaliação. (LIBÂNEO, 1994, p. 34)

Nos três contextos, a ausência de alguns recursos dificultou a aplicação da SD. Na escola Cleufa Hübner não havia laboratório de informática, já a Escola Rosa dos Ventos, apesar de tê-lo não pôde usá-lo, pois não havia técnico, o que ocorreu também na escola Silvana, que não pôde fazer uso do laboratório. Nessa unidade escolar, não foi possível usar o projeto multimídia, conforme proposto no planejamento, devido à falta do mesmo. Por esse motivo, os alunos das referidas escolas não puderam participar integralmente do desenvolvimento da proposta.

De acordo com pesquisa realizada por Santos, Weber e Zubler (2014), o uso das tecnologias, mesmo que de forma tímida, faz-se presente nas instituições escolares. Contudo, cabe ressaltar que dentro do apresentado houve a possibilidade de realizar algumas atividades, não deixando-as totalmente a parte do processo educacional. Pois, conforme Rojo (2013), nossa sociedade demanda que as “pessoas saibam guiar suas próprias aprendizagens na direção do possível, do necessário e do desejável, que tenham autonomia e saibam buscar como e o que aprender” (ROJO, 2013, p. 27).

Dessa forma, Santos *et al* (2014) destaca que

O uso intenso das TICs e a aquisição e domínio dos vários gêneros digitais satisfazem às exigências daqueles que acreditam na funcionalidade e utilidade que qualquer tipo de letramento pode proporcionar aos indivíduos que o adquirem para agir em uma sociedade e atende aos que postulam o desenvolvimento da capacidade analítica e crítica do cidadão como objetivo maior da aquisição de qualquer tipo de letramento. (SANTOS, WEBER e PAVANELLI-ZUBLER, 2014, p. 107).

Em relação à temática, a turma de 5º ano, devido à idade, apresentou maiores dificuldades de compreensão quando comparada às turmas de 3ª fase do 3º ciclo, por se tratar de um tema complexo que ainda não fazia parte da realidade vivenciada por eles. Mesmo não apresentando muitas dificuldades de compreensão, os alunos da 3ª fase não demonstraram interesse e satisfação em discutir o assunto abordado, pois, segundo eles, não gostam de debater sobre “política”. Nesse momento, foi fundamental a mediação do professor para que os alunos complementassem seus conhecimentos referentes ao assunto, alcançando os objetivos esperados de forma satisfatória.

Embora os alunos, a princípio, não demonstrassem interesse pela temática escolhida, com o decorrer da aplicação e a intervenção do professor, verificou-se uma mudança no posicionamento, pois participaram e realizaram as atividades propostas demonstrando reflexão e criticidade.

A postura do professor, enquanto mediador, foi fundamental para o êxito da proposta, uma vez que ao trabalhar a educação em uma perspectiva democrática, o profissional deve estar atento e preparado para a heterogeneidade presente nas escolas. A consciência de que não é o detentor do saber pode auxiliar o educador em sua prática diária, realizando as negociações necessárias na construção do conhecimento.

Freire (2005) observa que o processo de ensino e aprendizagem é realmente efetivo quando a relação entre professor e aluno é dialógica e não autoritária.

Desta maneira, o educador já não é o que apenas educa, mas o que , enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os ‘argumentos de autoridade’ já não valem. Em que, para ser-se, funcionalmente, autoridade, se necessita de estar sendo com as liberdades e não contra elas. (FREIRE, 2005, p. 79)

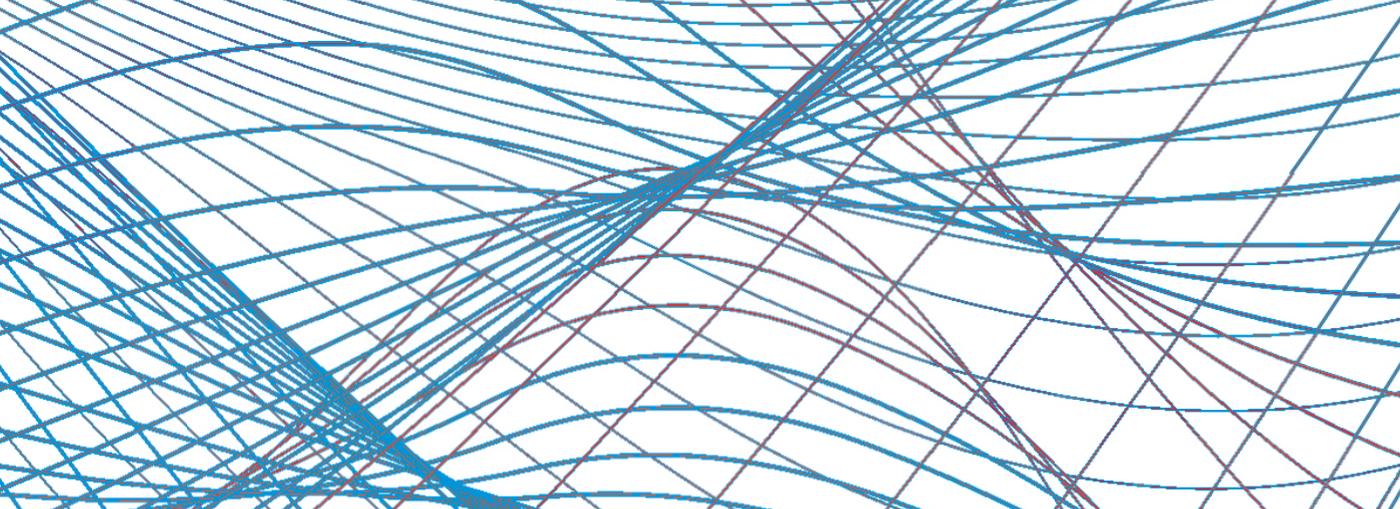
Após a aplicação da SD, constatou-se que os resultados foram positivos, uma vez que os alunos realizaram atividades envolvendo oralidade, escrita e análise linguística de forma contextualizada e com o uso de alguns recursos tecnológicos. Desse modo, cabe ressaltar a importância de se desenvolver práticas didáticas que possibilitam ação-reflexão-ação por parte dos alunos e do professor.

REFERÊNCIAS

- DOLZ, J.; SCHEUWLY, B. **Gêneros orais e escritos na escola/** tradução e organização Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.
- FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.
- ROJO, R. (Org.). **Escola Conectada: os multiletramentos e as TICs**. São Paulo:

Parábola, 2013.

SANTOS, L.; WEBER, M; PAVANELLI-ZUBLER, E. Letramentos e mídias digitais: (des)apropriação pelas escolas estaduais de Sinop, Mato Grosso, Brasil. In: SILVA, A. P. de P.; SANTOS, L. I. S.; STRAUB, S. L. W. (Orgs.). **Educação e tecnologias digitais da informação e comunicação: Discursos, práticas, análises e desafios**. Cáceres, MT: UNEMAT Editora, 2014. p. 102-122.



CAPÍTULO 5

ESTUDO DOS GÊNEROS E LETRAMENTO: CONTEXTOS DE PRODUÇÃO A PARTIR DE UMA SITUAÇÃO DO COTIDIANO

Elen Cristina Freire

Turma: 9º ano do Ensino Fundamental

Duração: 22 aulas

Objetivo geral:

- ✓ Refletir sobre o papel do eleitor na escolha dos candidatos durante processo eleitoral a fim de que o aluno se posicione criticamente.

Objetivos específicos:

- ✓ Refletir sobre as questões sociais e políticas abordadas no texto;
- ✓ Relacionar as informações do artigo lido com o cotidiano, expondo ideias e argumentos sobre o tema abordado;
- ✓ Compreender a função social do artigo de opinião, seu caráter argumentativo e em quais meios de circulação pode ser divulgado;
- ✓ Perceber a importância da argumentação como recurso para a defesa de uma ideia.

Apresentação da situação (1 aula):

Objetivos específicos:

- ✓ Conhecer a estrutura do gênero textual artigo de opinião;
- ✓ Prover debates e atividades acerca do processo eleitoral.

Em virtude de no ano de 2014, ocorrer o processo eleitoral, torna-se importante desenvolver atividades a respeito dessa temática, para que alunos e professor reflitam

e se posicionem criticamente. A produção do artigo de opinião possibilitará leituras, debates e um posicionamento crítico dos envolvidos sobre o assunto.

Módulo 1 (2 aulas):

Objetivos específicos:

- ✓ Socializar ideias e pontos de vista acerca do assunto abordado;
- ✓ Apontar as primeiras impressões sobre o texto, de acordo com os conhecimentos prévios.

Os alunos farão a leitura do texto “Cada indivíduo é responsável por sua conduta”, primeiramente de forma silenciosa e, em seguida, compartilhada. Após a leitura, será feito o levantamento dos conhecimentos prévios sobre o tema “campanha eleitoral”, a função social do gênero artigo de opinião e sua estrutura e a socialização dos pontos de vista dos alunos sobre a temática. Serão feitos registros na lousa das ideias expostas durante a discussão.

CADA INDIVÍDUO É RESPONSÁVEL POR SUA CONDUTA

Cassildo Souza

Atribuir à sociedade como um todo a culpa por certos comportamentos errôneos não parece, em minha maneira de pensar, uma atitude sensata. Costumamos ouvir por aí coisas do tipo “O Brasil não tem mais jeito”, “O povo brasileiro é corrupto por natureza”, “Todas as pessoas são egoístas” e frases afins. Essa é uma visão já cristalizada no pensamento de boa parte de nosso povo.

Entretanto, se há equívocos, se existem erros, se modos ilícitos são verificados, eles sempre terão partido de um indivíduo. Mesmo que depois essas práticas se propaguem, somente serão contaminados por elas aqueles que assim o desejarem. Uma corporação que, por exemplo, está sob investigação criminal em decorrência da ação de alguns de seus componentes, não estará necessariamente corrompida em sua totalidade. Aliás, a meu juízo, isso é quase impossível de acontecer.

É preciso compreender que nem todo mundo se deixa influenciar por ações fraudulentas. De repente o que alguém acha interessante pode ser considerado totalmente inviável por outra pessoa e não acredito que seja justo um ser humano ser responsabilizado apenas por fazer parte de um grupo “contaminado”, mesmo sem ele, o cidadão, ter exercido qualquer coisa que comprometa a sua idoneidade moral.

Todos sabemos que um indivíduo é constituído suficientemente para pagar por suas falcatruas. Por isso, não concordo que haja julgamento geral. É preciso que saibamos separar o bom do ruim, o honesto do corrupto, o bom-caráter do mau-caráter, o dissimulado do verdadeiro. Todos têm consciência do que seja certo ou errado e devem carregar sozinhos o fardo de terem sido desleais, incorretos e vulgares, sem manchar a imagem daqueles que, por vias do destino, constituem certas facções que não apresentam, totalitariamente, uma conduta legal.

Fonte: <http://centraldasletras.blogspot.com/p/modelos-de-redacao.html>. Acesso 11 de jun. 2014.

Módulo 2 (5 aulas):

Objetivos específicos:

- ✓ Identificar as estratégias utilizadas nos vídeos apresentados para conquistar o eleitor e conseguir votos;
- ✓ Discutir sobre as estratégias e as promessas de campanha.

Apresentar aos alunos, através do projetor, a propaganda eleitoral para presidente da república e governador do eEstado de 2010, para que observem as estratégias utilizadas e as propostas apresentadas para conquistar o eleitor e conseguir votos. Promover uma discussão a respeito de tais estratégias e também sobre as promessas de campanha. Após o debate, será realizada uma atividade em grupos, na qual serão listadas estratégias eleitorais, em que deverão socializar com a turma e elaborar um único cartaz que ficará exposto na sala de aula para análise posterior.

Em seguida, o *jingle* “Propaganda Eleitoral – a verdadeira” será projetado e haverá incentivo aos alunos para compartilharem com os colegas suas impressões sobre o vídeo através de um debate, comparando com o primeiro vídeo apresentado. De acordo com a visão dos alunos, listar as estratégias utilizadas para a produção da propaganda eleitoral, levando em consideração a linguagem irônica do vídeo. A listagem será complementada com informações que não foram observadas por eles.

Os grupos apresentarão para a turma as estratégias encontradas, fazendo uma análise crítica do antes e depois das eleições e o importante papel da população para eleger candidatos comprometidos. Destacarão o reflexo das escolhas dos candidatos nos seguintes aspectos: saúde, educação, segurança, transporte, dentre outros. Cada grupo poderá apresentar em forma de cartaz ou em *Power Point*. Pesquisar o *site* www.políticos.com, para que conheçam essa ferramenta utilizada para conhecer a vida política de vários candidatos e auxiliar na escolha consciente.

Módulo 3 (4 aulas):

Objetivos específicos:

- ✓ Conhecer as características do gênero textual artigo de opinião.

Os alunos irão retomar o texto “Cada indivíduo é responsável por sua conduta”, para observarem a estrutura composicional e o estilo do artigo. A turma será dividida em grupos (quatro ou cinco componentes) e receberão material teórico referente às características do gênero artigo de opinião. Cada grupo analisará e destacará as características encontradas, sendo auxiliados pelo professor. Haverá, em seguida, a socialização e organização das características do gênero, em um cartaz que será fixado na parede da sala. Os alunos receberão material complementar que abordará a estrutura do gênero, coesão, coerência e indicadores de coesão. Os alunos devem destacar os indicadores de coesão presentes no texto.

Artigo de opinião: texto que se caracteriza por expor claramente a opinião do seu autor. As características do artigo de opinião são:

- Contém um título polêmico ou provocador;
- Expõe e defende uma ideia ou ponto de vista sobre determinado assunto;
- Apresenta três partes: exposição, interpretação e opinião;
- Utiliza verbos predominantemente no presente;
- Utiliza linguagem objetiva (3ª pessoa) ou subjetiva (1ª pessoa);
- Uso da linguagem formal.

Procedimentos Argumentativos de um Artigo de Opinião:

- Relações de causa e consequência;
- Comparações entre épocas e lugares;
- Retrocesso por meio da narração de um fato;
- Antecipação de uma possível crítica do leitor, construindo antecipadamente os contra-argumentos;
- Estabelecimento de interlocução com o leitor;
- Produção de afirmações de efeito.

Estruturação de artigo

Bem antes de começar a elaborar seu artigo, você precisa ter em mente que o artigo é de sua opinião, ou seja, não fuja muito deste princípio, e cada ideia colocada por você, precisa ser apresentada ao menos mais uma vez durante este artigo.

A estrutura de um bom artigo de opinião se baseia na Apresentação da questão em discussão ou seu ponto de vista de parágrafo a parágrafo, virgula a virgula, com o intuito de que você consiga mostrar em seu artigo e manter uma posição com base em uma tese comprovada, colocando argumento para sustentar esta sua tese. Ao fim você precisa elaborar a conclusão, de uma forma que sua tese mostre o resultado e se torne forte.

Argumentações de Artigos

Para facilitar ainda mais a elaboração do seu artigo, os argumentos são fixados a esta estrutura e podem e as dicas para elaborar são as de:

- Causa: Propor uma relação com uma causa e consequência em sua argumentação.
- Autoridade: Sempre usar uma fonte, ou um estudo confiável para ter uma credibilidade ao que você defende.
- Exemplificação: Mostrar inúmeras comparações e exemplos para ilustrar o seu argumento.

Disponível em <http://www.sempretopos.com/estudo/artigo-de-opinioao-exemplos-e-estrutura/>. Acesso em 11 de junho de 2014.

Coesão e Coerência

Na maioria das vezes, sentimos-nos despreparados quando estamos diante de uma folha de papel em branco no propósito de fazer uma redação, não é mesmo?

As ideias não fluem, o tempo passa muito rapidamente, e quando percebemos... Lá se foi o tempo e não atingimos o objetivo almejado. (...)

Mas existe uma fórmula mágica para se construir um bom texto? A resposta é simples. Basta lembrarmos que toda escrita requer praticidade, conhecimento prévio do assunto abordado, e, sobretudo, técnicas, que constituem a *performance* de todo texto bem elaborado.

Para que um texto fique claro, objetivo e interessante, ele precisa realçar beleza, para que sua estética seja vista de maneira plausível.

Fazendo parte dessa estética estão os elementos que participam da construção textual; entre eles, a coesão e a coerência.

A coesão nada mais é que a ligação harmoniosa entre os parágrafos, fazendo com que fiquem ajustados entre si, mantendo uma relação de significância.

Para melhor entender como isso se processa, imagine um texto sobrecarregado de palavras que se repetem do início ao fim. Então, para evitar que isso aconteça, existem termos que substituem a ideia apresentada, evitando, assim, a repetição. Falamos das conjunções, dos pronomes, dos advérbios e outros. Como exemplo, verifique:

“A magia das palavras é enorme, pois elas expressam a força do pensamento. As mesmas têm o poder de transformar e de conscientizar.”

Podemos perceber que as expressões: elas e as mesmas referem-se ao termo - “palavras”.

Quando falamos sobre coerência, nos referimos à lógica interna de um texto, isto é, o assunto abordado tem que se manter intacto, sem que haja distorções, facilitando, assim, o entendimento da mensagem. Estes são apenas alguns dos requisitos para a elaboração de um texto, e estas técnicas vão sendo apreendidas à medida que nos tornamos escritores assíduos.

Disponível em < <http://www.mundoeducacao.com/redacao/coesao-coerencia.htm> > Acesso em 17/07/2014

Indicadores de coesão textual

1. Indicadores de oposição, contraste, adversidade: mas, porém, todavia, entretanto, no entanto, embora, contra, apesar de, não obstante, ao contrário etc.
2. Indicadores de causa e consequência: porque, visto que, em virtude de, uma vez que, devido a, por motivo de, graças a, em razão de, em decorrência de, por causa de etc.
3. Indicadores de finalidade: a fim de, a fim de que, com o intuito de, para a, para que, com o objetivo de etc.
4. Indicadores de esclarecimentos: vale dizer, ou seja, quer dizer, isto é etc.
5. Indicadores de proporção: à medida que, à proporção que, ao passo que, tanto quanto, tanto mais, a menos que etc.
6. Indicadores de tempo: em pouco tempo, em muito tempo, logo que, assim que, antes que, depois que, quando, sempre que etc.
7. Indicadores de condição: se, caso, contanto que, a não ser que, a menos que etc.
8. Indicadores de conclusão: portanto, então, assim, logo, por isso, por conseguinte, pois, de modo que, em vista disso etc.

Módulo 4 (2 aulas):

Objetivos específicos:

- ✓ Estabelecer relações entre os diversos tipos de textos apresentados, ampliando o conhecimento sobre a temática e a capacidade argumentativa;
- ✓ Apropriar-se dos conhecimentos adquiridos sobre o gênero, para a produção de um artigo de opinião;

- ✓ Produzir um artigo de opinião, levando em consideração a temática, os aspectos discursivos do gênero e sua estrutura.

Após todo o estudo que envolve o gênero textual artigo de opinião, a temática abordada e os aspectos discursivos envolvidos, será encaminhada uma proposta de produção de um artigo de opinião, tendo como tema “A responsabilidade do eleitor brasileiro no processo eleitoral”. No encaminhamento de atividade, será acrescentada uma “ficha de avaliação” para que cada aluno avalie sua produção. O texto produzido será entregue para o professor.

SUGESTÃO DE FICHA DE AVALIAÇÃO

Adequação à proposta	<ol style="list-style-type: none"> 1. Elaborou um artigo adequado ao tema proposto? 2. O Título é adequado ao tema e ao ponto de vista defendido no texto? 3. Iniciou o artigo com uma contextualização e/ou apresentação da questão polêmica?
Adequação às características estudadas do gênero	<ol style="list-style-type: none"> 1. Fez uso de linguagem formal? 2. Deixou clara sua opinião? 3. Explicou a posição assumida? 4. Considerou uma posição contrária e refutou-a? 5. Apresentou mais de um argumento para sustentar sua opinião? 6. Recorreu a mais de um tipo de argumento (autoridade, exemplificação, causa/consequência)? 7. No fim do texto, retomou a posição assumida ou apresentou uma conclusão?
Construção da coesão/coerência do texto (textualidade)	<ol style="list-style-type: none"> 1. Utiliza adequadamente a pontuação? 2. Utilizou adequadamente alguns dos organizadores textuais estudados?
Uso das regras e convenções da gramática normativa	<ol style="list-style-type: none"> 1. O texto está correto em relação às regras de concordância entre as palavras? 2. O texto está correto em relação à ortografia?

Fonte: Adequação do Livro Didático Plural e Singular, 9º ano Ed. Moderna.

Módulo 5 (4 aulas):

Objetivos específicos:

- ✓ Refletir sobre o uso da linguagem a partir da releitura do próprio texto;
- ✓ Aprimorar a escrita através da análise do texto produzido, adequando-o às características do gênero estudado e às convenções da linguagem formal.

Será feita a devolutiva do texto com as observações realizadas pelo professor,

para que os ajustes necessários sejam feitos pelo aluno através da reescrita. Um dos textos, que não será identificado, será selecionado para um trabalho de reestruturação coletiva, para apresentar a importância de utilizar a linguagem formal; a elaboração de argumentos e a utilização de indicadores de coesão, enfatizando a necessidade de utilizá-los no processo de produção textual. Após a reestruturação coletiva, será solicitada a reescrita. Dicionários serão disponibilizados e será feito o atendimento de acordo com as necessidades individuais. As produções serão recolhidas.

Módulo 6 (4 aulas):

Objetivos específicos:

- ✓ Oportunizar a divulgação dos artigos produzidos a toda a comunidade escolar e local, através de publicação nas mídias locais e na feira literária.

Os textos reescritos serão apresentados à turma. Os alunos irão para o laboratório de informática para fazer a digitação dos artigos de opinião produzidos por eles. A divulgação dos artigos ocorrerá nas mídias da escola, como *Facebook*, *blog*, e serão apresentados na feira literária.

MULTILETRAMENTOS E GÊNEROS ORAIS: O SEMINÁRIO COMO INSTRUMENTO DE FORMAÇÃO CRÍTICA NA ESCOLA

Polyana Sampaio da Silva Scrimim

Turma: 8º ano do Ensino Fundamental

Duração: 16 aulas

Objetivo Geral

- ✓ Promover discussão sobre o tema proposto e socialização de ideias.

Apresentação da situação (1 aula):

Objetivos específicos:

- ✓ Apresentar o tema proposto;
- ✓ Utilizar uma enquete para suscitar questionamentos;
- ✓ Apresentar a definição do termo “política”.

Após a apresentação da proposta de trabalho que será desenvolvida, os alunos responderão a algumas perguntas de uma enquete para a introdução ao tema. Depois de respondidas as questões, eles deverão apresentar suas respostas. Uma definição com base no minidicionário Houaiss será apresentada a fim de esclarecer a amplitude do conceito do termo “política”.

Política na adolescência

1. Os adolescentes têm maturidade para votar?

() Sim () Não

2. Você gostaria de, futuramente, exercer algum cargo político? Qual seria?

() Sim () Não Cargo: _____

3. O voto é importante?

() Sim () Não

4. Você tem conhecimento das ações dos políticos da sua cidade?

() Sim () Não

5. É justo o voto ser obrigatório?

() Sim () Não

6. Se adolescentes de 16 anos têm maturidade para votar, também deveriam dirigir e/ou beber legalmente?

() Sim () Não

7. Os pais influenciam os adolescentes no voto?

() Sim () Não

8. Os votos da população podem influenciar (tanto para o bem, quanto para o mal) a política de um país?

() Sim () Não

9. Venderia seu voto?

() Sim () Não

10. Acha que políticos cumprem suas promessas de campanha?

() Sim () Não

Produção inicial:

Objetivo específico:

- ✓ Elaborar a produção inicial da sequência didática.

Para a realização da produção inicial, será solicitado aos alunos que se reúnam em pequenos grupos e elaborarem uma possível solução para alguns problemas suscitados durante a discussão sobre as questões da enquete.

Módulo 1 (2 aulas):

Analisando as especificidades do gênero

Objetivos específicos:

- ✓ Conceituar o gênero seminário;
- ✓ Discutir sobre o vídeo exposto;
- ✓ Distinguir os diferentes recursos de linguagem utilizados no gênero.

Apresentar aos alunos o conceito e todas as etapas do seminário a fim de que compreendam a necessidade de sistematização, organização e planejamento desse gênero oral para que se atinja o objetivo desejado. A estrutura exposta é apresentada por Gonçalves e Bernardes (2010, p. 10) e Nascimento *et al* (2010, p. 4):

Abertura: saudação

Introdução ao tema: contextualização e delimitação temática (perspectivas macro e micro da temática abordada)

Apresentação do plano da exposição

Desenvolvimento

Retomada/Síntese

Conclusão/Considerações finais

Encerramento/fechamento

Módulo 2 (2 aulas):

Analisando a campanha política

Objetivos específicos:

- ✓ Analisar o discurso da candidata à presidente de 2010 Dilma Rousseff em seu primeiro programa eleitoral;
- ✓ Identificar e interpretar alguns recursos visuais utilizados no vídeo;
- ✓ Perceber a organização e intencionalidade dos recursos linguísticos utilizados.

Nesse módulo os alunos assistirão a um vídeo com o primeiro programa feito para a campanha eleitoral de 2010 da então na época, candidata Dilma Rousseff (disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=AY-u54xka24>>. Acesso em: 17/08/2014). Além do tema debatido, a turma será orientada, através de questionamentos do professor, a analisar os recursos visuais presentes no programa como postura da candidata, participantes do vídeo, locais apresentados etc. Para finalizar, será solicitado que registrem no caderno suas impressões e opiniões a respeito dos programas políticos exibidos na tevê aberta.

Módulo 3 (2 aulas):

A política e a crítica

Objetivos específicos:

- ✓ Apresentar algumas charges sobre política;
- ✓ Expor recortes de postagens retiradas das redes sociais que expressem a opinião dos cidadãos brasileiros sobre política;
- ✓ Reproduzir o vídeo “Propaganda eleitoral gratuita – a verdadeira”, com Marcelo Adnet;
- ✓ Promover discussão acerca da opinião pública exposta nas redes sociais sobre a temática.

Após a análise e interpretação de algumas charges com o tema “política”, pequenos textos e frases retiradas das redes sociais serão lidos objetivando propor um debate sobre a necessidade e importância das ideias e opiniões expostas nas redes sociais sobre os candidatos políticos, suas campanhas e propostas.

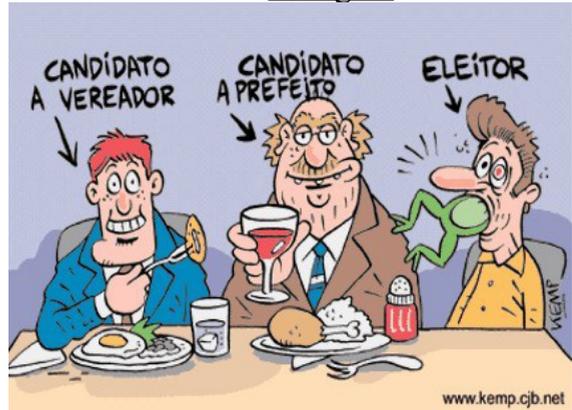
Charge 1

O CRIME NOSSO DE CADA DIA



Charge 1 disponível em: <<http://tutorfreebr.blogspot.com.br/2013/02/charge-o-crime-nosso-de-cada-dia.html>>. Acesso em: 19/08/2014.

Charge 2



Charge 2 disponível em: <http://rmnofoco.blogspot.com.br/2012_03_04_archive.html>. Acesso em: 19/08/2014.

Charge 3

ABERTA A TEMPORADA DE NEGOCIAÇÕES...



Charge 3 disponível em: <<http://www.cadernodobairro.com.br/santana/politica/102-politicajunho.html>>. Acesso em: 19/08/2014.

Charge 4



Charge 4 disponível em: <<http://www.esmaelmorais.com.br/2012/08/charge-do-dia-politico-em-epoca-de-eleicao-e-assim/>>. Acesso em: 19/08/2014.

Também será reproduzido o vídeo “Propaganda eleitoral gratuita – a verdadeira”, (disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=URa9xxv9cvg>>. Acesso em: 16/08/2014), com o comediante Marcelo Adnet, para expor a opinião da turma sobre a visão política dos programas humorísticos.

Módulo 4 (2 aulas):

Estruturação do seminário

Objetivos específicos:

- ✓ Organizar a sala em pequenos grupos para a elaboração de propostas de campanha política;
- ✓ Elencar os principais problemas sociais do país para a elaboração de medidas interventivas;
- ✓ Produzir telas no laboratório de informática que auxiliarão na exposição das propostas do seminário.

A turma será dividida em pequenos grupos para a elaboração de propostas interventivas que os alunos usariam caso fossem candidatos à presidência do país. Alguns problemas sociais serão elencados para que os alunos escolham para qual setor direcionarão suas possíveis soluções. A segunda etapa da aula será realizada no laboratório de informática objetivando a organização das ideias em telas que servirão de apoio no momento da apresentação do trabalho.

Módulo 5 (2 aulas):

Revisão, ensaio e últimos ajustes

Objetivos específicos:

- ✓ Revisar as propostas elaboradas pelos grupos e, se necessário, fazer as devidas adequações;
- ✓ Promover ensaio com cada um dos grupos a fim de analisar e adequar postura, fala, vestuário etc.

Nesse módulo o professor fará a revisão das propostas elaboradas por cada um dos grupos com a finalidade fazer as adequações necessárias, tanto na parte textual como na oral, bem como no posicionamento que deverão assumir no momento da exposição do trabalho.

Produção final (4 aulas):

Objetivos específicos:

- ✓ Proporcionar momento de interação e divulgação dos trabalhos entre os grupos;
- ✓ Debater sobre as diferentes propostas sugeridas pela turma.

Como atividade de produção final, os alunos deverão fazer a apresentação do seminário preparado socializando o conhecimento construído no decorrer de cada um dos módulos com os demais grupos. A socialização dos trabalhos proporciona a troca de ideias de modo que os demais colegas percebam os diferentes pontos de vista com que cada grupo analisou determinado problema.

Materiais necessários:

Projeter multimídia, laboratório de informática, notebook, celular, cópias

impressas, impressora, papel sulfite, lousa/quadro, cartucho de tinta preta e colorida, caneta para quadro branco e câmera digital.

Bibliografia consultada:

DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. *et al.* **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

GONÇALVES, A. V.; BERNARDES, E. S. O gênero seminário: usos e dimensões ensináveis. **Revista Linguagem**, n. 14, São Carlos, 2010.

Webgrafia:

ADNET, M. **Propaganda eleitoral gratuita – a verdadeira** (by Marcelo Adnet). Vídeo disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=3dpy0sRDBc8>>. Acesso em 16/08/2014.

AVELAR, L. **As eleições na era da televisão**. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rae/article/viewArticle/38459>>. Acesso em: 18/08/2014.

MAAKAROUN, B. **A campanha presidencial de 2006 e as estratégias utilizadas por eleitores para o processamento das informações políticas**. <<http://www.waporlatinoamerica.org/archivo-de-notas/archives/05-2011/2>>. Acesso em: 18/08/2014.

USO DO DISCURSO POLÍTICO NA CRIAÇÃO DE UM CONTEXTO DE PRODUÇÃO

Elen Cristina Freire

1 INTRODUÇÃO

Com o avanço das tecnologias e a inserção de novos aparelhos como celulares, tablets, notebooks, projetores dentre outros, houve a necessidade da escola inserir o uso das tecnologias em seu cotidiano, não só para chamar a atenção de seus alunos, mas para auxiliá-los no aprendizado. Esses novos equipamentos seduzem crianças e adolescentes, fazendo com que as atividades escolares tornem-se enfadonhas e cansativas, quando a prática do professor restringe-se apenas em falar, passar conteúdo no quadro, copiar e nada mais.

A proposta de uma SD foi lançada, a partir do vídeo “Propaganda eleitoral gratuita – a verdadeira” (disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=3dpy0sRDBc8>) e aplicada na Escola Estadual Virgílio Corrêa Filho, no Município de Nova Mutum – MT, com alunos de 3ª fase do 3º ciclo no período matutino.

2 ABORDAGENS METODOLÓGICAS

É papel da escola favorecer situações de aprendizagem que estejam inseridas no cotidiano do aluno, para que o aprendizado realmente seja significativo. Com a Sequência Didática (SD), torna-se possível a apresentação de uma situação, criar contextos de produção e desenvolver atividades que permitam aos alunos a apropriação de noções e técnicas necessárias para a expressão oral e escrita em situações comunicativas. (SCHNEUWLY e DOLZ, 2004, p. 96).

O gênero elencado para a SD foi o artigo de opinião, pois o tema abordado, que é o discurso político e suas estratégias, propicia uma análise dos fatos levando o educando a expor seu ponto de vista necessitando da argumentação para consolidar suas ideias.

A produção inicial foi feita através da oralidade por meio de um debate e exposição de ideias, levando-os a desenvolver a criticidade e a argumentação, pois não basta apenas afirmar algo, é preciso, por meio de argumentos, convencer o interlocutor do que se afirma. De acordo com Schneuwly e Dolz (2004, p. 102):

(...) a produção inicial em um papel central como reguladora da sequência didática, tanto para os alunos quanto para o professor. Para os alunos, a realização de um texto oral ou escrito concretiza os elementos dados na apresentação da situação e esclarece, portanto, quanto ao gênero abordado na sequência didática. (...) Assim, a sequência começa pela definição do que

é preciso trabalhar a fim de desenvolver as capacidades de linguagem dos alunos, que apropriando-se dos objetos de linguagem próprios ao gênero, estarão mais preparados para realizar a produção final.

Os trabalhos de reescrita da produção final foram intensos, sendo necessário que as primeiras correções fossem realizadas juntamente com os alunos, individualmente, levando-os à reflexão sobre o tema abordado, de suas ideias e argumentos e o objetivo de sua produção. Compreender as ideias transmitidas pelo aluno em um texto não é tarefa simples e, como afirma Ruiz (2001, p. 1), o trabalho de correção de um texto, para a maioria dos professores, não passa de uma tarefa de “caça-erros”, procurar o que há de ruim. Para o aluno, o que ele escreve faz sentido, mas o trabalho de correção das produções foi além de uma mera marcação de inadequações linguísticas. Ajudá-los a criar o hábito da releitura durante a produção textual, foi imprescindível. Foi importante conversar com o aluno, compreender a mensagem que ele quis passar, discutir sobre o tema, refletir e elaborar argumentos para depois ater-nos aos equívocos gramaticais e linguísticos, além de valorizar o que ele escreveu de maneira a acrescentar e não excluir. A experiência foi valiosa, pois muitos alunos passaram a reler suas produções e a perceber as inadequações linguísticas de coesão e coerência, empenhando-se cada vez mais nas produções.

3 ANÁLISE DOS RESULTADOS

No primeiro módulo, com a leitura do artigo de opinião “Cada indivíduo é responsável por sua conduta” do autor Cassildo Souza e do texto “Consciência Eleitoral”, extraído do livro didático “Vontade de saber Português – 9º ano”, os alunos demonstraram empolgação nas discussões. Muitos explicitaram um grande desapontamento por não serem ouvidos em suas casas, relatando que os pais não conversam sobre política com eles e nem permitem que expressem suas opiniões sobre o assunto.

Com o desenvolvimento do segundo módulo, os alunos puderam conhecer melhor e fazer uma análise das estratégias utilizadas nas propagandas eleitorais. O interessante é que, ao assistirem a primeira propaganda eleitoral da nossa atual presidenta, já foram capazes de ouvir as propostas, comparar com a atuação da mesma e tirar suas próprias conclusões.



Figura 01: Alunos da 3ª fase A assistindo propagandas eleitorais para Presidente e Governador do Estado.

Fonte: Acervo da autora.

Com o vídeo “Propaganda eleitoral gratuita – a verdadeira”, eles puderam perceber mais claramente as estratégias e divertiram-se com o tom irônico e cômico com que o ator transmite a mensagem. Em grupos, apresentaram para a turma as estratégias encontradas. Alguns grupos fizeram cartazes, outros apresentaram em telas e alguns alunos não fizeram nenhuma das atividades propostas, pois nossa escola enfrenta problemas com discentes indisciplinados e totalmente desinteressados. Pelos debates, até que houve algum interesse, mas, quando chegou na hora de trabalhar, simplesmente recusaram-se. Dos grupos que participaram, a análise crítica do antes e depois das eleições e o papel da população para eleger candidatos comprometidos, ocorreu de forma satisfatória. Os alunos apresentaram em seus trabalhos o reflexo da escolha dos candidatos nos seguintes aspectos: saúde, educação, segurança, transporte, dentre outros, deixando claro a necessidade escolher alguém realmente comprometido com o povo e que não deixe de lado necessidades básicas para uma vida digna.



Figuras 02 e 03: Alunos da 3ª fase A e B em apresentação de trabalho.

Fonte: Acervo da autora.



Figura 4: Alunos da 3ª fase A – confecção de cartazes.

Fonte: Acervo da autora.

Outra atividade proposta foi a pesquisa no laboratório de informática, onde os alunos iriam visitar o *site* www.políticos.com, para conhecer a trajetória dos políticos mais conhecidos e para análise dos candidatos e voto consciente, mas não possível porque o laboratório está inoperante, com computadores quebrados e sem *Internet*. A pesquisa foi realizada em suas casas e compartilhada na aula posterior. Uma das maiores dificuldades para o desenvolvimento da SD foi a questão tecnológica, pois, sem *Internet* e computadores em bom estado de funcionamento, os resultados do trabalho foram parcialmente comprometidos.

O estudo da estrutura do gênero foi feito durante o terceiro módulo, com material teórico impresso referente às características do gênero artigo de opinião, coesão e coerência e indicadores de coesão. Retornando ao artigo lido no início da SD, os alunos analisaram o artigo e destacaram as características do gênero, os indicadores de coesão existentes e os argumentos apresentados pelo articulista. Essa atividade foi realizada em grupos.

No quarto módulo, os alunos iniciaram a produção do artigo de opinião. Após a leitura do artigo, a visualização dos vídeos e as discussões acerca das estratégias eleitorais, da importância de escolhermos os candidatos de forma consciente e do impacto que nossas escolhas têm sobre a sociedade no que se refere a saúde, educação, transporte, segurança, dentre outros, os alunos fizeram sua primeira produção. Cada um escolheu um dos campos citados anteriormente para expor suas opiniões e argumentar, lembrando sempre em seus textos o quão necessário é a participação ativa da população na política do país e do comprometimento dos candidatos após o período eleitoral.

O trabalho de reescrita no quinto módulo não foi fácil, pois a maioria dos alunos não tinha o hábito de reler suas produções e fazer os ajustes necessários antes de entregar. Com o auxílio da ficha de avaliação, puderam reler seus textos e

perceberem os pontos em que deveriam melhorar. O trabalho de correção dos textos foi feito juntamente com os alunos, fazendo as intervenções necessárias para uma reescrita eficiente. Alguns alunos fizeram a reescrita uma ou duas vezes, já para outros foram necessárias várias reescritas. Mais uma vez houve necessidade de alteração no cronograma por falta de acesso à *Internet* e laboratório de informática, pois a *Internet* do mesmo não foi reestabelecida e os computadores continuam inoperantes. Por esse motivo, os alunos foram orientados a fazer a digitação de seus textos em casa e enviar em um e-mail criado para a disciplina de Língua Portuguesa.

A divulgação dos trabalhos ocorreu na página no *Facebook*, disponível em <https://www.facebook.com/autoresdavirgilio>, criada para postagem dos textos e das fotos do evento e das atividades realizadas em sala de aula, e também no *blog* da escola, localizado em <http://eevirgilio.blogspot.com.br/p/contato.html>.

A aplicação da SD contribuiu para o desenvolvimento do senso crítico dos alunos, melhorando tanto o discurso oral e escrito quanto a argumentação e a aprendizagem.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a aplicação da SD, houve de maneira geral o comprometimento da maioria dos alunos, principalmente quanto ao empenho de escrever um texto coeso e coerente no qual constaria suas opiniões e argumentos. A necessidade de serem ouvidos (o que não ocorre em suas casas pelos relatos do primeiro módulo), fez com que buscassem mais informações sobre o tema abordado para uma escrita mais completa.

O ponto positivo do trabalho com a SD foi que os alunos passaram a reler suas produções e rascunhar, o que não ocorria anteriormente. Na pressa de simplesmente entregar para a professora, escreviam qualquer coisa sem se preocuparem se estava a contento ou não. O ponto negativo foi a falta do laboratório de informática para as pesquisas sobre o tema, pois, como foi necessário pedir para que pesquisassem em casa, alguns não o fizeram, prejudicando o momento de produção.

O trabalho com SD realmente ajuda a promover o letramento, pois parte de situações do cotidiano, do conhecimento prévio do aluno, juntamente com as intervenções do professor para uma produção final que faz sentido para o aluno, principalmente quando ele percebe que não está escrevendo para o professor apenas, mas para a comunidade.

REFERÊNCIAS

ADNET, M. **Propaganda eleitoral gratuita – a verdadeira** (by Marcelo Adnet). Vídeo disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=3dpy0sRDBc8>>. Acesso em 10/07/2014, às 21h.

ALVES, R.; BRUGNEROTTO, T. **Vontade de saber Português 9º ano**. São Paulo: Editora FTD S. A., 2012.

OLIVEIRA, M. S.; TINOCO, G. A.; SANTOS, I. B. A. **Projetos de letramento e formação de professores de língua materna**. Natal: EDUFRN, 2014.

RUIZ, E. **Como se corrige redação na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola**. São Paulo: Mercado de Letras, 2004.

<https://www.youtube.com/watch?v=xZ9OkOm7miA>. Propaganda Eleitoral 2010 - Dilma Rousseff. Acesso em 28/06/2014.

<https://www.youtube.com/watch?v=GIWwT865eLg>. Silval Barbosa 15 – Programa 1. Acesso em 28/06/2014.

CONSCIÊNCIA POLÍTICA NA ADOLESCÊNCIA: O GÊNERO SEMINÁRIO COMO INSTRUMENTO DE DEBATE

Polyana Sampaio da Silva Scrimim

1 INTRODUÇÃO

A tecnologia está presente em praticamente todos os setores e é um componente importante na vida de todos. A escola não pode mais ser indiferente a essa realidade posta, já que ela é um lugar de posturas e mudanças sociais. É preciso encarar as novas tecnologias de forma natural, buscando a oportunidade de aperfeiçoar-se na operação dessas novidades.

Pensando na questão social, Kleiman (2007, p. 9) diz que:

O professor que adotar a prática social como princípio organizador do ensino enfrentará a complexa tarefa de determinar quais são essas práticas significativas e, conseqüentemente, o que é um texto significativo para a comunidade. A atividade é complexa porque ela envolve partir da bagagem cultural diversificada dos alunos que, antes de entrarem na escola, já são participantes de atividades corriqueiras de grupos que, central ou periféricamente, com diferentes graus e modos de participação (mais autônomo, diversificado, prestigiado ou não), já pertencem a uma sociedade tecnologizada e letrada.

Tornar significativo o que se ensina, requer engajamento por parte do educador e de toda a comunidade escolar para que haja um pleno conhecimento do contexto em que se pretende atuar, com isso, conseqüentemente, haverá também o confronto com a diversidade de culturas existentes e o desafio de fazer com que as ações que se pretende desenvolver sejam de fato significativas.

Cabe assim ao professor encontrar caminhos para inserir seus educandos no processo de interação com as novas tecnologias, levando em consideração que essas já fazem parte do dia a dia da grande maioria deles. Um desses caminhos é a utilização da SD, conforme apontam Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004).

A interação com a *web* é uma realidade que não é vista com bons olhos no contexto escolar. A justificativa é a de que o aluno não aprende o que de fato é significativo para seu crescimento intelectual, já que destina seu tempo na rede apenas ao entretenimento, páginas de relacionamento, jogos, atividades que, segundo os conceitos escolares, apenas atuam como mera distração. Outros, no entanto, defendem que essa cumplicidade entre ser humano e universo digital faz com que certos conceitos sejam desenvolvidos de modo mais completo e eficaz, o que contribui de modo positivo na aquisição do conhecimento.

2 APRESENTAÇÃO DA SITUAÇÃO E PRODUÇÃO INICIAL

O trabalho sistematizado através da SD tem ganhado muitos adeptos, já que sua estrutura possibilita um planejamento detalhado proporcionando uma visão mais ampla dos resultados que podem ser alcançados. A presente SD foi uma proposta de desenvolver um trabalho para tratar de política em virtude do contexto eleitoral vivenciado pela população brasileira. Inicialmente o tema causou certa hesitação por não ser um tema visto com interesse pelos adolescentes, porém o resultado obtido contrariou essa expectativa.

Em contato com os alunos, a recepção também não foi a mais positiva, porém se propuseram a ouvir a ideia de trabalho. A primeira atividade, após a explanação de todas as etapas, consistiu na resposta de uma enquete bem simples com questões que pudessem suscitar discussões sobre o tema, de modo que não só a escrita tivesse espaço, mas também a atividade oral, não muito privilegiada em nossas escolas.

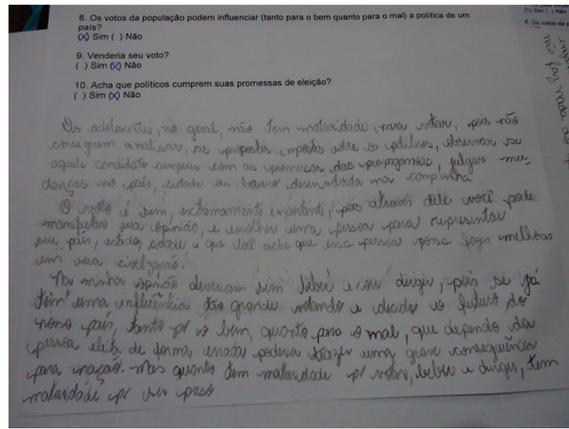
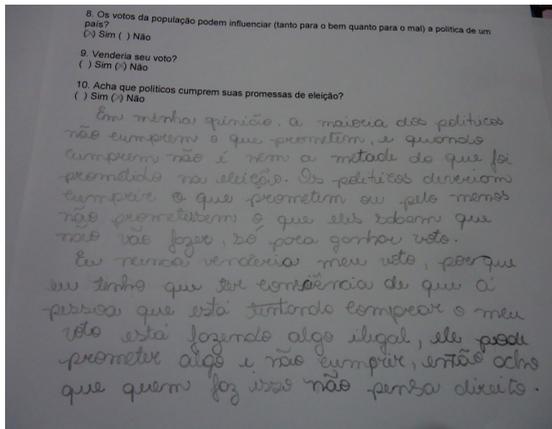
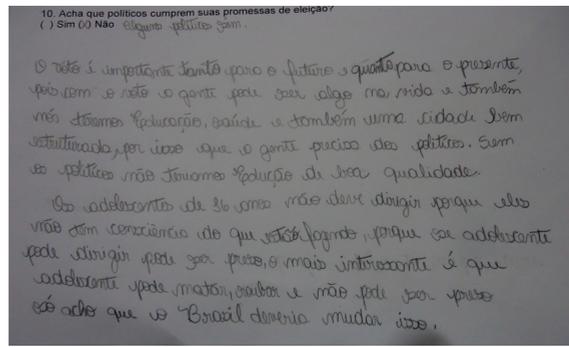
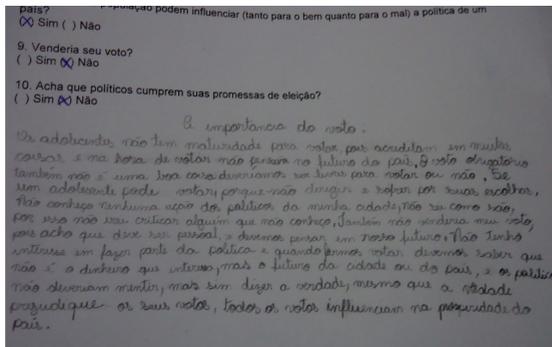
Segundo Dolz *et al* (2004), a exposição oral “representa um instrumento privilegiado de transmissão de diversos conteúdos” tornando-se uma grande aliada do professor que, propiciando uma maior interação entre os alunos por conta dessa atividade, pode obter resultados mais significativos. Ao respondê-las a maior parte dos alunos se mostrou desmotivada por considerar que já possuíam uma ideia formada a respeito do tema, possivelmente reproduzindo conceitos reproduzidos pelos pais e demais familiares.

Após a definição do termo “política”, a turma mostrou-se surpreendida pela amplitude do conceito e como ele está presente em todos os setores de nossa vida. Um fato interessante ocorrido nessa etapa foi a interferência de um pai que mostrou-se insatisfeito com o trabalho desenvolvido em sala por considerar o tema inapropriado, temendo que houvesse algum tipo de influência contrária aos ideais determinados pela família. Vale ainda ressaltar que a cidade em que a escola está localizada, Juara/MT, é marcada por intensas e polêmicas disputas nos períodos eleitorais. A coordenação da escola incumbiu-se de solucionar o impasse, no entanto o fato serviu para reforçar a imagem de como parte da sociedade considera alguns assuntos como tabus que não devem ser quebrados formando, assim, cidadãos incapazes de expor e respeitar opiniões divergentes ou, até mesmo, por não valorizar o trabalho com a oralidade julgando ser uma atividade que não agrega conhecimento aos jovens.

Após o incidente, a discussão seguiu muito produtiva especialmente sobre a venda de votos e a responsabilidade dos jovens em relação ao tema. Os adolescentes confirmaram que o tema não é debatido em casa e quando isso acontece expõe-se os conceitos já conhecidos como: política é apenas roubo, corrupção, não interessa o que fazemos, mostrando a falta de valorização no que diz respeito a esse direito do cidadão.

Como produção inicial, foi pedido aos alunos que se dividissem em pequenos

grupos e elaborassem uma ou mais soluções para os problemas levantados. Após a elaboração das “soluções”, um representante de cada grupo colocou-se à frente da sala para expor as ideias sugeridas. Alguns apresentaram soluções um pouco radicais o que proporcionou um debate bastante agitado. As figuras 01 a 04 são exemplos de produções iniciais:



Figuras 01 a 04: Exemplos de produções iniciais dos alunos.
 Fonte: Acervo da autora.

2.1 Módulo 1: Analisando as especificidades do gênero

O primeiro módulo da sequência apresentou a estrutura do gênero seminário aos alunos que, apesar de se sentirem bastante inseguros, demonstram empatia por ela considerando-a um desafio, não só pelo domínio do conteúdo exposto, mas também pela dificuldade que apresentam com uma atividade oral.

Como menciona Marcuschi (2010), a fala é a primeira atividade do ser humano, sendo assim, poderíamos pensar que os estudantes obtivessem os melhores resultados no desempenho das atividades orais. No entanto, o que notamos é uma grande barreira em socializar uma ideia em um contexto que exija competência e planejamento de um determinado conteúdo, processo esse agravado pela negligência das instituições de ensino que tendem a abandonar essa prática julgando-a menos importante.

Cada uma das etapas do gênero foi exposta e comentada, a fim de que os

alunos pudessem ter noção de como deveriam se organizar, percebendo, assim, a complexidade da atividade e modificando o pensamento preconceituoso relacionado às atividades orais escolares. Como se trata de um gênero não muito utilizado nos anos da educação básica e, também por ser o primeiro contato com sua organização sistemática, sua exploração foi sucinta e da maneira mais simples possível.

Durante a explicação dos passos que deveriam ser seguidos para a elaboração do seminário, a turma fez anotações para auxiliá-los no momento da produção.

2.2 Módulo 2: Analisando a campanha política

A etapa seguinte do desenvolvimento da SD foi a visualização de um vídeo com o primeiro programa feito para a campanha eleitoral de 2010 da então, na época, candidata Dilma Rousseff. Ao tomarem conhecimento da atividade, toda a turma demonstrou seu descontentamento justificando que não tinha o menor interesse em programas políticos e muitos relataram até nunca ter assistido a um desses programas, mesmo sendo reproduzidos na tevê aberta em horário nobre. Questionados sobre o motivo de nunca terem a curiosidade em saber das propostas dos candidatos, os jovens disseram se tratar de algo que não costumam fazer em casa, no momento da propaganda eleitoral a tevê é desligada e que saber de propostas não faz nenhum sentido, uma vez que elas jamais serão cumpridas.

Antes de iniciar o vídeo, foi pedido que se atentassem e tomassem nota não só para o que iria ser dito, mas principalmente no modo como o candidato ia se portar, as pessoas que participavam demonstrando apoio, os lugares visitados, cores, sons e qualquer detalhe que julgassem digno de atenção.

As anotações e comentários feitos surpreenderam, pois demonstraram que, apesar da pouca idade e falta de interesse pelo tema, a turma notou detalhes de suma importância, especialmente se tratando dos recursos visuais da propaganda.

Inúmeras situações em que se deve fazer uso das mais variadas possibilidades de utilização do discurso surgem diariamente e conforme menciona Cavalcante (2012, p. 46):

Os gêneros se diversificam de acordo com a situação imediata de comunicação, os elementos socioculturais historicamente constituídos, bem como as necessidades específicas solicitadas por certas condições associadas à modalidade (oralidade ou escrita), ao grau de formalismo, à possibilidade de participação simultânea dos interlocutores, entre outros aspectos.

É na necessidade do estabelecimento da comunicação que se encontra a oportunidade do professor em associar leitura, escrita, oralidade e tecnologia. Ver os alunos fazendo anotações a respeito de um vídeo sobre um tema pouco debatido na

escola e oralizando suas ideias confirma que o trabalho do professor com os diversos gêneros pode atingir resultados extremamente positivos e que certamente farão sentido na vida desse futuro cidadão.

2.3 Módulo 3: A política e a crítica

A política e a crítica, 3º módulo da SD, foi destinado a analisar a opinião dos eleitores divulgada em diferentes meios de comunicação com destaque para as redes sociais. Algumas charges foram projetadas de modo que as interpretações iam sendo expostas à medida que algumas questões iam sendo levantadas.

A turma apresentou uma leitura bastante superficial dos textos, talvez por conta da pouca informação a respeito do tema, como diz Leffa (1996, p. 14):

A visão da realidade provocada pela presença do texto depende da bagagem de experiências prévias que o leitor traz para a leitura. O texto não contém a realidade, reflete apenas segmentos da realidade, entremeados de inúmeras lacunas, que o leitor vai preenchendo com o conhecimento prévio que possui do mundo.

Foi necessária a mediação do professor para que aspectos básicos do texto fossem explorados e as lacunas preenchidas. Notou-se que em algumas charges apenas o texto verbal era notado e assim, elementos como cores, formas e especificidades das personagens passavam em branco.

Em um segundo momento desse módulo, trechos de textos e frases divulgadas em *sites* e nas redes sociais, intituladas como gêneros emergentes, foram levados para os alunos a fim de que avaliassem qual a concepção de política expressa pela população brasileira.

Segundo Marcuschi (2005), no contexto virtual, os gêneros emergentes nos permitem trabalhar a oralidade e a escrita, bem como os gêneros textuais tradicionais utilizados na escola, visto que eles se apresentam como uma evolução dos gêneros digitais. Assim, o autor relata que muitos dos gêneros emergentes na era digital consistem em práticas sociais e comunicativas decorrentes de variações de antigos gêneros já consolidados como, por exemplo, a carta que gerou o *e-mail*, a conversa informal que cedeu espaço ao *chat* (bate-papo) fazendo-nos recordar da importância dos gêneros orais antes do surgimento da escrita e que os gêneros emergentes podem ser ferramentas preciosas para o professor.

A respeito dos textos nas redes sociais os adolescentes relataram que, muitas vezes, compartilham opiniões sobre temas apenas pelo fato de todos estarem dizendo a mesma coisa e, assim, considerarem o fato uma verdade absoluta. Mencionaram ainda que as redes sociais contribuem para a disseminação, em sua maior parte, de noções negativas de política o que contribui para a desmotivação da valorização do voto.

O vídeo “Propaganda eleitoral gratuita – a verdadeira”, com Marcelo Adnet, apresentou aos alunos uma reflexão bastante significativa. Ao definir a propaganda como um gênero textual, eles mencionaram que, quando assistem a uma, nunca a analisam como um texto com o propósito de persuadi-los, apesar de já conhecerem essa função do gênero.

2.4 Módulo 4: Estruturação do seminário

Antes da montagem das telas para o seminário, os alunos foram divididos em grupos e instruídos para que escolhessem um tema (saúde, educação, segurança) e elaborassem propostas políticas que solucionassem os problemas sociais relacionados ao setor escolhido, assim como nas propagandas políticas vistas nas aulas anteriores. Foi ressaltado que, mais que propostas bem elaboradas, o grupo deveria preocupar-se em como iriam expô-las seguindo o esquema apresentado no 1º módulo.

Os grupos apresentaram dificuldade na produção do texto para o seminário, não por não encontrarem possíveis soluções para os problemas apontados, mas por se preocuparem em propor ideias que de fato pudessem ser postas em prática sem prejudicar outros setores. Os adolescentes questionaram se os candidatos a cargos políticos têm a mesma preocupação, uma vez que se demonstram muito seguros ao divulgar seus propósitos.

Na produção das telas foi usado o programa *Power Point (Windows)*, sendo necessárias diversas intervenções por parte da professora já que os alunos não demonstraram habilidade ou experiência no manuseio do *software*, confirmando o pouco uso desses recursos na escola, especialmente nas séries do ensino fundamental. Eles relataram que o uso do computador em seu cotidiano consiste na visita a *sites* de interesse pessoal, especialmente das redes sociais e que uso do *software* em questão é muito raro, ocorrendo apenas quando solicitado para algum trabalho escolar.

Duas análises podem ser feitas a respeito desse fato: as escolas precisam usar com maior frequência as ferramentas digitais e, se os alunos já têm facilidade com outros recursos desse universo, como as redes sociais e jogos, terão facilidade em dominar outros recursos disponibilizados pelo mundo da tecnologia. Quanto a esse trabalho com os multiletramentos, Rojo (2012, p. 29) cita que:

Resumidamente, trata-se de formar um usuário funcional que tivesse competência técnica (“saber fazer”) nas ferramentas/textos/práticas letradas requeridas, ou seja, garantir os “alfabetismos” necessários às práticas de multiletramentos (às ferramentas, aos textos, às línguas/linguagens).

É esse “saber fazer” a grande tarefa da escola contemporânea. Um trabalho crítico juntamente com as ferramentas adequadas torna o ensino mais prazeroso e o indivíduo um ser independente capaz produzir sentido em suas produções, um

indivíduo que não só aprenda, mas que, além disso, saiba como aprender.

2.5 Módulo 5: Revisão, ensaio e últimos ajustes

Depois das propostas elaboradas, os integrantes de cada grupo acompanharam a revisão do texto produzido e distribuíram as funções que cada um iria exercer no momento da exposição do trabalho. Durante o ensaio os alunos propuseram que, mais que apenas expor o trabalho realizado, eles poderiam fazer uma encenação para que a atividade fosse compartilhada como se fosse um dos programas políticos assistidos durante as aulas. A ideia foi aceita por todos que se disponibilizaram a reunir-se no contra turno para a elaboração de material extra que julgassem necessário para a apresentação do trabalho.

SOCIALIZAÇÃO E PRODUÇÃO FINAL

A apresentação das propostas aconteceu com grande expectativa. Uma característica singular dessa turma é a criatividade. Normalmente todos os trabalhos vêm acompanhados de algo a mais e na finalização dessa SD não foi diferente.

No momento da apresentação, os grupos fizeram a explanação das propostas elaboradas seguindo adequadamente a estrutura do gênero seminário. A postura e a fala eram policiadas, demonstraram domínio do texto que produziram respondendo adequadamente as questões que os demais grupos faziam ao término de cada apresentação.

A oralização foi feita de maneira precisa, seguindo uma ordem lógica que dava destaque a ideia central acompanhada de argumentos sempre pertinentes. Temas voltados para uma visão sustentável e preocupação, moradia e emprego denotou seriedade no empenho da atividade. No desenvolvimento desses temas, alguns grupos fizeram uso de conhecimentos interdisciplinares associando conteúdos debatidos em outras disciplinas. Recursos como cartazes, panfletos e os populares “santinhos” foram distribuídos para a turma. Também notou-se uma preocupação com o traje usado no momento da apresentação, pois, por várias vezes, os alunos destacaram a mudança e cuidado na aparência dos candidatos em sua campanha.

As figuras 05 a 16 que seguem retratam os alunos em ação.





Já as figuras 17 a 23 são modelos do “santinhos” elaborados pelos alunos:



Alguns grupos foram além e produziram *jingles* para enriquecer sua apresentação e vídeos parafraseando uma propaganda eleitoral mostrando que, como cita Rojo (2012, p. 23):

Uma das principais características dos novos (hiper)textos e (multi) letramentos é que eles são interativos, em vários níveis (na interface, das ferramentas, nos espaços em rede dos hipertextos e das ferramentas, nas redes sociais etc.). Diferentemente das mídias anteriores (impressas e analógicas como a fotografia, o cinema, o rádio e a TV pré-digitais), a mídia digital, por sua natureza “tradutora” de outras linguagens para a linguagem dos dígitos binários e por sua concepção fundante em rede (*web*), permite que o usuário (ou o leitor/produtor de textos humano) interaja em vários níveis e com vários interlocutores (interface, ferramentas, outros usuários, textos/discursos etc.).

O trabalho que propunha um texto verbal e um oral gerou diversos outros gêneros que, apesar das diferenças em suas características, dialogaram entre si cumprindo a função de aprimoramento do conhecimento proporcionado pela SD.

No sítio <<https://www.youtube.com/watch?v=FojWxWvEtl4&feature=youtu.be>> é possível se apreciar uma amostra de videoclipe elaborado com os alunos. Os *links* que seguem dão visibilidade às apresentações das propostas elaboradas pelos alunos:

<http://pt.slideshare.net/PolyanaSampaio/apresentao-de-propostas-polticas>

<http://pt.slideshare.net/PolyanaSampaio/proposta-neto>

<http://pt.slideshare.net/PolyanaSampaio/trabalho-da-polyana>

<http://pt.slideshare.net/PolyanaSampaio/trabalhodapolyana>

Após as apresentações, ainda foi solicitado que cada grupo relatasse sua experiência e o valor que julgava que ela teria em sua vida. A resposta unânime foi a de que é difícil ser um eleitor ouvindo promessas, mas que ser um candidato com a tarefa de elaborá-las é ainda mais complicado, principalmente pelo fato de que uma perfeita oralização das propostas é tão significativa, ou até mais, do que uma boa proposta.

Para os alunos, quando um conhecimento tem de ser exposto de forma oral, exige muito mais do aluno, uma vez que se deve dominar o conceito e saber exteriorizá-lo. Como menciona Dolz *et al* (2004, p. 216), “sobretudo para aquele que o prepara o apresenta, a exposição fornece um instrumento para aprender conteúdos diversificados, mas estruturados graças ao enquadramento viabilizado pelo gênero textual”, processo comprovado pelo grupo participante do desenvolvimento dessa SD.

3 CONCLUSÃO

A utilização da tecnologia em sala de aula como auxílio no processo de ensino-

aprendizagem tem rendido relatos de experiências positivas como este, provando que o uso das tecnologias da informação e comunicação tem tudo para ser uma prática constante nas escolas, atuando como aliada do conhecimento. Muitos estudiosos e pesquisadores defendem o uso das tecnologias no universo escolar, no entanto é preciso tomar os devidos cuidados para que essa ferramenta esteja adequada ao processo de ensino-aprendizagem.

Ribeiro (2011), ao falar da tecnologia como mito, cita Freire (1980):

O computador e a tecnologia podem ser um mito, mas um “trabalho humanizante não poderá ser outro senão o trabalho da desmitificação. [...] Por isso mesmo a conscientização é o olhar mais crítico possível da realidade, que a ‘des-vela’ para conhecê-la e para conhecer os mitos que enganam e que ajudam a manter a realidade da estrutura dominante” (FREIRE, 1980, p. 29, apud RIBEIRO, 2011, p. 93).

O fato é que não podemos simplesmente nos negar a conviver com toda essa novidade. É preciso saber utilizá-la como mais uma ferramenta de ensino. A respeito da relação homem e máquina, Ribeiro (2011, p. 94) fala das diversas finalidades desse instrumento junto à escola:

A máquina precisa do pensamento humano para se tornar ferramenta auxiliar no processo de aprendizado. É necessário integrá-la às mais diversas atividades, pois ela pode ser entendida enquanto instrumento de expansão do pensamento. Que sirva para envolver os estudantes em projetos práticos, desafiadores e que estimulam o raciocínio humano. Hoje, o papel da escola é ensinar a pensar, preparando o aluno para lidar com situações novas, problematizando, discutindo e tomando decisões. Sobretudo, cabe à educação resgatar o homem de sua pequenez, ampliando os horizontes, buscando outras opções, tornando as pessoas mais sensíveis e comunicativas.

Entre as diversas mudanças no campo educacional temos a alteração de alguns questionamentos. Não devemos nos pautar em questões que tendem a medir o “quanto o aluno aprendeu”, o que se deve questionar é “como podemos facilitar a aprendizagem desse aluno?”.

A SD é umas das metodologias de ensino atuais que auxiliam o professor em seu trabalho especificamente se tratando dos gêneros textuais. Propostas de trabalho que unam tecnologia e os diversos gêneros existentes tendem a ser as melhores possíveis para a obtenção de resultados significativos, típicos de uma educação que priorize a humanização do educando.

Segundo Oliveira (1999, p. 11):

O computador jamais poderá ser utilizado de forma a ameaçar o contato

com a própria realidade, a alienar a criança: mas, ao contrário, deverá ser usado sempre para fortalecê-la, por meio de tomada de consciência de si mesma como alguém capaz de lidar com representações simbólicas, mantendo os pés firmes no chão.

A educação deve renovar-se constantemente e neste momento essa renovação passa pelo trabalho auxiliado pelos recursos tecnológicos. Não devemos tomar as inovações como vilões do trabalho com a docência, mas aliadas visando um ensino atrativo, significativo que forme um cidadão crítico e consciente.

REFERÊNCIAS

- CAVALCANTE, M. M. **Os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2012.
- DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. *et al.* **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2004.
- GONÇALVES, A. V.; BERNARDES, E. S. O gênero seminário: usos e dimensões ensináveis. **Revista Linguagem**, São Carlos, 2010.
- KLEIMAN, A. B. Letramento e suas implicações para o ensino de língua materna. Santa Cruz do Sul: **Signo**, 2007.
- LEFFA, Vilson J. **Aspectos da Leitura**. Porto Alegre: Sagra-Luzzatto, 1996.
- MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, L. A. **Hipertexto e gêneros digitais – novas formas de construção do sentido**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.
- _____. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- NASCIMENTO, J. C. do; SILVA, M. A.; SILVA, L. N. O ensino sistemático da linguagem oral a partir do gênero “seminário”. **Anais do Encontro de Pesquisa em Educação de Alagoas - EPEAL**, Maceió, 2010.
- OLIVEIRA, M. S.; TINOCO, G. M. A. M.; SANTOS, I. B. A. **Projetos de letramento e formação de professores de língua materna**. 2. ed. Natal/RN: EDUFRN, 2014.
- RIBEIRO, A. E. Ler na tela: letramento de novos suportes de leitura e escrita. In: COSCARELLI, C. V; RIBEIRO, A. E. **Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades de leitura e escrita**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.
- ROJO, R. Gêneros do discurso e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTHA-ROTH, D. (Orgs.). **Gêneros: teorias, métodos e debates**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- _____.; MOURA, E. **Multiletramentos na escola**. Parábola, 2012.
- SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. *et al.* **Gêneros orais e escritos na escola**. Trad. e org. de Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA COLETIVA: A ARTICULAÇÃO DE IDEIAS EM FAVOR DE UMA PROPOSTA PEDAGÓGICA

*Elen Cristina Freire
Polyana Sampaio da Silva Scrimim*

Ao elaborar a sequência didática proposta buscou-se encontrar a maior diversidade de material possível para que houvesse empenho por parte dos estudantes envolvidos, já que o tema, de acordo com nível de conhecimento e interesse da turma, não agradaria. Foi previsível a receptividade negativa dos alunos durante a apresentação do tema que seria desenvolvido. No entanto, foi dada continuidade as atividades esperando que a situação se invertesse.

Antes da descrição do desenvolvimento das atividades, vale destacar algumas diferenças sociais e culturais entre os alunos das duas escolas. A professora Elen Freire lida com uma realidade bem distinta em relação a professora Polyana Scrimim. A da primeira escola é formada por alunos de famílias de classe média baixa, a maioria dos pais não participa da vida escolar dos filhos e há uma frequente rotatividade de alunos na escola (os pais vêm para trabalhar e acabam voltando para seus estados). Já a escola em que atua a professora Polyana Scrimim compõe-se, em sua grande parte, de alunos de classe média. Há uma intensa busca por vagas na escola, em parte por conta das premiações que recebeu nos últimos anos (destaque na mídia em âmbito nacional); os índices do IDEB estão acima da média nacional e os pais estão sempre presentes em reuniões e envolvidos nos projetos pedagógicos realizados.

Inicialmente, ao propor uma discussão sobre o tema, notou-se que os dois grupos envolvidos apresentaram os mesmos conceitos sobre questões como corrupção, voto, democracia e política. Pôde-se notar, ainda, que as falas reproduzidas faziam parte do discurso feito pelos pais e demais familiares com quem os adolescentes convivem. Uma das falas marcantes repetida nos dois grupos é a de que o voto é visto como um “castigo”, e não um direito conquistado e exercido com orgulho. Para os alunos o voto deveria ser facultativo.

Passado o momento das discussões, veio o momento da apresentação dos materiais reunidos para o desenvolvimento da SD. Durante o estudo do gênero artigo de opinião, os alunos tiveram muita dificuldade quanto a argumentação e falta de conhecimento sobre o tema para escrever. Sendo assim, a professora havia solicitado o uso do laboratório de informática para as pesquisas sobre o gênero, porém problemas de conexão de *Internet* e falta de manutenção nos computadores que estão inoperantes, impediram que essa atividade fosse realizada.

Durante a apresentação dos vídeos de propaganda eleitoral, os alunos, em sua grande maioria, relataram nunca ter assistido por completo algo dessa categoria.

Contudo, os apontamentos feitos foram bastante pertinentes e alguns alunos conseguiram fazer uma rápida análise das propagandas eleitorais, concluindo que várias propostas mencionadas não foram cumpridas.

Nessa etapa os alunos da professora Polyana Scrimim sugeriram que ao invés de assistirem a programas políticos, eles mesmos poderiam elaborar suas propostas e apresentá-las como se de fato fossem candidatos a algum cargo. Diante da empolgação, característica marcante dessa turma que há dois anos se destaca em apresentações pelo empenho em suas atividades, a professora decidiu alterar o gênero de sua SD e passou a trabalhar com seminário. Os jovens mostraram-se entusiasmados e ficaram surpresos quanto ao seminário ser um gênero, pois achavam que gênero caracterizasse apenas texto escrito, sendo o seminário apenas uma explanação sobre determinado assunto, sem uma estrutura a ser seguida.

Um pequeno problema surgiu nesse momento. O pai de um aluno da turma da professora Polyana Scrimim, dirigiu-se até a escola, pois considerou a atividade sugerida inadequada, julgando ser um trabalho que avaliaria determinado partido. A coordenação da escola, que estava informada sobre o trabalho desenvolvido, resolveu o impasse. Essa atitude apenas confirmou a noção de política equivocada que, certamente, grande parte da população possui.

Com a proposta reelaborada, cada uma das professoras passou a utilizar o mesmo material, porém visando conceituar gêneros textuais distintos, uma vez que a professora Polyana Scrimim achou pertinente acatar a sugestão feita por sua turma e utilizar o seminário no lugar do artigo de opinião, esperando assim, um maior engajamento na execução do trabalho.

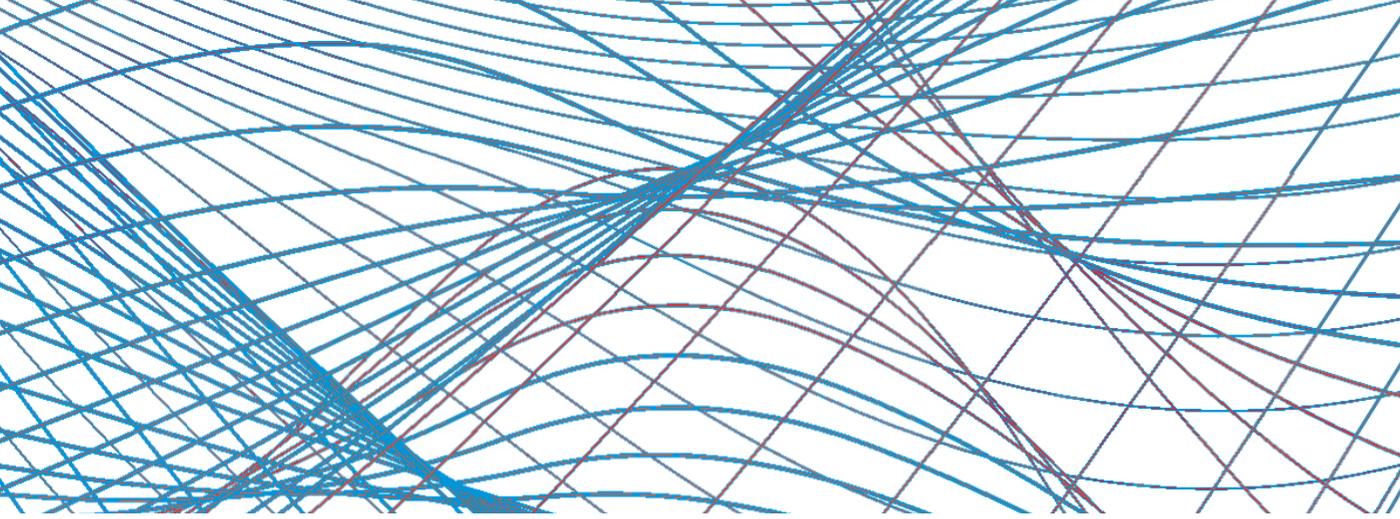
Com a proposta de artigo de opinião da professora Elen Freire, os alunos necessitaram fazer a reescrita pelo menos umas quatro vezes, demonstrando dificuldade em relação ao gênero. Das três turmas nas quais foi desenvolvida a SD, poucos alunos tiveram o comprometimento de entregar a produção final, o que já faz parte do perfil dos alunos da escola.

Ao escrever as propostas para o seminário, os alunos da professora Polyana Scrimim surpreenderam-se com a dificuldade de elaborar possíveis soluções para os problemas do Brasil, pois estavam preocupados com a possibilidade de tal promessa ser ou não realizada.

Ao fim dos trabalhos, pôde-se notar um bom resultado na produção final dos dois gêneros textuais estudados. Apesar dos alunos da Professora Elen Freire apresentarem certa resistência na busca do conhecimento como forma ascensão social, não dando muita importância para as atividades propostas, aqueles que mostraram comprometimento puderam expor excelentes textos confirmando a eficiência do trabalho nos moldes da SD.

Os seminários preparados pela turma da professora Polyana Scrimim também foram além das expectativas. Os jovens expuseram propostas sérias, bem argumentadas, postura e fala policiada, além da utilização de diversos recursos como cartazes, músicas e vídeos.

Alguns detalhes valorizariam ainda mais o trabalho como um espaço adequado para as apresentações do gênero seminário e recursos digitais em perfeito estado de uso para a postagem dos textos do gênero artigo de opinião. No entanto, o trabalho foi concluído com empenho provando que o professor pode superar muitos obstáculos se tiver como foco a realização de um bom trabalho.



CAPÍTULO 6

CONSCIENTIZAÇÃO POLÍTICA

*César Vicente da Costa
Nilze Maria Malaguti
Sérgio Cervieri*

Turmas:

2º ano do Ensino Médio – Escola Estadual Irany Jaime Farina, Guarantá do Norte/MT;

9º ano (3ª fase do 3º ciclo) – Escola Estadual Padre Ezequiel Ramin, Juína/MT;

2º ano do 2º segmento EJA (8º e 9º anos) – Escola Estadual São Francisco de Assis, Aripuanã/MT;

Duração:

10 aulas

Objetivo:

Produzir um documentário contrapondo as promessas feitas em campanha, e o discurso oficial dos dirigentes políticos com a realidade local dos educandos.

Objetivos específicos:

- ✓ Provocar reflexões sobre o vídeo de Marcelo Adnet;
- ✓ Fazer um comparativo entre os vídeos de campanhas eleitorais reais e o vídeo de Marcelo Adnet;
- ✓ Incentivar a pesquisa em meios de comunicação e mídia locais de material audiovisual sobre os problemas da comunidade em que os educandos vivem;

- ✓ Aprofundar os conhecimentos a respeito do gênero documentário, através da análise dos mecanismos estruturais do mesmo;
- ✓ Fomentar a discussão sobre o tema eleições;
- ✓ Produzir um documentário sobre os problemas da localidade da escola;
- ✓ Discutir com os educandos as atribuições dos governantes que serão eleitos nas próximas eleições.

Apresentação da situação (2 aulas):

Proporcionaremos a leitura e interpretação oral de vídeos de propaganda eleitoral da presidente Dilma, do governador de Mato Grosso, Silval Barbosa e do senador Blairo Maggi, na época de suas candidaturas. Em outro momento oportunizaremos a leitura e interpretação oral do vídeo “Propaganda eleitoral gratuita – a verdadeira” (*by* Marcelo Adnet).

Produção inicial (3 aulas e atividades extraclasse)

Propomos como atividade inicial desta sequência a produção de um documentário em que sejam comparadas as promessas feitas pelos candidatos apresentados nos videoclipes com a real situação da cidade ou comunidade onde vivem.

Para a produção os alunos poderão filmar, fotografar ou ainda selecionar imagens publicadas em meios de comunicação que retratem situações em que a população local espera por soluções de problemas apresentadas como promessas de campanha pelos candidatos em suas propagandas eleitorais.

No programa *Windows Live Movie Maker*, será organizado o material e editado em vídeo. O *link* <http://pt.slideshare.net/georgiastella/tutorial-movie-maker-presentation> oferece um tutorial que auxilia o professor e o aluno a utilizar o programa.

O resultado alcançado por cada grupo deverá ser socializado com a turma.

Após a socialização das produções, o aluno deverá avaliar pontos fortes e fracos do documentário.

É importante deixar claro aos alunos que a primeira produção serve de referência para análise daquilo que já se conhece e o que cada um é capaz de produzir sobre o gênero, a fim de poder intervir para ampliar e aperfeiçoar a produção durante os módulos, com vistas a alcançar melhores resultados com a produção final.

Módulo 01 (2 aulas):

Trabalharemos com noções de cidadania, a importância do voto, o papel que desempenha o governador, senador ou presidente da república. O tema será desenvolvido através da cartilha do Programa Voto Consciente do Tribunal Regional Eleitoral de Mato Grosso.

Módulo 02 (2 aulas):

Faremos análise da linguagem empregada no vídeo produzido pelos educandos quanto à adequação da variante linguística às condições de produção e recepção do gênero trabalhado. Será apresentado aos alunos o vídeo da produção inicial, em que a adequação/inadequação da linguagem empregada nesse vídeo será discutida coletivamente. Na sequência, proporemos a produção de um roteiro escrito a ser realizado na produção final.

Produção final (01 aula e trabalho extraclasse):

Refacção do vídeo inicial adequando-o com as propostas trabalhadas nos módulos. A produção final (documentário) será divulgada no *Facebook* das escolas, em *blogs* dos professores e com possibilidade de divulgação nas mídias locais.

Materiais necessários:

Projeter multimídia, lousa, pincel, impressos da Constituição Federal, laboratório de informática da escola, filmadoras, câmeras digitais.

Bibliografia consultada:

BONINI, A. Metodologias do ensino de produção textual: a perspectiva da enunciação e o papel da Psicolinguística. *Perspectiva*, v. 20, n. 1, p. 23-47, 2002.

DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCNNEUWLY, B. Seqüências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. *et al.* **Gêneros orais e escritos na escola**. Trad. e org. de Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004. p. 95-128.

LEFFA, V. J. **Aspectos da leitura**: uma perspectiva psicolinguística. Porto Alegre: Sagra-D C Luzzatto, 1996.

RUIZ, Eliana. **Como se corrige redação na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

SOLÉ, I. **Estratégias de leitura**. Tradução de Cláudia Schilling. 6. ed. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

Webgrafia:

Vídeo Propaganda eleitoral gratuita – a verdadeira de Marcelo Adnet, disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=dMVgb3DtS0Y>, acesso em 01/06/14

Vídeo Propaganda eleitoral gratuita 2010: Dilma Rousseff, disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=xZ9OkOm7miA>, e http://www.youtube.com/watch?v=4vet_tVe9HI acesso em 01/06/14

Vídeo Propaganda eleitoral gratuita 2010: Silval Barbosa, disponível em <http://www>.

youtube.com/watch?v=GIWwT865eLg, acesso em 01/06/14

Vídeo Propaganda eleitoral gratuita 2010: Blairo Maggi disponível em http://www.youtube.com/watch?v=cem__NQkSmAe

<http://www.youtube.com/watch?v=IebPAuWHzLA>, acesso em 01/06/14;

Cartilha do programa Voto Consciente do Tribunal Regional eleitoral de Mato Grosso, disponível em <http://www.justicaeleitoral.jus.br/arquivos/tre-mt-cartilha-do-programa-voto-consciente> acesso em 02/07/14.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA: DESMASCARANDO A PROPAGANDA ELEITORAL

César Vicente da Costa

1 INTRODUÇÃO

A tecnologia está cada vez mais presente em sala de aula, já que os alunos chegam à escola com celulares e *tablets* de última geração. Essas ferramentas, aliadas a vários aplicativos, são capazes de realizar maravilhas para o universo de crianças e adolescentes, pois se comunicam instantaneamente uns com os outros, tiram fotos, gravam vídeos, compartilham e curtem as postagens dos amigos nas redes sociais.

A escola, de forma geral, não acompanha esse desenvolvimento tecnológico, pois, na maioria das vezes, temos uma escola sucateada com poucos atrativos sendo o principal material pedagógico ainda o livro didático acompanhado do velho quadro e giz. Isso tudo cria um distanciamento daquilo que o aluno espera encontrar nos bancos escolares e a realidade com que se depara todos os dias. O que nós professores encontramos todos os dias no fazer pedagógico é uma concorrência desleal, porque esses aparelhos estão presentes na sala de aula e chamam para si quase toda a atenção dos alunos. Numa tentativa de legitimar e aproveitar esse amplo material que se apresenta na sala de aula, Rojo nos apresenta uma possível saída:

É de suma importância que a escola proporcione aos alunos o contato com diferentes gêneros, suportes e mídias de textos escritos, através, por exemplo, da vivência e do conhecimento dos espaços de circulação dos textos, das formas de aquisição e acesso aos textos e dos diversos suportes da escrita. Ela também pode incorporar cada vez mais o uso das tecnologias digitais para que os alunos e os educadores possam aprender a ler, escrever e expressar-se por meio delas. (ROJO, 2012, p. 36).

Ela nos convida e desafia a utilizar essas novas tecnologias presentes na sala de aula. Sendo assim, propomos trabalhar com uma sequência didática em que o gênero escolhido foi o documentário elaborado a partir do vídeo “Propaganda eleitoral gratuita – a verdadeira”, do humorista Marcelo Adnet.

Essa sequência oportunizou o trabalho com diferentes recursos e mídias em que professor e alunos foram colocados à prova, pois, apesar de dominarem de forma satisfatória as novas tecnologias digitais, ainda não haviam utilizado para o trabalho de ensino e aprendizagem no trato pedagógico escolar. Assim, o professor e os alunos do 9º ano A do período matutino do ensino fundamental da Escola Estadual Padre Ezequiel Ramin, localizada no município de Juína-MT, lançaram-se ao desafio.

2 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

2.1 Apresentação da situação

Conforme Dolz, Schneuwly e Noverraz (2004), a apresentação da situação inicial do trabalho a ser realizado é de suma importância, pois isso norteará todo o projeto de linguagem a ser desenvolvido. O gênero escolhido nessa sequência foi o documentário, e, como ponto de partida tomou-se como ferramenta inicial o vídeo “Propaganda eleitoral gratuita – a verdadeira” (disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=dMVgb3DtS0Y> para situar o aluno no contexto de produção do gênero em questão. Nesse contexto, é importante ressaltar que estávamos em época de eleições para deputados estaduais e federais, senadores da república e presidente.

Após a apresentação, realizamos uma discussão em conjunto para que os educandos expusessem seus pontos de vista e comentários sobre o vídeo apresentado. Para essa atividade utilizei a estratégia de leitura de perguntas e respostas apontada por Solé (1998, p. 155). Embora apareça como uma atividade de ensino, geralmente é usada para avaliar, para checar o que os alunos compreenderam ou recordam de um determinado texto. Nesse caso, utilizei para perguntar sobre o vídeo assistido e outras informações pertinentes. Alguns alunos defenderam a ideia de que o vídeo assistido era exatamente igual ao veiculado na TV, já outros conseguiram perceber que se tratava de uma forma jocosa de mostrar o que os candidatos fazem para conquistar o voto do eleitor.

Na sequência foram apresentados os vídeos de propaganda eleitoral de 2010, época da candidatura da presidente Dilma, do governador do Estado de Mato Grosso, Silval Barbosa e Blairo Maggi. Os vídeos encontram-se disponíveis nos seguintes endereços: Propaganda eleitoral gratuita 2010: Dilma Rousseff, <http://www.youtube.com/watch?v=xZ9OkOm7miA>, e http://www.youtube.com/watch?v=4vet_tVe9HI, Propaganda eleitoral gratuita 2010: Silval Barbosa, disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=GIWwT865eLg>, e Propaganda eleitoral gratuita 2010: Blairo Borges Maggi disponível em http://www.youtube.com/watch?v=cem__NQkSmAe.

Após assistir aos vídeos das campanhas eleitorais reais, iniciamos uma discussão com o objetivo de fazer um comparativo entre o vídeo de Marcelo Adnet e os vídeos das campanhas reais. Os alunos deveriam responder as seguintes questões: a) Com a exibição dos vídeos das campanhas eleitorais reais, o que vocês perceberam de diferente em relação ao vídeo de Marcelo Adnet?; b) Existe alguma semelhança entre os vídeos apresentados?; c) Por que o vídeo de Marcelo Adnet tem o título: Propaganda eleitoral gratuita – a verdadeira?; d) Qual a relação que existe entre as propagandas comerciais e as propagandas eleitorais gratuitas veiculadas pela TV?

No desenrolar da atividade, os alunos notaram muitas semelhanças entre os vídeos, porque utilizavam quase os mesmos recursos de mídia e caracterização.

Perceberam ainda que o vídeo de Marcelo Adnet tinha aquele título como forma de sátira em relação aos políticos, pois, na verdade, ele estava mostrando que muito do que se vê nas propagandas eleitorais é uma tentativa de convencer e até ludibriar o eleitor para votar nesse ou naquele candidato. Comentaram que assim como as propagandas comerciais visam vender um produto as propagandas eleitorais “vendem” a imagem de um determinado candidato.

Estimular a pesquisa também é tarefa do educador, sendo assim foi pedido para os alunos pesquisarem alguns materiais na mídia impressa, televisiva e na *Internet*. Inicialmente, a pesquisa seria realizada no próprio laboratório de informática da escola, mas uma forte chuva inundou-o, tornando impossível sua utilização. Como poucos alunos dispunham de computador interligado à *Internet*, eles foram divididos em quatro grupos para realizarem a pesquisa extraclasse. Foram sugeridos os seguintes *sites*: www.juinanews.com.br, www.jregional.com.br, www.juinaagora.com.br e www.jnmt.com.br. O foco da pesquisa foi verificar de que forma os moradores de Juína-MT se posicionavam em relação às propagandas eleitorais dos candidatos a vereador e prefeito da cidade.

Na aula seguinte, socializamos os vídeos e informações coletadas. Os alunos observaram que os moradores fizeram muitas reclamações, que os candidatos sempre prometiam resolver todos os problemas da cidade, mas na verdade depois de eleitos desapareciam das comunidades e dos locais onde foram pedir votos. A população sempre fica sem saber se eles não fazem porque não querem ou porque não podem. No geral, os educandos perceberam que os políticos geralmente alegavam falta de recursos para cumprir as promessas e que iriam realizar estudos para fazer as obras que os moradores tanto necessitavam. Os alunos comentaram ainda que alguns eleitores não gostavam de uma das estratégias muito utilizadas em campanhas eleitorais, que era pegar as músicas que estão nas paradas de sucesso e parodiá-las para chamar a atenção do público.

2.2 Produção inicial

Para a produção inicial, sugerida pelos autores da sequência didática já referida, utilizamos os seguintes vídeos: Como fazer um roteiro para documentário? <https://www.youtube.com/watch?v=lafP3i00UBk>, Tutorial: Como faço meus vídeos? <https://www.youtube.com/watch?v=aRXIEQ2Vr24>, Veja como produzir seus vídeos! <https://www.youtube.com/watch?v=JX5fmD1Wjfg> e Uma conversa sobre documentários - Formatos, linguagens e estilos https://www.youtube.com/watch?v=SQVkHz22Sr_Y.

Esses vídeos deram suporte para os alunos aprenderem como produzir um documentário. A maioria deles já usava a câmera do celular para fazer brincadeiras com os colegas, para se comunicar através do *WhatsApp* e registrar momentos particulares, mas com o cunho pedagógico foi a primeira vez.

A partir das discussões realizadas em sala de aula sobre os vídeos assistidos, os alunos foram divididos em três grupos, pois assim poderiam escolher melhor quem desempenharia determinada tarefa. Eles deveriam participar ativamente tanto nos papéis de cinegrafista ou apresentador/entrevistador, etc., em que deveriam gravar vídeos que retratassem a realidade do seu bairro, da sua cidade ou do estado. Para a gravação dos vídeos, utilizaram câmera fotográfica, *tablets* e telefones celulares com câmera.

Todos os vídeos produzidos foram publicados na rede social *Facebook*, em um perfil em nome do professor César Vicente da Costa. O perfil foi compartilhado por todos da turma. Para conferir o resultado basta acessar os *links*: <https://www.facebook.com/photo.php?v=1578563465722007>, <https://www.facebook.com/video.php?v=1578570242387996&set=vb.100007051050089&type=3&theater>, <https://www.facebook.com/video.php?v=1578563465722007&set=vb.100007051050089&type=3&theater> e <https://www.facebook.com/photo.php?v=1580755105502843>.

2.3 Módulo 1: Avaliando as produções

Após a produção dos vídeos, nos reunimos para assistir às produções e avaliá-las. Os grupos A, B e C optaram por gravar vídeos mostrando a realidade da Rua Beija-flor e Rua Maringá, Posto de Saúde do módulo seis e Praça da Bíblia no centro da cidade de Juína-MT. Nessas produções tivemos vários problemas, tais como, má angulação da câmera, imagem muito tremida mostrando o nervosismo (ou amadorismo) dos cinegrafistas, imagem desfocada, pois não acompanhava o apresentador que estava falando. O tom de voz às vezes era alto ou baixo demais, a linguagem, na maioria das vezes, foi inadequada para a situação, com alguns erros de pronúncia de várias palavras e poucos participaram ativamente no trabalho.

Em relação ao conteúdo, acredito que o objetivo foi atingido, porque os alunos filmaram e falaram de problemas encontrados nos locais citados acima, realizaram uma avaliação do que o atual prefeito havia prometido em campanha e ainda não havia cumprido. Eles conseguiram obter a informação de que alguns moradores da cidade não estavam contentes com a nova gestão. Os vídeos tiveram um caráter de denúncia, de apontar o que havia de errado nos locais pesquisados.

2.4 Módulo 2: Colocando no papel

Foi solicitado aos grupos que fizessem um texto coletivo a fim de registrar as impressões que eles tiveram acerca do assunto abordado até então, e, depois das devidas correções, os textos dos grupos A e B foram publicados no *Facebook*, conforme segue:



César Vicente da Costa

9 de outubro de 2014 · Editado · 🌐 · 🌐

GRUPO A 9º "A"

UMA ANÁLISE DAS ELEIÇÕES

Nas eleições, os candidatos tentam convencer os eleitores que serão muito melhores que os candidatos anteriores e para isso, fazem de tudo para serem vistos pela população como os mais indicados para ocupar determinados cargos. Isso mostra o quanto estão despreparados para serem eleitos ou reeleitos. Na maioria das vezes a sociedade acaba sendo enganada por falsas promessas de governo e depois acabam se arrependendo de ter votado nesse ou naquele candidato. A sociedade acaba percebendo que com o passar do tempo um grande número de candidatos se tornam corruptos.

As formas de se fazer campanha são agressivas, tentam atingir o adversário de todas as formas, com calúnias, difamações, etc. Se pararmos para pensar as eleições são repetições contínuas, em que a única coisa que muda são alguns candidatos, as propostas são relativamente as mesmas.

Depois que conseguem se eleger, esquecem completamente dos compromissos assumidos durante a campanha, muitos deles roubam o dinheiro que seria usado na educação, saúde e lazer da população, para seu benefício próprio. Quando são acusados de desvios do dinheiro público, dizem que é mentira da oposição, é perseguição política.

Devemos analisar muito bem nossos representantes pra não nos arrependermos de nossas escolhas posteriormente.

Figura 01: Texto do grupo A, 9º ano – Uma análise das eleições.

Fonte: <https://www.facebook.com/cesar.vicentedacosta.3/posts/1580770628834624>

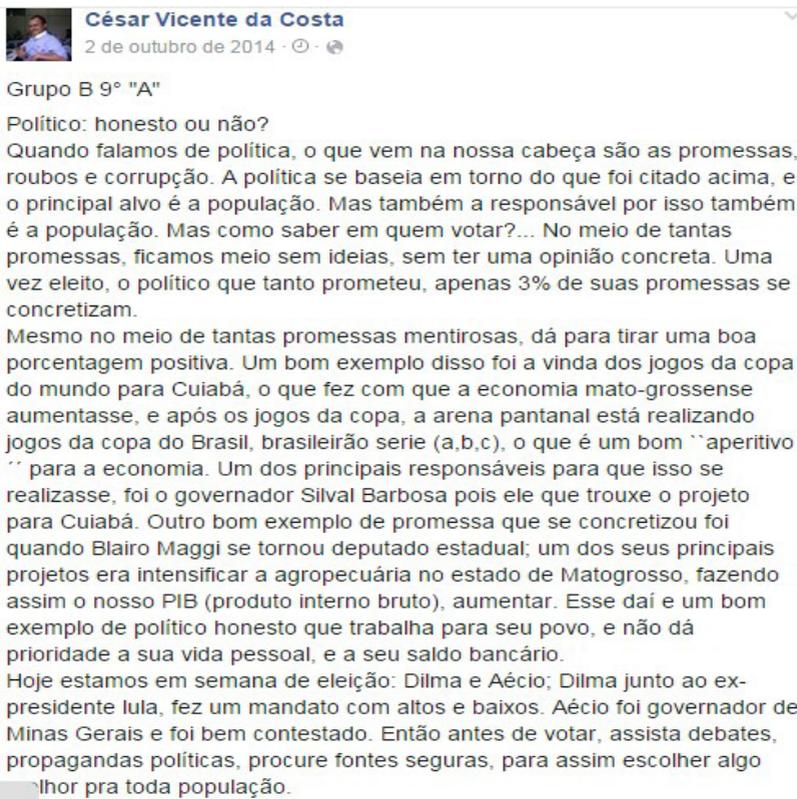


Figura 02: Texto do grupo B, 9º ano – uma análise das eleições.

Fonte: <https://www.facebook.com/cesar.vicentedacosta.3?fref=photo>

A produção dos textos teve como base a abordagem interacionista, baseada em Bakhtin (1953), que conforme Bonini (2002, p. 34) "... está centrada na instauração de um ambiente em que a produção textual do aluno se constitua como uma autêntica produção de sentido, mediante a execução de uma ação de linguagem.". Esse processo foi pensado para que os alunos tivessem seus argumentos respeitados e que na interação com o professor e com os colegas, construíssem um tono enunciativo, a fim de que a voz de todos fosse ouvida em uníssono.

2.5 Módulo 3: Análise dos textos

Os textos produzidos de forma conjunta oportunizaram vários debates entre os alunos para que decidissem o que seria mais relevante abordar na redação final. Após a produção dos textos, realizamos a correção, com especial atenção ao que nos dizem Dolz, Noverraz e Schneuwly:

A questão da correção ortográfica não deve obscurecer as outras dimensões que entram em jogo na produção textual. Primeiramente, para o aluno, que, preocupado, sobretudo com a ortografia, perderá de vista o sentido do trabalho que está realizando, isto é, a redação de um texto que responde uma tarefa de linguagem. Em segundo lugar, para o professor, cujo olhar

atraído pelos “erros ortográficos”, não se deterá nem na qualidade e nem em outros erros mais fundamentais do ponto de vista da escrita. (DOLZ, NOVERRAZ e SCHNEUWLY, 2004, p. 99)

Geralmente, tanto o professor quanto os alunos se preocupam em demasia com as questões ortográficas. Isso não foi descartado nesse trabalho, mas não foi o foco principal. Para a correção dos textos na forma escrita, utilizei como parâmetro a correção textual-interativa, que segundo Ruiz (2001, p. 10), “... é, pois, a forma alternativa encontrada pelo professor para dar conta de apontar, classificar ou até mesmo resolver aqueles problemas da redação do aluno que, por alguma razão, ele percebe que não basta via corpo, margem, ou símbolo”. A partir dessas correções, os alunos puderam colocar no papel sua capacidade de analisar os conteúdos que já vinham debatendo em sala em relação às propagandas e às pesquisas realizadas.

2.6 Finalizando

Na produção final, foram organizados os grupos A, B e C e os alunos se reuniram para decidir como e onde realizariam os documentários. O grupo A decidiu montar um roteiro baseado em entrevistas que realizaram com alguns moradores do bairro Módulo Cinco. Eles gravaram duas simulações dessas entrevistas, em que os moradores falavam das melhorias realizadas no trânsito com a implantação dos semáforos em algumas ruas da cidade de Juína-MT e também sobre a situação da política municipal e estadual, apenas um morador consentiu em gravar entrevista para o grupo e falou da necessidade de melhorar a saúde e a educação.

O grupo B resolveu gravar uma simulação de uma campanha eleitoral em que havia dois candidatos, um era o atual prefeito e fazia propostas mirabolantes para continuar no cargo, além de explicitar a corrupção que praticava, e o outro era um candidato sério com propostas verdadeiras. Particularmente esse documentário se assemelhou ao de Marcelo Adnet pelo fato de fazer rir em alguns momentos e contou com a participação de moradores do bairro Módulo Cinco.

O grupo C montou um roteiro de entrevista para entrevistar o presidente da câmara de vereadores, a fim de saberem sobre as questões políticas e sobre as verbas destinadas ao município. O vereador recebeu o grupo em seu gabinete na câmara de vereadores e se dispôs a colaborar com os educandos; disse que havia falta de diálogo entre o poder executivo e o legislativo municipal, que a saúde do município vai mal por falta de articulação política com o legislativo estadual. Respondeu também questões sobre alguns temas como corrupção, investimentos na saúde e gastos com a copa do mundo no Brasil.

O resultado desses trabalhos pode ser conferido na página do *Facebook* do professor César Vicente da Costa no seguinte endereço: <https://www.facebook.com/cesar.vicentedacosta.3?pnref=story>.

3 CONCLUSÃO

As atividades desenvolvidas foram desafiadoras e estimulantes, a sequência didática possibilitou a utilização das tecnologias trazidas pelos alunos de forma totalmente pedagógica. Anteriormente eles utilizavam essas tecnologias apenas recreativamente e, após o trabalho realizado, perceberam que poderiam produzir conhecimento. Um dos vídeos gravados pelos alunos teve grande repercussão na cidade de Juína-MT (figura 03 abaixo). Esse vídeo mostra a situação precária da Praça da Bíblia e foi compartilhado por Lelinho dos Santos Kapich, apresentador de um programa na repetidora local da TV Record que trouxe ao ar esse vídeo como pauta de seu programa. Após essa matéria ir ao ar, o vídeo postado no *Facebook* teve vinte e cinco compartilhamentos e mais de mil e quatrocentas visualizações. Isso mostra que o trabalho fez com que a população refletisse sobre os problemas que atingem nossa cidade e constatarem que os políticos só “percebem” em época de eleição.

Devemos estar sempre atentos para essas particularidades e potencialidades que o meio escolar oferece, ao invés de nos conformarmos com a falta de recursos pedagógicos das escolas.



Figura 03: Vídeo produzido pelos alunos.

Fonte: <https://www.facebook.com/cesar.vicentedacosta.3>

REFERÊNCIAS

BONINI, A. Metodologias do ensino de produção textual: a perspectiva da enunciação e o papel da Psicolinguística. *Perspectiva*, v. 20, n. 1, p. 23-47, 2002.

DOLZ, J; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. *et al.* **Gêneros orais e escritos na escola**. Trad. e org. de Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

LEFFA, V. J. **Aspectos da leitura**: uma perspectiva psicolinguística. Porto Alegre: Sagra-Luzzatto, 1996.

ROJO R.; MOURA, E. **Multiletramentos na escola**. Parábola, 2012.

RUIZ, E. **Como se corrige redação na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

SOLÉ, I. **Estratégias de leitura**. Tradução de Cláudia Schilling. 6. ed. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

Webgrafia

<http://www.gentequeeduca.org.br/planos-de-aula/como-produzir-documentarios>

<http://roteirodecinema.com.br/manualdoroteirista.htm>

<https://www.youtube.com/watch?v=lafP3i00UBk>

<https://www.youtube.com/watch?v=aRXIEQ2Vr24>

<https://www.youtube.com/watch?v=JX5fmD1Wjfg>

https://www.youtube.com/watch?v=SQVkz22Sr_Y

SEQUÊNCIA DIDÁTICA: UMA ESTRATÉGIA PARA O TRABALHO COM O GÊNERO DOCUMENTÁRIO

Nilze Maria Malaguti

1 INTRODUÇÃO

A escola é uma instância legitimadora do conhecimento e como tal compete a ela a tarefa de desenvolver no indivíduo habilidades cognitivas que lhe permitam abstrair conceitos, resolver problemas e sistematizar o pensamento elaborado.

O atual contexto educacional tem demonstrado, no entanto, que mecanismos utilizados no trabalho pedagógico nem sempre auxiliam o aluno a operar sobre as informações recebidas em sala de aula. De acordo com Davis *et al* (2006), são raras as escolas que sabem desenvolver um trabalho voltado ao estímulo e à promoção do raciocínio dos alunos de modo a potencializar o uso do pensamento para processar informações e resolver problemas; por outro lado, as que fazem conseguem promover a cultura do pensar e permitem àqueles que a frequentam tirar maior proveito da experiência escolar.

Estudos realizados sobre a metacognição e o sucesso escolar apontam que resolver problemas requer o uso de estratégias, reflexões e tomadas de decisão, nem sempre solicitadas pelos exercícios desenvolvidos em sala de aula.

Tomando como referência tais estudos e o aporte teórico levantado na disciplina de “Aspectos Sociocognitivos e Metacognitivos da Leitura e da Escrita” durante o Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, na Universidade do Estado de Mato Grosso, Campus de Sinop-MT, elaboramos esta proposta pedagógica a fim de propor atividades que auxiliem o aluno a analisar vídeos criados por candidatos a cargos políticos em suas campanhas eleitorais. O objetivo consiste em promover a reflexão acerca de estratégias utilizadas na produção de tais materiais como forma de auxiliar no desenvolvimento da compreensão leitora.

Letras, sons e imagens voltadas à temática em torno de questões que perpassam as campanhas políticas eleitorais do país serviram de recursos para auxiliar o aluno a desenvolver o conhecimento crítico e a leitura de textos multissemióticos.

A situação apresentada para o início das atividades é o vídeo “Propaganda eleitoral gratuita – a verdadeira”, produzido por Marcelo Adnet, disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=dMVgb3DtS0Y>, que apresenta, de forma irônica, estratégias utilizadas por candidatos para conquistar o voto dos eleitores. A situação conduz o aluno à leitura e análise de outros vídeos e à produção de um documentário. Os módulos da sequência foram organizados com o intuito de permitir que o aluno avalie as estratégias utilizadas em sua primeira produção, aprenda as características do

gênero e aperfeiçoe a produção final.

O público-alvo a que se destina a proposta são alunos dos anos finais do ensino fundamental. Nada impede, no entanto, que a aplicação seja realizada também com turmas do ensino médio, o que vai demandar apenas do direcionamento e grau de profundidade para a abordagem da questão.

Acreditamos que a sequência didática, organizada com base em Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), caracteriza-se como possibilidade metodológica capaz de subsidiar uma prática pedagógica voltada a ensinar o aluno a pensar a respeito das estratégias utilizadas durante a leitura e produção de texto, com vistas a alcançar melhores resultados.

É esse o princípio que tomamos como base para a proposta de ensino da leitura e produção aqui apresentada.

2 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

2.1 Apresentação da situação: o primeiro contato com o gênero

A apresentação da situação em uma sequência didática, de acordo com Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), consiste em expor aos alunos um projeto de comunicação, bem como, a preparação para a produção inicial do gênero que será trabalhado durante os módulos e na produção final. É o momento em que a turma constrói uma representação da atividade de linguagem a ser executada.

Como a sequência aqui apresentada visa o trabalho com o gênero documentário, selecionamos o vídeo “Propaganda eleitoral gratuita – a verdadeira”, produzido por Marcelo Adnet (disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=dMVgb3DtS0Y>) para situar o aluno no contexto de produção a ser trabalhado.

O vídeo possibilita ao professor desenvolver uma metodologia de trabalho voltada para a perspectiva dos multiletramentos, isso porque reúne um texto midiático, composto de som e imagem, ao mesmo tempo em que favorece o letramento crítico por representar uma série de situações as quais os candidatos a cargos políticos se submetem durante o período de campanhas para conquistar o voto dos eleitores.

A primeira atividade, portanto, consiste em assistir com a turma ao vídeo e, em seguida, abrir para discussão, a fim de ouvir dos alunos comentários e impressões.



Figura 01: Cena do vídeo “Propaganda eleitoral gratuita – a verdadeira”.

Fonte: <http://www.youtube.com/watch?v=dMVgb3DtS0Y>

Para que sejam percebidos aspectos considerados importantes na construção do material, indicamos a discussão em torno das questões que aparecem no quadro abaixo. O interessante é que a atividade seja realizada de forma oral para enriquecer esse primeiro debate e motivar realmente a turma para a sequência das atividades.

- a) Qual poderá ter sido a intenção do produtor ao criar o vídeo?
- b) As situações representadas tanto pelas imagens, quanto pela música condizem com o que presenciamos nas campanhas eleitorais?
- c) Você sabe o que uma sátira?
- d) Podemos afirmar que o personagem do vídeo está utilizando da sátira para representar candidatos políticos?
- e) Que estratégias utilizadas no vídeo lhe permitem chegar a essa conclusão?

Como forma de trazer a reflexão para o contexto do aluno, sugerimos que a sequência das atividades seja feita com videoclipes utilizados durante a campanha eleitoral por candidatos que já tenham assumido cargos na presidência da república, no governo do estado ou como deputado federal ou estadual, a fim de estabelecer uma análise comparativa entre as situações cômicas representadas por Marcelo Adnet com aquilo que tem sido utilizado pelos candidatos em suas propagandas eleitorais. Para isso, em uma breve pesquisa na *Internet*, os alunos deverão selecionar videoclipes e, em seguida, socializá-los em sala de aula.

É interessante orientá-los para que os vídeos selecionados sejam de propagandas de políticos que tiveram a oportunidade de assumir os cargos aos quais se candidataram. A escolha dos vídeos feita pelos próprios alunos também possibilita a participação mais ativa e evita que o professor interfira em posicionamentos político-partidários. A intenção é desenvolver a criticidade em relação às estratégias utilizadas para o convencimento do eleitor por parte de políticos em suas campanhas eleitorais.

O tempo previsto para a realização dessa atividade é de três aulas, tendo em vista a duração dos vídeos selecionados pelos alunos e o tempo previsto para a discussão das mensagens veiculadas.

2.2 Produção inicial

A produção inicial, de acordo com Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), é momento em que os alunos revelam as representações que têm acerca da atividade e do gênero textual a ser trabalhado. O aluno constrói o que já sabe e o professor avalia e planeja o que é necessário para aprofundar o conhecimento.

Propomos, como atividade inicial desta sequência, a produção de um documentário em que sejam comparadas as promessas feitas pelos candidatos dos vídeos selecionados pelos alunos na atividade anterior com a real situação da cidade ou comunidade onde vivem.

Para a produção do documentário, os alunos poderão filmar, fotografar ou ainda selecionar imagens publicadas em meios de comunicação que retratem situações em que a população local espera por soluções de problemas apresentadas como promessas de campanha pelos candidatos em suas propagandas eleitorais.

No programa *Windows Live Movie Maker* é possível organizar o material e editar o documentário em vídeo. O *link* <http://pt.slideshare.net/georgiastella/tutorial-movie-maker-presentation> oferece um tutorial que auxilia o professor e o aluno na utilização do programa.

O resultado alcançado por cada grupo deverá ser socializado com a turma.

Após a socialização das produções, é momento do aluno avaliar pontos fortes e fracos.

A realização do trabalho realizado em pequenos grupos permite que alunos com maior domínio das tecnologias auxiliem os demais.

É importante deixar claro que a primeira produção serve de referência para análise daquilo que já se conhece e o que cada um é capaz de produzir sobre o gênero, a fim de poder intervir para ampliar e aperfeiçoar a produção durante os módulos, com vistas a alcançar melhores resultados ao final.

Avaliar a própria produção também contribui para o aluno tomar consciência

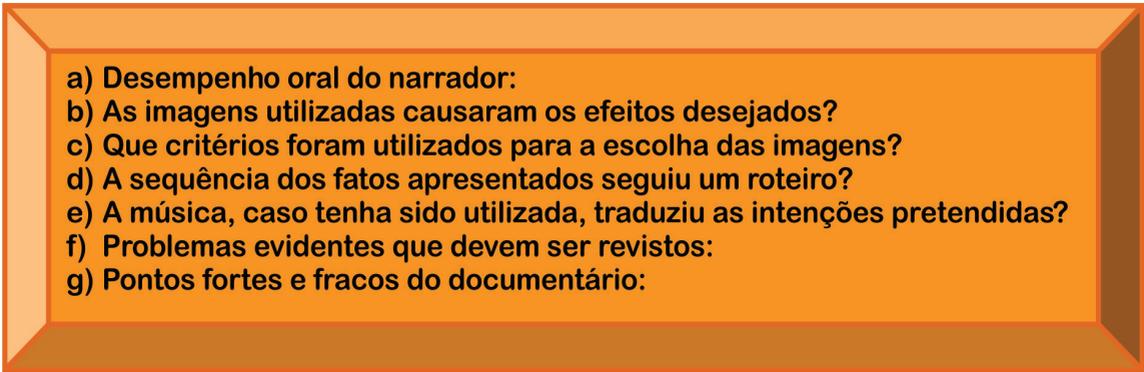
acerca das dificuldades relativas ao objeto de aprendizagem que está em jogo e das estratégias utilizadas para a resolução do problema. Trabalhos recentes voltados para a metacognição têm mostrado que sujeitos eficientes na execução de tarefas possuem consciência sobre seus próprios processos ou produtos cognitivos, ou seja, compreendem a finalidade da tarefa que desenvolvem, planejam e alteram conscientemente estratégias de realização.

Max e Silva *et al* (2004 *apud* JOU; SPERB, 2006) assinalam que o pensar sobre o próprio pensar permitiu ao ser humano a observação e correção de seus pensamentos e suas ações, além de possibilitar que desenvolvesse estratégias cada vez mais sofisticadas para interagir com o meio.

Leffa (1996) aponta, entre outros resultados de pesquisas sobre a metacognição na leitura, que indivíduos conscientes do próprio processo de aprender desenvolvem maior proficiência em leitura e que a instrução influencia para desenvolver essa consciência.

Como resultado desses estudos, Jou e Sperb (2006, p. 18) afirmam que a metacognição tornou-se de grande importância para as propostas de instrução educacional que valorizam o uso de estratégias metacognitivas na aprendizagem.

Com vistas a alcançar esses objetivos, sugerimos os questionamentos do quadro abaixo para a mediação nessa tarefa:

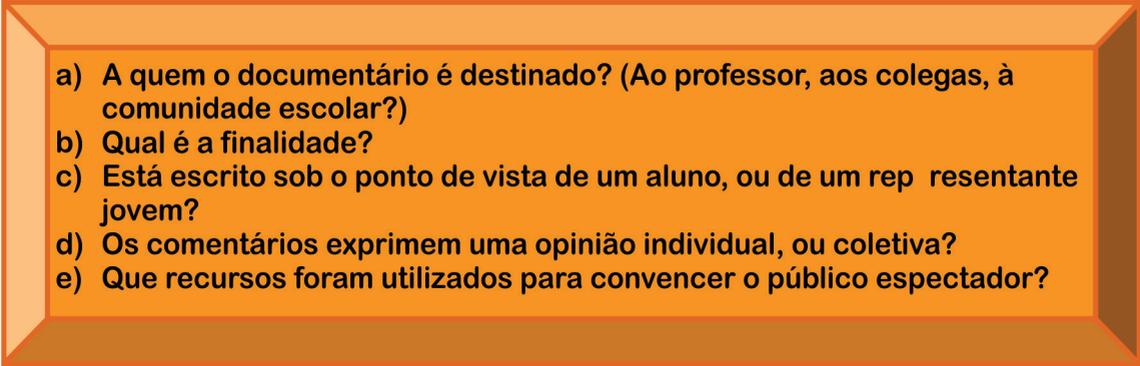
- 
- a) Desempenho oral do narrador:
 - b) As imagens utilizadas causaram os efeitos desejados?
 - c) Que critérios foram utilizados para a escolha das imagens?
 - d) A sequência dos fatos apresentados seguiu um roteiro?
 - e) A música, caso tenha sido utilizada, traduziu as intenções pretendidas?
 - f) Problemas evidentes que devem ser revistos:
 - g) Pontos fortes e fracos do documentário:

2.3. Módulo 1: Aprofundando o conhecimento em torno do gênero

Auxiliar o aluno com instrumentos necessários para a superação dos problemas apresentados na primeira produção deve ser o objetivo principal que orienta a organização das atividades propostas em cada um dos módulos.

Como na primeira produção, o aluno toma consciência daquilo que sabe e das dificuldades relativas ao objeto de aprendizagem que está em jogo, a avaliação da própria produção contribui para ampliar esse efeito.

Partindo desse princípio, a produção inicial deve ser tomada como fio condutor das atividades. Os questionamentos seguintes, elaborados a partir de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), podem ajudar o aluno a construir uma representação do gênero com o qual está trabalhando e a rever as estratégias utilizadas no texto já produzido.

- 
- a) A quem o documentário é destinado? (Ao professor, aos colegas, à comunidade escolar?)
 - b) Qual é a finalidade?
 - c) Está escrito sob o ponto de vista de um aluno, ou de um representante jovem?
 - d) Os comentários exprimem uma opinião individual, ou coletiva?
 - e) Que recursos foram utilizados para convencer o público espectador?

É interessante também que o aluno leia sobre as características desse gênero, assim constrói seu referencial e adquire a linguagem técnica para falar a respeito. Para isso, os *links* citados abaixo oferecem material para conhecer os elementos que devem ser considerados na produção, além de disponibilizar resultados de trabalhos já realizados.

http://www.revistafenix.pro.br/PDF19/Resenha_1_Rodrigo_Francisco_Dias.pdf

<http://cmais.com.br/educacao/educacao-em-foco/aprenda-com-cmais/a-linguagem-do-documentario-na-sala-de-aula>.

2.4 Módulo 2: O planejamento do texto

A fim de aprofundar o conhecimento em torno da estrutura constitutiva do gênero, o aluno precisa conhecer as técnicas necessárias pela organização e que serão responsáveis pela caracterização. Essas técnicas vão demandar em planejamento e dependerão da finalidade que se deseja atingir com a produção.

Um roteiro ajuda nessa definição e coloca o aluno em um trabalho de revisão em relação à primeira produção, uma vez que ao mesmo tempo em que está conhecendo as etapas necessárias para a produção do gênero, passa a refletir sobre as estratégias que utilizou, ou que poderiam ter sido utilizadas ao planejar a produção inicial.

No *link* <<http://veele.wordpress.com/o-que-e-um-documentario/>>, é possível encontrar os passos a serem considerados no momento de produção do material.

Como Produzir um documentário na escola



1ª etapa: Definir funções:

Diretor: é o responsável pela equipe; precisa ter liderança.

Redator: redige o texto para o apresentador e para o repórter.

Repórter / narrador: faz entrevistas e narra o texto.

Diretor de arte: é o responsável pela criação musical e visual (logotipo, cenário, figurino do apresentador, trilha sonora).

Diretor de imagem e operador de câmera: é o responsável pela gravação.

2ª etapa: Criar uma sinopse do documentário. (Sinopse é a história contada em poucas frases. Serve como ponto de partida para o autor e como cartão de visita do filme, no processo inicial de Captação de Recursos.)

3ª etapa: Escrever o roteiro do documentário. (Roteiro é o texto técnico detalhado e descritivo. Serve para levantamento das necessidades de cada cena e como guia de filmagem)

4ª etapa: fazer o storyboard do documentário. (Storyboard é o roteiro de filme cinematográfico ou de uma produção de vídeo ilustrado por imagens. Descrever e mostrar como será feito o plano a ser filmado, a fala do narrador, o diálogo da cena, enfim, mostra uma sequência de planos que formam o filme.)

5ª etapa: Proceder a gravação e editar.

Sugerimos que os alunos avaliem o documentário produzido e organizem cada uma das etapas. Este é o momento de rever as estratégias utilizadas na primeira produção e as etapas a serem cumpridas para adequar e aperfeiçoar o gênero na produção final.

2.5 Módulo 3: Sobre a linguagem

Construídas as etapas de produção é hora de pensar na adequação da linguagem às condições de produção e recepção do gênero trabalhado, com vistas a atender as particularidades.

Ao trabalhar com gêneros o aluno passa a lidar com situações diversas de comunicação e de uso da língua oral, ou escrita, seu sistema de convenções e de diversidades. Conhecer um gênero textual requer também conhecimento dos meios linguísticos que serão empregados. Para isso nada melhor que uma boa conversa em sala de aula para discutir em relação à variação linguística, evidenciando inclusive marcas da oralidade a serem observadas.

Assistir com a turma a documentários já produzidos, a fim de analisar o uso da linguagem, é uma boa atividade que possibilita ao aluno um olhar a determinadas

sutilezas da língua. O *link* a seguir serve de sugestão para ser utilizado na tarefa <<http://cmais.com.br/educacao/educacao-em-foco/aprenda-com-cmais/a-linguagem-do-documentario-na-sala-de-aula>>.

Para finalizar, sugerimos que o professor selecione, previamente, partes da primeira produção para exibi-las novamente em sala e avalie, em um trabalho coletivo, a linguagem empregada, a fim de verificar a adequação/ inadequação e marcas da oralidade.

2.6 Produção final

A produção final é justamente o momento de pôr em prática as noções trabalhadas durante os módulos, além de servir de instrumento para o professor avaliar os progressos alcançados pelos alunos a partir daquilo que foi evidenciado. Este não é necessariamente o ponto final de trabalho com o gênero, uma vez que podem ser observados pontos mal assimilados e planejados retornos, ou, até mesmo, outros módulos para melhor assimilação.

Como os módulos foram oferecendo suportes para o aluno avaliar e rever sua produção inicial, neste momento é preciso que os grupos procedam novamente à gravação do documentário, a fim de adequar às exigências do gênero aprendidas.

Uma nova socialização é necessária e fundamental para a turma observar os avanços alcançados por cada grupo. É interessante, que após a apresentação de cada trabalho seja aberto espaço para as considerações em relação às transformações realizadas na versão final do trabalho.

Chega-se assim ao final da sequência com uma progressão que permite ao aluno dominar a organização global do texto do gênero documentário, sua unidade linguística e características que conduzirão a contextos de produção voltados para os letramentos.

3 CONCLUSÃO

O desenvolvimento da sequência didática é um bom recurso a ser utilizado como estratégia pedagógica para organizar o trabalho com a linguagem, uma vez que possibilita criar situações de comunicação com gêneros textuais que os alunos ainda não dominam ou apresentam dificuldades para dominar.

A sequência aqui proposta procura enfatizar o trabalho de pensar sobre estratégias utilizadas na produção de um documentário e rever os caminhos necessários para alcançar melhores resultados na produção final. O aluno aprende assim a construir conceitos partindo do raciocínio indutivo para o dedutivo, ou seja, partindo da experiência de se produzir pela primeira vez e da articulação entre os fatos da experiência dos módulos para conseguir abstrair o conceito geral do gênero.

Temos a consciência de que mesmo sistematicamente organizada, qualquer proposta passa por adequações ao contexto da sala de aula no intuito de garantir o sucesso de sua aplicabilidade. É preciso, no entanto, partir como princípio para a realização das atividades, os problemas apresentados pelos alunos na produção inicial. Esses vão garantir que uma sequência didática não se transforme em modelo a ser seguido e se diferencie de outras frequentemente desenvolvidas em sala de aula que pouco têm contribuído para o aperfeiçoamento da leitura e da escrita.

Estudos realizados sobre a metacognição são fundamentais para a elaboração e desenvolvimento da proposta, uma vez que oferecem ao professor fundamentos para criar mecanismos que auxiliem os alunos a refletir sobre as estratégias que utilizaram na primeira produção e os procedimentos que deverão adotar para revê-las e conseguir alcançar melhores resultados na produção final. A metacognição passa então a ser vista como aspecto central na implementação dessa cultura do pensamento, uma vez que por seu intermédio podem ser construídos conhecimentos e habilidades que oferecem maior possibilidade e desenvolvimento do aluno.

A construção de estratégias permite que o aluno avalie sua leitura e produção. Se pesquisas têm indicado a relação entre proficiência e leitura, compete a nós educadores investirmos nessa tarefa tendo em vista os baixos níveis apontados pelos índices de avaliações nacionais e internacionais.

Acreditamos que ao trabalhar com sequência didática é possível criar situações para se desenvolver múltiplas capacidades de uso da língua, em propostas de letramentos que auxiliem e melhorem o processo de aprendizagem.

REFERÊNCIAS

- DAVIS, C.; NUNES, M. M. R.; NUNES, C. A. A. Metacognição e sucesso escolar: articulando teoria e prática. **Cadernos de Pesquisa**, v. 35, n. 125, 2005.
- DOLZ, J; NOVERRAZ, M.; SCNNEUWLY, B. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. *et al.* **Gêneros orais e escritos na escola**. Trad. e org. de Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004.
- JOU, G. I.; SPERB, T. M. A metacognição como estratégia reguladora da aprendizagem. **Psicologia: reflexão e crítica**, v. 19, n. 2, 2006.
- LEFFA, V. J. **Aspectos da leitura: uma perspectiva psicolinguística**. Porto Alegre: Sagra-Luzzatto, 1996.

WEBGRAFIA

<http://www.youtube.com/watch?v=dMVgb3DtS0Y>

<http://pt.slideshare.net/georgiastella/tutorial-movie-maker-presentation>

http://www.revistafenix.pro.br/PDF19/Resenha_1_Rodrigo_Francisco_Dias.pdf

<http://cmais.com.br/educacao/educacao-em-foco/aprenda-com-cmais/a-linguagem-do-documentario-na-sala-de-aula>.

<http://veele.wordpress.com/o-que-e-um-documentario/>

<http://cmais.com.br/educacao/educacao-em-foco/aprenda-com-cmais/a-linguagem-do-documentario-na-sala-de-aula>.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA: TRABALHANDO COM O GÊNERO DOCUMENTÁRIO EM SALA DE AULA

Sergio Cervieri

1 INTRODUÇÃO

O trabalho com a disciplina de Língua Portuguesa, no que se refere à leitura e escrita na contemporaneidade escolar, tem sofrido mudanças significativas. De uma base de práticas de letramento fundamentalmente baseadas em atividades de leitura e escrita que recorriam apenas à linguagem escrita como recurso tecnológico para ensino de língua materna, tem-se hoje uma a inserção das novas tecnologias de informação e comunicação.

A preocupação do corpo docente das escolas com o aprimoramento das práticas educativas escolares, para adequar o ensino a essas transformações sociais, tem exigido o surgimento de uma proposta de ensino que tenha como destaque as diversas manifestações de uso da língua em suas diversas práticas letradas.

Essas manifestações de uso da língua agrupam-se em “tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos *gêneros do discurso*.” (BAKHTIN, 1997, p. 158). Portanto, se há uma preocupação com adequar-se às práticas de sala de aula, às transformações que vem ocorrendo na sociedade e, se em uso nessa última, a língua como prática social pode ser agrupada em gêneros do discurso como diz Bahktin, ou gêneros textuais como afirmam outros autores, há que se trazer a manifestação desses gêneros para dentro das salas de aula para ensino da leitura e escrita.

O trabalho com gêneros textuais, portanto, é condição básica na tentativa de obter-se um melhor êxito no trabalho com a leitura e escrita de textos. Mais que isso, é preciso ter um olhar para a seleção dos gêneros a serem trabalhados na escola, destinando um espaço para aqueles gêneros surgidos com as novas tecnologias de informação e comunicação (TIC).

Trabalhar o gênero textual somente por trabalhar, de maneira desordenada e aleatória, no entanto, não garantirá os resultados almejados. É, sim, preciso seguir uma sequência de trabalho.

O objetivo desse relatório descritivo é de relatar os desdobramentos da aplicação dessa sequência didática numa turma do segundo ano do Ensino Médio da Escola Estadual Irany Jaime Farina, do município de Guarantã do Norte, Mato Grosso.

2 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

O projeto de comunicação exposto foi a produção de um vídeo, um documentário a ser produzido, contrapondo as promessas feitas em campanha, e o discurso oficial dos dirigentes políticos com a realidade local dos educandos.

Para atingir tal objetivo, primeiramente, foi feita uma leitura e interpretação oral de vídeos de propaganda eleitoral da presidente Dilma e do governador do estado de Mato Grosso, Silval Barbosa na época de suas candidaturas a esses cargos em 2010. Os vídeos encontram-se disponíveis nos seguintes endereços:

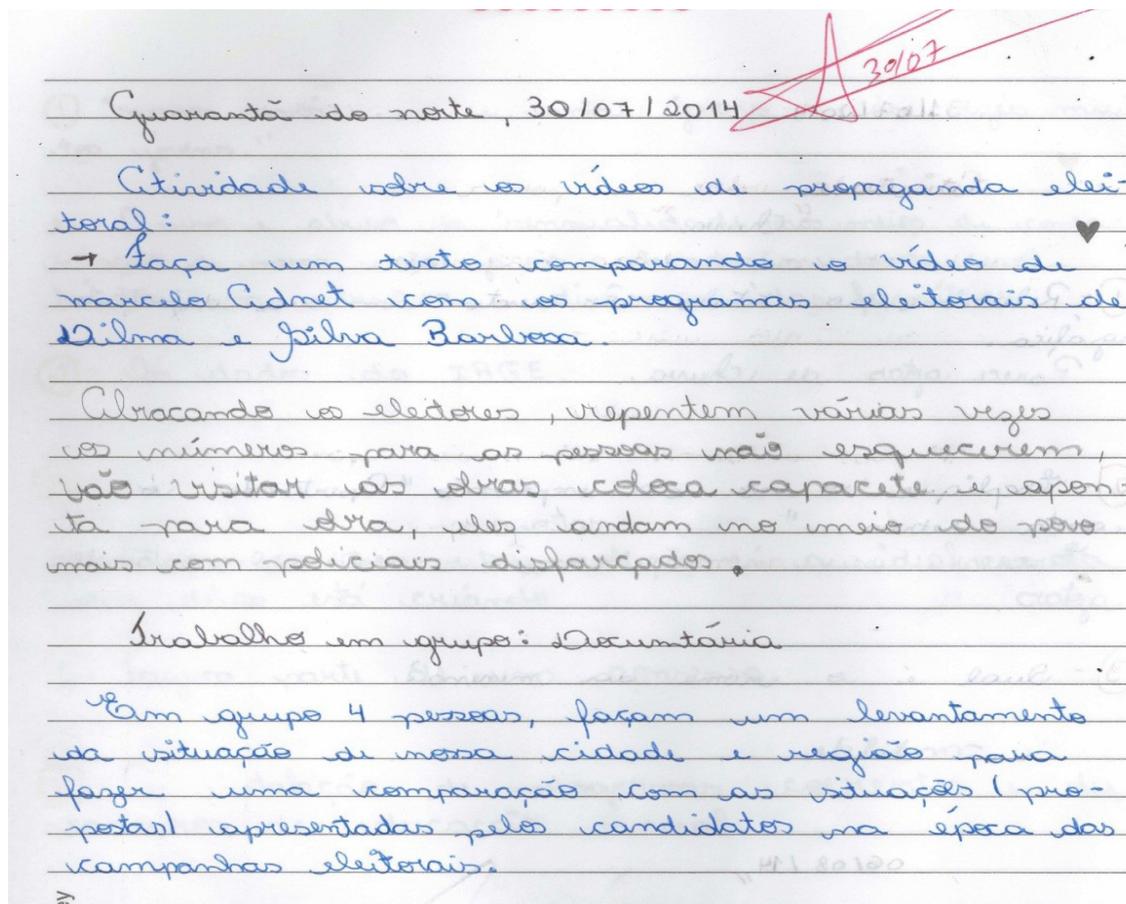
Propaganda eleitoral gratuita 2010 Dilma Rousseff, <http://www.youtube.com/watch?v=xZ9OkOm7miA>, e http://www.youtube.com/watch?v=4vet_tVe9HI, acesso em 01/06/14.

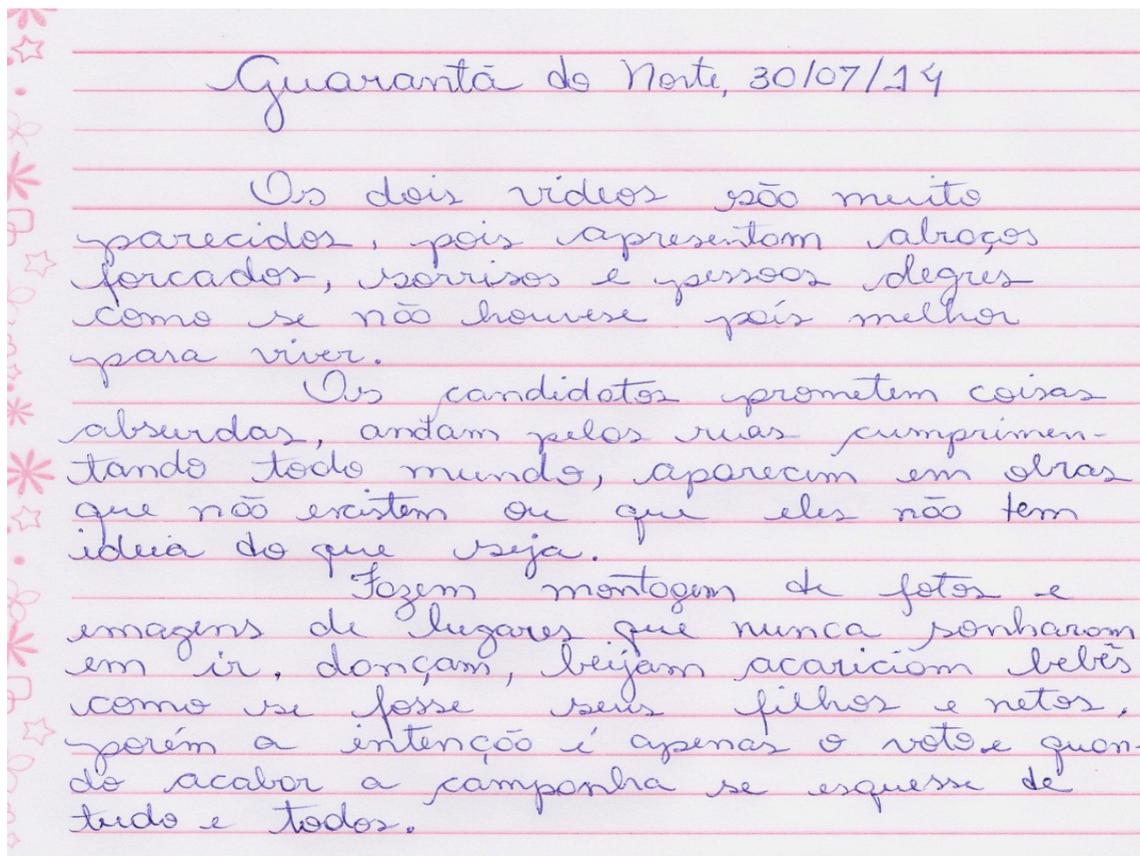
Propaganda eleitoral gratuita 2010: Silval Barbosa, disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=GIWwT865eLg>, acesso em 01/06/14

Em seguida, foi feita a leitura e interpretação oral do vídeo “Propaganda eleitoral gratuita – a verdadeira” (by Marcelo Adnet), disponível no seguinte endereço: <http://www.youtube.com/watch?v=dMVgb3DtS0Y>, acesso em 01/06/14.

Posteriormente foi feito um trabalho escrito, fazendo-se um comparativo entre a sátira produzida por Marcelo Adnet e as propagandas políticas reais. O trabalho visou estabelecer aproximações e divergência entre os textos.

Seguem exemplos de textos dos alunos:





Figuras 01 e 02: Produções escritas dos alunos.

Fonte: Acervo do autor.

Por fim fez-se a proposição do trabalho de produção final: o vídeo documentário.

2.1 Produção inicial

Para iniciar a produção, fez-se necessário, primeiramente apresentar o gênero textual a ser trabalhado: documentário audiovisual. Para esse fim foram passados dois documentários: *Moradia um problema social*, que se encontra disponível no seguinte endereço: <http://www.youtube.com/watch?v=XzeWqY6GTrg>, acesso em 06/08/2014 e *Ilha das Flores*, disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=e7sD6mdXUyg> acesso em 06/08/2014. Após a apresentação dos vídeos foi feita uma pequena explanação a respeito das características do gênero em questão.

A atividade seguinte foi assistir novamente aos vídeos dos candidatos Dilma e Silval, para anotar os pontos que seriam confrontados pelos estudantes com suas realidades.

Na aula seguinte, os educandos foram encaminhados até o Laboratório de Informática da escola para pesquisarem nos meios de comunicação locais, que tem páginas disponíveis na web, imagens e vídeos representativos daqueles aspectos que os

mesmos queriam comparar com a propaganda eleitoral.

Antes ainda da produção se iniciar, foi preciso apresentar no projetor multimídia, um pequeno tutorial do *software* de edição de imagens e vídeos do *Windows Movie Maker*, programa disponível em todos os computadores com sistema operacional Windows, e que foi a ferramenta utilizada para a produção do vídeo.

Por fim, na aula seguinte, foi feita a produção inicial.

2.2 Módulos

Após a produção inicial, dois “problemas” principais foram diagnosticados: a dificuldade de estabelecer, por parte dos educandos, os papéis exercidos e as responsabilidades de cada cargo político eletivo em nosso país; e a inadequação da linguagem utilizada/requerida no gênero textual: vídeo documentário.

Para cada uma dessas situações, desenvolveu-se um módulo correspondente.

O primeiro módulo, intitulado Noções de Cidadania, foi trabalhado de forma interdisciplinar com a ajuda da professora de Geografia, que também ministra aulas de Sociologia. Foram trabalhados conteúdos como: noções de cidadania, a importância do voto e o papel desempenhado pelo governador, senador ou presidente da república. Para isso, usou-se como material, entre outros, a cartilha do programa Voto Consciente do Tribunal Regional Eleitoral de Mato Grosso, disponível no endereço <<http://www.justicaeleitoral.jus.br/arquivos/tre-mt-cartilha-do-programa-voto-consciente>> acesso em 02/07/14.

No módulo 02 – a linguagem – foram apresentados aos educandos as suas produções iniciais para que eles refletissem criticamente a respeito da linguagem empregada na produção do vídeo. Os mesmos prontamente reconheceram que a linguagem estava “errada”, como as palavras por eles mesmos utilizadas.

Foi feito, então, um trabalho de desmistificação do “erro” linguístico e trabalhada a questão da adequação/inadequação de determinada linguagem a determinada situação de comunicação. Em seguida, discutiu-se e chegou-se à conclusão que a linguagem utilizada nos documentários precisava ser revista.

2.3 Produção final

Na aula destinada à produção final foi feita a refacção do vídeo inicial adequando-o com as propostas trabalhadas nos módulos.

Os vídeos documentários produzidos pelos educandos (quatro ao total, uma vez que foram feitos em grupos), estão disponibilizados no *blog* Professor Sérgio, disponível no seguinte endereço: <http://escolairanyctl.blogspot.com.br/>.

3 UMA BREVE ANÁLISE

Nos caminhos que vem sendo discutidos para a educação atual, não é possível vislumbrar um horizonte de ensino aprendizagem eficiente que não leve em conta a noção de letramento, ou em outras palavras:

A complexidade da sociedade moderna exige conceitos também complexos para descrever e entender seus aspectos relevantes. E o conceito de letramento surge como uma forma de explicar o impacto da escrita em todas as esferas de atividades e não somente nas atividades escolares. (KLEIMAN, 2005, p. 06).

O fato de a escrita e a leitura estarem presentes em uso fora dos muros da escola sempre existiu, a despeito de nossas instituições de ensino terem ignorado esse aspecto durante muito tempo. Agora, ao mesmo tempo em que desperta para essa particularidade de uso da leitura e escrita, a instituição escolar vê multiplicarem-se em uma velocidade considerável esses usos, em grande parte pelo uso das tecnologias de informação e comunicação. Tem-se configurado o conceito de letramentos (múltiplos) e multiletramentos.

Diferentemente do conceito de **letramentos (múltiplos)**, que não faz senão apontar para a multiplicidade e variedade de práticas letradas, valorizadas ou não nas sociedades em geral, o conceito de **multiletramentos** – é bom enfatizar – aponta para dois tipos específicos e importantes de multiplicidade presentes em nossas sociedades: a multiplicidade cultural das populações e a multiplicidade semiótica de constituição dos textos por meio dos quais se informa e se comunica. (ROJO, 2012, p. 13)

Para não incorrer no risco de oferecer estratégias de ensino desatualizadas ou descontextualizadas para o educando e, consciente de seu papel como um espaço de discussão dos fenômenos sociais, a escola tenta absorver esses contextos e integrá-los às suas práticas de ensino.

Quanto a esse aspecto, os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998) já preconizavam que:

Ensinar a escrever textos torna-se uma tarefa muito difícil fora do convívio com textos verdadeiros, com leitores e escritores verdadeiros e com situações de comunicação que os tornem necessários. Fora da escola escrevem-se textos dirigidos a interlocutores de fato. Todo texto pertence a um determinado gênero, com uma forma própria, que se pode aprender. Quando entram na escola, os textos que circulam socialmente cumprem um papel modelizador, servindo como fonte de referência, repertório textual, suporte da atividade intertextual. A diversidade textual que existe fora da escola pode e deve estar a serviço da expansão do conhecimento letrado do aluno. (BRASIL, 1998, p. 23)

Portanto, o trabalho de ensino de leitura e escrita na escola que se queira efetivo, real, contextualizado, há que levar em conta os gêneros textuais. No entanto, o simples trabalho com os gêneros textuais não garante que o ensino tenha todas as prerrogativas acima descritas. É necessário ter uma sequência de trabalho. Essa sequência é proposta por Schneuwly, Dolz e Noverraz, como o nome de sequência didática: “um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito.” (2004, p. 97).

O trabalho aqui relatado segue todos os pressupostos teóricos acima citados. Em sua formulação, ele abarca os pressupostos dos multiletramentos uma vez que utiliza da multiplicidade de meios semióticos na sua constituição.

Ao partir de uma motivação para solucionar um problema real, que se configura de modo especial nesse período do ano: eleições, essa proposta insere-se também no contexto de uso social da leitura e escrita, definida pelo seu gênero; vídeo documentário, de uso corrente nas esferas digitais.

Aliás, a motivação foi algo recorrente e muito presente nessa proposta. Os educandos se mostraram muito dispostos a exprimir sua voz, sua opinião política, e viram na publicação do vídeo na *Internet*, uma forma de mostrarem que existem e que são cidadãos. A ideia de produzirem textos em um meio do qual eles são íntimos (o meio digital) também foi um fator motivador.

De certa forma, foi preciso frear um pouco o ímpeto dos jovens cineastas, principalmente na etapa inicial, quando analisaram as propagandas eleitorais do governador mato-grossense Silval Barbosa e da presidente Dilma para comparar com a realidade deles. A princípio, eles somente visualizavam os dados negativos presentes nos vídeos, pois como diz Leffa: “a percepção do mundo não está baseada no dado objetivo, mas na experiência subjetiva de cada um” (LEFFA, 1996, p. 33). Não é de desconhecimento de ninguém, que a visão coletiva das figuras políticas do Brasil não é nada positiva.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998) relatam que fora da escola escrevem-se textos dirigidos a interlocutores de fato, configurando uma das características do gênero textual que é de cumprir a função a que ele se destina. Dentro da escola, se há produção de texto de determinado gênero textual, ele também deve cumprir seu propósito. Dentro dessa perspectiva, decidiu-se postar o material produzido pelos alunos para que ele possa levar a informação para o qual ele (o vídeo) foi pensado.

Esse trabalho não se configura, de forma alguma, um modelo pronto e acabado, ou uma estratégia perfeita de aplicação de todas as teorias já expostas. É, antes de tudo, uma tentativa tímida de trabalhar a leitura, interpretação e produção de texto de uma forma diferente. Essa tentativa se revela também repleta de espaços de aprimoramentos

e melhoria de falhas e imperfeições que ocorreram no processo. Mas, enfim, é uma tentativa.

4 CONCLUSÃO

Atuar como educador na escola pública brasileira na contemporaneidade é um desafio, uma atividade gratificante, uma possibilidade de atuar efetivamente na construção de uma sociedade melhor, mas também é um exercício de paciência, resignação e, infelizmente, algumas vezes, de improviso.

Pensadas num primeiro momento, para acontecer em julho de 2014, as etapas dessa sequência didática tiveram seu início somente em setembro, pois a escola onde seria realizado esse trabalho não dispunha de meios eletrônicos para realizá-lo: não havia projetor multimídia e nem laboratório de informática funcionando.

Mas, houve as condições necessárias para a realização do trabalho e ele aconteceu a contento e teve resultados muito positivos. O primeiro ponto favorável a ser abordado foi a participação e empenho dos educandos na realização do projeto, participação e empenho esses mais efetivos se comparadas às outras atividades de sala de aula.

O segundo aspecto relevante foi a possibilidade de discutir temas relacionados à vida política do nosso país. Discussão sadia e construtora de cidadania, desmistificando um pouco aquela visão de política como algo ruim, que as pessoas não querem nem comentar.

E por fim, como a escola Irany Jaime Farina é uma escola do campo, com uma parte de seus estudantes oriundos da zona rural, foi possível, para alguns educandos estabelecer um contato mais próximo com os meios digitais, como uma forma de letramento digital.

Por fim, é possível afirmar que as contribuições positivas se fizeram mais efetivas que as dificuldades do percurso.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo Martins Fontes, 1997.
- BRASIL SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**. Brasília: MEC\SEF, 1998.
- DOLZ, J; NOVERRAZ, M.; SCNNEUWLY, B. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. *et al.* **Gêneros orais e escritos na escola**. Trad. e org. de Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro.

Campinas: Mercado de Letras, 2004. p. 95-128

KLEIMAN, A. B. **Preciso ensinar o letramento, não basta ensinar a ler e a escrever?** Campinas: MEC/SEB, 2005.

LEFFA, V. J. **Aspectos da leitura:** uma perspectiva psicolinguística. Porto Alegre: Sagra-Luzzatto, 1996.

ROJO R; MOURA, Eduardo. **Multiletramentos na escola.** Parábola, 2012.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA COM O GÊNERO DOCUMENTÁRIO: PROXIMIDADES E DISTANCIAMENTOS

César Vicente da Costa
Nilze Maria Malaguti
Sérgio Cervieri

1 INTRODUÇÃO

O trabalho com a disciplina de Língua Portuguesa na contemporaneidade tem sofrido mudanças significativas. De práticas de letramento fundamentalmente baseadas em atividades de leitura e escrita que recorriam apenas a textos impressos como recurso tecnológico, para a inserção das novas tecnologias de informação e comunicação.

O aprimoramento das práticas, com vistas a atender as novas competências exigidas pelas transformações sociais, passou a demandar dos professores propostas de ensino que contemplem as diversas manifestações de uso da língua em suas práticas letradas. Tais manifestações encontram-se agrupadas em “tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos *gêneros do discurso*.” (BAKHTIN, 1997, p. 158).

Levando em consideração que a língua, enquanto prática social, passa a ser agrupada em gêneros do discurso, como afirma Bakhtin, há de se trazer a manifestação desses para o contexto da sala de aula, tendo em vista que o trabalho abre possibilidades diversas para a exploração das situações de comunicação e, conseqüentemente, o ensino voltado à perspectiva dos multiletramentos.

É preciso considerar, no entanto, que trabalhar o gênero textual somente por trabalhar, de maneira desordenada e aleatória, não garantirá os resultados almejados para a sua inserção nas práticas pedagógicas. A seleção requer um olhar atento com vistas a contemplar os gêneros emergentes advindos com as novas TICs (Tecnologias de Informação e Comunicação).

Valendo-nos da proposta e diante das inquietações que o Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS – tem nos lançado para repensar as práticas educativas voltadas ao ensino da língua, apresentamos neste trabalho o resultado de uma tripla experiência com uma SD. Tripla porque a atividade partiu de uma ação que nasceu no universo acadêmico do mestrado, foi planejada por professores efetivos da rede pública de educação do estado de Mato-Grosso de três diferentes municípios do estado e aplicada aos alunos da educação básica nas escolas onde atuamos.

O que relatamos aqui consiste no entrecruzamento daquilo que foi pensado e desenvolvido por cada professor. São os olhares sobre os desdobramentos e os resultados de um único planejamento, adequado a diferentes contextos para atender as

características de cada escola e a diversidade das turmas dos seguintes municípios: 9º ano (3ª fase do 3º ciclo) da Escola Estadual Padre Ezequiel Ramin, Juína/MT; 2º ano do 2º segmento EJA (8º e 9º anos) da Escola Estadual São Francisco de Assis, Aripuanã/MT e 2º ano do Ensino Médio da Escola Estadual Irany Jaime Farina, Guarantã do Norte/MT.

O objetivo da ação esteve voltado à produção de um documentário contrapondo as promessas feitas em campanha e o discurso oficial dos dirigentes políticos com a realidade local dos educandos, a fim de contemplar uma proposta de ensino voltada aos multiletramentos. Letras, sons e imagens e uma temática polêmica referente a questões que perpassam as campanhas políticas eleitorais do país serviram de recursos para auxiliar o aluno a desenvolver o conhecimento crítico e a refletir acerca de estratégias de produção.

Cientes dos desafios que temos enfrentado enquanto professores para contemplar um trabalho pedagógico condizente aos novos contextos de aprendizagem, compartilhamos aqui tanto alternativas para redimensionar as práticas educativas de ensino da língua, quanto os tropeços que enfrentamos no dia a dia de nossas escolas para proceder nossa prática profissional de acordo com os paradigmas previstos pelo PROFLETRAS, programa no qual estamos inseridos.

2 OS DESAFIOS DE SALA DE AULA: PROXIMIDADES E DISTANCIAMENTOS

Se olharmos, no mapa do Estado de Mato Grosso a localização entre os municípios envolvidos neste trabalho, logo vamos perceber as longas distâncias que os separam. Distâncias que se tornam ainda maiores ao ser analisada a questão logística do estado. No entanto, quando nos referimos ao contexto educacional fronteiras desaparecem e as similaridades logo são percebidas entre as realidades de cada escola.

Ao avaliar a transposição do plano para a prática, somos unânimes em afirmar que apesar da indisciplina, da violência e do desinteresse dos alunos aos estudos com a qual nós professores da educação básica de escolas públicas estamos tendo que lidar duramente em nosso cotidiano, a questão que mais nos desafiou para a concretização da proposta diz respeito à falta de condições adequadas para efetivar o trabalho com as tecnologias.

As três escolas aqui mencionadas possuem laboratórios de informática, no entanto, o cenário atual é de computadores ultrapassados e em precárias condições, tendo em vista a falta de manutenção. Os baixos sinais de acesso à rede de *Internet* dentro das escolas e a dificuldade dos alunos para operar o programa *Linux*, com os quais os computadores desses laboratórios estão configurados, também foram fatores considerados desfavoráveis para o bom andamento dos trabalhos.

A questão parece contradizer tudo aquilo que vem sendo discutido no atual contexto em relação à inserção às novas formas de aprendizagem no contexto educacional. A impressão é que as distâncias entre o mundo acadêmico, os contextos de letramentos e a escola persistem. Ao mesmo tempo em que a sociedade passa por uma ressignificação nas formas de conceber o papel da escrita mediante as mudanças e transformações decorrentes das tecnologias, as escolas ainda carecem de estrutura necessária para que os professores consigam incorporá-las às práticas pedagógicas.

Em 1996, o Grupo de Nova Londres (GNL) propôs alguns princípios sobre como encaminhar uma pedagogia dos multiletramentos. De acordo com Rojo (2012), o que o grupo propõe não trata apenas do domínio da multiplicidade de novas linguagens e de suas ferramentas, mas de como essas podem ser utilizadas a favor da criação de práticas para transformar os alunos em analistas críticos, criadores de sentidos. Esse seria o trabalho da escola.

Ainda para a autora, hoje, no Brasil, a pedagogia voltada aos multiletramentos é perfeitamente possível e desejável por boa parte dos professores. Nossos desafios, no entanto, para a implementação dessa proposta estariam relacionados justamente aos materiais e equipamentos disponíveis nas escolas e salas de aula, além de estrutura dos currículos e referenciais, da organização do tempo e divisão disciplinar escolar e das expectativas de aprendizagem dos alunos.

Não estamos querendo aqui nos esquivar de nossas responsabilidades para a implementação desse trabalho, mas enquanto professores e mestrandos de um programa que tem direcionado a proposta de ensino de língua para essa perspectiva, podemos afirmar que a falta de ferramentas necessárias nas escolas é fator determinante para que o trabalho com a linguagem continue se restringindo apenas ao material impresso, ao livro didático, às aulas expositivas e ao quadro negro.

3 LIMITAÇÕES E REDIMENSIONAMENTOS

A tarefa de planejar a ação docente envolve refletir sobre “o que”, “por que”, “como” e estipular onde queremos chegar com a ação educativa que se planeja. O professor é um dos responsáveis pela organização do trabalho educativo na escola e da sala de aula. Conforme Gandin (1997), com o planejamento é possível prever ações e condições, tempos e meios, fugimos do imprevisto e da rotina, asseguramos coerência e sentido ao nosso trabalho, no entanto, ele não é estanque.

Enquanto professores, estamos acostumados com as mudanças no planejamento, afinal temos que adequá-lo às condições da escola, da sala de aula, do aluno. No município de Aripuanã, a ação de “replanejar” se fez necessária em virtude de limitações impostas pela vida para conseguir cumprir com as tarefas corriqueiras. Por mais que desejamos realizar as ações no tempo, com os objetivos e do modo como programamos, fomos direcionados para outros caminhos e tornamo-nos, de uma hora

para outra, dependentes de um tempo que parece “não ter mais fim”.

A ação não pode ser ainda transportada para a prática na Escola Estadual São Francisco de Assis, no entanto o tempo permitiu um novo olhar sobre a proposta inicial para a turma daquele município. Os objetivos da SD foram redefinidos com base em um aporte teórico-metodológico voltado para os estudos sobre a metacognição na leitura. As atividades foram reorganizadas em três, ao invés de dois módulos, que ficaram assim estruturados: no primeiro procura-se oferecer suportes que auxiliem o aluno a construir uma representação do gênero documentário e a rever as estratégias utilizadas no texto já produzido, além de oferecer leituras para o aluno construir seu referencial e adquirir a linguagem técnica para conhecer melhor o gênero; o segundo módulo oferece um roteiro para conhecer as características que o demarcam, e o terceiro permaneceu conforme a proposta inicial, ou seja, voltado para a adequação da linguagem às condições de produção e recepção. A produção inicial e final seguiu na mesma linha do esquema geral.

Todas as atividades dessa nova proposta foram direcionadas no sentido de auxiliar o aluno na construção de estratégias utilizadas tanto na leitura quanto na produção do gênero.

Assim, a sequência seguiu por caminhos diferentes quanto ao aporte teórico. Na escola do município de Guarantã do Norte, por exemplo, a fundamentação da prática esteve mais voltada para os estudos em torno dos gêneros textuais. O primeiro módulo foi trabalhado de forma interdisciplinar com a professora de geografia e sociologia. Isso permitiu mais tempo para discussões acerca da importância do voto e o papel desempenhado pelo governador, senador ou presidente da república e exploração das noções de cidadania. A cartilha do Programa Voto Consciente do Tribunal Regional Eleitoral de Mato Grosso, disponível no *link* <<https://www.google.com.br/#q=http:%2F%2Fwww.justicaeleitoral.jus.br%2Farquivos%2Ftre-mt-cartilha-do-programa-voto-consciente>>.

Alguns conhecimentos foram necessários para desenvolver um trabalho nesta perspectiva, entre eles a idade dos educandos para trabalhar com as questões referentes ao “voto consciente”. Percebemos que muitos alunos, mesmo do ensino médio, não conseguem estabelecer diferenças entre os papéis e responsabilidades de cada cargo político eletivo em nosso país, fato que merece mais atenção ao ser aplicada com alunos do ensino fundamental.

Outra questão que merece ser observada diz respeito à motivação foi algo recorrente e muito presente nessa proposta. Os educandos se mostraram muito dispostos a exprimir sua voz, sua opinião política, e viram na publicação do vídeo na *Internet*, uma forma de mostrarem que existem, e que são cidadãos. A ideia de produzirem textos em um meio do qual eles são fascinados (o meio digital) também foi um fator motivador.

De certa forma, foi preciso frear um pouco o ímpeto dos jovens “cineastas”, principalmente na etapa inicial, quando da análise das propagandas eleitorais do governador Silval e da presidente Dilma para comparar com a realidade deles. A princípio visualizavam somente os dados negativos presentes nos vídeos, pois como diz Leffa: “A interpretação sugerida por Bartlett é de que essa variedade de interpretações reflete a variedade de experiências subjetivas. Em outras palavras, a percepção do mundo não está baseada no dado objetivo, mas na experiência subjetiva de cada um” (LEFFA, 1996, p. 33). Não é de desconhecimento de ninguém, que a visão coletiva das figuras políticas do Brasil não é nada positiva.

Outro aspecto que parece evidente, mas que alguns alunos ainda apresentaram dificuldades, diz respeito ao domínio das ferramentas do computador. O uso do celular em sala é recorrente, no entanto para a edição das imagens e organização da produção inicial e final os grupos trabalharam com o computador e isso exigiu orientação para conseguirem fazer uso dos programas de edição de vídeo. Neste caso, o programa utilizado foi o *Windows Movie Maker*.

4 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Pontos positivos em relação ao trabalho com SD merecem aqui ser elencados, entre eles, a possibilidade de esquematizar um plano com vistas a aprimorar a expressão oral e escrita do aluno na perspectiva textual de ensino da língua.

Ao trabalhar com gêneros, o aluno passa a lidar com situações diversas de comunicação, seu sistema de convenções e diversidades linguísticas. O gênero documentário, por exemplo, exigiu do aluno a construção de argumentações para, além de criticar, contrapor o que os políticos apresentaram como proposta, olhar para a sua realidade, adequar a linguagem oral ao contexto de produção e lidar com as diversas semioses do gênero.

A possibilidade de trabalho com o letramento crítico foi um dos aspectos considerados positivos em relação à escolha dos textos selecionados, no entanto consideramos que a opção para deixar a cargo dos alunos escolherem os vídeos de candidatos, como proposto no planejamento da professora do município de Aripuanã, evita a influência em questões político-partidárias. A intenção, afinal, está voltada ao desenvolvimento da criticidade em relação às estratégias utilizadas para o convencimento do eleitor por parte de políticos em suas campanhas eleitorais.

Outro aspecto a ser destacado como positivo foi a realização da SD de forma interdisciplinar no município de Guarantã do Norte. Embora a atividade não tenha sido planejada essa é uma ação necessária de ser incluída no planejamento, uma vez que o trabalho ultrapassa a esfera de uma única disciplina e começa a envolver demais professores na mesma perspectiva.

Apesar da não aplicação do plano no município de Aripuanã, consideramos que o replanejamento das ações em relação à primeira SD teve seus aspectos positivos, pois os objetivos passaram a associar o trabalho com os gêneros à possibilidade de auxiliar o aluno a refletir sobre o seu próprio processo de aprendizagem. Pesquisas têm indicado que alunos proficientes têm consciência das estratégias que utilizam para sua compreensão leitora e que essa é uma competência a ser desenvolvida. Compete a nós educadores investirmos nessa tarefa tendo em vista os baixos níveis de proficiência em leitura apontados pelos índices de avaliações nacionais e internacionais.

Os textos midiáticos favoreceram a interação do aluno nas atividades. A temática, em pleno ano eleitoral, também contribuiu para isso. Do nosso ponto de vista, a escolha oportunizou um trabalho voltado não apenas com o gênero digital, mas para discussões sobre aspectos sociais importantes na formação do cidadão, vindo ao encontro do modelo ideológico de letramentos, proposto por Street (1995, p. 28). Para esse autor, “a leitura e a escrita são práticas atravessadas por relações de poder e por ideologias”, assim, a transformação das práticas linguísticas deve ser a meta de qualquer proposta de ensino de língua que esteja comprometida com a educação.

No tocante à seleção de atividades para a organização dos módulos, consideramos ser necessário garantir como princípio as dificuldades apresentadas pelos alunos na produção inicial. Esses vão garantir que uma sequência didática não se transforme em modelo a ser seguido e se diferencie de outros procedimentos frequentemente desenvolvidos em sala de aula que pouco contribuem para o aperfeiçoamento da leitura e da escrita.

O relato de uma experiência como essa, na verdade, não se configura, de forma alguma, como um modelo pronto e acabado ou uma estratégia perfeita de aplicação de todas as teorias já expostas. É antes de tudo uma tentativa tímida de trabalhar a leitura, interpretação e produção de texto de uma forma diferente. Essa tentativa se revela também repleta de espaços de aprimoramentos e melhoria de falhas e imperfeições que ocorreram no processo.

Ações como essa vêm sendo construídas durante o Programa de Mestrado Profissional em Letras, resultando no enriquecimento de nossa prática com os estudos da linguagem. Se o programa busca um “empoderamento” profissional, podemos afirmar que os princípios teórico-metodológicos do curso têm contribuído para mobilizar professores dos mais diversos municípios e estados do país para conduzirem a educação de acordo com as exigências do mundo globalizado.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCNNEUWLY, B. Sequências didáticas para o oral e

a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. *et al.* **Gêneros orais e escritos na escola**. Trad. e org. de Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

GANDIN, D. **A prática do planejamento participativo**. Petrópolis: Vozes, 1997.

LEFFA, V. J. **Aspectos da leitura**: uma perspectiva psicolinguística. Porto Alegre: Sagra-Luzzatto, 1996.

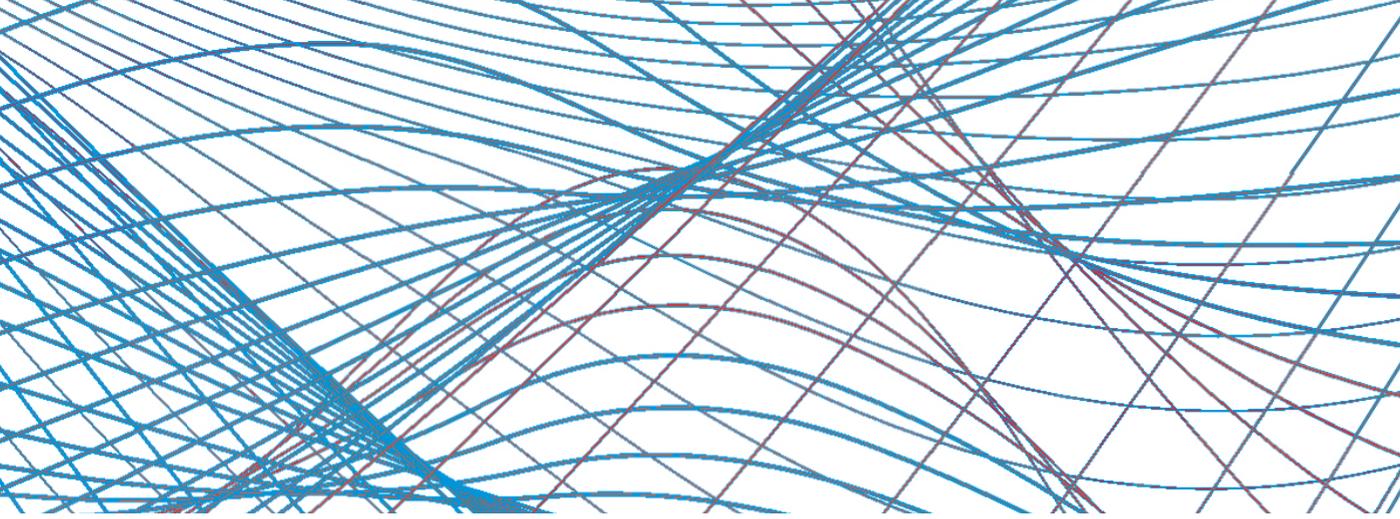
ROJO R.; MOURA, E. **Multiletramentos na escola**. Parábola, 2012.

STEET, B. Eventos de letramento e práticas de letramento: teoria e prática nos Novos Estudos do Letramento. In: MAGALHÃES, I. (Org.). **Discursos e práticas de letramento: pesquisa etnográfica e formação de professores**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2012.

WEBGRAFIA

<http://www.youtube.com/watch?v=dMVgb3DtS0Y>

<https://www.google.com.br/#q=http:%2F%2Fwww.justicaeleitoral.jus.br%2Farquivos%2Fre-mt-cartilha-do-programa-voto-consciente>



CAPÍTULO 7

POLÍTICOFABULANDO

Alessandra de Oliveira
Maríndia Becker
Sidnei Alves da Rocha

Turma: 7º e 9º ano do Ensino Fundamental; 3º ano do Ensino Médio.

Duração: 20 aulas

Objetivo Geral:

Promover a produção de *fábulas* políticas que possibilitará ao aluno demonstrar seu entendimento em relação ao gênero em questão e sua compreensão da importância de que todos precisam se envolver com a política já que ela perpassa todos os setores da sociedade.

Objetivos Específicos:

- ✓ Aprofundar os conhecimentos a respeito do gênero fábula, por intermédio de leituras coletivas e em grupo de textos impressos e vídeos;
- ✓ Fomentar a discussão sobre a temática e a criação de textos do gênero fábula;
- ✓ Incentivar a produção e/ou utilização de fantoches de materiais reutilizáveis;
- ✓ Produzir um vídeo em pequenos grupos a partir das fábulas produzidas e encenadas pelos alunos;
- ✓ Mostrar à comunidade os textos e as encenações realizadas pelos alunos em eventos de sala de aula com a presença dos pais e/ou nas mostras dos trabalhos realizados no bimestre/semestre;
- ✓ Expor em espaços virtuais os resultados de todo o trabalho desenvolvido como *blog* da escola ou da turma, quando houver, divulgando como aula/projeto no

Portal do Professor ou mesmo compartilhando no *blog* do Núcleo Tecnológico Municipal – localizado em Terra Nova do Norte e Centro de Formação de Educação Básica dos Profissionais de Educação – localizado em Matupá.

Apresentação da situação (2 aulas):

O início do desenvolvimento da sequência didática será com uma solicitação aos alunos que observem a estrutura do gênero *fábula* a partir dos textos selecionados e apresentados pelo professor. Em seguida faremos uma apresentação aos alunos em projetor multimídia das explicações sobre o gênero *fábula*, conforme estrutura textual/temática discutida acima (utilizando-se das concepções de moral de Platão e Rousseau). Organizaremos a turma em grupos com quatro componentes e solicitaremos que apontem o que cada *fábula* trata, qual a moral e após socialização com os grupos – o resultado da atividade anterior.

Estrutura textual/temática discutida

Fábula é uma narrativa em prosa ou poema épico breve de caráter moralizante, protagonizado por animais, plantas ou até objetos inanimados. Contém geralmente uma parte narrativa e uma breve conclusão moralizadora, onde os animais se tornam exemplos para o ser humano, sugerindo uma verdade ou reflexão de ordem moral.

A fábula teve a sua origem no Oriente, onde existe uma vasta tradição, passando depois para a Grécia, onde foi cultivada por Hesíodo, Arquíloco e sobretudo Esopo. Neste período o gênero ainda pertencia à tradição oral. Foram os romanos, entre os quais sobressai Fedro, que inseriram a fábula na literatura escrita.

Cada animal simboliza algum aspecto ou qualidade do homem como, por exemplo, o leão representa a força; a raposa, a astúcia; a formiga, o trabalho; é uma narrativa com fundo didático. Quando os personagens são seres inanimados ou objetos, a fábula recebe o nome de apólogo.

Algumas das fábulas mais conhecidas são: a cigarra e a formiga, a raposa e as uvas, a lebre, a tartaruga, o leão e o ratinho.

Os mais famosos escritores de fábulas são Esopo, Fedro e La Fontaine. Este último, criou uma obra-prima intitulada “Fábulas”, dividida em 12 livros, onde o autor usa linguagem ágil e expressiva para analisar com mestria a alma e a natureza do ser humano. Escritas em verso livre e publicadas entre 1668 e 1694, as Fábulas contêm uma crítica lúcida e satírica à sociedade do final do século XVII, mas podem ser aplicadas nos dias de hoje.

No Brasil o mais conhecido fabulista é Monteiro Lobato, autor das fábulas “a coruja e a águia”, “o cavalo e o burro”, “o corvo e o pavão”, entre outras.

As fábulas são normalmente transmitidas por pais, professores, até políticos e figuras públicas, e estão em livros, peças de teatro, filmes, e em várias outras formas de comunicação.

Em **sentido figurado**, a palavra fábula pode significar **mentira** ou **farsa**. *Ex: Não estamos mais namorando porque eu descobri que tudo o que ela me disse não passava de uma fábula.*

A fábula [do latim: fabula = narração] não raro, é confundida com o apólogo e a parábola, em razão de encerrar conteúdo moral (implícito ou explícito) e de sua estrutura dramática. A diferença entre os textos narrativos de distintos gêneros está na maneira como

os elementos são trabalhados. Alguns estudiosos dizem que a distinção entre apólogo, fábula e parábola está na personagem: objetos inanimados para o apólogo, animais irracionais para a fábula e seres humanos para a parábola.

Na fábula a narrativa é curta, o espaço é sempre simplificado, não há variações de ambiente; as personagens são protagonizadas por animais irracionais, que pensam, agem e sentem como os seres humanos; o foco narrativo está posicionado na 3ª pessoa. O tempo é cronológico, e o enredo apresenta um único conflito. A linguagem pode ser formal ou informal. A narrativa tem por objetivo transmitir uma lição de moral, geralmente satírica ou pedagógica, aos seres humanos. Foi escrita em versos até o século XVIII, quando, então, adotou-se a prosa como veículo de expressão.

A fábula é tão antiga quanto à origem da linguagem. Daí decorre, a dificuldade em sabermos quem a criou, pois através da oralidade eram transportadas a todos os lugares. Embora as fábulas já estivessem presentes em alguns dos mais antigos textos, ela somente passou a ser cultivada com superioridade literária na Antiguidade Clássica, por Esopo, escravo grego do século VI a.C., e por Fedro escritor latino do século I da era cristã.

A Fábula De Esopo – Como já dissemos, Esopo foi um fabulista grego que se acredita ter vivido no século VI a. C., mais ou menos de 620 a 560. Não há provas históricas de sua existência. Ignora-se o local de seu nascimento; mas acredita-se que tenha nascido em alguma cidade da Ásia Menor. Imagina-se que ele era corcunda, feio e gago. Também não existem documentos históricos que comprovem que Esopo tenha escrito suas histórias. O mais provável é que as contava para o povo, que se encarregou de repeti-las. No entanto, são atribuídas a ele mais de 300 fábulas, com características semelhantes, embora totalmente anônimas. Somente por volta de 325 a.C., é que as fábulas foram recolhidas e escritas, pela primeira vez por Demétrio de Falera: as chamadas Fábulas Esópicas. Do que não se tem dúvida nenhuma, é de que ele foi o maior contador de fábulas e o primeiro compilador dessas famosas histórias.

Em geral, a fábula Esópica começa pelo título; depois uma curta narrativa em versos – a partir do século XVIII, em prosa – finalizando-se com o que chamamos hoje de “a moral da história” (ou epimítio). Portanto, a fábula comporta duas partes: a narrativa e a moralidade. Os personagens são geralmente animais, que falam, cometem erros, são sábios ou tolos, maus ou bons, exatamente como os homens. A adaptação para o comportamento dos animais daquilo que se percebia nos humanos, simplifica o entendimento e facilita a aceitação, da verdade contida nos julgamentos morais, por parte das pessoas.

Segundo Rousseau apud Góes (1991), a moral é o aspecto mais polêmico. A fábula escolhida para se trabalhar com a criança deve reunir um mínimo de condições que não permitam confusões interpretativas naquilo que pretendam ensinar; conceito claro e objetivo; sobriedade narrativa.

As fabulas foram destinadas a uma época e para um público infantil não constituído como o entendemos hoje. O livro era dedicado a uma criança que era filha de um rei, ao qual o autor queria levar a reflexões sérias. Desta forma, é aconselhável cuidadosa seleção das fábulas antes de as sujeitarem às crianças.

Platão não era um relativista moral; ele acreditava que os valores morais de bondade,

justiça e virtude eram valores objetivos que podiam ser aprendidos. A crença de Platão na verdade objetiva resultou da sua Teoria das Formas. Ele afirmou que se uma pessoa simplesmente percebe o “bom das formas”, ela aceitaria isso como verdade e justiça. Para Platão, uma sociedade constituída por homens justos – cada um perseguindo seu interesse pessoal particular – é uma sociedade harmoniosa e moral. Este tipo de sociedade se adequa mais à sobrevivência, pois todos fazem seus papéis únicos e trabalham para os mesmos fins. A harmonia de Platão é um alto valor moral para o indivíduo, assim como a sociedade.

Esopo, segundo a lenda, foi condenado à morte, após uma falsa acusação de sacrilégio, ou seja, de consultar o oráculo de Delfos. Foi jogado do alto de um abismo. Em outra versão, o motivo de sua condenação foi o fato de Esopo, através de suas fábulas, julgar os habitantes da ilha de Delfos, a ponto de eles o atirarem do alto de um rochedo. Mas as suas fábulas continuaram a ser contadas, escritas e reescritas por outros fabulistas.

Fedro foi o primeiro escritor latino a compor uma coletânea de fábulas, tendo sido imitado e refundido várias vezes. Modernamente, Jean de La Fontaine se destaca como o mais importante dos fabulistas. O escritor francês usava suas fábulas, escritas entre 1668 e 1694, para denunciar as misérias e as injustiças de sua época.

Nosso grande fabulista foi Monteiro Lobato. Além de recontar as fábulas de Esopo e de La Fontaine, criou suas próprias com a turma do sítio. Outros autores também vêm se dedicando ao gênero, como Carlos Eduardo Novaes, Augusto Monterroso, Ulisses Tavares, Millôr Fernandes, para citar apenas esses nomes.

Nesse sentido será apresentada aos alunos a estrutura textual do gênero fábula – instigando-os a perceberem que nesse gênero os personagens são animais que falam sobre um fato, acontecimento em forma de uma narrativa. Em algumas apresentam discurso direto e em outras, discurso indireto e que no final do texto sempre tem uma moral da história, mostrada de maneira explícita ou implícita, objetivando reflexão sobre as atitudes que remetem à realidade das pessoas.

Produção inicial (6 aulas)

Apresentaremos o vídeo “Propaganda eleitoral gratuita – a verdadeira” (by Marcelo Adnet) que trabalha o tema da campanha eleitoral na TV (propaganda eleitoral/*jingle*) e ironiza a temática “Política” utilizando-se de imagens bastante comuns no contexto pré-eleitoral. Há uma música que, associada às imagens do candidato em campanha, satiriza o perfil da maioria deles.

O passo seguinte é a apresentação em telas no projetor de charges políticas e charges relacionadas às críticas sociais e à Copa do Mundo FIFA 2014, realizada no Brasil expostas em *sites* e redes sociais a fim de proceder, em forma de leitura compartilhada, para análise e produção de sentidos (Anexo 01).

O trabalho com esses gêneros textuais e essas mídias disponíveis na escola tem por objetivo promover uma discussão oral profunda acerca da temática “Política” e seu braço em incontáveis setores da sociedade, bem como sua atuação em eventos grandiosos como o é a Copa do Mundo e sua interferência na vida cotidiana das pessoas.

Depois de feitas todas essas leituras, de discutir com os alunos e perceber o grau de politização que eles apresentam, é chegado o momento da produção das *fábulas* políticas, que terão como personagens políticos oportunistas, políticos honestos, eleitores, cabos eleitorais, dentre outros, cujo trabalho será realizado em pequenos grupos variando entre 4 e 6 componentes.

Antes de os alunos iniciarem suas produções de *fábulas* políticas, serão apresentados vários textos pertencentes a esse gênero (Anexo 02) e um vídeo produzido pela TV Escola no ano de 2013 intitulado “Um apólogo”, escrito por Machado de Assis – animação feita em massinhas.



Um apólogo – TV Escola

Módulo 1 (4 aulas):

Neste módulo, com duração de quatro aulas, será feita a correção dos textos produzidos, juntamente com o grupo de alunos que os produziu, para que os mesmos reflitam sobre os sentidos nele presentes, a estrutura textual e os aspectos linguísticos. Após a correção será solicitada uma reescrita coletiva da fábula baseada em Ruiz (2001), a partir de discussões e diálogos do professor com os componentes dos grupos, bem como das anotações às margens e espaços em branco ao final da produção textual e que foram feitas pelo professor.

Após a reescrita dos textos realizada pelos grupos, o professor deve proporcionar a socialização destes textos, entre a turma, com o projetor multimídia, para as intervenções colaborativas.

Módulo 2 (4 aulas)

Nesta etapa serão necessárias quatro aulas e, novamente em pequenos grupos, serão produzidos os fantoches (personagens) para as fábulas criadas pelos alunos, preferencialmente com materiais recicláveis, como caixas de leite, refrigerante (*tetra pak*), garrafas *pet* etc, e/ou pode-se utilizar fantoches disponíveis na escola (outra possibilidade utilizar o DVD “Mãos e giz” da Olimpíada de Língua Portuguesa – edição 2014). Uma alternativa é a encenação de uma pequena peça teatral com os alunos como personagens.

Produção final (4 aulas)

Cada grupo será orientado a produzir um vídeo das fábulas criadas e após a exposição do vídeo em *sites*, redes sociais: *Facebook*, *Youtube*, *Whatsapp*, *blogs* das escolas: Estadual “12 de Abril”, localizada na cidade de Terra Nova do Norte e nas escolas Estaduais “Antonio Ometto e Jardim das Flores”, localizadas em Matupá, Estado de Mato Grosso. Para finalizar organizar uma apresentação dos vídeos produzidos à comunidade escolar, aproveitando os eventos organizados pelas unidades escolares: feiras, mostras, noites culturais, datas comemorativas, entre outras possibilidades.

Materiais necessários:

Cópias de *fábulas* (em anexo), vídeos das fábulas, charges sobre política (em anexo), giz, adesivos (olhos, bocas, orelhas, bigodes, dentre outros), caixas vazias (*tetra pak*), EVA, cola quente, máquina de cola quente, papel cartão, TNT, tesouras escolares, meias, tinta guache, papel sulfite, DVD “Mãos e giz” da Olimpíada de Língua Portuguesa, projetor multimídia, laboratório de informática, filmadoras e câmeras digitais.

Resultados esperados:

Espera-se que os alunos participem oralmente, inferindo opiniões do que entenderam, de quem são as vozes que aparecem nos textos, que façam uma leitura crítica reflexiva das fábulas e do vídeo e após produzam em grupo um texto do gênero fábula que trata da temática “Política” e, enfim, socializem os resultados desse trabalho com a comunidade escolar, em *sites* e redes sociais da *Internet*.

Essa proposta de trabalho, se bem orientada, pode surtir efeitos satisfatórios para que o aluno perceba que a temática “política”, e as temáticas das fábulas são permeadas por vozes, por dizeres de alguém em algum lugar, histórias que se juntam, completam-se formando trajetórias parecidas. Ela também pode oportunizar a percepção da importância de sua participação ativa com discussões, opiniões e reflexões de maneira crítica das temáticas sempre atuais e que afetam o dia a dia da maioria da população.

Bibliografia consultada:

DOLLZ, J.; SCHEUWLY, B. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução e organização Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

FIORIN, J. L.; SAVIOLI, F. P. **Para entender o texto**. 16. ed. São Paulo: Ática. GÓES, L. P. **Introdução à literatura infantil e juvenil**. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 1991. (Manuais de estudo)

RUIZ, E. **Como se corrige redação na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2001.
SOLÉ, I. **Estratégias de leitura**. 6. ed. Porto Alegre, RS: Artmed, 1998.

Webgrafia:

<http://www.youtube.com/watch?v=dMVgb3DtS0Y>. Acesso em 02 de junho de 2014.

<http://www.recantodasletras.com.br/teorialiteraria/2170264>. Acesso em 06 de junho de 2014.

http://www.ehow.com.br/padroes-morais-platao-info_131503/. Acesso em 09 de junho de 2014.

<https://www.facebook.com/Chargesvnc>. Acesso em 06 de junho de 2014.

<https://www.facebook.com/humorpoliticoabr>. Acesso em 06 de junho de 2014.

https://www.google.com.br/search?q=charges+pol%C3%ADticas+f%C3%A1bulas&espv=2&tbm=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ei=WNGPU47FDamtsQTH_YEQ&ved=0CDwQsAQ&biw=1242&bih=568. Acesso em 06 de junho de 2014.

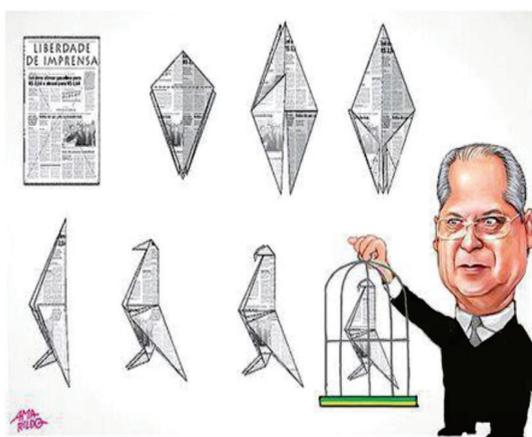
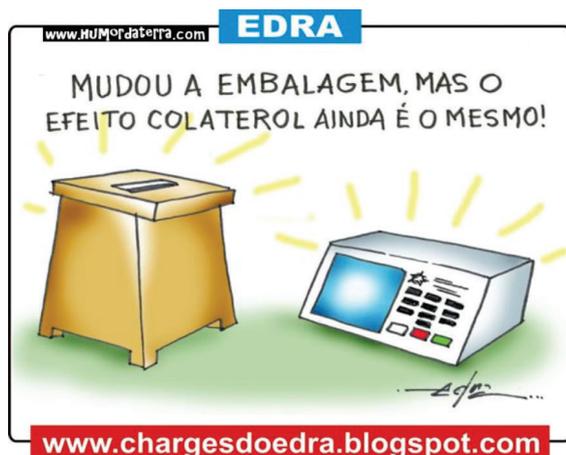
<https://www.facebook.com/media/set/?set=a.269696949723531.87035.144205978939296>. Acesso em 06 de junho de 2014.

<http://tvescola.mec.gov.br/tve/video;jsessionid=98A3CB1238E0F5B436E81BDAE90706F3?idItem=5998>. Acesso em 06 de junho de 2014.

<https://www.google.com.br/search?q=charges+abertura+da+copa&espv=2&tbm=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ei=xleaU4yfk4KpsATG44GYCw&ved=0CCwQsAQ&biw=1242&bih=607>. Acesso em 12 de junho de 2014.

http://www.releituras.com/machadodeassis_apologo.asp. Acessado em 12 de junho de 2014.

Anexo 01: seleção de charges





CORRUPÇÃO, CORRUPÇÃO, CORRUPÇÃO... FAZ 8 ANOS E 145 DIAS QUE SO' TEM REPRISE NA TELEVISÃO !!!



NACOTA DOS OUTROS É REFRESCO



A PONTINHA DO 'ICEBERG'



CONSELHO DE ÉTICA



EXPECTATIVAS PARA A COPA...



X-MEN







Anexo 02: Seleção de fábulas

Fábula Política

Telêmaco Marrace de Oliveira

Era uma vez um lugar lindo, cheio de sol, futebol e Carnaval; animais bonitos, trabalhadores e ordeiros. Os habitantes desse lugar só tinha um terrível defeito: a maioria não gostava de ler e também odiava a política, deixando “brechas” para serem manipulados; por programas “bobos” exibidos na TV e riam e faziam piada com a própria desgraça, mas mesmo assim era um povo honesto.

Neste lugar, como em qualquer outro das fábulas, também existiam muitos vilões, como sapos venenosos, tucanos pousados em árvores públicas; vigilantes predadores em busca do poder; além de porcos infiltrados em várias associações, as quais eles chamavam de partidos da floresta.

Existiam também raposas espertas, conhecidas cientificamente por “periculum valerium” e “falcatruriumdudiummendoncium” que associadas à uma espécie rara de raposa vermelha que tinha como peculiaridade a “língua presa” de tanto enrolar os bichos no decorrer da vida, dominavam o poder desse exuberante lugar.

Os habitantes também tinham a memória “curta” e devido a esse problema, quando se reuniam para escolher seus novos líderes esqueciam tudo de ruim que eles tinham feito e trocavam seu valioso direito ao voto por cestos de maçãs, potes de mel, etc. Fazendo isso, perdiam a chance de conseguir trabalho digno para ganharem dinheiro de seu esforço e comprarem alimentos para a família.

Lá também existia um grupo de bichos que se reuniam vários meses numa tal de CPI (Comissão Palhaçal Incontrolável), onde a pizza era a comida preferida e servida de caminhões, mas também brigavam por interesses individuais e assistiam danças típicas, sempre protagonizadas pelas Antas.

Nessa floresta, um animal estranho que tinha como peculiaridade o não crescimento, era um “eterno garotinho”, e vivia espalhando aos quatro cantos que arrumaria a floresta, mas os bichos não acreditavam, pois ele não conseguia arrumar nem o seu próprio quintal, onde passava um rio. Era vizinho do “alquimista”, um pássaro da espécie dos tucanos que prometia uma “geral” do começo ao fim. Também tinha os animais metidos à escritores, que defendiam o governo com unhas e dentes, mas escreviam pelos cotovelos e ninguém acreditava neles, porque que saía cada asneira! Os papagaios tinham que ser ligeiros, pois devido ao horário eleitoral curto, só tinham tempo de dizer o nome.

Os bichos que habitavam esse lugar eram conhecidos como OS INCRÍVEIS (numa analogia com o desenho da PIXAR), mas seus superpoderes era viver com um salário mínimo baixíssimo, um sistema de saúde péssimo e um sistema educacional caminhando para o caos, e ainda caminharem sorrindo e lutando! Alguém duvida que esses personagens existam e que esse lugar seja fictício?

Disponível em: <http://www.recantodasletras.com.br/artigos/157602>. Acessado em 5/6/2014.

Reunião na ONU

Uma vez aconteceu um congresso da ONU que gerou uma enorme confusão. Tudo porque o secretário-geral propôs uma pesquisa, e jogou no telão a seguinte pergunta:

“Por favor, dê honestamente a sua opinião sobre a escassez de alimentos no resto do mundo.”

E então foi instaurado o caos.

Ninguém sabia responder à tal pergunta. Quase rolou pancadaria, e a discussão rolando solta. Vendo que não ia conseguir nada, o secretário-geral resolve ir ele mesmo atrás das respostas.



Alguéeeem?

Primeiro procurou os representantes das delegações europeias. Em vão, pois nenhum deles entendeu o significado da palavra “escassez”.

Sem desistir, recorreu às delegações africanas. Fracasso total, eles não entenderam o que era “alimentos”.

Ainda esperançoso, passou em frente às missões de Cuba, China e Coréia do Norte. Nenhum deles soube explicar o que era “opinião”.

Logo ao lado estava a delegação da Argentina, que também não pôde ajudar. O que é “por favor”?

Tentou a de Israel, mas logo viu que os judeus não compreendiam o termo “dê”. Se ainda fosse “empreste a juros”...

Então, recorreu aos americanos, afinal, são os maiorais. Ouviu o seguinte do representante: “Mr. Secretário, o que ser “resto do mundo” ? Eu não entender direito”

Desconsolado, desistiu e sentou-se à beira da delegação brasileira. Foi abordado pelo representante tupiniquim.

“Ô Chefia, o que é esse tal de “honestamente”, hein ?”

A fábula dos dois leões

(Créditos ao grande Stanislaw Ponte Preta)

Dois leões fugiram de um circo, e se separaram, cada um para o seu lado. Tempos depois foram recapturados e levados de volta. Um deles estava magérrimo, raquítico, em péssimo estado. O outro, havia engordado bastante e vendia saúde.



Então os leões resolvem botar o papo em dia.

– Cara, como você está bem! Eu, quando fugi, fui para a floresta, para reencontrar a natureza, mas só me ferrei. Perdi o instinto de caçador, só vi desmatamento, tinha que fugir de caçadores, não encontrava comida, quase morri. Um inferno. Não tive forças para fugir quando me acharam. O que aconteceu contigo?

– Bom, eu resolvi ir para a cidade. Entrei num prédio e consegui me esconder numa tal de Repartição Pública. Ficava lá escondidinho e muita gente circulava por ali, sempre dava para pegar uma pessoa e matar a fome.

ali, sempre dava para pegar uma pessoa e matar a fome.

– Mas como te pegaram?

– Bom, eu todo dia ia comendo um funcionário e me escondia. Ninguém dava pela falta, fiquei quase um mês assim. Mas no dia que eu comi o funcionário que servia o cafezinho, me pegaram!

Disponível em: <http://papodehomem.com.br/duas-fbulas-polticas/>. Acessado em 5/6/2024.

O Rei dos Macacos e dois Homens

Fábulas de Esopo



Dois companheiros que caminhavam juntos pela floresta, acabaram por se perder. Depois de andarem muito, chegaram à terra dos Macacos. Foram logo levados ao rei, que, mal os viu, lhes perguntou:

– Na vossa terra e nessas que atravessastes, o que se diz de mim e do meu Reino?

Respondeu um dos homens:

– Dizem que sois um grande Rei de gente sábia e culta.

O outro, que gostava de dizer a verdade, respondeu:

– Toda a vossa gente são macacos irracionais, logo o rei também é um macaco.

Ouvindo isto, o Rei ordenou que matassem este, e que ao primeiro oferecessem presentes e o tratassem muito bem.

Moral da história

A verdade causa ódio e o elogio ganha amigos. Com um Rei ignorante não há sábios nem virtuosos, apenas chocarreiros e adulares. Daqui resulta que frequentemente os bons são rebaixados e obedecem aos maus, que o Rei Macaco tem ódio a quem desengana, e que o que mente, como aqui fez o primeiro companheiro, é favorecido.

Um Apólogo

Machado de Assis

Era uma vez uma agulha, que disse a um novelo de linha:

– Por que está você com esse ar, toda cheia de si, toda enrolada, para fingir que vale

alguma cousa neste mundo?

– Deixe-me, senhora.

– Que a deixe? Que a deixe, por quê? Porque lhe digo que está com um ar insuportável? Repito que sim, e falarei sempre que me der na cabeça.

– Que cabeça, senhora? A senhora não é alfinete, é agulha. Agulha não tem cabeça. Que lhe importa o meu ar? Cada qual tem o ar que Deus lhe deu. Importe-se com a sua vida e deixe a dos outros.

– Mas você é orgulhosa.

– Decerto que sou.

– Mas por quê?

– É boa! Porque coso. Então os vestidos e enfeites de nossa ama, quem é que os cose, senão eu?

– Você? Esta agora é melhor. Você é que os cose? Você ignora que quem os cose sou eu e muito eu?

– Você fura o pano, nada mais; eu é que coso, prendo um pedaço ao outro, dou feição aos babados...

– Sim, mas que vale isso? Eu é que furo o pano, vou adiante, puxando por você, que vem atrás obedecendo ao que eu faço e mando...

– Também os batedores vão adiante do imperador.

– Você é imperador?

– Não digo isso. Mas a verdade é que você faz um papel subalterno, indo adiante; vai só mostrando o caminho, vai fazendo o trabalho obscuro e ínfimo. Eu é que prendo, ligo, ajunto...

Estavam nisto, quando a costureira chegou à casa da baronesa. Não sei se disse que isto se passava em casa de uma baronesa, que tinha a modista ao pé de si, para não andar atrás dela. Chegou a costureira, pegou do pano, pegou da agulha, pegou da linha, enfiou a linha na agulha, e entrou a coser. Uma e outra iam andando orgulhosas, pelo pano adiante, que era a melhor das sedas, entre os dedos da costureira, ágeis como os galgos de Diana — para dar a isto uma cor poética. E dizia a agulha:

– Então, senhora linha, ainda teima no que dizia há pouco? Não repara que esta distinta costureira só se importa comigo; eu é que vou aqui entre os dedos dela, unidinha a eles, furando abaixo e acima...

A linha não respondia; ia andando. Buraco aberto pela agulha era logo enchido por ela, silenciosa e ativa, como quem sabe o que faz, e não está para ouvir palavras loucas. A agulha, vendo que ela não lhe dava resposta, calou-se também, e foi andando. E era tudo silêncio na saleta de costura; não se ouvia mais que o plic-plic-plic-plic da agulha no pano. Caindo o sol, a costureira dobrou a costura, para o dia seguinte. Continuou ainda nessa e no outro, até que no quarto acabou a obra, e ficou esperando o baile.

Veio à noite do baile, e a baronesa vestiu-se. A costureira, que a ajudou a vestir-se, levava a agulha espetada no corpinho, para dar algum ponto necessário. E enquanto compunha o vestido da bela dama, e puxava de um lado ou outro, arregaçava daqui ou

dali, alisando, abotoando, acolchetando, a linha para mofar da agulha, perguntou-lhe:

– Ora, agora, diga-me, quem é que vai ao baile, no corpo da baronesa, fazendo parte do vestido e da elegância? Quem é que vai dançar com ministros e diplomatas, enquanto você volta para a caixinha da costureira, antes de ir para o balaio das muçamas? Vamos, diga lá.

Parece que a agulha não disse nada; mas um alfinete, de cabeça grande e não menor experiência, murmurou à pobre agulha:

– Anda, aprende, tola. Cansas-te em abrir caminho para ela e ela é que vai gozar da vida, enquanto aí ficas na caixinha de costura. Faze como eu, que não abro caminho para ninguém. Onde me espetam, fico.

Contei esta história a um professor de melancolia, que me disse, abanando a cabeça:

– Também eu tenho servido de agulha a muita linha ordinária!

Fonte: Texto extraído do livro “Para Gostar de Ler - Volume 9 - Contos”, Editora Ática, São Paulo, 1984, p. 59.

FÁBULA POLÍTICA

Alessandra de Oliveira

1 INTRODUÇÃO

O trabalho proposto para a disciplina de Aspectos Sociocognitivos e Metacognitivos da Leitura e da Escrita objetivou promover a produção de fábulas políticas, através do desenvolvimento de Sequência Didática (SD), com alunos do terceiro ano do Ensino Médio, da Escola Estadual Jardim das Flores, no município de Matupá. Tal produção possibilitou aos alunos demonstrarem seu entendimento em relação ao gênero em questão, além de proporcionar a reflexão acerca da importância do envolvimento de todos com a política, já que ela perpassa todos os setores da sociedade.

2 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

A SD foi a forma escolhida para o desenvolvimento da proposta, e foi realizada em seis módulos distintos, segundo semestre de 2014. No primeiro módulo, com duração de uma aula, os alunos puderam observar a estrutura do gênero Fábula a partir dos textos de autores como Esopo, La Fontaine e Monteiro Lobato, selecionados e apresentados de forma impressa e projetada. A escolha do gênero se deu devido à possibilidade lúdica do mesmo. De acordo com Nelly Coelho, fábula “é a narrativa (de natureza simbólica) de uma situação vivida por animais que alude a uma situação humana e tem por objetivo transmitir certa moralidade” (2000, p. 165).

A classe foi dividida em grupos de até seis componentes, em que puderam ler, discutir e apontar qual a moral de cada fábula. Todos os grupos compreenderam a moral e, ainda, relacionaram-na à realidade atual.

Para este momento, utilizamos as estratégias de leitura sugeridas por Solé (1998), num trabalho para antes, durante e após a leitura. Solé (1998) afirma que, com o ensino da leitura a partir das estratégias, é possível “formar leitores autônomos, capazes de enfrentar de forma inteligente textos de índole muito diversa, na maioria das vezes diferentes dos utilizados durante a instrução”. Desse modo, o aluno aprende a utilizar os procedimentos e as estratégias de leitura e essa capacidade adquirida vai além dos muros da escola, formando-se um leitor competente para sua vida social.

No módulo 2, com tempo previsto de quatro aulas, foi apresentado aos alunos o vídeo “Propaganda eleitoral gratuita – a verdadeira”, bem como foram expostas charges políticas e charges relacionadas às críticas sociais e à copa 2014, publicadas em *sites* e nas redes sociais, para a análise e produção de sentidos. Após a exposição, promoveu-se uma discussão oral acerca da temática “política”. Este foi um momento bastante importante, pois é o lugar em que o aluno ganha voz e demonstra seus conhecimentos e opiniões acerca do assunto.

Von Zuben, no que se refere à sala de aula como espaço importante de debate, afirma que

a sala de aula é, antes da emergência do conceito, o horizonte dos possíveis, o instante inovador na vida do indivíduo, lugar existencial que compõe com outras dimensões do existir a trama da história social dos indivíduos. Sala de aula: espaço revolucionário, espaço plural de liberdade e de diálogo com o mundo e com os outros. (VON ZUBEN, 1998, p. 123-128)

Os alunos da turma escolhida eram bastante interessados e participativos, o que tornou o espaço da sala de aula, especialmente durante o módulo de debate, um ambiente ideal de interação, de modo que o tempo previsto foi insuficiente, uma vez que o debate foi bastante intenso e todos os alunos desejavam expor suas ideias. Por isso, o debate seguiu na aula da semana seguinte e todos tiveram oportunidade de se manifestar.

Terminado o debate, os mesmos grupos criaram uma fábula tendo como personagem principal um político oportunista e outros personagens como: eleitores, cabos eleitorais, dentre outros. Após a correção e reescrita das fábulas, houve a socialização dos textos produzidos entre a turma, com os textos digitados e projetados. Todas as fábulas apresentaram em suas temáticas a corrupção, o oportunismo, a falsidade e a ingenuidade.

O terceiro módulo previa a produção de fantoches, contudo, por já existirem fantoches confeccionados na escola e devido ao tempo previsto ter sido reduzido para ampliação do debate, optamos por utilizá-los. As fábulas foram “encenadas” no módulo 4 para as turmas do terceiro ano e, no lugar do vídeo que estava previsto para o módulo 5, os alunos optaram por apresentar a encenação das fábulas na feira do conhecimento ocorrido no dia 21 de novembro de 2014, aberta à comunidade.

Com as imagens dos ensaios e das encenações na feira do conhecimento, produzimos um vídeo síntese dos trabalhos, no intuito de agregar a tecnologia à proposta, nesse sentido, Dionísio (2005, p. 159-160) afirma que:

Com o advento de novas tecnologias, com muita facilidade se criam novas imagens, novos layouts, bem como se divulgam tais criações para uma ampla audiência. Todos os recursos utilizados na construção dos gêneros textuais exercem uma função retórica na construção de sentido dos textos. Cada vez mais se observa a combinação de material visual com a escrita; vivemos, sem dúvida, numa sociedade cada vez mais visual. Representação e imagens não são meramente formas de expressão para divulgação de informações, ou representações naturais, mas são, acima de tudo, textos especialmente construídos que revelam as nossas relações com a sociedade e com o que a sociedade representa.

A produção do vídeo ocorreu no laboratório de informática da escola, com a ajuda de alguns alunos da turma selecionada para o desenvolvimento desta SD, momento em que pude perceber como estes alunos têm facilidade de produzir qualquer proposta que faça uso de recursos tecnológicos e como tais atividades lhes são agradáveis e interessantes.

O vídeo foi apresentado aos demais alunos e professores da escola durante a última reunião do ano e pode ser apreciado em: <https://www.youtube.com/watch?v=AFUzXZ46M2k&feature=youtu.be>

Na sequência algumas fotos do desenvolvimento da proposta:



Figura 01: Produção das fábulas em grupos.



Figura 02: Produção das fábulas em grupos.



Figura 02: Produção das fábulas em grupos.
Fonte: Acervo da autora.



Figura 04: Ensaio para a apresentação.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma das dificuldades encontradas no desenvolvimento desta proposta foi o

número de faltas de alguns alunos que acabaram por perder alguns módulos da SD e, com isso, sentiram-se um tanto perdidos durante a produção das fábulas. Para estes alunos foi necessário realizar uma explicação à parte.

Havia algum receio de minha parte em não conseguir motivá-los a um bom debate devido à temática “política” nem sempre agradável a todos, contudo creio que, por ser um período propício o das eleições, em que os debates na TV e nas redes sociais foram acalorados, os alunos sentiram-se motivados a este trabalho e, também por isso, superaram as expectativas.

Por se tratar de alunos do Ensino Médio, com idade média de 16 anos, esta proposta teve um excelente resultado, uma vez que, como se esperava, os alunos participaram ativamente, explanando sua compreensão, inferindo opiniões acerca dos temas e refletindo sobre de quem são as vozes presentes nos textos, com uma leitura crítica reflexiva das fábulas e do vídeo apresentados.

Utilizando seu conhecimento de mundo, sua bagagem cultural, os alunos puderam fazer inferências acerca da moral analisada, tanto na oralidade quanto na escrita. Além disso, observou-se uma postura de responsabilidade entre estes jovens em relação ao futuro político do país.

A experiência ora relatada contribuiu para a construção de um novo olhar sobre o ensino-aprendizagem dos gêneros textuais norteados pela sequência didática, uma vez que esta se constitui em uma ferramenta eficaz de perceber, trabalhar e ensinar a língua portuguesa, além de motivar os alunos a compreender e a se expressar nos mais variados gêneros.

REFERÊNCIAS

- COELHO, N. N. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2000.
- DIONISIO, Â. P. **Gêneros multimodais e multiletramento**. In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (Orgs.). **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. Palmas e União da Vitória, PR: Kaygangue, 2005.
- DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2004. p. 95-128.
- SOLÉ, I. **Estratégias de leitura**. 6. ed. Porto Alegre: ArtMed, 1998.
- ZUBEN VON, N. A. Sala de aula: da angústia de labirinto à fundação da liberdade. In: MORAIS, R. (Org.). **Sala de Aula. Que espaço é esse?** Editora Papirus, Campinas, 1998.

WEBGRAFIA

Vídeo utilizado no módulo 01: <https://www.youtube.com/watch?v=yC9YTqbpvpgQ>

Vídeo utilizado no módulo 02: <https://www.youtube.com/watch?v=URa9xxv9cvg>

Fábulas trabalhadas em sala (impressas e projetadas):

http://www.miniweb.com.br/cantinho/infantil/38/Estorias_miniweb/la_fontaine/La_Fontaine_Fabulas.pdf

FABULANDO

Maríndia Becker

1 INTRODUÇÃO

Trabalhar com atividades unindo prática e teoria é de suma importância para que o professor possa visualizar melhor os resultados do seu trabalho, pois na prática é possível fazer as intervenções necessárias desenvolvendo aquelas competências e habilidades tão necessárias para o aluno no seu processo de ensino aprendizagem.

As atividades que aqui serão apresentadas foram organizadas em torno de uma SD (DOLZ *et all*, 2004) tendo como temática a “política”, abordando três pontos essenciais: a leitura, a escrita e a oralidade e como objetivo promover a produção de fábulas políticas que possibilitaram ao aluno demonstrar seu entendimento em relação ao gênero em questão e sua compreensão da importância de que todos precisam se envolver com a política já que ela perpassa todos os setores da sociedade.

O objetivo é mostrar os resultados obtidos com a aplicação das atividades da proposta de SD “Politicofabulando” desenvolvida com uma turma de 7º ano do Ensino Fundamental da Escola Estadual “Antonio Ometto” localizada no município de Matupá – MT no período de agosto a outubro de 2014, com duração de vinte horas/aula.

2 UMA PRÁTICA A PARTIR DAS FÁBULAS

As ações dessa proposta envolveram pré-leituras, leituras, escrita inicial, escrita final (reescrita) e produções – apresentações de teatro de fantoches, gravação de vídeos e postagens no *Youtube*.

No mês de agosto de 2014, com o objetivo de aprofundar os conhecimentos a respeito do gênero fábula, através de leituras coletivas e em grupo de textos impressos e vídeos, desenvolvemos, com algumas indagações, as seguintes atividades: vocês já ouviram alguma fábula? A maioria das respostas foi sim e então perguntamos quais? Então citaram “A cigarra e a formiga”, “A lebre e a tartaruga”, dentre outras. Após isso expusemos no projetor multimídia breve história do surgimento das fábulas que remontam os tempos da antiguidade), citamos Esopo, La Fontaine, Fedro e Monteiro Lobato e algumas adaptações que ele fez. Apresentamos três vídeos com releituras das fábulas “A cigarra e a formiga”, “A lebre e a tartaruga” e “A coruja e a águia”. Em seguida mostramos essas fábulas em sua versão original e solicitamos que fizessem uma comparação oral das fábulas originais/escritas com os vídeos apresentados. Os alunos apontaram que nas releituras das fábulas “A cigarra e a formiga”, “A lebre e a tartaruga” foram apresentadas cenas/partes/fatos e personagens que não tinham na escrita original das fábulas, sendo que o vídeo da fábula “A coruja e a águia” está igual à original.

Solicitamos aos alunos que organizassem grupos com quatro componentes para as atividades de pré-leitura e leitura (sendo que foram formados quatro grupos). Entregamos então, a cada grupo uma folha com uma fábula “Fábula Política” de Telêmaco Marrace de Oliveira, “Reunião na ONU” (autor desconhecido), “Fábula dos dois leões”, de Stanislaw Ponte Preta e “O Rei dos Macacos e dois Homens” de Esopo.

As atividades de pré-leitura são de suma importância, pois levam o leitor a fazer antecipações e hipóteses de acordo com o “título do texto” - baseadas em conhecimentos prévios. Observar e listar o que se vê, sente, ouve, lê – identificar informações básicas da obra, influências e inter-relacionamento de outros elementos do texto, dar sentido ao que se observou e atribuir juízo de valor expressando o que gostou e o que não gostou, são estágios de leitura que se bem trabalhados pelo professor levarão os educandos a desenvolverem a leitura: “ler nas entrelinhas” – conseguir enxergar o que não está materializado no texto, o que não foi escrito, não foi dito, que está por detrás – e que é de suma importância para um entendimento de “ir além do texto” e se tornar um leitor crítico e envolvido cada vez mais em práticas de letramento. Para Santos:

A importância da leitura e escrita servem para ampliar o conhecimento, na construção da nossa identidade, do perfil pessoal e profissional, uma vez que somos seres construídos pela linguagem e dependendo de nosso desempenho na comunicação oral e escrita adquirimos ou não um certo poder dentro da comunidade a que pertencemos (SANTOS, 2013).

Todavia, é primordial também o professor envolver o aluno em atividades que abarquem a oralidade – mesmo naquelas que nem sempre ele vivencia no seu cotidiano. Criar essas condições de desenvolvimento da oralidade, leitura e escrita é essencial, pois assim o aluno desenvolverá mais sua criticidade, sendo capaz de analisar e refletir sobre o percurso de sua produção oral e escrita (processo de autoria), bem como de outros autores.

Após a organização dos grupos, explicamos novamente sobre a proposta da atividade e a estrutura das fábulas, instigando-os a perceberem que nesse gênero os personagens são animais que falam sobre um fato, acontecimento em forma de uma narrativa. Em algumas apresentam discurso direto e em outras, discurso indireto e que no final do texto sempre há uma moral da história, mostrada de maneira explícita ou implícita, objetivando reflexão sobre as atitudes que remetem à realidade das pessoas, a fábula comporta duas partes: a narrativa e a moralidade. As personagens são geralmente animais que falam, cometem erros, são sábios ou tolos, maus ou bons, exatamente como os homens. A adaptação para o comportamento dos animais daquilo que se percebia nos humanos simplifica o entendimento e facilita a aceitação da verdade contida nos julgamentos morais, por parte das pessoas. A moral aparece no final das fábulas e geralmente fecha com um ensinamento sobre o comportamento que os humanos devem ter ou seguir. Falamos brevemente como Platão e Rousseau viam a “moral” nas fábulas.

As fábulas remontam à antiguidade em que a tradição se destacava através da oralidade. Alguns dos que se referem a autoria desse gênero, sequer escreveram uma palavra dessas narrativas, contudo outros que os sucederam e ouviram essas histórias contadas de geração em geração tiveram o cuidado de registrá-las para que as gerações futuras tivessem acesso a esses textos. Embora as fábulas já estivessem presentes em alguns dos mais antigos textos, elas somente passaram a ser cultivadas com superioridade literária na Antiguidade Clássica, por Esopo, escravo grego do século VI a.C., e por Fedro, escritor latino do século I da era cristã.

As fábulas foram destinadas a uma época e para um público infantil não constituído como o entendemos hoje. O livro era dedicado a uma criança que era filha de um rei, ao qual o autor queria levar a reflexões sérias. Desta forma, é aconselhável cuidadosa seleção das fábulas antes de as sujeitarem às crianças.

Em relação às fábulas, Dezotti (2003, p. 22) afirma que: “sempre haverá diferenças de um povo a outro quanto ao modo de estruturar o texto ou quanto aos temas e figuras selecionadas”. Mas essas diferenças são determinadas por fatores culturais. O modo de funcionamento delas, todavia, permite que sejam vistas como representantes de uma mesma prática discursiva.

Dezotti (2003) propõe a seguinte definição para o gênero:

Fábula é um ato de fala que se realiza por meio de uma narrativa. Logo, ela constitui um modo poético de construção discursiva, em que o narrar passa a ser o meio de expressão do dizer. Na fábula, o narrar está a serviço dos mais variados atos de fala: mostrar, censurar, recomendar, aconselhar, exortar, etc. Essa característica formal, muito simples, aliás, pode ser uma explicação para a popularidade e a resistência desse gênero através dos tempos. É que a maleabilidade de sua forma lhe permite incorporar novos repertórios de narrativas e ajustar-se à expressão de visões de mundo de diferentes épocas.

Dizer uma narrativa é um ato linguístico para o qual todo falante tem competência. Para usar uma narrativa como fábula, basta que ele se configure como um discurso alegórico, ancorando o “outro” significado ao seu contexto de enunciação. Essa vinculação obriga o ouvinte a não só compreender a narrativa mas também interpretá-la, buscando pontos de contatos significativos entre ela e a situação discursiva que motivou sua enunciação. Esse trabalho de interpretação pode ser realizado pelo próprio enunciador da fábula, quando ele mesmo fornece uma moral para a narrativa, mas também faz parte das possibilidades lúdicas do gênero deixar a narrativa sem moral, para que o ouvinte se veja obrigado a desvendá-la a partir de indícios textuais ou situacionais.

A escolha do gênero “fábula”, como destaque dessa proposta deu-se por tratar de um texto que, por mais que remonte a antiguidade, continua sendo apreciado pelas

crianças e adolescentes por ser um texto dinâmico, com falas de personagens que o tornam mais interessante. Aliado ao recurso didático do fantoche e espaço do cenário para a contação das histórias ficou mais atrativo ainda. Conforme Fontaine, “Se quiser falar ao coração dos homens, há que se contar uma história. Dessas onde não falem animais, ou deuses e muita fantasia. Porque é assim suave e docemente que se despertam consciência”. (JEAN DE LA FONTAINE, SÉCULO XVII)

Após as explicações expositivas, em grupo, os alunos analisaram as fábulas, leram e socializaram com os colegas e professora as impressões que tiveram, destacando a “corrupção” que ocorre no setor político, sendo que, na maioria das vezes, é a população quem sofre o maior desafio de pagar, com seu suor, altos impostos e a falta de políticas públicas de saúde, educação, transporte e segurança pública afetam diretamente toda a população.

Essas atividades oportunizaram aos alunos emitirem opiniões, construir significados acerca do que entenderam, qual a temática abordada, a quais assuntos os textos remetem. Colomer e Camps, citados em Solé (1998, p. 169), falam sobre o processo de construção do significado para avaliar este aspecto, núcleo do processo de compreensão. Ressaltam a necessidade de prestar atenção às diversas operações envolvidas no mesmo:

Utilização do conhecimento prévio na realização de inferências; uso adequado dos sinais de pontuação do texto, integração da informação em uma visão de conjunto referente à estrutura de significado do texto, resumo do que foi lido. As fontes de informação privilegiadas para avaliar esse processo se constituem no acesso ao conhecimento prévio dos alunos e nas tarefas de leitura compartilhada, nas quais alunos e professor perguntam, solicitam esclarecimentos, recapitulam ou resumem e estabelecem previsões.

Essas inferências são essenciais para que o aluno sob a orientação do professor tenha uma compreensão geral do assunto/temática abordado nos textos e nos vídeos.

A próxima atividade foi a apresentação do vídeo “Propaganda eleitoral gratuita – a verdadeira”, de Marcelo Abnet, que trabalha o tema da campanha eleitoral na TV e ironiza a temática “Política” utilizando-se de imagens bastante comuns no contexto pré-eleitoral. Há uma música que, associada às imagens do candidato em campanha, satiriza o perfil da maioria deles. Seguido da análise dos textos do gênero fábulas, os alunos teceram vários comentários que os textos: “mostram a esperteza de uns em detrimento do sofrimento e da derrota do outro”, e “retratam a realidade política brasileira”. Além desse vídeo apresentamos várias charges que tecem críticas a políticos desonestos e gastos com a Copa do Mundo – FIFA – 2014.

Para concluir essa parte de análises, no mês de setembro levamos para a aula vídeos da primeira propaganda eleitoral dos candidatos: Eduardo Campos postado

no seguinte endereço do *youtube* <https://www.youtube.com/watch?v=26JWd9PPqDw>, bem como do candidato Aécio Neves, no seguinte endereço: <https://www.youtube.com/watch?v=2cSHAn8gAG4>, da candidata Dilma Rousseff, no endereço: <https://www.youtube.com/watch?v=XqHe-VQ4F5o> e Pastor Everaldo, no endereço: <https://www.youtube.com/watch?v=Z9hPqD-Bp80>. Os alunos comentaram sobre as propostas dos candidatos – aproximações e distanciamentos (tempo de duração das propagandas, música de fundo, dentre outros elementos presentes). Essa atividade não constava da sequência didática proposta, mas foi essencial antes da solicitação da próxima atividade que descrevemos a seguir.

A atividade teve o objetivo de fomentar a criação em grupos de textos do gênero fábula pelos alunos (com quatro componentes) tendo como personagem um político oportunista e outros personagens como: eleitores, cabos eleitorais, dentre outros, e, a partir de todas as discussões e análises efetuadas anteriormente culminou com a produção de fábulas pelos alunos, que foram corrigidas pela professora, juntamente com o grupo de alunos que a produziu.

Durante esse processo, fizeram uma reflexão sobre os sentidos presentes no texto, a estrutura textual e os aspectos linguísticos. Então, solicitamos uma reescrita coletiva da fábula, com base em Ruiz (2001), a partir de discussões e diálogos do professor com os componentes dos grupos e anotações feitas pelo professor às margens e espaços em branco ao final da produção textual. Dessas, a fábula “A candidatura na floresta”, produzida por um grupo de alunos, segue em arquivo anexo a esse relatório e nela os alunos destacam o período eleitoral na floresta em que ambos os candidatos fazem promessas aos eleitores. Foi vencedora a candidata Leoparda Juliana que, em sua campanha prometeu melhorar as condições de vida dos animais e a preservação da floresta, trazendo esperança aos animais quando diz: “não podemos deixar que esse dragão destrua nossa casa que é a floresta. Se eu ganhar, vou melhorar a vida dos animais preservando a floresta”.

Através desse texto, percebe-se que os alunos entenderam a proposta e que já possuem uma visão crítica da temática “política” e o que é melhor para a população e que o voto de cada um é uma forma democrática e consciente de escolha dos governantes.

Justifica-se o anexo de somente essa fábula porque foi o único grupo que digitou o texto.

Na sequência, os alunos individualmente produziram fantoches de materiais reutilizáveis (caixa *tetra pak*), conforme imagens que seguem:



Figuras 01, 02 e 03: Elaboração dos fantoches com caixas *tetra pak*.

Fonte: Acervo da autora.

Conforme concluíam os fantoches, os grupos de alunos saíam para o saguão da escola, para o ensaio oral das fábulas. Para essa atividade levamos cenários de caixas de papelão de nossa autoria, conforme figuras 04, 05 e 06.

No dia das apresentações, alguns alunos sobressaíram-se melhor que outros, ou seja, nesse dia alguns estavam muito agitados e acabaram atrapalhando as apresentações dos outros. Foi um dia atípico, pois a câmera digital da escola não foi encontrada e a filmagem com a câmera digital da professora ficou com cortes e apenas partes das filmagens aparecem, conforme vídeos postados.

O fantoche foi recurso didático produzido e utilizado para a contação das fábulas pelos alunos aos colegas da turma. Ele remonta aos tempos ancestrais e tem executado um papel significativo na história das civilizações. Está especialmente ligado aos primitivos cultos animistas, os quais consideram que tudo no universo é portador de alma e, por extensão, de sentimentos, desejos e até mesmo de inteligência. Assim, determinados objetos eram considerados sagrados, entre eles as máscaras e os fantoches.

Como recurso didático significativo, o fantoche ao ser utilizado no ambiente escolar, é um excelente auxiliar na tarefa de contar histórias, facilitando para o educador, que encontra no boneco um meio físico, real de envolver as crianças, de forma mágica e lúdica, pois o fantoche é mais que um simples boneco, é a “personificação” do personagem que se torna algo real e concreto, que expressa emoções e sentimento através dos gestos e da voz de quem o manipula.

A construção da história pessoal que vai sendo medida e ampliada pelo outro, para a criança que ouve é extremamente envolvente e mágico, já que este personagem parece realmente existir. Ela, então, entra no jogo da imaginação, rapidamente, acreditando que o fantoche tem vida própria, capaz de manter até um diálogo com o boneco por muito tempo, sem perceber ou dar importância para quem o manipula, ou seja, fica completamente absorvida pelo boneco, que em sua imaginação tem vida, é um ser.

Segundo Santos (2006, p. 73), “o fantoche é um objeto que transita entre o mundo interno e o externo da criança. Ele é um símbolo da intimidade de seu ser expresso em brincadeira”. Assim, o fantoche tem alto valor pedagógico, criativo e terapêutico, pois a criança tanto pode assistir à história, como pode manipulá-lo e dar vida àquilo que toca. A oralidade, nesse momento, tem fundamental importância e é com certeza desenvolvida em sua plenitude, pois é ela que garante a expressão de valores, sentimentos, emoções e criatividade de quem o manipula, seja o educador ou a criança.

Assim, o fantoche é um personagem criado pelo seu manipulador e todo personagem carrega uma história. Allesandrini (1996, p. 15), explica que “a transposição para a linguagem verbal ocorre na perspectiva de ‘ressignificar’ o processo em que a imagem interna sugere a criação de uma mensagem oral”. O que confirma a afirmação de Matos (2006) que cada vez que “uma história é contada, mesmo que por várias vezes, é única, pois o contador e a plateia nunca são os mesmos”.

Seguem algumas fotos/imagens das apresentações dos grupos de alunos. Cada grupo de alunos colou no cenário uma folha com o título da fábula para que os colegas visualisassem.



Figura 04: Cenário da primeira apresentação de um grupo de alunos.

Fonte: Acervo da autora.



Figura 05: Segunda apresentação “A candidatura da Floresta”. Segue texto no Anexo 01.

Fonte: Acervo da autora.



Figura 06: Apresentação da Fábula “O Debate”.

Fonte: Acervo da autora.

Durante as apresentações, foram filmadas algumas cenas e postadas no *Youtube*, nos seguintes endereços: <https://youtu.be/6jZEn86jLbg> “O político e o marqueteiro safado”, apresentação que destaca um marqueteiro querendo se beneficiar da ingenuidade dos eleitores, almejando a eleição de seu candidato político que apresenta propostas mirabolantes e impossíveis de serem realizadas, sem realmente ter uma proposta concreta e possível de se realizar.

Já em “O debate” postado em <https://youtu.be/koNsTGe2Fcc>, os candidatos dão ênfase a questão da saúde, prometendo melhorias nesse setor como: construção de mais hospitais, aumento do efetivo de médicos e recursos para aquisição de medicamentos e equipamentos. Essa fábula retrata a realidade da maioria das cidades do país em que o setor da saúde está um verdadeiro caos, inclusive o atendimento

em nosso município. Portanto, o que as alunas apresentaram no texto condiz com a realidade que está em nosso contexto próximo.

Ambos os vídeos foram publicados também em meu *blog* “As TICs e o lúdico em sala de aula” – *blog* que traz atividades práticas desenvolvidas em sala, cujo endereço consta abaixo: [marindiabecker.blogspot.com](https://www.marindiabecker.blogspot.com). <https://www.blogger.com/blogger.g?blogID=3919498261566142331#editor/target=post;postID=36738686629308139>.

Nota-se na produção dos alunos que todos os grupos compreenderam a temática “política” e que as pré-leituras, leituras, os textos estudados, os vídeos, as charges contribuíram para essa escrita final, pois os alunos envolvidos nessas atividades perceberam a importância de participar ativamente de discussões, debates que envolvem assuntos relacionados aos destinos políticos de um país.

Esses vídeos e textos serão utilizados posteriormente com outras turmas, buscando-se colocar em circulação essa produção e também valorizar a autoria.

3 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Buscamos realizar o trabalho conforme os objetivos da sequência didática e acreditamos que surtiu efeitos satisfatórios, pois os alunos perceberam que a temática “Política” e as temáticas das fábulas são permeadas por vozes, por dizeres de alguém em algum lugar, histórias que se juntam, completam-se formando trajetórias parecidas, além de oportunizar a percepção da importância de participar ativamente com discussões, opiniões e reflexões de maneira crítica sobre temáticas sempre atuais e que afetam o dia a dia da maioria da população.

Defendemos que a circulação e a produção de gêneros textuais produzidos na escola são um bom meio de se trabalhar a questão da autoria do educando, uma vez que a promoção de situações comunicativas reais, em que os alunos possam produzir textos, é essencial para que valorizem e atribuam sentido à própria produção, isto é, sintam-se autores. Acreditamos que um trabalho contínuo, em que se valorize a autoria e a circulação dos textos produzidos, favorece o destino a que queremos chegar: “o aluno se ver como protagonista do seu dizer, do seu fazer”.

Com as produções textuais do gênero fábula e a confecção dos fantoches, o aluno passou a se ver como protagonista do seu dizer, do seu fazer, ou seja, passou da posição sujeito-aluno para a posição de sujeito-autor.

Enfatizamos também que, após os resultados dessa proposta, pretendemos dar continuidade a esse trabalho de valorização da produção oral e escrita dos alunos, trabalhando com outros gêneros como histórias em quadrinhos, crônicas e minicontos, pois a experiência foi bastante satisfatória e percebemos o quanto colocar textos orais e escritos em circulação cativa os educandos a buscarem se colocar, ver-se como autores. Suas vozes e dizeres podem ser construídos efetivamente, através da aceitação de se

enxergarem como protagonistas das produções.

REFERÊNCIAS

ALLESSANDRINI, C. D. **Oficina criativa e psicopedagogia**. 3. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.

DEZOTTI, M. C. C. (Org.). **A tradição da fábula: de Esopo a La Fontaine**. Brasília: Editora Universidade de Brasília; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2003.

DOLLZ, J.; SCHEUWLY, B. **Gêneros orais e escritos na escola/ tradução e organização Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

MATOS, G. A. **A palavra do contador de histórias**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

RUIZ, E. **Como se corrige redação na escola**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2001.

SANTOS, D. P. **Psicopedagogia dos Fantoques - Jogo de imaginar, construir e narrar**. São Paulo: Vetor, 2006.

SANTOS, L. W. et al. **Análise e produção de textos**. São Paulo: Contexto, 2013. – (Coleção linguagem & ensino/coordenação de Vanda Maria Elias).

SOLÉ, I. **Estratégias de leitura**. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

ANEXO:

FÁBULA: A CANDIDATURA NA FLORESTA

Certa vez em uma floresta todos os bichos estavam ansiosos em saber quem seria o vencedor para ser o Rei da Floresta. Nessa disputa estavam os candidatos concorrentes:

O Dragão, que era um forte concorrente por ser mau, impiedoso e queria a todo custo o poder da floresta.

Juliana, uma doce leoparda – que queria o bem de todos os bichos da floresta – era educada e calma.

Havia um tigre chamado Bruno, ele gostava de ir às casas dos candidatos – o Rei ou a Rainha da Floresta.

Um dia Bruno foi à casa do Dragão para conhecê-lo um pouco melhor.

Bruno perguntou:

- Senhor Dragão se o senhor ganhar o que vai fazer para mudar a floresta?

O Dragão respondeu:

- Vou queimar todas as árvores e construir casas para os animais.

Bruno respondeu:

- Será que os animais vão concordar com sua ideia?

O Dragão respondeu:

- Espero que sim!

Após essa conversa, Bruno leva a notícia para todos os animais da floresta. A candidata Juliana revoltada lança sua proposta.

- Não podemos deixar que esse Dragão destrua nossa casa que é a floresta. Se eu ganhar vou melhorar a vida dos animais preservando a floresta.

No dia da votação, os animais se reúnem para votar. O Dragão estava todo confiante que iria ganhar com seu projeto mirabolante. Todos os animais votaram e algumas horas depois Bruno anunciava o vencedor.

- Senhores e senhoras animais – vamos ao resultado da votação. Com cem por cento dos votos, o candidato vencedor ééééé: Juliaaaana!!!

Juliana respondeu:

- Ninguém quer a floresta destruída, queremos preservar nosso ambiente.

MORAL: “quem muito quer pouco ganha”.

Autores: Carlos Henrique Ferreira dos Santos, Eduarda da Silva Dias e Nathalie de Paiva Pereira

FÁBULAS POLÍTICAS: CONSCIÊNCIA CRÍTICA JUVENIL

Sidnei Alves da Rocha

1 INTRODUÇÃO

A proposta de Sequência Didática (SD) feita pelo grupo foi o trabalho com alunos da Educação Básica explorando a questão política, tão presente na vida das pessoas nesses dias de propagandas eleitorais no rádio e na TV, além da forte e constante presença de cabos eleitorais circulando pela cidade em muitos momentos do dia. Além disso, nas rodas de discussão, não raro surge o assunto do momento: “política”.

Mesmo que o tema canse alguns estudantes, como ficou demonstrado na realização do trabalho, não há como fugir dele, já que a política permeia nossas vidas e não há meio de escapar dela e, por mais que o sujeito se diga “enojado”, ele precisa participar; porém, infelizmente, um número elevado de brasileiros se isenta dessa responsabilidade deixando de votar e escolher aquele que lhe parece melhor preparado. Uma observação rápida nos resultados das eleições de 2014 para presidente no segundo turno deparamo-nos com números assustadores, quais sejam:

- Eleitores aptos a votar segundo o TSE: 142.821.358
- Votos em branco: 1.921.819 (1,34%);
- Votos nulos: 5.219.787 (3,65%);
- Votos válidos: 105.542.273 (73,91%);
- Total (brancos + nulos + votos nominais): 112.683.879
- Abstenções: 30.137.479 (21,10%) – cerca de 5.000.000 a mais que o total de votos recebidos pelos outros nove candidatos no Primeiro Turno.
- Total de votos “inutilizados” (brancos + nulos + abstenções) = 37.279.085.

Esses números servem para mostrar como o povo ainda anda despolitizado, pois, contrariamente ao que se viu nas ruas e nos manifestos em busca de desejo de mudança, isso não ocorreu de fato na maioria dos Estados e até mesmo na União, já que antigos políticos alvos de protestos retornaram triunfantes aos cargos que ocupavam, ou ganharam, nas urnas, cargos melhores. Mesmo aqueles que não querem mudança (já que a maioria não foi às ruas e desses, muitos estão satisfeitos e outros não se envolvem), precisam participar mais da vida política e da “festa da democracia” com seu voto, que é uma forma importantíssima de participação política e social.

Mas há justificativa para essa falta de vontade em participar da vida política e de se envolver mais com ela, que é a descrença nos políticos (partidários, claro, pois seres políticos todos nós somos), cuja maioria não tem interesse algum pelos problemas do povo, mas tão somente em levar vantagem sobre a população, especialmente sobre os ingênuos e “puros de coração”.

Com a juventude não é diferente e pudemos observar a reflexão dos alunos, que

se mostraram bastante indignados a partir da SD envolvendo especialmente a produção de fábulas políticas realizadas pelos estudantes que, no caso desse trabalho, foram os do 3º ano do Ensino Médio noturno da Escola Estadual 12 de Abril.

O desenvolvimento da Sequência Didática nesse trabalho ocorreu a partir de uma proposta planejada em módulos e orientada em cada passo pelo professor, apresentando desafios cada vez mais complexos a partir da leitura e da escrita envolvendo o gênero textual fábula, além da utilização de mídias com suportes diversos como vídeos, slides, textos, teatros de fantoches, que envolveu também em seu processo de assimilação e desenvolvimento a oralidade, o que propiciou aos alunos o contato com diversos tipos e gêneros de textos que tratam do mesmo assunto, em suportes e tecnologias diversas.

O objetivo do trabalho foi produzir fábulas políticas que possibilitem ao aluno demonstrar seu entendimento em relação ao gênero em questão e sua compreensão da importância do envolvimento de todos com o pleito eleitoral, pois este influenciará a vida de todos os brasileiros nos próximos quatro anos para, em seguida, divulgar os resultados obtidos na aplicação da SD.

2 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

A escolha do gênero fábula se deu devido ao caráter que ele apresenta, não pelos preceitos morais que as fábulas trazem, mas pelo tom metafórico e pelas personificações que apresenta, fazendo críticas diretas à sociedade utilizando-se de animais ou coisas como acontece com o apólogo. A respeito da fábula e da literatura em geral, Coelho (2003) transcreve a apresentação da primeira coletânea de Fábulas de La Fontaine (1668) e comenta a respeito do gênero *fábula* e da função da literatura:

Sirvo-me de animais para instruir os homens.

[...]

Procuro tornar o vício, ridículo.

Por não poder atacá-lo com braço de Hércules.

[...]

Algumas vezes oponho, através de uma dupla imagem

O vício à virtude, a tolice ao bom senso.

[...]

Uma moral nua provoca o tédio:

O conto faz passar o preceito com ele.

Nessa espécie de fingimento é preciso instruir e agradar.

Pois, contar por contar, me parece coisa de pouca monta.

Nestes últimos versos, La Fontaine toca no ponto vital de toda literatura autêntica e não só da fábula: sua leitura deve dar prazer e, ao mesmo tempo, dar alguma lição de vida. Assim acontece com as fábulas, que vêm da origem dos tempos e continuam correndo o mundo: *A Cigarra e a Formiga* (o eterno confronto entre prazer e dever), *O Lobo e o cordeiro* (o poder do explorador forte contra o fraco), *A Raposa e as uvas* (o desdenhar daquilo que não se pode alcançar), dentre outras. (COELHO, 2003, p. 48)

As fábulas são um gênero milenar e são consideradas formas simples de narrativa. Segundo Coelho, elas

Surgiram anonimamente e passaram a circular entre os povos da Antiguidade, transformando-se com o tempo no que hoje conhecemos como tradição popular. De terra em terra, de região a região, foram sendo levadas por contadores de histórias, peregrinos, viajantes, povos emigrantes etc. que acabaram por ser absorvidas por diferentes povos e, atualmente, representam fator comum entre diferentes tradições folclóricas. (COELHO, 2000, p. 164-165)

Ainda sobre o gênero fábula, tão criticado por muitos, devido ao seu caráter moralizante, vale salientar que

As fábulas são narrativas curtas que simultaneamente divertem e instruem, nas quais os autores refletem sobre os costumes e comportamentos sociais, angústias, anseios e valores de sua época. Como ressalta Coelho (2000), a fábula é uma “espécie literária” resistente ao desgaste do tempo, que tem por objetivo denunciar a miséria, as injustiças e os desequilíbrios da época em que foi escrita. O texto fabular possui uma natureza simbólica que dispensa o prévio conhecimento de suas implicações, pois tal simbologia é atemporal. As fábulas trazem os elementos textuais constitutivos da narrativa, tais como enredo, narrador, personagens, tempo e espaço. Além disso, apesar de se apresentarem, geralmente, como textos relativamente curtos, as fábulas possuem um enredo organizado, de acordo com Cunha (2002), em introdução (apresentação); desenvolvimento (dividido em dois momentos: a complicação e o clímax); e desfecho. Possuem também um ensinamento, que nas versões tradicionais aparece explicitamente e recebe o nome de moral. (SOUZA, CORRÊA e VINHAL, 2011, p. 156).

Essas falas já são suficientes para justificar a escolha do gênero fábula para o desenvolvimento da SD, pois ele é atual, esclarecedor, apresenta virtudes e defeitos humanos com utilização de animais como personagens e que é perfeitamente pertinente para o momento político atual.

Assim, a seleção do material buscou a leitura de fábulas que tivessem a ver direta ou indiretamente com atitudes e ações típicas de políticos, tendo sido trabalhada, no decorrer de sua execução, sempre de forma colaborativa, pois, como Colomer, percebemos que

Compartilhar as obras com outras pessoas é importante porque torna possível beneficiar-se da competência dos outros para construir o sentido e obter o prazer de entender mais e melhor os livros. Também porque permite experimentar a literatura em sua dimensão socializadora, fazendo com que a pessoa se sinta parte de uma comunidade de leitores com referências e cumplicidades mútuas. (COLOMER, 2009, p. 143)

Colomer (2009, p. 149) comenta que “os livros a serem compartilhados devem ser aqueles que ofereçam alguma dificuldade ao leitor para que valha a pena investir neles o escasso tempo escolar”. Por outro lado, Leffa (1996, p. 15) argumenta que “a riqueza da leitura não está necessariamente nas grandes obras clássicas, mas na experiência do leitor ao processar o texto. O significado não está na mensagem do texto, mas na série de acontecimentos que o texto desencadeia na mente do leitor”. Desse modo compreendemos que, apesar de a fábula ser considerada um texto relativamente simples, sua contextualização em momentos de discussões políticas especialmente, em que vários interesses e falas nos bombardeiam, tornam-se extremamente complexos e demanda conhecimentos prévios de mundo que nem todos os alunos apresentam. Isso porque,

Em se tratando de escrita, não basta a alfabetização para que os alunos se tornem leitores, pois decodificar textos não significa lê-los: é necessário que haja, de fato, o letramento, ou seja, o processo de ler deve fazer com que os alunos assimilem o conhecimento à sua volta, como seres sociais que são, fazendo inferências e levantando hipóteses.

Leitura – como compreensão de textos, orais e escritos – é, portanto, uma atividade estratégica de levantamento de hipóteses, conforme objetivos específicos, para pertencimento a um grupo sócio-historicamente situado. Aprender a ler, muito mais do que decodificar o código linguístico, é trazer a experiência de mundo para o texto lido, fazendo com que as palavras tenham um significado que vai além do que está sendo falado/escrito, por passarem a fazer parte, também, da experiência do leitor. (SANTOS, RICHE e TEIXEIRA, 2013, p. 40-41)

Não é somente a leitura que envolve a sequência didática, ela visa também a escrita e reescrita de textos a partir do que se leu e do que se conhece. Nesse sentido salientamos que

[...] a intenção deve ser estimular a leitura crítica e participativa, que leve à elaboração de outros textos, orais e escritos, coesos e coerentes para cumprirem a interação com os interlocutores. São atividades que Marcuschi (2008) chama de compreensão de fato, pois exigem que o leitor associe informações, levante hipóteses, faça inferências. (SANTOS, RICHE e TEIXEIRA, 2013, p. 41)

Sendo assim, parte-se, nessa SD, dos pressupostos teóricos do *Modelo Interacionista de Leitura*, conhecido também por *Perspectiva Interativa* ou *Modelo Interativo de Leitura*, no qual “o processo de leitura envolve vários aspectos, incluindo não apenas características do texto e do momento histórico em que ele é produzido, mas também características do leitor e do momento histórico em que o texto é lido” (LEFFA, 1996, p. 1). Esse modelo de leitura, portanto, tem por referência a triangulação explicitada pelo processo de interação existente entre o leitor, a obra e o contexto no

qual estão inseridos.

Corroborando com essa ideia, é importante sabermos que, “ao ler, acionamos conhecimentos prévios que colaboram para a construção de sentidos do texto, conhecimentos linguísticos, textuais, enciclopédicos, intertextuais, contextuais [...]”. E é justamente por esse motivo que Koch e Elias (2006, p. 21) concluem que “a leitura e a produção de sentidos são atividades orientadas por nossa bagagem sociocognitiva: conhecimentos da língua e das coisas do mundo.” (SANTOS, RICHE e TEIXEIRA, 2013, p. 42).

Desse modo, a leitura não é algo que acontece somente naquele momento específico, descontextualizado, isolado, estanque. Isso vale dizer que

Podemos, então, pensar em atividades de leitura que abarquem vários momentos do contato com o texto, como a pré-leitura – quando se ativam os conhecimentos prévios e se levantam hipóteses –, leitura propriamente dita – quando se trabalham aspectos textuais e linguísticos, produzindo inferências – e pós-leitura – quando se relaciona o texto com outros textos e aspectos contextuais. (SANTOS, RICHE e TEIXEIRA, 2013, p. 48)

O fato de a SD “Politicofabulando” ter sido realizada com uma turma de 3º ano do Ensino Médio favoreceu o trabalho interdisciplinar, já que em seu desenvolvimento puderam contribuir as disciplinas de História, Sociologia, Filosofia e Artes, sendo que, pelo tempo e para otimizá-lo, cada uma dessas disciplinas trabalhou um ou dois módulos previstos na SD.

As primeiras atividades foram realizadas com o intuito de situar a turma no tema e no gênero textual a ser trabalhado na produção final, tendo como referência para a primeira reflexão, discussões e análises do conceito de fábula, que pode ser em prosa ou poética, breve e, via de regra, de caráter moralizante. Na sequência do desenvolvimento da SD, os alunos leram algumas fábulas para se situarem melhor no gênero, tendo sido escolhidas para a discussão em grupo e exposição oral para a classe os seguintes textos: Fábula política, de Telêmaco Marrace de Oliveira; Reunião na ONU, de autoria desconhecida; A fábula dos dois leões, de Stanislaw Ponte Preta; O Rei dos macacos e os dois homens, Fábula de Esopo e Um apólogo, escrito por Machado de Assis.

Esse foi um momento importante, já que eles perceberam toda a estrutura da fábula como um gênero curto, que apresenta um preceito moral de forma implícita (Moral da história) ou explícita, retirada do contexto da narrativa. Perceberam também que as fábulas lidas e analisadas de alguma forma apresentavam animais dotados de fraquezas e virtudes e outras características humanas (animais irracionais que agem, sentem e pensam como seres humanos).

O gênero fábula difere do apólogo e da parábola, gêneros textuais também

discutidos com os alunos, sendo que o apólogo foi mais bem trabalhado através do texto “Um apólogo”, de Machado de Assis, cuja narrativa foi transformada em animação pela TV Escola no ano de 2013, podendo ser acessado em <<http://tvescola.mec.gov.br/tve/video?idItem=4731>>. A narrativa mostra o duelo entre a agulha e a linha com o intuito de descobrir qual das duas é mais importante.

Com essas atividades de leitura, reflexão e discussão, os alunos compreenderam que a fábula, conforme foi dito antes, tem como personagens animais com atitudes humanas; o apólogo tem como personagens objetos inanimados; já a parábola apresenta como personagens seres humanos, razão pela qual muitos confundem os três gêneros textuais, pois todos apresentam conteúdo moral (implícito ou explícito) e são muito parecidos em sua estrutura dramática.

Ao buscar o trabalho com o imaginário dos alunos, vale salientar que

[...] a literatura não tende a ser vista como fuga da realidade para o seu leitor, pois é pelo distante, pelo abstrato, pelo que se afasta do real que o sujeito “trabalha essas sugestões exteriores, associa-se às recordações do passado, articula-se aos insumos resultantes das informações armazenadas” (ZILBERMAN, 2008, p. 37). Assim, segundo a pesquisadora, é a partir dos elementos da fantasia que o leitor “socializa formas que permitem a compreensão dos problemas, configura-se também como ponto de partida para o conhecimento do real e a adoção de uma atitude libertadora”. (SOUZA, CORRÊA e VINHAL, 2011, p. 149-150)

E essa percepção da realidade é bastante salutar tendo em vista o momento histórico e político em que o país vive, com tantas acusações aos representantes do povo de desvios de recursos, superfaturamentos em obras da Copa, das Olimpíadas ou mesmo do PAC (Programa de Aceleração do Crescimento), esquemas na Petrobrás, entre tantos outros acontecimentos que deixam os eleitores de “cabelo em pé”, sem contar o tal “legado da Copa do Mundo” que até hoje ninguém encontrou ainda.

Logo após essas leituras e discussões, os alunos assistiram ao vídeo “Propaganda eleitoral gratuita – a verdadeira”, com o humorista Marcelo Adnet, uma sátira às propagandas eleitorais gratuitas e à postura dos pretendentes aos cargos públicos, com o objetivo de discutir as estratégias de marqueteiros e a forma como as filmagens são produzidas, comparando-o com propagandas eleitorais e *jingles* do conhecimento dos alunos e que foram amplamente divulgadas e disseminadas no rádio, na TV e nas redes sociais no período em que predominou a propaganda eleitoral obrigatória.

Ainda dentro do contexto sociopolítico, foram apresentadas diversas charges ligadas a fatos recentes da vida social e da política brasileira, com temáticas voltadas à Copa do Mundo, à construção dos estádios, à logística para o evento, à execução dos projetos de mobilidade urbana e à campanha política, principal foco do trabalho com os alunos.

Essas outras temáticas trabalhadas no desenvolvimento da SD teve uma importante função, que foi mostrar aos alunos que a política, o braço da política, as ações políticas, enfim, estão presentes no mínimo e no macro que nos rodeiam e afetam nosso cotidiano direta ou indiretamente no transcorrer de nossas vidas.

Com o objetivo de apresentar um leque maior de conteúdos para que os estudantes compreendessem bem os trâmites da política, em especial do formato do programa eleitoral de cada candidato, foi-lhes apresentado o texto “Estreia na TV tem homenagem a Campos, Aécio sombrio e Dilma em versão autoajuda”, escrito por Matheus Pichonelli, em que, no trecho inicial sobre cada candidato, ele diz: Sobre Aécio Neves, para quem tudo está errado no Brasil: “O Brasil de Aécio Neves tem o fundo escuro e a população envelhecida, cansada e entregue ao desânimo. A mensagem do candidato tucano à presidência é ouvida pelo rádio por cidadãos sisudos e preocupados”; sobre Dilma Rousseff: “No Brasil de Dilma Rousseff, a crise foi controlada, os salários e os empregos foram preservados, os investimentos seguem a mil, os jovens têm a porta aberta para o mercado graças a programas como o Pronatec”. Somente para citar os dois candidatos que passaram para o segundo turno das eleições presidenciais.

Esse texto foi acompanhado dos vídeos de estreia da campanha eleitoral gratuita de 2014 correspondentes a cada candidato mencionado (Aécio Neves, Dilma Rousseff, Eduardo Campos, Pastor Everaldo), objetivando mostrar aos alunos que, conforme a situação em que se apresenta o candidato (no poder ou fora dele), sua visão de país muda radicalmente.

Essa atividade aflorou os nervos dos estudantes, especialmente daqueles que já tinham escolhido seu candidato, mas tudo terminou bem e sem brigas. Defendemos nossos pontos de vista simplesmente porque temos visões de realidade diferentes, assim,

A aceção de que ler é atribuir significado, põe a origem do significado não no texto, mas no leitor. O mesmo texto pode provocar em cada leitor e mesmo em cada leitura uma visão diferente da realidade. A visão da realidade provocada pela presença do texto depende da bagagem de experiências prévias que o leitor traz para a leitura. O texto não contém a realidade, reflete apenas segmentos da realidade, entremeados de inúmeras lacunas, que o leitor vai preenchendo com o conhecimento prévio que possui do mundo. (LEFFA, 1996, p. 14)

As discussões acirradas surgem justamente pelas lacunas que cada leitor preenche não só com sua bagagem e seu conhecimento de mundo, mas, no caso da SD em questão, também pela escolha que cada um já tomou e pela visão que este tem do candidato adversário ao seu e, conseqüentemente para aqueles mais fanáticos, seu adversário também.

2.1 Enfim, a produção das fábulas



QRcode

Você encontrará este símbolo ao final de algumas fábulas nos anexos. Ele serve para levar o leitor imediatamente a uma página da *Internet*. Para que o aplicativo funcione, aponte a câmera de seu aparelho de celular ou tablet para o QRcode e você será direcionado para o *link* que está sendo tematizado. Para isso, você terá de baixar para o seu celular o aplicativo leitor de QRcode, facilmente selecionável na *Internet* (ou por meio do *play store*).

Todas as discussões e leituras dos textos da SD de certo modo buscam algum ensinamento e a assimilação de algo que não se sabe ou não se conhece ainda, em um processo sequencial e lento de aquisição da aprendizagem, sendo que,

Na explicação construtivista, adota-se e reinterpreta-se o conceito de *aprendizagem significativa* criado por Ausubel (1963). Aprender algo equivale a formar uma representação, um modelo próprio, daquilo que se apresenta como objeto de aprendizagem; também implica poder atribuir significado ao conteúdo em questão, em um processo que leva a uma construção pessoal de algo que existe objetivamente. Esse processo remete à possibilidade de relacionar de uma forma não arbitrária e substantiva o que já se sabe e o que se pretende aprender. (SOLÉ, 1998, p. 44-45)

Com tanta discussão e debate em sala de aula, a aprendizagem dos alunos foi realmente significativa e as fábulas não poderiam ter sido melhores, pois cada grupo composto por ao menos quatro estudante conseguiu mostrar, utilizando-se de animais personagens, as principais características do *homo politicus*. Iniciarei a análise pela fábula intitulada “Colônia de Formigas”, produzida por um grupo composto por 6 alunos e trata da exploração em um formigueiro que tinha uma fábrica de paçocas (formigas adoram paçocas segundo explicações orais do próprio grupo), mas elas dormiam apenas duas horas por dia e eram exploradas ao extremo por uma rainha que era gananciosa e egoísta e que exportava suas produções para outras colônias com taxas absurdas.

Há, nesse caso, porém, um final feliz, pois por meio de protestos e do uso da democracia (do poder que emana do povo), elas conseguiram eleger uma formiga operária para ser a nova rainha do formigueiro. Algo que talvez não tenha sido assimilado por eles ainda, ou simplesmente passou-lhes despercebido é o fato de reis e rainhas serem personagens específicos da monarquia e não de regimes democráticos (de pai para filho, sem votação), mas a intenção é a que vale, por isso, devido ao fato de a história ter sido escrita de maneira crítica, consciente e fortemente ligada a fatos históricos recentes da história do Brasil, procurei não podar a criatividade do grupo com algo que não desmerece ou muda a narrativa produzida. A moral, nessa história está implícita e é bem clara, pois a mensagem do grupo está centrada na luta de classes e eles deixam claro que um povo que luta e busca seus direitos acaba conquistando-os

devido ao poder que o povo tem.

Apesar de uma pequena confusão entre os conceitos de monarquia e democracia, percebe-se que o grupo assimilou bem os conteúdos trabalhados pela área de humanas no desenvolvimento da SD, bem como as discussões das charges, fábulas, vídeos... escolhidos para o trabalho, pois todo esse conteúdo e todos esses conceitos ficaram claramente expostos na produção escrita apresentada pelos alunos. Essa fábula foi reduzida e um pouco modificada para o teatro de fantoches, devido à ausência de personagens formigas para a sua representação, no entanto, a fábrica de paçocas e a essência da história foram mantidas.

A segunda fábula apresentada nessa análise é intitulada “Política da Mata”, que apresenta dois partidos na disputa eleitoral, sendo o Partido da Mata – PM e o Partido do Riacho – PR, em cujas composições existem muitos bichos políticos desonestos e alguns raros bichos políticos honestos.

Esse lugar, no entanto, é apresentado pelo grupo composto por quatro alunos como “um lugar cheio de luz, alegria e esperança de um mundo melhor, onde a maioria era honesta, trabalhadora e lutava pelos seus direitos”. Claro que, quando o grupo menciona a maioria que era honesta, fala tão somente da população, sendo excluído desse cômputo a maioria dos políticos.

Provavelmente relacionando a fábula ao contexto político atual, que mostra inúmeros cidadãos descontentes e descrentes com a atuação dos mandatários da nação, o grupo expõe que essas pessoas honestas citadas por eles no texto possuem um pequeno defeito que é o fato de que “muitos não gostavam da época da política, pois deixavam se levar por esses vilões da política, mas mesmo assim eram bons e honestos”. Na sequência eles apresentam os vilões da política da mata, como o Porco, o Saci, e o Veado, de um lado e a Raposa e a Preguiça do outro “e aqueles que sempre estão atentos e de olhos bem abertos em busca do poder e da liderança”.

Há também nessa fábula uma esperança: a presença de dois políticos honestos, sendo a Tartaruga, “calma, inteligente e oculta” do Partido da Mata e o Cachorro, “amigo, companheiro e confiável” do Partido do Riacho.

O texto ia muito bem até o momento em que, em um debate, a Tartaruga e o Cachorro chegaram à conclusão de “que todos os bichos precisavam de políticos honestos que realmente se preocupavam com eles e não faziam que nem os outros que só visavam poder e liderança esquecendo dos outros bichos e de suas necessidades”. É nesse momento que a narrativa é encerrada sem um desfecho com ou sem moral da história. Assim, foi solicitado ao grupo que concluísse a história e que a mesma fosse apresentada completa em uma aula subsequente, fato que não ocorreu e o grupo alterou a história para a apresentação do fantoche, uma vez que o texto original continha poucas falas, predominando a fala do narrador, sendo citados, nessa versão, os políticos

que tentam comprar o voto dos eleitores, porém, com um humilde eleitor e sua família, tal político não logrou êxito.

A fábula produzida pelo terceiro grupo (A política na floresta), composto por cinco alunos, é o retrato quase fiel de um debate político ocorrido no Brasil, sem apresentação de propostas concretas, sem preocupações com quaisquer conceitos de diferentes áreas, mas repleto de acusações, ressalvas, desculpas e, principalmente, de fuga das respostas/perguntas.

O grupo estabeleceu os critérios para o debate, com determinação de tempo “cronometrado” para cada candidato, porém as falas não refletiram isso, havendo candidato que falou muito mais que o outro, mas isso não foi motivo para interferências, pois o conteúdo refletiu bem a falta de objetividade e de propostas dos candidatos das eleições pelo país afora.

Os alunos falaram de crescimento (ou falta de crescimento, no caso daquela selva), do plano econômico (de folhas verdes), de inflação, da lição deixada por eles na fala de um candidato que disse que “a história a gente não reescreve, presidente, o futuro sim. Esse nós podemos escrever de forma diferente do que está sendo escrito pelo seu governo” e a mensagem final de que, se o governo não corresponder às expectativas da população, basta trocá-lo nas próximas eleições da selva.

O quarto grupo, composto por cinco alunos, criou o Reino dos Suricatos e mesmo sendo um reino, aparentemente nele se elegia presidentes. Um reino projetado no futuro, mais propriamente no ano 2120, em que seus moradores, “já cansados dos roubos e dos excessos de poder, o reino dos Suricatos estava de saco cheio e com diversas reivindicações para uma nova reforma no poderio e a diminuição do abuso autoritário”. Para essa mudança, surgiu um candidato do meio do povo que enfrentou o governante atual que dominava a colônia havia anos, ganhando assim a eleição. Como o tirano não admitia ficar sem poder, tramou “usar suas fortes alianças com as colônias distantes, aplicando grande golpe colonial”.

O fim do tirano foi trágico. O vencedor da eleição e grupos da comunidade invadiram a casa colonial, capturam e mataram o tirano. “A partir desse dia a paz e a democracia estavam estabelecidas para todos na comunidade dos Suricatos”.

Já o quinto grupo, composto por quatro alunos foi um dos mais complicados. Eles produziram a fábula e antes de digitá-la, perderam-na. Por fim entregaram somente um pequeno texto, por sinal bastante interessante, com o qual eles apresentariam os fantoches, fato que não aconteceu, pois tentaram improvisar e não conseguiram encenar nada, era no fim da aula, então, desistiram do teatro. Trouxeram à tona, nessa pequena fábula, o popular “rouba, mas faz” tão disseminado tempos atrás e que nos dias de hoje alguns ainda usam-na com abundância para justificar votos dados a ladrões, corruptos e quadrilheiros que deveriam estar atrás das grades e não representando o povo.

O sexto grupo fez somente o teatro de fantoche, sem produzir uma fábula mais bem elaborada. Seus componentes (quatro alunos) falaram do recorrente quando o assunto é eleições no Brasil, ou seja, corrupção, troca de acusações, indignação, sendo mencionada até a questão da água, mostrando que os componentes do grupo estão bem informados com o que anda acontecendo nos noticiários e, na época da campanha, as inúmeras trocas de acusações entre grupos rivais por causa da falta de água em São Paulo. Focaram a narrativa mais nas questões ambientais e na “força” e “inteligência” do homem frente aos animais que, em muitos casos, estão entrando em extinção.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pelo que se percebe por essas análises, ainda que superficiais, dos textos produzidos pelos alunos nos diversos grupos, o conteúdo das fábulas superou as expectativas e demonstrou que eles são engajados, têm visão crítica do mundo que os rodeia e sabem do que acontece ou deixa de acontecer na política, ao contrário do que imaginamos ou definimos em relação a essa juventude que, segundo o que pensamos, é alheia e desconexa do mundo em que vivem, ligada apenas a algumas futilidades das redes sociais e do mundo virtual em cujos contextos, ela está mergulhada e da qual participa ativa e avidamente.

Algumas fábulas demonstram que as redes sociais tão usadas e difundidas por eles, serviram de informações e conhecimentos preciosos para a produção de fábulas tão verdadeiras e reais e tão próximas aos absurdos que acompanhamos eleição após eleição no Brasil, sem exceção, vindo desde as eleições municipais, até as eleições estaduais (governadores e deputados estaduais) e nacional (presidente, senadores e deputados federais).

É lamentável que, em um país com tantas acusações, com tantos esquemas de lavagem de dinheiro, de superfaturamentos, de mensalões, de compras de votos, de desvios em estatais, o eleitor, contrariando os prognósticos, elegeram quase totalmente os antigos “donos” do poder, quiçá da nação, fazendo permanecer uma velada ditadura ou um suposto regime monárquico e, assim sendo, os alunos não estão errados ao mencionar que existem, nas fábulas produzidas, eleições diretas para reis e rainhas.

Outro tema analisado pelos alunos, mas sem menção nas fábulas, foram as obras da Copa do Mundo que, como mencionado antes, foram superfaturadas, mal feitas e com raríssimas construções, sem legado algum deixado por ela, como fora tanto difundido nos momentos de falatório em sua defesa. Talvez o maior legado deixado pela Copa do Mundo de 2014, citando Alexandre Garcia, “tenha sido mesmo os 7 a 1 da Alemanha em cima do Brasil”.

Enfim, trabalhos como esses servem para fazer com que os estudantes demonstrem todo o seu potencial e o quão eles são ligados (embora pareçam sempre provar o contrário) aos problemas enfrentados no e pelo país e o quanto estão indignados e desejando mudanças no “poderio” político, esperando sempre melhoras e um “salvador da pátria” que tire o país desse mar de lamas que políticos desonestos, corruptos e sem interesse pelo povo espalharam por seu território.

4 POST-SCRIPTUM

Convém mencionar aqui uma tentativa de realização da mesma SD “Políticofabulando” em uma turma da 3ª fase do 3º ciclo (9º ano) dessa mesma escola desenvolvida por um colega professor de Língua Portuguesa da referida turma, devidamente frustrada por uma professora substituta que não leu nem compreendeu a proposta e convenceu a turma de que a época da política já havia passado e encaminhou a produção de outras histórias. Desse estrago feito na SD em uma única semana, restaram somente dois grupos que permaneceram com a produção de fábulas políticas, ou melhor, um grupo fez uma fábula política bastante crítica ao período eleitoral, com acusações, brigas e palavrões e inúmeras promessas absurdas, como prometer um médico cubano para cada família, ou que ninguém mais ficará doente ou que Jesus irá voltar, concluindo-a com a moral “votar em ladrão é como agradecer depois do assalto!”, enquanto o outro grupo encenou o “Melô do Congresso”.

REFERÊNCIAS

- COELHO, N. N. **Literatura Infantil: teoria, análise, didáticas**. São Paulo: Moderna, 2000.
- _____. **O conto de fadas**. São Paulo: DCL Difusão Cultural, 2003.
- COLOMER, T. **Andar entre livros**. São Paulo: Global Editora, 2009.
- DOLZ, J; NOVERRAZ, M.; SCNEUWLY, B. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. *et al.* **Gêneros orais e escritos na escola**. Trad. e org. de Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004. p. 95-128.
- LEFFA, V. J. **Aspectos da leitura: uma perspectiva psicolinguística**. Porto Alegre: Sagra-Luzzatto, 1996.
- _____. **Fatores da compreensão na leitura**. Cadernos do IL, Porto Alegre, v.15, n.15, p.143-159, 1996. Disponível em: <http://www.leffa.pro.br/textos/trabalhos/fatores.pdf>. Acesso em 9 de dezembro de 2014.
- PICHONELLI, M. **Estreia na TV tem homenagem a Campos, Aécio sombrio e Dilma em versão autoajuda**. Disponível em: <https://br.noticias.yahoo.com/blogs/matheus-pichonelli/estreia-na-tv-tem-homenagem-a-campos--caos-de-a%C3%A9cio-e-dilma-em-vers%C3%A3o-autoajuda-202621094.html>. Acesso em 9 de dezembro de 2014.
- RUIZ, E. **Como se corrige redação na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2001.
- SANTOS, L. W; RICHE, R. C; TEIXEIRA, C. S. **Análise e produção de textos**. São Paulo: Contexto, 2013.
- SOLÉ, I. **Estratégias de leitura**. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- SOUZA, S. F.; CORRÊA, H. T.; VINHAL, T. P. A leitura e a escrita na escola: Uma experiência com o gênero fábulas. In: SOUZA, R. J.; FEBA, B. L. T. (Org.). **Leitura literária na escola: Reflexões e propostas na perspectiva do letramento**. Campinas: Mercado de Letras, 2011. p. 147-182.

ANEXOS

Colônia das Formigas



Em um formigueiro, uma colônia de operários tinha suas rotinas de todos os dias, que era acordar do sono de duas horas, tomar seu café, e já ir para a fábrica, onde todos eles trabalhavam duro, quase sem parar, menos a superior, a rainha.

Lá as formigas eram tratadas como escravos, não tinham direito a nada, e o salário era indigníssimo. Trabalhavam o dia todo, quase sem parar, não paravam nem para comer e no final do mês recebiam

seu miserável dinheirinho, para, ao fim, gastarem quase tudo somente ali mesmo, comprando o que elas mesmas fabricavam com seus próprios suores.

As formiguinhas trabalhadeiras varavam noite e dia trabalhando, produzindo paçocas e mais paçocas para que assim a rainha pudesse exportar para outras colônias, e é claro, como ela era muito egoísta e gananciosa, exportava com uma taxa absurda.

Alguns dias se passaram e uma formiga cansada de trabalhar sem ter seus direitos reconhecidos, resolveu convocar todos os operários para eleger uma nova rainha, pois já fazia anos que elas eram escravizadas, e já não estavam aguentando mais.

Então começaram a rebelião para decidir quem iria realmente comandar e mudar a colônia de alguma forma. Pensaram e pensaram, mas não havia ninguém para substituir a rainha, até que uma delas propôs a ideia de colocar uma das formigas que ali conviviam juntas, pois todas já sabiam o que sofriam e o que tinha de melhorar, então resolveram governar, e fazer protesto para pôr a mesma formiga que teve a iniciativa de querer mudar tudo aquilo.

Foram muitos dias de protesto de muitas formigas angustiadas para saber se a vida delas iria mudar ou não. Já tinham sido tantos anos de sofrimento, era praticamente a vida delas em decisão.

De todo aquele sofrimento, chegou o grande dia, foi assim que todas as formigas da fábrica e toda a colônia contribuíram com seu voto, para, ao fim, chegarem a uma nova rainha. Todas as formigas já sabiam do que vinha ocorrendo em todos aqueles anos, não somente ali na fábrica, mas em toda a colônia das formigas, afinal era a rainha que comandava tudo.

O resultado foi surpreendente, pois a nova rainha tinha sido eleita. E é claro, foi umas das formigas lá da fábrica. O resultado foi totalmente diferente, a rainha antiga conseguiu 15% dos votos de toda a colônia, pois havia algumas malditas formigas que eram do lado

daquela miserável rainha, e com 85% dos votos a nova rainha foi eleita.

Todas as formigas pulavam de alegria, abraçavam umas as outras, não tinham palavras para expressar tanta felicidade que em anos não conquistavam, o que conquistou somente naquele dia.

E assim, com uma nova rainha que estava disposta a mudar a vida de todas elas, a fábrica cresceu, todas as formigas trabalhavam mais tranquilas e felizes, praticamente tudo mudou para melhor.

Assim todos estavam não somente felizes por estarem bem de situação, mas também seguros e bem tratados no seu local de trabalho e por todas as coisas terem mudado completamente em suas vidas, pois já não havia mudança há anos.

Texto para o teatro de fantoches – A fábrica de paçocas

Em uma pequena vila existia uma fábrica de produzir paçocas, onde a Girafa era a comandante e comandava tudo por ali.

O Porco e seu amigo Pato e sua amiga Porca estavam cansados de trabalhar todos os dias sem parar. Então um dia o Tucano cansado já de tudo isso decidiu reunir seus colegas e convocar outro para comandar. Então o Tucano disse:

TUCANO: O que vocês acham de outro para comandar essa fábrica?

PORCA: Com toda certeza (oinc) já estou cansada de ser escrava.

PATO: Eu concordo plenamente. Preciso de alguém. Desse jeito não dá.

E assim fizeram uma reunião entre toda a maioria da população que concordava com a mudança, claro.

PATO: Eu tenho uma fabulosa pessoa para comandar. O senhor Porco.

PORCA: Eu, eu sou tímida. Não tenho lábia para conversar em público, muito menos ordens. Eu? (oinc) negativo. Que tal o Tucano? (oinc). Ele pode voar e supervisionar todos e com seu bico grande pode falar muito.

PATO: Isso mesmo. Vamos fazer uma votação entre a atual comandante e o senhor Tucano, pois ninguém quer acertar as diferenças.

Então assim fizeram as votações. O povo estava todo ansioso para ver o resultado. Várias brigas surgiram nas redes sociais e muita discordância também. Até que o resultado saiu e 80% dos votos foi para o senhor Tucano. Muito contente, ele disse:

TUCANO: Estou agradecido pelo resultado. Espero que todos gostem do meu governo.



Disponível em:

[https://www.youtube.com/](https://www.youtube.com/watch?v=CyPXXW3jE74k&list=UUw8p04EkTDsGxk5B0edvNwg&index=7)

[watch?v=CyPXXW3jE74k&list=UUw8p04EkTDsGxk5B0edvNwg&index=7](https://www.youtube.com/watch?v=CyPXXW3jE74k&list=UUw8p04EkTDsGxk5B0edvNwg&index=7)

Política na Mata

Era uma vez, num lugar cheio de luz, alegria e esperança de um mundo melhor, onde a maioria era honesto, trabalhador e lutava pelos seus direitos.

Mas havia um pequeno defeito entre eles, muito não gostavam da época das eleições, pois deixavam se levar por esses vilões da política, mas mesmo assim eram bons e honestos. Neste lugar havia muitos vilões como, por exemplo: o Porco, o Saci e o Veado, e aqueles que

sempre estão atentos e olhos bem abertos em busca do poder e da liderança.

O Porco era muito porco mesmo só mexia com porcaria, só coisas erradas e prejudiciais aos outros, o Saci nem se fala de tanto passar a perna nos outros acabou ficando sem uma delas, e tinha o Veado que apoiava os outros veados e isso incomodava o restante dos animais, pois eles eram do contra.

Esse partido político tem o nome de Partido da Mata (PM). O Partido da Mata só causava confusões entre eles e os outros animais que lá habitavam, pois uns eram contra algumas coisas e outros eram a favor de outras. Aí entra a tartaruga, calma, inteligente, e oculta. Ela explica para os outros animais que política é uma coisa muito particular, de cada um e cada um apoia o candidato que quer e completa dizendo que temos de saber viver com as diferenças.

Do outro lado está o Partido do Riacho (PR), outros corruptos. A Raposa astuta, esperta, gostava de passar na frente de todo mundo sempre querendo ser a melhor de todos; a Preguiça só sabia enrolar, falava uma coisa e enrolava e não cumpria nada, mas nesse partido havia um que se saía bem um honesto, o cachorro, ele era amigo, confiável e sempre andava do lado de seus eleitores cumprindo o que havia prometido, bem diferente dos outros que só falavam e nada faziam.

Houve um debate e nesse debate dos dois partido, o PM e o PR, a Tartaruga e o Cachorro chegaram à conclusão de que todos os bichos precisavam de políticos honestos que realmente se preocupassem com eles e não fizessem que nem muitos que só visavam poder e liderança esquecendo dos outros bichos e de suas necessidades.

Texto para o teatro de fantoches – Eleitor honesto

GIRAFÁ: Olá, sou o próximo candidato a governador. Estou precisando do seu voto. O que acha de ganhar uma casa mobiliada para votar em mim?

TUCANO: Não, não aceito sua proposta. Política é uma coisa muito particular. Cada um apoia o candidato que quer e saber viver com as diferenças.

ELEFANTE: Você não está entendendo, meu amigo. Ele necessita do seu voto. Por favor, nos ajude!

CACHORRO: Desculpe, meu caro, mas quem não está entendendo são vocês. Eu e minha família preferimos viver em uma casa digna de pobreza e não viver em uma mansão com seu dinheiro sujo e não viver o resto da vida com a consciência pesada.



Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=YvKDVbVl1Iw&index=3&list=UUw8p04EkTDsGxk5B0edvNwg>

A política na Floresta

Depois de quatro anos com o Leão (PBA) na presidência da Selva, começa a campanha eleitoral para decidir quem será o novo presidente da Floresta, havendo 2 candidatos que são eles: Anta (PBA) e Urubu (PBU). Após uma longa campanha acirrada, chega o dia do último grande debate.

(Jacaré do Rio Azul “comentarista”): Olá, boa noite. Está começando o último debate

entre os candidatos à Presidência da selva na eleição de 2014. Esse debate levará cerca de 20 minutos, Meio minuto para pergunta, um minuto e meio para resposta, 50 segundos para a réplica e 50 segundos para a tréplica, sendo dados os temas, e terão direito à pergunta.

Jacaré: Muito bem. Pelo nosso sorteio, quem deverá começar fazendo perguntas é o candidato Urubu (PBU). Peço aos dois que se aproximem e venham até a pedra. É o senhor que abre este debate fazendo a pergunta à candidata Anta (PBA). A pergunta, como eu disse, tem 20 segundos.

Urubu (PBU): Candidata, a Selva é uma floresta que se destaca hoje no mundo pelo fato de ter criado milhões de empregos. Nós não só criamos empregos, como também tivemos um aumento significativo da renda neste mês de setembro, 1,5% folhas verdes. A Sr.^a concorda com o que fala o seu candidato a Ministro da Represa, que diz que o salário-mínimo está alto demais?

Anta (PBA): Eu tenho orgulho enorme do meu candidato a Ministro da Represa. O senhor parece que não tem do seu, até porque já falou que vai demitir o atual Ministro da Represa. Mas a selva, candidato, é visto sim pela comunidade internacional como uma das selvas que menos cresce na nossa região. Temos uma taxa de investimentos hoje de 16% do PIB, a pior da década, porque o seu governo afugentou os investimentos e a inflação, infelizmente, está de volta. A situação da selva é extremamente grave, candidato e é preciso que o seu governo reconheça isso, porque os mercados, outras selvas, os animais já reconhecem. O governo do PBU e o governo do candidato fracassaram na condução da economia, pois nos deixará uma inflação saindo de controle, por mais que ele não reconheça essa falta de crescimento, fracassou sim na gestão da floresta.

Urubu (PBU): Eu acho que a senhora está mal informada, porque quem deixou a selva com uma inflação maior do que recebeu foi o governo PBA do Macaco Cardoso. Além disso, candidata, eu queria dizer que nós criamos empregos sim e a senhora não pode questionar esse fato.

Anta (PBA): Vamos aguardar o eleitor decidir se o senhor vai ter o próximo mandato, candidato.

Anta (PBA): Mas nós estamos aqui falando para milhões e milhões de animais. O senhor acaba de dizer que o governo do presidente Macaco Cardoso deixou a inflação maior do que recebeu. Em 94, candidato, a inflação era de 819% ao ano. O plano em folhas verde que o seu governo, que o seu partido votou contra permitiu que ela chegasse a 8,9% e depois com a eleição do presidente Cobra, a 14,5%. Eu pergunto aos animais: vocês confiarão mais no governo que traz a inflação desse patamar de 819% ao ano ou deixar esse período da Cobra na minha conta a 12% ou um que a entrega maior, como acontece no caso do presidente Urubu? A história a gente não reescreve, presidente, o futuro sim. Esse nós podemos escrever de forma diferente do que está sendo escrito pelo seu governo.

Jacaré (comentarista): Lembrando que as eleições vão acontecer daqui a dois dias, esperamos que todos os animais da selva inteira tenham tirado suas dúvidas sobre os candidatos e que votem corretamente no novo presidente da Selva. Boa Noite!

As eleições aconteceram dois dias depois, todos os animais se dirigiram ao morro da votação. O candidato Urubu (PBU) se elegeu com 75% dos votos e a partir daí as mudanças aconteceram, algumas para melhor, algumas ficaram na mesma e outras para pior, mas os

animais já sabem que se o novo presidente não for bom, basta trocar nas próximas eleições da Selva.



Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=eoSIwfMWHfM&list=UUw8p04EkTDsGxk5B0edvNwg&index=6>

Eleições Suricatanais

2120, ano das eleições suricatanais. Já cansados dos roubos e dos excessos de poder, o reino dos Suricatos estava de saco cheio e com diversas reivindicações para uma nova reforma no poderio e a diminuição do abuso autoritário.

As campanhas suricatanais já estavam, com os mesmos representantes suricatanos. Todos queriam mudanças, porém poucos tinham atitudes.

Cansado de desigualdade e da mesmice na política local, Suricato Filho Júnior resolve se candidatar ao domínio da colônia.

O atual dominante Suricato Silva pouco se preocupou com as atitudes e as propostas de Suricato Filho, pois já estava há muito tempo no poder e acreditava que nada nem ninguém nunca iriam tirá-lo do poder.

Porém, no decorrer da campanha, Suricato Silva percebeu que Suricato Filho estava se tornando uma potencial ameaça. Com isso Suricato Silva fez diversos pactos com diversas colônias de populações distantes.

Suricato Filho, ansioso e confiante, pois contava com o apoio de toda a sua comunidade, que também estava ansiosa por melhorias de vida e na expectativa de que todas as reivindicações exigidas por todos da comunidade seriam atendidas.

Chegando, enfim, o dia das eleições, não de outra: Suricato Filho deu uma pisa de pau em Suricato Silva.

Indignado com a grande derrota, Silva ainda tinha uma carta na manga: iria então usar suas fortes alianças com as colônias distantes, aplicando grande golpe colonial.

O poder de Suricato Silva era muito grande, porém suas ambições e egoísmo acabaram cegando-o, com isso não percebeu o grande golpe que Suricato Filho havia tramado contra ele. Junto com os demais grupos da comunidade, Suricato Filho invadiu a casa colonial e Suricato Silva foi capturado e morto. A partir desse dia a paz e a democracia estavam estabelecidas para todos na comunidade dos suricatos.



Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=QAg5vAFtX1Q&index=4&list=UUw8p04EkTDsGxk5B0edvNwg>

Rouba, mas faz

William Boneca: Boaaaaa noiiiiiiiiiteeeee! Eu sou William Boneca e estamos iniciando mais um jornal political. Hoje estaremos entrevistando o político candidato Jak Jacarogue.

Jak Jacarogue: Boa noite gente! Meu nome é Jak Jacarogue. Vim aqui hojee falar sobre meus projetos de campanha.

William Boneca: Então vamos começar com a pergunta que mais marca a atualidade: o que você pensa sobre a saúde?

Jak Jacarogue: Eu não tô nem aí para a saúde. Eu, se precisar, vou a um hospital particular.

William Boneca: Muito bom, e sobre a educação?

Jak Jacarogue: Educação? Hahahaha. A gente tem estádios, para que investir em educação ou hospitais? O povo estava reclamando com a falta de emprego. Eu dei emprego para construírem estádios, agora educação e hospitais também? Ah, vocês estão querendo demais, né!?

Malandro é malandro e mané é mané...

...

Mais tarde, na rua...

William Boneca: Quer saber? Eu não confio no Jak Jacarogue, mas voto nele. Ele rouba, mas faz; ele mente, mas convence; ele é culpado mas ninguém prova. O que você acha?

Burro: Acho que você é uma besta, mas não sabe.

O rei da floresta

ELEFANTE: Boa noite! Estamos aqui para ouvir as propostas dos dois candidatos ao cargo do rei da floresta. No dia de hoje vamos ouvir as propostas dos seus dois candidatos: o senhor Leão e o senhor Jacaré. Vou passar a palavra para o senhor Leão que estará falando sobre suas propostas para a próxima eleição.

LEÃO: Boa noite a todos! Sou o Leão. Caros eleitores, eu estou aqui para responder e compreender todas as suas perguntas. Se eu for eleito eu prometo cumprir com todas as minhas promessas. Prometo proteger todos os animais dos seres humanos e não deixarei com que eles desmatem nossas florestas.

ELEFANTE: Então, a Raposa curiosa da plateia pergunta:

RAPOSA: Mas como você vai prometer uma coisa dessas sendo que os humanos são bem mais fortes e espertos do que nós.

LEÃO: Calma, calma. Deixa que isso eu resolvo. Tenho tudo sobre controle.

JACARÉ: hahahahaha! Isso que você disse não é verdade porque os humanos são bem mais fortes e inteligentes do que nós, pois agora eu prometo melhorar a vida de todos os animais desta floresta, que nunca há de faltar comida e água para todos nós.

RAPOSA: Agora essa é boa. Achei a proposta do candidato anterior absurda, mas você se superou, hein? Falando que nunca irá faltar água sendo que na floresta tem rios e lagos e que nunca irá faltar comida sendo que a mesma sai do nosso próprio custo.

LEÃO: Achei muito bom seu raciocínio e suas perguntas, senhora Raposa, pois como eu disse primeiramente, é por isso que estou aqui, para responder e que compreendam melhor cada proposta minha.

ELEFANTE: O candidato Jacaré ficou sem jeito e indignado com a fala da Raposa sobre suas propostas e retruca dizendo:

JACARÉ: Minha querida eleitora Raposa, quero que saiba que a seca está próxima e a época de caça também, mas como disse e repito, comida e água não faltarão, disso pode ter certeza.

ELEFANTE: A Raposa, descontente com sua resposta, passa a palavra para o

apresentador. Desanimada, senta-se dando início à votação.

ELEFANTE: Oito horas depois: o candidato eleito para o cargo de rei da floresta é o nosso senhor Leão.

LEÃO: Venci mais uma vez e agradeço a todos os eleitores que confiaram e votaram em mim. Agradeço desde já e obrigado.

ELEFANTE: Dois anos depois, na metade do mandato do senhor Leão, suas propostas não foram bem-sucedidas e fracassaram, pois durante esse tempo vários animais foram mortos e vêm sendo extintos a cada dia e as florestas vêm sendo destruídas em vias de extinção.



Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=7-WeVEpWrwo&list=UUw8p04EkTDsGxk5B0edvNwg>

Melô do Congresso

Honestidade foi-se embora
E a vergonha no Congresso já não mora
Esperança no Brasil só piora
Porque sei que a falsidade lá vigora.

O deputado já começa aproveitando
Metete a mão, vai desviando
E não para de roubar.
E o dinheiro do hospital vai pra boiada
Pra amante e o novo carro
Que o Juninho vai comprar.

Moralidade foi-se embora
E a maldade no Congresso é lá que mora
E é por isso que o nosso só se explora
Porque sei que a pilantragem lá vigora.

O deputado fala errado, ri à toa,
Se fingindo de inocente
E começa a enrolar
E o coitado que votou nessa pessoa
Lembra o voto, que vergonha
Quatro anos pra aturar

Seriedade foi-se embora
O picareta virou dono e nos devora
E o povo inteiro já percebe a ilusão
De que a política em Brasília é enganação

Daqui a pouco é eleição e lá vêm eles
Com sorriso, abraço e beijo
Pro meu voto conquistar
E eu mando à merda, não sou burro nem palerma
Ninguém mais me passa a perna
Eu vou botar pra quebrar.

Renovação, vamos embora
Que a limpeza do Congresso não demora
Não sou trouxa, tô cansado
Vou à forra porque sei que a falsidade não vigora.

...

Ai, calem a boca! Vocês acham que os meus tímpanos merecem isso? Vocês nunca vão para o *The Voice*. Agora vão embora, senão eu vou chamar o IBAMA.



Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=xddasDaU1_U&list=UUw8p04EkTDsGxk5B0edvNwg

Eleição na floresta

A floresta estava movimentada. Todos queriam saber que pegaria o trono e mudaria a floresta. A Elefanta, que seria reeleita ou o Tucano. Eles estavam já em seus lugares e o debate começou.

GIRAFÁ (mediadora): Boa noite! Vou dar início à rodada começando pela Elefanta.

ELEFANTA: Primeiramente, boa noite candidato! Boa noite senhora Girafa! A minha pergunta é o que você acha de a nossa Floresta ajudar outras Florestas?

TUCANO: Eu acho que a nossa floresta já está um caos. Antes de ajudar as outras, vamos ajudar a nossa.

GIRAFÁ: Candidato Tucano.

TUCANO: O que eu quero saber é onde estão os bilhões de folhas arrecadadas de impostos só no último ano.

ELEFANTA: Senhor candidato, nossa floresta está ótima, a inflação está mínima...

E ela falou, falou de como a floresta estava ótima, até que o Tucano perdeu a paciência.

TUCANO: Como o governo nunca irá responder a essa pergunta, eu respondo: estão injetadas em maquiagens e desvios de um governo corrupto e cancerígeno.

ELEFANTA: Você não sabe de nada, mas bom, minha pergunta é o que você acha sobre o aborto, candidato?

TUCANO: Sou totalmente contra e você é a favor porque já nasceu, senhora candidata.

GIRAFÁ: Agora a rodada de quem promete mais, começando por você, Elefanta, sobre o tema saúde.

ELEFANTA: Eu prometo trazer mais especialidades, mais médicos franceses, mais médicos cubanos, mais médicos ingleses, mais médico tudo.

TUCANO: Eu prometo que cada pessoa terá um médico cubano em casa.

ELEFANTA: Eu prometo que cada pessoa terá um hospital em casa.

A POLÍTICA NA FLORESTA

*Sidnei Alves da Rocha
Alessandra de Oliveira
Maríndia Becker*

A sequência didática (SD) teve como objetivo principal a produção de fábulas políticas de forma colaborativa, em grupos compostos por, no mínimo, quatro alunos. A escolha do tema “política” para figurar nas produções deveu-se ao momento histórico vivido pelos brasileiros nos três meses que precederam as eleições no mês de outubro de 2014, sendo o tema atual, pertinente e ligado ao dia a dia do aluno, já que na mídia o assunto mais comentado e debatido era esse.

Embora a proposta da SD tenha sido elaborada em grupo, o seu desenvolvimento se deu de forma individualizada, cabendo a cada professor do grupo aplicá-la em sua respectiva unidade escolar, sendo de sua responsabilidade a escolha da turma. Portanto, ficou definida a turma de 7º ano do Ensino Fundamental da Escola Estadual “Antonio Ometto”, da professora Maríndia; a turma do 3º ano do Ensino Médio, da Escola Estadual Jardim das Flores, da professora Alessandra, ambas na cidade de Matupá-MT e outra turma do 3º ano do Ensino Médio da Escola Estadual 12 de Abril, da cidade de Terra Nova do Norte-MT, cidades estas 70 km distantes uma da outra.

No decorrer deste trabalho, o interesse, o compromisso e a participação dos alunos, foram os elementos que mais nos chamaram a atenção, principalmente durante os módulos que envolveram debates, discussões em grupo e produções das fábulas, produção dos fantoches ou mesmo escolha de fantoches representando diferentes animais (sendo surpreendente até a desenvoltura deles na encenação das histórias, com os fantoches selecionados, frente às câmaras), já que o senso comum atribui aos adolescentes certo desinteresse e, de certa forma, um alheamento das crianças, adolescentes e jovens às questões político-partidárias e aos rumos que essa questão possa trazer para o futuro de uma nação.

Vale salientar que o contexto histórico/político/cultural das duas cidades são bastante similares, levando-se em conta o processo migratório cuja colonização se deu por povos oriundos da região Sul do país, principalmente do Rio Grande do Sul, no final da década de 70.

Outro ponto evidenciado foi a grande similaridade nas produções, discussões e análises realizadas pelos alunos das duas turmas do Ensino Médio, com idade média de 17 anos, pois, além de demonstrarem já conhecer o gênero fábula, ambas participaram ativamente de cada módulo proposto, explanando sua compreensão, inferindo opiniões acerca dos temas, e refletindo sobre de quem são as vozes presentes nos textos, com uma leitura crítica e reflexiva das fábulas e do vídeo apresentados.

A observação dessa postura de responsabilidade destes jovens em relação ao futuro político do país deveu-se, possivelmente, ao fato de a SD ter sido desenvolvida durante o período de campanhas das eleições, em que os debates foram acalorados, levando-os a refletir acerca da importância do envolvimento de todos com a política, já que ela permeia todos os setores da sociedade.

Em relação à turma do 7º ano do Ensino Fundamental, ocorreram semelhanças na realização de algumas ações da SD como: envolvimento dos alunos nos debates sobre as propagandas eleitorais, nas leituras das charges, porém tiveram um pouco de dificuldades em entender para que servia a “moral nas fábulas”, mas, quando trouxemos os textos para a realidade comparando-os com o momento político, conseguiram assimilar melhor.

Uma diferença em relação ao trabalho desenvolvido com as turmas do Ensino Médio foi que os próprios alunos do 7º ano produziram os fantoches utilizados nas representações teatrais com caixas de *tetra pak* e os detalhes foram feitos com EVA e TNT. Houve um grande envolvimento deles nessa atividade de confecção, na qual trocaram experiências, ideias de como ficaria melhor seu personagem, qual característica o deixaria mais expressivo e já iam discutindo sobre a formação dos grupos e a produção das fábulas.

Essas atividades oportunizaram aos alunos emitirem opiniões, construir significados acerca do que entenderam, qual a temática abordada, a quais assuntos os textos remetem. Colomer e Camps, citados em Solé (1998, p. 169), falam sobre o processo de construção do significado, para avaliar este aspecto, núcleo do processo de compreensão. Ressaltam a necessidade de prestar atenção às diversas operações envolvidas no mesmo:

Utilização do conhecimento prévio na realização de inferências; uso adequado dos sinais de pontuação do texto, integração da informação em uma visão de conjunto referente à estrutura de significado do texto, resumo do que foi lido. As fontes de informação privilegiadas para avaliar esse processo se constituem no acesso ao conhecimento prévio dos alunos e nas tarefas de leitura compartilhada, nas quais alunos e professor perguntam, solicitam esclarecimentos, recapitulam ou resumem e estabelecem previsões.

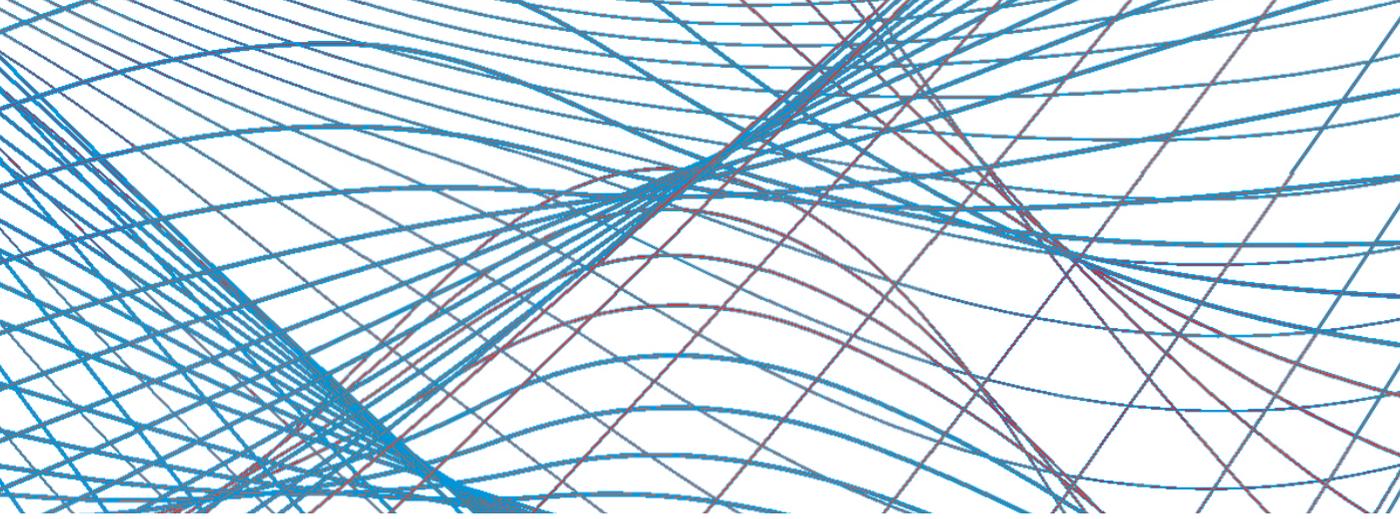
Essas inferências foram essenciais para que o aluno, sob a orientação do professor, tivesse uma compreensão geral do assunto/tema abordado nos textos e nos vídeos.

A temática abordada “Política” foi bastante pertinente, por ser o ano de 2014 de escolha dos governantes tanto estaduais como federal. Para tanto, as discussões foram acaloradas e participativas, em que os alunos emitiram opiniões e se envolveram de forma efetiva em todas as atividades. Então, avaliamos de forma geral como bastante

positiva o desenvolvimento dessa proposta nas três escolas envolvidas.

Entretanto, um dos pontos negativos para a realização deste trabalho está relacionado aos laboratórios de informática disponíveis nas três escolas, devido à precariedade dos computadores e da baixa qualidade da *Internet*, o que dificultou o desenvolvimento de alguns módulos cujo planejamento previa o uso desses espaços. Há que se observar, entretanto, que a estrutura tecnológica e midiática da Escola Estadual 12 de Abril, em alguns outros quesitos, é excelente, uma vez que existem projetores instalados em todas as salas de aula e *notebooks* em quantidade suficiente para o desenvolvimento de qualidade de um trabalho como o apresentado, diferente do que acontece nas Escolas Antônio Ometto e Jardim das Flores, visto que, para utilizar os recursos tecnológicos e midiáticos que são insuficientes, o professor deve planejar com bastante antecedência, justamente por conhecer a realidade das escolas e, caso tenha de utilizar com urgência tais equipamentos e outro colega já o esteja utilizando, a melhor maneira é a busca do diálogo para a utilização desses recursos naquele momento.

Sobre a SD, vale salientar que, por ela ser considerada “um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito” (DOLZ, NOVERRAZ e SCNNEUWLY, 2004, p. 97), destacamos ser este um dos pontos que facilitou sobremaneira o desenvolvimento do trabalho com os alunos, cujo planejamento foi realizado passo a passo e em módulos. Isso mostra a importância de se conhecer os fundamentos teóricos e metodológicos que envolvem letramento, multiletramento, multimodalidade, gêneros textuais e SD, etapas e estratégias de leitura, escrita e reescrita de textos, entre outros, amplamente explorados nas disciplinas do curso do Mestrado Profissional do Programa PROFLETRAS, bem como a importância de se ter um trabalho sério e planejado em suas minúcias.



CAPÍTULO 8

(RE)SIGNIFICANDO AS PRÁTICAS DA LEITURA E DA ESCRITA POR MEIO DO MULTILETRAMENTO

*Denis Alves Farias
Elisangela Dias Saboia
Marcia Maria Silva de Souza*

Turma: 9º ano do Ensino Fundamental

Duração: 10 aulas

Objetivo:

Desenvolver a leitura e a produção escrita do gênero textual “artigo de opinião” por meio da sequência didática organizada a partir do vídeo “Propaganda eleitoral gratuita – a verdadeira”.

Apresentação da situação (1 aula):

Objetivos específicos:

- ✓ Apresentar o vídeo “Propaganda eleitoral gratuita – a verdadeira”;
- ✓ Discutir o tema das eleições e da política no cenário brasileiro.

A partir do vídeo “Propaganda eleitoral gratuita – a verdadeira” será proposta a discussão sobre o tema do texto apresentado. Os estudantes serão instigados a refletirem sobre as eleições no Brasil e os estereótipos dos candidatos que se elegem e se reelegem.

A temática aborda a discussão acerca de candidatos que se envolvem em corrupção e continuam se elegendo às custas da alienação dos eleitores. As atitudes dos candidatos para com a sociedade antes e depois de se elegerem. A realidade política brasileira e a força que a população tem ao votar. O vídeo apresentado faz uma crítica às propagandas eleitorais gratuitas transmitidas aos telespectadores durante o período

de eleições. O ator Marcelo Adnet interpreta um político corrupto em busca de ganhar a simpatia de seus eleitores e obter votos para se eleger. O *jingle* criado descaracteriza o que é mostrado pelas imagens, ou seja, enquanto a imagem mostra atitudes de respeito, simpatia, humildade entre outras do político, a letra da música cantada revela a verdadeira intenção do político apresentado, colocando como a propaganda eleitoral gratuita que só fala a verdade.

Produção inicial (1 aula):

Objetivos específicos:

- ✓ Conhecer as características do gênero textual “artigo de opinião”;
- ✓ Produzir a primeira versão do gênero requerido.

Para a produção inicial apresentaremos um exemplo de artigo de opinião e ressaltaremos as características comuns do gênero. Os estudantes poderão fazer as análises e discussão do texto que poderá abordar um assunto que não seja voltado para a política. É um texto argumentativo em que o produtor apresenta sua opinião sobre uma questão polêmica que diz respeito a toda sociedade. Seu objetivo não é abordar assuntos de cunho pessoal, mas discutir problemas que atingem a coletividade, levando os leitores a refletir e tomar uma posição sobre determinado assunto. Nesse sentido, argumentar é mais do que dar uma opinião: é justificá-la, defendê-la com argumentos para tentar convencer o ouvinte ou o leitor. O texto utiliza verbos predominantemente no presente. Pode ser escrito na 3ª pessoa ou 1ª pessoa de modo subjetivo.

Para escrever o gênero os estudantes terão como tema “Os candidatos e o processo de eleição no Brasil.”

Após a escrita do texto o professor fará a correção com base em Ruiz (2001).

Módulo 1 (1 aula):

Objetivos específicos:

- ✓ Propor a discussão entre dois textos que abordam o tema da ficha limpa;
- ✓ Estimular a formação de argumentos orais em defesa ou contrariedade aos textos apresentados;
- ✓ Expor a opinião acerca do assunto tratado nos textos.

Esta apresentação dos textos tem por finalidade fomentar a discussão sobre questões eleitorais no Brasil por meio da oralidade. Faremos a leitura em voz alta dos textos e realizaremos um debate sobre o conteúdo, o suporte dos textos e em seguida observaremos se os estudantes já conhecem as informações apresentadas nos textos, a fim de perceberem a relevância que possuem essas informações no contexto político brasileiro. E, para finalizar a atividade, os estudantes poderão pesquisar no dicionário de língua portuguesa palavras desconhecidas que porventura apareçam nos textos.

Texto 01

O projeto Ficha Limpa é uma campanha da sociedade civil brasileira com o objetivo de melhorar o perfil dos candidatos e candidatas a cargos eletivos do país. Para isso, foi elaborado um Projeto de Lei de Iniciativa Popular sobre a vida pregressa dos candidatos com o objetivo de tornar mais rígidos os critérios de quem não pode se candidatar – critérios de inelegibilidade. [...] A Lei Ficha Limpa é uma grande demanda da sociedade. Originada em uma iniciativa popular, foi sancionada como Lei Complementar nº. 135, no dia 4 de junho de 2010.

Disponível em: <http://www.fichalimpa.org.br/index.php>, acesso 10/06/2014.

Texto 02

Pouca gente sabe, mas a proposta de fazer com que os prefeitos cassados – classificados como “delinquentes do voto” – sejam obrigados a arcar com as despesas das eleições suplementares [...] surgiu em Mato Grosso. [...] A eleição suplementar acontece sempre que o pleito regular é anulado, em razão do indeferimento do registro de candidatura do eleito ou da cassação do seu mandato. Para realizar os pleitos suplementares, a Justiça Eleitoral tem uma série de gastos referentes ao pagamento de despesas com auxílio alimentação dos mesários e transporte de urnas eletrônicas, entre outros. [...] Em Mato Grosso, de 1º de junho de 2009 a agosto de 2011, o Tribunal Regional Eleitoral realizou oito eleições suplementares, totalizando gastos de R\$ 127.369,37, dinheiro do contribuinte que foi utilizado por causa dos crimes eleitorais cometidos por mauspolíticos que não medem consequências para tentar chegar ao poder.

Disponível em: <http://www.diaadianews.com.br/pola-tica/noticias/34648/proposta-de-cobrar-pola-ticos-cassados-surgiuem-mt>), acesso 10/06/2014.

Módulo 2 (1 aula):**Objetivos específicos:**

- ✓ Trabalhar com os alunos a importância e a formação da argumentação;
- ✓ Abordar os diferentes tipos de argumentos: de autoridade, de princípio, com relação de causa e consequência e por exemplificação.

Para incentivar os estudantes a exporem e defenderem suas opiniões, faremos a proposta de um quadro de questões para que eles possam desenvolver a atividade de modo individual, porém socializando suas falas. Cada aluno receberá uma cópia das questões, em que escreverá sua opinião e fará a exposição de um argumento que sustente sua opinião, ou dê exemplos que auxiliem em seu ponto de vista. Orientaremos os educandos sobre o fato de que a opinião deve explicitar se concorda ou não, ou se concorda em parte e, em seguida, deverá ser apresentado o porquê da posição tomada utilizando os argumentos. Nesta etapa cabe a intervenção dos docentes para instigar a exposição e participação de cada um dos estudantes. O acompanhamento da atividade ocorrerá de modo oral.

Atividade para trabalhar a construção de argumentos:

Questão polêmica	Opinião	Argumento que sustente sua opinião
Ficar mais de 3 horas na <i>Internet</i> é prejudicial aos jovens?		
Toque de recolher para menores: lei que impõe limite de horário para crianças e menores permanecerem nas ruas à noite. Essa lei deve ser aprovada?		
A aprovação da lei Ficha Limpa para candidatar-se nas eleições é o suficiente para acabar com a corrupção política no país?		
A punição para as pessoas que bebem e dirigem com prisão e multas diminuem os casos de acidentes?		
Diminuir a maioria penal contribuiria para evitar tantos crimes cometidos por menores de idade?		
A legislação brasileira precisa ser reformulada para que se torne eficaz?		
Que fatos contribuem para tornar uma sociedade tão violenta?		

Fonte: Adaptado do livro didático Singular & Plural (2012).

Módulo 3 (2 aulas):**Objetivos específicos:**

- ✓ Analisar charges animadas sobre política do autor Maurício Ricardo e outros chargistas;
- ✓ Perceber a argumentação utilizada pelo autor para construir seu discurso;
- ✓ Relacionar o assunto das charges com o contexto político brasileiro.

Para ampliar as discussões acerca do tema em estudo, instigaremos a reflexão sobre algumas questões referentes a esse contexto, por isso consideramos importante trabalhar com a charge sobre política. Este tipo de charge proporciona uma criticidade apresentada explicita e implicitamente em forma de um humor marcante. Desse modo, trabalharemos com charges animadas e sem animação que serão apresentadas na sala de aula no projetor e posteriormente exploraremos o conteúdo dos textos nas questões abaixo relacionadas.

<http://valeriaaraujocavalcante.blogspot.com.br/2011/02/charges-sobre-politica-e-politicas.html>.

<http://forumdoesporte2012.blogspot.com.br/2012/09/etica-na-politica-qual-das-charges.html>

<http://charges.uol.com.br/arquivo.php>

Questões-guias para explorar as charges oralmente

- 1) Qual é o tema principal do texto?
- 2) Qual é a ideia principal veiculada no texto?
- 3) A que tipo de político o texto se dirige?
- 4) O texto apresenta várias imagens que compõem o perfil do personagem principal. Quais são elas? Registrar as respostas no quadro.
- 5) Qual é a função desse texto?
- 6) Que outros exemplos podemos apresentar em relação ao tema do texto?
- 7) Quem é o público-alvo das charges?

Módulo 4 (2 aulas):

Objetivos específicos:

- ✓ Analisar a letra da música “O meu país” interpretada por Zé Ramalho;
- ✓ Relacionar o tema da música com outros textos trabalhados em sala;
- ✓ Refletir sobre a veracidade da letra a partir do conhecimento de mundo.

Neste momento instigaremos os estudantes a refletirem que as decisões tomadas no contexto político nos influenciam diretamente e, muitas vezes, não participamos ou mesmo não consideramos importante saber sobre o que os candidatos e vereadores andam aprovando nas sessões da Câmara, Assembleia e Congresso. A música “O meu país” é uma oportunidade de sensibilizar os estudantes sobre a importância da participação de todos nas tomadas de decisões dos governantes.

Dessa forma, entregaremos cópias da letra da música e apresentaremos também o clipe oficial, o qual apresenta muitas imagens referentes ao conteúdo do texto. Logo após a apresentação, discutiremos as temáticas abordadas, a linguagem simbólica ou figurada, bem como os problemas do país que a música expõe. A letra e o vídeo da música “O meu país”, que tem duração de mais de cinco minutos, estão disponíveis nos endereços eletrônicos <http://letras.mus.br/ze-ramalho/400344/> e http://www.youtube.com/results?search_query=m%C3%BAsica+meu+pa%C3%ADs+z%C3%A9+ramalho.

Letra da música

“O Meu País” (Zé Ramalho)

Tô vendo tudo, tô vendo tudo	Que permite um estupro em cada esquina
Mas, fico calado, faz de conta que sou mudo	E a certeza da dúvida infeliz
	Onde quem tem razão baixa a cerviz
Um país que crianças elimina	E massacram - se o negro e a mulher
Que não ouve o clamor dos esquecidos	Pode ser o país de quem quiser
Onde nunca os humildes são ouvidos	Mas não é, com certeza, o meu país
E uma elite sem deus é quem domina	

Um país onde as leis são descartáveis
 Por ausência de códigos corretos
 Com quarenta milhões de analfabetos
 E maior multidão de miseráveis
 Um país onde os homens confiáveis
 Não têm voz, não têm vez, nem diretriz
 Mas corruptos têm voz e vez e bis
 E o respaldo de estímulo incomum
 Pode ser o país de qualquer um
 Mas não é com certeza o meu país

Um país que perdeu a identidade
 Sepultou o idioma português
 Aprendeu a falar pornofonês
 Aderindo à global vulgaridade
 Um país que não tem capacidade
 De saber o que pensa e o que diz
 Que não pode esconder a cicatriz
 De um povo de bem que vive mal
 Pode ser o país do carnaval
 Mas não é com certeza o meu país

Um país que seus índios discrimina
 E as ciências e as artes não respeita
 Um país que ainda morre de maleita

Por atraso geral da medicina
 Um país onde escola não ensina
 E hospital não dispõe de raio - x
 Onde a gente dos morros é feliz
 Se tem água de chuva e luz do sol
 Pode ser o país do futebol
 Mas não é com certeza o meu país

Tô vendo tudo, tô vendo tudo
 Mas, fico calado, faz de conta que sou mudo

Um país que é doente e não se cura
 Quer ficar sempre no terceiro mundo
 Que do poço fatal chegou ao fundo
 Sem saber emergir da noite escura
 Um país que engoliu a compostura
 Atendendo a políticos sutis
 Que dividem o Brasil em mil brasis
 Pra melhor assaltar de ponta a ponta
 Pode ser o país do faz-de-conta
 Mas não é com certeza o meu país

Tô vendo tudo, tô vendo tudo
 Mas, fico calado, faz de conta que sou mudo

Produção final (2 aulas):

Objetivos específicos:

- ✓ Reescrever a primeira versão do artigo de opinião
- ✓ Promover um concurso para escolher os cinco melhores textos da sala;
- ✓ Divulgar os textos na comunidade escolar e extraescolar (rádio escolar, jornal mural, *blog* ou *Facebook*).

Após a correção da primeira produção, conforme Ruiz (2001) e Bonini (2002), devolveremos os textos aos alunos para a reescrita, no sentido de adequar o texto ao tema proposto a partir das observações realizadas pelos professores.

Sabemos da importância e necessidade de divulgar as atividades de produção dos estudantes para fomentar a prática da autoria de textos produzidos no contexto escolar, sendo assim, será feita a veiculação no mural e na rádio da escola com o tema “diferentes olhares sobre o processo eleitoral no Brasil”, assim como a socialização entre os colegas da mesma série e de séries diversas.

Materiais necessários:

Projeter multimídia, câmera fotográfica, caixa de som, *Internet*, lousa, pincéis, caneta, lápis, papel sulfite, cópias dos textos, vídeos.

Bibliografia consultada:

BONINI, A. Metodologias do ensino de produção textual: a perspectiva da enunciação e o papel da Psicolinguística. **Perspectiva**, v. 20, n. 1, p. 23-47, 2002.

DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. *et al.* **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2004. p. 95-128.

LEFFA, J. V. **Aspectos da leitura: uma perspectiva psicolinguística**. Porto Alegre, RS: Sagra D C Luzzatto, 1996.

ROJO, R.; MOURA, E. **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

RUIZ, E. **Como se corrige redação na escola**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2001.

SOLÉ, I. **Estratégias de leitura**. 6. ed. Porto Alegre, RS: Artmed, 1998.

FIGUEREDO, L.; BLTHASAR, M.; GOULART, S. **Singular & Plural**. São Paulo: Moderna, 2012.

DISCURSO E PODER: A LINGUAGEM COMO FERRAMENTA DE INTERAÇÃO SOCIAL

Denis Alves Farias

1 INTRODUÇÃO

Em 2014 houve o tão esperado pleito eleitoral, a sociedade sairia às ruas e, por meio das urnas, exerceria o seu poder de cidadania. Um dos aspectos que mais se demonstrou nos vários diálogos e discussões sobre o tema era acerca dos programas de governo, ficha limpa e os problemas sociais verificados nos últimos governos. Outro detalhe a acrescentar foi a polêmica em torno da corrupção que abrangeu a presidente Dilma e vários candidatos. A população, em sua maioria jovem, discutiu sobre a implicação desses candidatos em atos de corrupção, mas mesmo assim, continuaram elegendo-se às custas da alienação de grande parte dos eleitores; desta forma, refletiu-se acerca das atitudes dos candidatos para com a sociedade antes e depois de se elegerem, a realidade política brasileira e a força que a população tem ao votar. Partindo desse ponto, os alunos da 3ª fase do 3º ciclo, em consonância aos objetivos pretendidos e em mediação com o docente, propuseram um projeto em sequência didática (SD), tendo como tema “política e sua relação ao discurso e poder: a linguagem como ferramenta de interação social”.

Primeiramente foi apresentado o projeto de intervenção em SD, elucidando os objetivos e metas a serem atingidos. Discorremos sobre o ano de 2014 e sua importância no cenário político brasileiro, momento em que as pessoas vão às ruas e, por meio do voto, escolhem os representantes estaduais e federais na conjuntura nacional.

Como fundamentação das estratégias de leitura que permitiram interpretar e compreender os textos escritos, partiu-se da obra de Solé (2002) em que, nos vários capítulos, verificou-se o processo de leitura como a interação entre leitor e texto para satisfazer um propósito ou finalidade, demonstrado pela apresentação do projeto em SD.

Nos estudos sobre as eleições e candidatos, o leitor utilizou seus conhecimentos de mundo e os conhecimentos do texto, elementos significados para a formação crítica da leitura e construção de sentidos. Pistas são essenciais para a metacognição das ideias apresentadas. Com isso os textos foram rigorosamente selecionados em parceria com os discentes para que esta seja significativa. Como primeiro passo, partiu-se dos conhecimentos que os discentes possuem e a partir de suas ideias ampliaram-se suas significações, com variedades tipológicas e gêneros discursivos.

Um conjunto de propostas para o ensino de estratégias de compreensão leitora pode ser considerado segundo Baumann (1985; 1990), nos processos: 1. Introdução: explica-se aos alunos os objetivos daquilo que será trabalhado e a forma em que eles serão

úteis para a leitura; 2. Exemplo: exemplifica-se a estratégia a ser trabalhada mediante um texto; 3. Ensino Direto: o professor mostra, explica e escreve a habilidade em questão, dirigindo a atividade; 4. Aplicação dirigida pelo professor: os alunos devem por em prática a habilidade aprendida sob o controle e supervisão do professor; 5. Prática individual: o aluno deve utilizar independentemente a habilidade com material novo.

Além do ensino de estratégias de compreensão da leitura, conforme Solé (2002), há, ainda, seis passos importantes para a compreensão, antes da leitura propriamente dita: ideias gerais que temos sobre a leitura, como um instrumento de aprendizagem, estratégias e técnicas; motivação para a leitura e os objetivos a serem trabalhados, tais como: ler para obter uma informação e verificar o que se aprendeu. Outro ponto importante para a leitura e produção textual é o conhecimento prévio do assunto, sendo essencial minha participação nesse processo de revisão e atualização. Para as estratégias, realizarei simultaneamente diversos indicadores como títulos, ilustrações, conhecimento sobre autor, políticos, cenário político e outros. Também formularei perguntas aos gêneros que serão analisados.

Nesta SD, trabalhar com multiletramentos, conforme Rojo e Moura (2013), pode ou não envolver (normalmente envolverá) o uso de novas tecnologias de comunicação e de informação, mas caracteriza-se como um trabalho que parte das culturas de referências do alunado (popular, local, de massa) e gêneros, mídias e linguagens por eles conhecidos, para buscar um enfoque crítico, pluralista, ético e democrático – que envolva agência de textos/discursos que ampliem o repertório cultural, na direção de outros letramentos.

2 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

A princípio iniciei a SD com o vídeo “Propaganda eleitoral gratuita – a verdadeira” que reflete de forma crítica as propagandas eleitorais gratuitas transmitidas aos telespectadores durante o período de eleições. O ator Marcelo Adnet interpreta um político corrupto em busca de ganhar a simpatia de seus eleitores e obter votos para se eleger. O *jingle* criado descaracteriza o que é mostrado pelas imagens, ou seja, enquanto a imagem mostra atitudes de respeito, simpatia, humildade entre outras do político, a letra da música cantada releva a verdadeira intenção do político apresentado, colocando como a propaganda eleitoral gratuita que só fala a verdade. Para todo o processo de análise do vídeo, algumas ponderações acerca de interpretação foram essenciais.

Conforme Solé (2002), para que haja a compreensão do texto, é essencial que se compreenda os propósitos implícitos e explícitos da leitura:

- Que/Por que/Para que tenho que ler?;
- Ative-se e aporte-se à leitura os conhecimentos prévios relevantes para o conteúdo em questão. Que sei sobre o conteúdo do texto?;

- Dirija-se a atenção ao fundamental, em detrimento do que pode parecer mais trivial;
- Avalie-se a consistência interna do conteúdo expressado pelo texto e sua compatibilidade com o conhecimento prévio e com o “sentido comum”. Este texto tem sentido?;
- Comprove-se continuamente se a compreensão ocorre mediante a revisão e a recapitulação periódica e a autointerrogação. Qual é a ideia fundamental que extraio daqui e elabore-se e se prove inferências de diversos tipos, como interpretações, hipóteses e previsões e conclusões.

Em Solé (2002), para a construção da compreensão, há alguns passos a serem apreendidos durante e depois da leitura. Nesta SD, mediei a compreensão dos discentes acerca do que era essencial e do que poderia ser considerado como secundário, com leitura compartilhada e independente. Observei a compreensão das palavras, frases e nas relações estabelecidas entre as frases e texto em seus aspectos mais globais, para depois da leitura continuar compreendendo e aprendendo por meio dos objetivos de leitura que guiaram o leitor, entre seus conhecimentos prévios e a informação que o autor queria transmitir mediante seus escritos. Com esses dispositivos de leitura, partese para outra etapa da SD. Após a exibição do vídeo, houve o momento de discussão em que alguns pontos foram destacados:

Os procedimentos expressivos – muitos alunos consideraram que cada político tem uma maneira de falar que lhe é própria, demonstrando em seu tom de voz a autoridade, o saber, a sedução, a militância e outros aspectos significativos. Dentre esses aspectos foi discutido que uma das características dos políticos seria o “bem falar” – uma forma culta, elegante, com uma posição hierárquica e adequada aos interlocutores. Alguns discentes ressaltaram que em determinados programas eleitorais, tem-se a percepção de se constatar alguns qualificativos, como “ele fala como um burguês”, “como um manipulador”, “marca de impotência”, “marca de ignorância”, dentre outras.

Outro apontamento refere-se ao “falar forte” – com gestualidade e imponência, além de destacar o cenário político – palanque, decoração, multidão. Com uma dicção nem muito lenta, nem muito rápida e uma pronúncia muito bem articulada. Em outro aspecto, foi evidenciado o falar tranquilo de alguns candidatos – com uma dicção lenta e afetuosa.

Com o auxílio de outros vídeos que caracterizavam o discurso político (disponíveis em: https://www.youtube.com/results?search_query=candidatos+bizarros) evidenciou-se traços em relação à expressividade dos candidatos. Uma delas refere-se ao discurso em primeira pessoa “Eu prometo”, “Eu estou certo de que venceremos” “Eu proponho acabar com a corrupção no Brasil”, “Nós mudaremos esse país” – enunciando uma modalidade de compromisso e solidariedade perante os eleitores. Outro pronome observado é o de segunda pessoa, em considerações aos eleitores e

também aos adversários políticos em contestação ou debates políticos.

Ainda, em relação à discussão, foi analisado o processo de interação entre os candidatos e a população em suas diversas esferas sociais, aproximação que se conecta por um abraço, um sorriso, espaço físico e geográfico, coadunando situações e conflitos sociais. Em comentários, alguns alunos destacaram as atuações políticas pré-eleitorais quando se vê candidatos frequentando os lares da população, frequentando velórios e festas comunitárias. Neste sentido, foi analisada a estratégia política em angariar a empatia populacional.

As estratégias discursivas demonstraram que o candidato usa do convencimento para a aceitação de seu projeto político e persuadir a população sobre essa verdade. Assim, houve a constatação de que o candidato deve conhecer a realidade social do espaço político predestinado, a voz do povo, o salvador da pátria – o enunciador de um ideal social.

Outro fator percebido pelos discentes foi a nuance de dramaturgia dos políticos, a veracidade do discurso e o saber fazer e ser. Os elementos figurativos representam um ator social que tenta conquistar o público com malabarismos linguísticos e persuasivos. Em destaque a consciência de que a mídia representa um forte desempenho na desenvoltura desses atores, com *jingles*, músicas envolventes e imagens convidativas à recepção do eleitor.

Em análise houve a significação da família como elemento sensibilizador social e integração aos valores sociais. Uma estratégia da imagem de si, construída por muitos candidatos: o pai, o amigo, o companheiro, o ativista e o guerreiro, imagens que definem várias identidades de “comprometimento aos anseios populacionais”.

Em segundo momento, foi apresentado um modelo de texto em primeira pessoa e em terceira pessoa, tendo como tema “Os candidatos e o processo de eleição no Brasil”. Muitos preferiram em terceira pessoa por generalizar os argumentos não só a si, mas em relação ao todo. Os textos apresentados retratavam o tema “ficha limpa”, conforme descritos na SD que elaboramos e segue no início da proposta 07 nesta obra.

Após a leitura e análise estrutural dos textos, foi aberta a discussão. Neste caso, foi percebida a carência argumentativa aos conceitos políticos sociais. Ficou perceptível a falta de conhecimento da esfera política, por serem alunos de faixa etária entre 13 a 15 anos. Não se evidenciou profundamente uma caracterização do discurso enquanto fator histórico e linguístico na produção escrita. Na oralidade, a discussão foi bem fundamentada com a mediação do professor. Assim, evidenciou-se a fragilidade de argumentos quanto aos fatos históricos, sociológicos e geográficos de referência política. Casos mais remotos, como os dos governos militares, política do ex-presidente Collor e denúncias de corrupção em outros governos foram relegadas, por falta do domínio do assunto. Mas os fatos políticos atuais foram destacados, como a prisão dos

“mensaleiros” e os casos de corrupção no governo da presidente Dilma.

Em análise textual, percebi que deveria trabalhar mais com o tema e aprofundar com estudos históricos e sociais, desta forma os aspectos gramaticais ficaram em segundo plano, pois preteri o discurso e a estrutura textual para posteriormente trabalhar os elementos linguísticos. Tendência a generalizar o candidato a corrupto, votar em nulo e ausência de melhorias sociais foram pontos observados na grande maioria dos textos, além de relacionar o governo do estado, município e do país a um único ser, o executivo. Um ponto recorrente foi quanto à necessidade dos eleitores em conhecer seus candidatos e pesquisar sua vida pregressa, para que não ocorresse a desilusão de uma escolha ilógica.

No terceiro momento foi trabalhado com vídeos políticos que refletiam momentos políticos dos anos 90 e 2000, em análise pré e pós candidato. Atuações políticas e o desmascaramento do poder, como visto nos governos Collor e Lula, período de grande efervescência e mobilização social (disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wDa2IM6RdFQ>). Foi trabalhada a estrutura de um texto argumentativo e relação de sentidos, conhecimentos intertextuais e interdiscursivos, elementos linguísticos destacados para um bom desenvolvimento textual, como a progressão, usos de pontuação, ortografia e originalidade.

Com momentos de reflexão e discussão, os conhecimentos foram se avolumando e questionamentos aflorando. Um fato veio à tona quanto aos aspectos políticos contemporâneo em detrimento à morte do candidato à presidência Eduardo Campos, em que a mídia o colocou sempre como um homem honesto e promissor, em análises dos próprios governantes e candidatos. Desta forma alguns alunos concluíram que nem todos os políticos são corruptos e que a simpatia popular torna “homem em deuses” – com o auxílio do professor a discussão aprofundou-se e houve o resgate de políticos populistas como Getúlio Vargas e o carisma do candidato eleito indiretamente, mas não em posse, por sua morte – Tancredo Neves. Assim foi ressaltada a herança política e a hegemonia de alguns candidatos em currais eleitorais. A influência familiar em hierarquizar os membros com veia política, casos de Aécio Neves (neto de Tancredo) e Eduardo Campos (neto de Miguel Arraes) e a empatia popular em perdurar com esses candidatos.

Com a análise das charges, o trabalho tornou-se mais rico por envolver um gênero semiótico de relevância crítica fundamentada em análise crítica e social. Por meio do *site* <http://charges.uol.com.br/arquivo.php>, pode-se realizar um trabalho interativo e virtual cujo objetivo remete aos estudos de charges animadas sobre política do autor Maurício Ricardo. Foram discutidas as questões-guias de forma oral com os discentes de forma a reconhecer os procedimentos linguísticos e a força argumentativa do gênero. No contexto, os elementos argumentativos utilizados pelo autor para construir seu discurso foram perceptíveis em algumas análises, tais como: “Sabatinando

Aécio” – em que discute-se por meio de diálogos entre tucanos do PSDB, Aécio Neves e FHC, sobre a parca influência do partido na região nordeste e o baixo índice nas pesquisas eleitorais. Nesse ponto analisou-se a força argumentativa do ex-presidente em influenciar seu pupilo na questão social a que a presidente Dilma é cativada pela população nordestina.

Outro ponto discutido foi a análise quanto ao candidato já ter conhecimento sobre a região, características culturais e linguísticas presentes na imagem. Assim, evidenciou-se durante a discussão a necessidade em continuar com políticas já firmadas na política e o contato entre as várias culturas brasileiras, com o intuito, conforme a charge, de angariar votos. Outras charges foram analisadas e evidenciadas, durante o percurso da aula, algumas foram confrontadas com notícias jornalísticas e revistas semanais, como a revista Veja, distinguindo a discursividade inerente à força argumentativa.



Figura 01: Veja 20 de setembro de 2014.
Fonte: Mr. Clô com.br¹



Figura 02: Veja 03 de setembro de 2014.
Fonte: ebookee.doczzz²



Figura 03: Veja 30 de agosto de 2014.
Fonte: Blog Sujo³

A charge animada “Cotidiano – O melhor de cada lado” (disponível em: <http://charges.uol.com.br/2014/08/28/cotidiano-o-melhor-de-cada-lado/>) propôs o estudo sobre a incoerência política da candidata Marina Silva em não se decidir pelos discursos já estabelecidos entre o PT e o PSDB, além da inadequação quanto ao desconhecimento de “caixa-dois” do candidato falecido Eduardo Campos quanto ao caso do jatinho que fora destroçado na queda que o vitimou. Na discussão os educandos que outrora tiveram uma imagem positiva quanto ao ex-candidato falecido e a reputação da atual candidata em se posicionar acerca dos fatos políticos estabelecidos.

A descrença e a positividade quanto aos atos falhos dos candidatos foram postas

1 Disponível em:<<http://mrclô.com.br/capa-da-revista-veja-2009/>>. Acesso em: 26/09/2014.

2 Disponível em:<<http://ebookee.doczzz.com/Veja-Edi-o-2389-3-de-setembro-de-2014/>>. Acesso em: 05/09/2014.

3 Disponível em:<http://pigimprensagolpista.blogspot.com.br/2014_08_01_archive.html>. Acesso em: 05/09/2014.

em discussão e a avaliação de Marina Silva decaiu em vista aos argumentos perceptíveis. Outro ponto que fora evidenciado resumiu-se aos governos do PT e o Mensalão, cuja observância se deu ao fato do desconhecimento do ex-presidente Lula quanto aos atos de corrupção em seu governo, assim como na atual gestão. Em paralelo, comparou-se a “não participação” da candidata Marina em desconhecer o esquema político de Eduardo Campos em relação à compra do jato.

Como complementação aos estudos do gênero charge, fora proposta a análise da música “O meu país” interpretada por Zé Ramalho e dessa forma ficou acordado em relacionar o tema da canção com os textos já trabalhados na sequência e, assim, refletir sobre a letra a partir do conhecimento do mundo. Pelo *site* <http://letras.mus.br/ze-ramalho/400344/>, pudemos assistir o vídeo e interpretar a letra.

Colocações foram postas, primeiramente quanto ao compositor Zé Ramalho e sua origem nordestina, ligando à charge estudada anteriormente. Discussão sobre o povo nordestino e os estereótipos presentes em nossa sociedade, quanto aos preceitos de mazelas sociais, analfabetismo e linguística. Condições subumanas e interesse politiquero foram apontados por alguns alunos, principalmente aos programas de governo. Constata-se a dura desigualdade social e o poder das minorias que governam e monopolizam o nosso país sem dar voz aos povos excluídos e escaneando a pobreza em diversos brasis. Mesmo tendo sido escrita há algum tempo, a canção demonstra que muitos fatos ainda se perpetuam em nossa realidade, principalmente quanto aos atos de corrupção e apagamento social. Medidas foram tomadas, como identificou o aluno “X” ao mostrar que houve muitas alterações e mobilizações sociais, principalmente nos protestos de 2013 e a identidade juvenil em sua participação social. Quando se diz que “Tô vendo tudo”, diz-se que há uma maior interação identitária dos brasileiros na questão social. A análise linguística foi levantada, analisando o léxico e a semântica em construção do efeito de sentido como vistos em “Um país que é doente e não se cura”, cuja análise se fundamentou nos estudos sobre figuras de linguagem e poesia, trabalhados no primeiro bimestre.

A música despertou sensibilidade e reflexão acerca do país, em que muitos alunos, de forma autônoma, questionaram o município de Juína-MT e o esquecimento de seus governantes em relação a alguns bairros onde impera a marginalidade e diversos outros problemas. Assim, constatou-se que não só no município, mas em todo o país há essa discrepância e o conformismo populacional perante os abusos políticos e o controle dos capitalistas pela força ideológica e consumista. Neste caso, o aluno “Y” comentou que nessa eleição deveríamos votar com bastante precaução e conhecer o perfil do candidato e com sua elegibilidade saber reivindicar e cobrar por seu projeto de eleição. Na próxima aula, ficou definido o trabalho do gênero entrevista.

Para o gênero discursivo entrevista, utilizei o *site* da professora Beatriz Hoff (disponível em: <http://aprendereagir.wordpress.com/2013/04/23/genero-textual->

entrevista/), que trabalha os principais tipos de entrevistas e as partes constitutivas do gênero. Com uma linguagem simples e prática, há exercícios e exemplo de entrevistas realizados por seus alunos. Como tenho assinatura da revista *Veja* digital, disponibilizei algumas entrevistas virtuais e assim constatamos e fundamentamos os elementos linguísticos do gênero. Um exercício prático foi realizado em sala em que, em dupla, um dos alunos representaria outra pessoa e desta forma representaria oralmente os quesitos do entrevistador e entrevistado, conforme sua representatividade social. Muito interessante, pois alguns representaram papéis como de político, prostituta, vendedor, mendigo, assaltante, homossexual e vários outros. Analisaram e situaram o outro como parte do convívio social.

Em sequência, utilizei o vídeo da entrevista dos jornalistas Wiliam Bonner e Patrícia Poeta com a candidata à reeleição Dilma Rousseff, feito recentemente pelo *Jornal Nacional* e disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=B4uGx5GUDOA>, cujo título do vídeo, postado por *Tvsaj Fotografias e Vídeos* já gerou polêmica “Corrupção, Saúde e Economia: Bonner e Patrícia Poeta metralharam Dilma em entrevista, 18.08.14”. Interessante por mostrar o ponto de vista da população brasileira em relação aos vários escândalos de corrupção vistos no governo da presidente e visível perante toda a sociedade, como os dos vários ministérios.

A discussão, após a exibição, acalorou-se e muitos discentes ressentiram-se pela situação do país e da conscientização dos eleitores em saber escolher seus representantes, já que não podem exercer esse papel, mas confiantes na decisão dos pais e familiares quanto a conhecer o perfil de cada candidato e saber direcionar o melhor para a nação. Alguns alunos decidiram assistir em casa às outras entrevistas dos candidatos, até mesmo do falecido Eduardo Campos e dessa forma analisar o melhor discurso. Elogiei a atitude deles e falei que não assistira a todas, mas que também iria assistir pela *Internet*. Um dos alunos em seu celular mostrou a paródia feita por meio de montagens da entrevista do candidato pastor Everaldo (disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=PsAhjGdAiZo>) com o título de “Pastor Everaldo Solta um Peido em Pleno *Jornal Nacional*” momento de descontração e muitos risos. Como proposta final da discussão, foi orientado para que os discentes trouxessem na próxima aula uma entrevista gravada em dupla sobre o tema “Os candidatos e a política brasileira”, podendo ser entre eles ou pessoas que aceitassem disponibilizar sua imagem para visualização em sala. Após orientação dos procedimentos do gênero, ficou estabelecido o prazo de uma semana para a produção e mostra desses vídeos.

Na semana dos dias 25 a 29 de agosto de 2014, foi apresentada a proposta dos vídeos sobre o tema estabelecido. As imagens deveriam ter no máximo 5 minutos para que se pudesse assistir a todas as exibições e momentos de discussões. As discussões foram prazerosas e alguns elementos foram observados como na gravação dos alunos “C e D” que entrevistaram um morador de rua que em sua fala disse que o presidente

Lula fora o melhor presidente da república por ter dado comida para os pobres e escola para todo mundo. Em sua fala, desconhece que o país é governado por sua sucessora e a força ideológica em considerar o presidente como o “salvador da pátria” e o “pai dos pobres”. Noutro vídeo os alunos “E e F” entrevistaram o pai de um deles que mostrou bastante força argumentativa quanto aos candidatos à presidência e sua predileção por Aécio Neves e rejeição aos outros candidatos. Com a discussão, analisou-se o ponto de vista do pai e sua relevância em defender suas ideias e conhecimento político. Vários outros foram estudados e discutidos, alguns alunos entrevistaram seus professores, outros fizeram entrevista na feira e com outros discentes do âmbito escolar. Pudemos constatar os vários pontos de vista a respeito da política brasileira e a descrença quanto aos candidatos, assim foi claro a falta de perspectivas da maioria dos entrevistados quanto a face contemporânea da política e seus candidatos à eleição. Um deles, aluno de outra série, retratou em sua fala que a solução seria Deus enviar Jesus Cristo para governar o Brasil, pois no campo político só tinha malfeitores.

Ao final das discussões, propôs-se divulgar os vídeos para a comunidade escolar, mas, em acordo, decidiram que nem todos os entrevistados permitiram que sua imagem fosse divulgada em domínio público, exceto para apresentação do trabalho em sala. Assim, não foi possível atingir a meta de divulgar os vídeos para a comunidade escolar. Na aula vindoura, a SD teve o desfecho com a produção do artigo de opinião e seleção dos melhores textos, eleitos pelos pares. Mais detalhes das produções podem ser encontrados em *blog* criado e mantido por mim para estudos e pesquisas sobre movimentos e manifestos sociais, disponível em: <http://denis40.comunidades.net/>.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para correção da primeira versão do artigo de opinião, os estudos de Ruiz (2001) foram fundamentais por enfatizar o “pós-texto” que não é nem o corpo, nem a margem, mas aquele espaço em branco, na folha de papel que sobra devido ao não-preenchimento pela escrita do aluno. Os “bilhetes” são produzidos na sequência do texto do aluno, refletindo a troca de turnos que ocorre na interlocução aluno-produtor/professor-corretor / aluno-revisor, por ser produzido em momento posterior à escrita do aluno, tarefa interventiva que realizei como forma de correção, segundo dados da autora. Após correção, os textos foram entregues aos alunos, para que pudessem revisar e reestruturar, assim, houve uma troca de saberes e o texto redefinido, conforme as leituras da proposta do projeto de intervenção em SD.

Conforme Bonini (2002), o principal aspecto no trabalho com a linguagem realizado pelo aluno passa a ser sua auto-observação, diante do modo como sua linguagem se estabelece. O resultado final, então, não é mais o texto como objeto imóvel, e de certa forma inútil, que só serve como forma de ser avaliado. Nesse caso, o texto é objeto de *autofeedback* e de *feedback* externo (sendo o professor uma via).

O aluno como construtor de linguagem passa a olhar para seu papel na interação da qual seu conhecimento de língua será uma decorrência, podendo desenvolver, nesse percurso, conhecimentos e estratégias. Como conclusão, tivemos a leitura final e seleção dos melhores artigos de opinião, cuja divulgação se deu por exposição em mural da escola.

REFERÊNCIAS

- BONINI, A. Metodologias do ensino de produção textual: a perspectiva da enunciação e o papel da Psicolinguística. **Perspectiva**, v. 20, n. 1, p. 23-47, 2002.
- DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. *et al.* **Gêneros orais e escritos na escola**. Trad. e org. de Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004. p. 95-128.
- LEFFA, V. J. **Aspectos da leitura: uma perspectiva psicolinguística**. Porto Alegre: Sagra-Luzzatto, 1996.
- ROJO, R.; MOURA, E. (Orgs.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- RUIZ, E. **Como se corrige redação na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2001.
- SOLÉ, I. **Estratégias de leitura**. Tradução de Cláudia Schilling. 6. ed. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

A LEITURA E A ESCRITA A PARTIR DO GÊNERO ARTIGO DE OPINIÃO

Elisangela Dias Saboia

1 INTRODUÇÃO

A leitura e a escrita fazem parte da discussão de vários estudiosos da área de linguagem há muito tempo e aparecem, conforme Solé (1996), como objetivos prioritários do Ensino Fundamental. Portanto, a autora explica que espera-se que, no final desta fase, os estudantes possam ler textos adequados para a sua idade de forma autônoma e utilizar os recursos ao seu alcance para referir as dificuldades dessa área – estabelecer inferências, conjecturas, reler o texto.

Mas como podemos transformar um estudante da etapa final do ensino fundamental em leitor crítico e autônomo? Foi refletindo sobre esta questão que desenvolvemos uma sequência didática resultante do estudo da disciplina “Aspectos sociocognitivos e metacognitivos da leitura e da escrita” no curso de Mestrado Profissional em Letras da Universidade do Estado de Mato Grosso, Campus de Sinop.

A sequência didática, pautada em Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), teve como principal propósito o desenvolvimento da leitura e da escrita de alunos de 9º ano do ensino fundamental partindo de um vídeo sobre campanhas eleitorais gratuitas até chegar à produção do gênero artigo de opinião.

A proposta envolveu atividades de leitura, compreensão, interpretação e escrita. Muitas das atividades de leitura envolveram a oralidade, bem como as de compreensão e interpretação.

Sobre esta questão Solé (1996) ressalta que “Quando a leitura envolve compreensão, ler torna-se um instrumento útil para aprender significativamente” e “[...] quando um leitor compreende o que lê, está aprendendo [...]”. Já sobre as atividades orais, Colomer e Camps (1991 *apud* Solé, 1996), afirmam que “seria mais produtivo dedicar boa parte do tempo atualmente dedicado nas escolas a oralizar os textos, a discutir e comentar o que e como ele foi lido, que se pretendeu [...]”.

Foi exatamente essa nossa preocupação, trabalhar a exposição oral, os comentários e a formação de argumentos sobre os textos levados aos estudantes para que pudessem realizar a leitura, a compreensão e a interpretação dos materiais até chegar à produção escrita do gênero selecionado.

Para tanto, foi necessário organizarmos a sequência por módulos, conforme o exemplo de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004). Estes módulos abordaram atividades que contemplavam a leitura crítica, a compreensão dos textos e a escrita. Desta forma, ficou a sequência didática organizada em quatro módulos.

A apresentação das atividades ficou organizada do seguinte modo:

- ✓ Apresentação da situação: Este momento corresponde à abordagem do assunto que se fez (Os candidatos e o processo de eleição no Brasil). Houve a apresentação do vídeo “Campanha eleitoral gratuita: a verdadeira” de Marcelo Adnet e foi conduzida a primeira produção de texto.
 - Módulo 1: Esta atividade envolveu a leitura e discussão de dois textos que abordavam o tema da ficha limpa. As atividades de compreensão e interpretação foram conduzidas para serem feitas oralmente pelos alunos a partir da orientação docente.
 - Módulo 2: Esta etapa correspondeu ao momento de exposição de opiniões e formações de argumentos via oralidade. Foi realizada a leitura de uma ficha com tópicos polêmicos e requeridos os pontos de vista e argumentações dos estudantes (primeiro oralmente e depois por escrito na ficha).
 - Módulo 3: Neste módulo os estudantes assistiram a vídeos de charges animadas sobre política e realizaram a compreensão de forma oral primeiro e depois responderam por escrito algumas questões sobre os vídeos visualizados.
 - Módulo 4: Este módulo constou em analisar a letra da música “O meu país” de Zé Ramalho, uma vez que a canção traz à tona questões polêmicas acerca da política e sociedade brasileira, além de exigir uma leitura de elementos implícitos na música, que não são explicitados, mas sugeridos. Esta atividade foi realizada de forma oral com os estudantes por meio da orientação docente.
- ✓ Produção final: O objetivo com esta etapa foi proporcionar a reescrita da primeira produção feita antes de se trabalhar com os módulos, além de propiciar o desenvolvimento e a melhoria da escrita do gênero exposto no primeiro dia das atividades que foi o artigo de opinião. Os estudantes tiveram a oportunidade de refletirem sobre suas escritas e sobre os elementos que compõem o gênero requerido.

Toda esta organização e seleção de atividades não foram feitas de modo aleatório, foram consultadas diversas bibliografias para conhecimento teórico e prático, a fim de que surgisse o resultado esperado com a proposta. Dentre os autores consultados, estão Bonini (2002), Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), Ruiz (2001), Solé (1998), Leffa (1996), Passarelli (2012), Rojo (2012), Abaurre e Abaurre (2012).

Vale ressaltar que alguns autores, mesmo não tendo sido utilizados em citações, foram primordiais para nossa compreensão acerca da leitura, escrita, correção de textos, organização de atividades e ensino da língua portuguesa.

2 A PROPOSTA EM DESENVOLVIMENTO

Para o desenvolvimento da SD em torno do gênero artigo de opinião foi escolhido um 9º ano, devido à complexidade do gênero. No entanto, a proposta não foi aplicada para uma turma inteira, foram convidados alunos da série que tivessem disponibilidade de comparecer na unidade escolar no contra turno. Assim, dez alunos do 9º ano se dispuseram a participar, o convite foi estendido para um 8º ano e deste cinco alunos aceitaram.

Porém, no primeiro dia do módulo compareceram dez alunos ao todo. Durante as aulas, que ocorriam uma vez na semana no período matutino – já que os alunos frequentavam suas séries no período vespertino – sempre faltava alguém, o que me preocupava, pois os módulos não seriam trabalhados com todos na mesma sequência.

As atividades eram trabalhadas nas quartas-feiras de manhã das 7h às 9h na sala de laboratório de informática e na biblioteca da escola, de modo alternado. Dessa forma, a aplicação ocorreu com alunos do 9º e 8º anos da Escola Municipal Ivanira Moreira Junglos da cidade de Colider – MT.

No primeiro dia, foi apresentada a proposta de trabalho com o gênero artigo de opinião e ressaltado o objetivo da atividade aos estudantes. Cabe mencionar que não foi ofertado nenhum tipo de premiação para convencê-los a participarem das oficinas de leitura e escrita, eles mesmos se dispuseram e consideraram importante a proposta.

Depois de explicitado o trabalho com o gênero e exposto o assunto que seria trabalhado “Os candidatos e o processo de eleição no Brasil”, a partir do vídeo “Propaganda eleitoral gratuita – a verdadeira” os alunos demonstraram certa resistência ao tema, argumentando que não sabiam nada de política e nem se interessavam pela temática.

Tentei interagir com eles naquele momento, debatendo um pouco sobre o assunto e resolvi então mostrar o vídeo para que houvesse uma reflexão por parte deles. Após a visualização, pediram para repetir o vídeo. Os educandos gostaram muito da crítica feita às campanhas eleitorais dos candidatos brasileiros e começaram a identificar algumas problemáticas abordadas pelo texto midiático.

Discutido o vídeo, entreguei a cada um deles um texto escrito por mim sobre a corrupção na política brasileira em que eu expunha minha opinião sobre o assunto, conforme segue:

Política e sociedade

Elisângela Dias Saboia (Texto escrito em 2012)

A corrupção está no meio de povo. Só não podemos dizer amém, ou seja, a corrupção está presente na sociedade brasileira, principalmente na política e as pessoas não sabem como lidar com ela. A corrupção é um assunto tratado constantemente no Brasil. A questão é abordada pelos jornais, revistas, televisão e até mesmo pelos próprios políticos, os quais representam o povo ou pelo menos deveriam.

Tanto é que foram criadas algumas medidas para a prevenção desta má conduta, tais como a Lei Ficha Limpa, a luta contra a eliminação de um projeto que autoriza um valor simbólico, que por sinal é bem simbólico, para a compra de ternos aos políticos, dentre outras.

Essas medidas são passos importantes para se evitar, ou ao menos, amenizar a corrupção. Porém, para que haja um combate efetivo contra este ato, é necessário que a sociedade acompanhe a fundo a vida política de seus eleitos, acompanhe antes e depois de eleito. Tal ação é importante para que as pessoas possam se inteirar sobre o trabalho de seus governantes. Dessa forma, ao obter conhecimento, a sociedade, que é sempre a prejudicada em relação à corrupção, pode confrontar possíveis falhas, requerer satisfações e buscar justiça, pois esta existe sim, basta ser buscada.

Ou seja, interessar-se por política é interessar-se pelos interesses da sociedade, por seus direitos e por sua vida. Se um governo trabalhar bem, tudo na sociedade melhora: a saúde, a moradia, a educação. Mas não basta eleger os políticos e depois se esquecer que eles existem. Um país é feito por sua nação. Por que então deixá-lo nas mãos de qualquer um e não acompanhá-lo se ele também é seu?

Ao término da leitura fomos discutindo os parágrafos e relacionando-os à nossa realidade brasileira. Posso dizer que houve uma participação tímida dos alunos, uma vez que ficavam receosos de falar sobre o assunto por considerarem não ter domínio sobre ele.

Feitas as considerações sobre o texto lido e a síntese sobre as características de um artigo de opinião, pedi aos estudantes que fizessem uma primeira produção sobre o tema do trabalho. Eles acharam muito difícil escrever sobre aquele assunto, mas com auxílio acabaram escrevendo o texto. Anteriormente fizeram um rascunho para exporem as ideias e depois passaram o texto a limpo. Para estas atividades foram utilizadas as duas horas aulas programadas.

Na semana seguinte, levei para a aula cópias de dois textos que abordavam o assunto da ficha limpa, retirado da proposta de redação do vestibular da UNEMAT (2012/2), cujo tema foi “O combate à corrupção na política”, conforme consta na SD que planejamos. Pedi então que os alunos realizassem uma leitura silenciosa do texto e depois que fizessem a leitura em voz alta.

Em um primeiro momento, quando questionados, os estudantes não se manifestaram, ficavam tímidos ao falar sobre o assunto, mas aos poucos foram expondo suas opiniões e reflexões acerca dos textos. Esta atividade foi desenvolvida de forma

oral, para que os educandos argumentassem sobre o tema dos textos lidos e buscassem a compreensão.

Esta aula teve duração de uma hora e depois os estudantes pediram para usar os computadores e lerem alguns textos sobre política; queriam pesquisar sobre os candidatos e os políticos que não tinham a ficha limpa. A duração da atividade foi de mais uma hora aula.

Para a aula do módulo 2, levei uma ficha em que continha questões polêmicas que requeriam a opinião e a exposição de argumentos que sustentassem essa opinião. Todas as questões foram lidas em voz alta pelos alunos e cada um se manifestava oralmente sobre o questionamento. Houve uma participação mais eficiente deles nesta atividade, pois todos queriam falar sobre as questões. Depois do debate pedi a eles que escrevessem nos espaços da folha a sua opinião e os argumentos acerca de cada questionamento. Esta atividade teve duração de uma hora aula.

No módulo 3 não segui a ordem da sequência e trabalhei a atividade do módulo 4. Acredito que essa atividade estava mais próxima do módulo anterior, em que fizemos a construção de argumentos. Houve, desta forma, uma antecipação da atividade que seria posterior.

Para esta aula preparei a música “O meu país” de Zé Ramalho. Entreguei uma cópia para cada aluno e pedi que ouvissem a canção tocar acompanhando a letra. Os estudantes disseram não compreender algumas passagens e então repeti a canção.

Após ouvida por duas vezes, combinei com eles como comentaríamos a música e ficou a proposta de cada um comentar um parágrafo e, se alguém quisesse acrescentar algo, esperava o primeiro terminar. Desse modo, ocorreu a discussão da letra com minha interferência em trechos que não haviam compreendido.

A discussão foi muito acirrada e todos tiveram a oportunidade de se expressarem oralmente. Ao final, os alunos pediram que eu tocasse a música mais uma vez para eles poderem cantar e se mostraram motivados pela aula. Eles disseram que não conheciam a música e afirmaram ter gostado bastante dela, principalmente da letra, depois que tentamos uma compreensão. Esta aula teve duração de duas horas.

Na aula seguinte, os estudantes tiveram a oportunidade de conhecer algumas charges animadas sobre política do autor Maurício Ricardo. Questionei a eles se conheciam o gênero charge animada e disseram que conheciam pela televisão, pois programas de esporte e entretenimentos exibiam com frequência algumas delas.

Porém, as charges que eu havia selecionado eles ainda não conheciam. Uma delas foi sobre a aposentadoria de Joaquim Barbosa, em que ele e o ex-presidente Lula da Silva conversam, outra mostrava a governadora Roseana Sarney cantando uma paródia da música “Como os nossos pais”, e outra exibia uma conversa da presidente

Dilma sobre a companhia telefônica TIM, todas disponíveis no *site* <http://charges.uol.com.br>.

Percebi que, na primeira visualização, os educandos não entendiam a crítica feita pela charge porque não contextualizavam, ou seja, não tinham conhecimento do contexto que era abordado no gênero, pois não acompanhavam as notícias sobre a política brasileira, no entanto, quando compreendiam, pediam para repetir a charge.

Esse momento de leitura e compreensão das charges aconteceu por duas horas aulas, em que eu tentava instigara compreensão deles por meio de questionamentos que buscassem associar conhecimentos de mundo e conhecimento sobre política.

Na aula seguinte, entreguei aos estudantes os primeiros textos escritos por eles com observações que contribuíssem com a melhoria da escrita deles. Retomei as características do gênero artigo de opinião e propus a reescrita.

Os alunos me questionavam o tempo todo, queriam ter cuidado para escrever, pois eu havia dito a eles que os textos deles seriam divulgados. Chamei a atenção para a temática apresentada e reforcei a necessidade de se utilizar os argumentos em suas afirmações, além da utilização dos rascunhos para depois passar os textos a limpo.

Foram utilizadas duas horas para a realização das atividades e alguns não conseguiram passar os textos a limpo, ficando de me entregarem no período vespertino do mesmo dia em que aconteceu a finalização das atividades.

Os estudantes questionaram se não havia mais algum projeto de leitura e escrita para eles participarem, pois preferiam ir para a escola ao invés de ficarem em casa sem fazer nada. Como eu disse antes, eles realmente foram por suas livres e espontâneas vontades, sem promessas de ganhar algo material para poderem participar das atividades. Somente prometi a cada um que ganhariam, com certeza, aprimoramento na leitura e na escrita deles.

3 APRESENTAÇÃO DO ARTIGO DE OPINIÃO E REFLEXÃO SOBRE AS PRODUÇÕES

Nem todos os estudantes, que frequentaram as aulas de leitura e escrita da sequência, fizeram a primeira e a última produção. Dentre os que frequentaram (dez alunos ao todo), somente cinco não tiveram nenhuma falta, tendo participado de todos os módulos. Desses cinco alunos escolhi aleatoriamente três textos para verificar se houve avanço na escrita. Dois textos são de meninas e o outro texto de um menino, todos do 9º ano.

3.1 Aluno KG

3.1.1 Primeira Produção

O primeiro texto a ser analisado é do aluno que será denominado aqui de KG. Em sua primeira escrita, antes dos módulos, KG escreveu um texto argumentativo dividido em sete parágrafos.

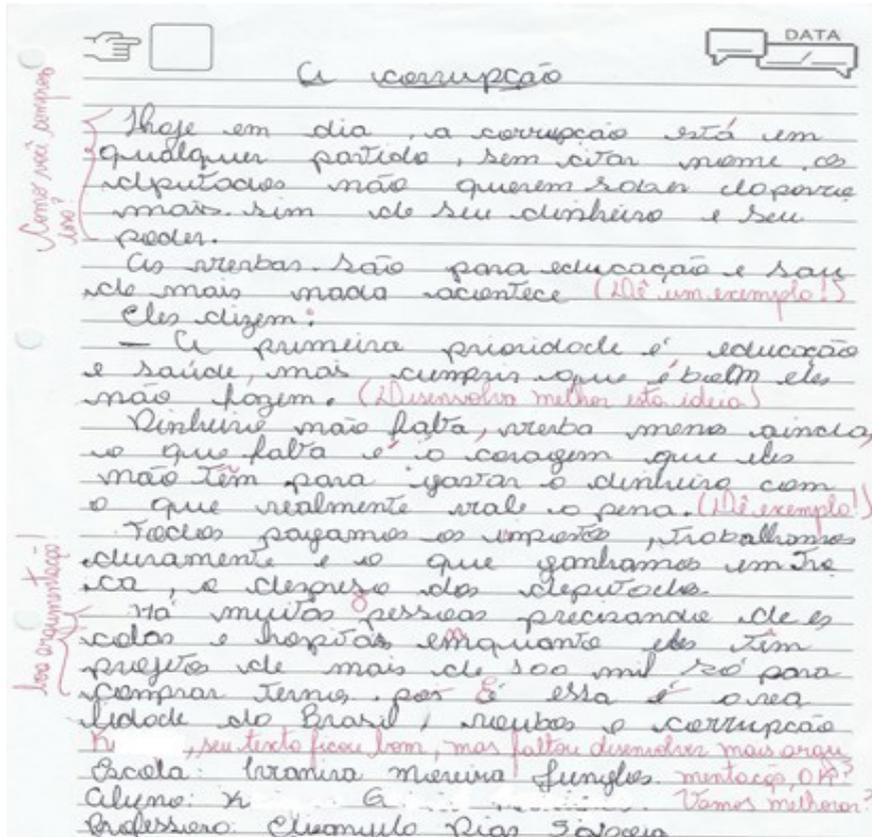


Figura 01: Primeira produção do aluno KG.

Fonte: Acervo da autora.

Como os estudantes já haviam feito um rascunho anterior, percebemos poucos erros de grafia, porém o texto deixou a desejar quanto ao desenvolvimento dos argumentos empregados por ele no texto ou em fazer afirmações baseadas no senso comum, sem comprovações ou exemplificações como, por exemplo, no trecho a seguir:

“Hoje em dia, a corrupção está em qualquer partido, sem citar nome, os deputados não querem saber do povo mais sim de seu dinheiro e seu poder.” (Trecho do texto do aluno KG, 1º parágrafo). Provavelmente o aluno baseou esta afirmação no vídeo visualizado por eles em que apresenta um candidato interessado somente em garantir votos. Entretanto, o estudante utilizou afirmações do senso comum para iniciar seu texto e não desenvolve a ideia ou a assertiva feita.

No segundo parágrafo, o estudante escreveu: “As verbas são para educação e

saúde mais nada acontece”. Esta afirmação é muito vaga, pois ele não explica de onde vêm estas verbas e a expressão “nada acontece” não explana a ideia dele.

Somente no sétimo e último parágrafo o aluno desenvolve sua opinião e justifica a afirmativa feita, porém não apresenta propostas de melhoria para a situação na política brasileira, nem retoma o que foi dito em seu texto. Exemplo: “Há muitas pessoas precisando de escolas e hospitais enquanto eles tem projetos de mais de 100 mil só para comprar ternos. pos é essa é a realidade do Brasil, roubos e corrupção”. KG utilizou este argumento do texto que leu em sala de aula escrito por mim em que eu defendia meu ponto de vista sobre a corrupção na política e decidiu fechar seu texto utilizando esta informação lida anteriormente.

3.1.2 Segunda Produção

Na segunda versão, o estudante escreveu um texto argumentativo dividido em oito parágrafos.

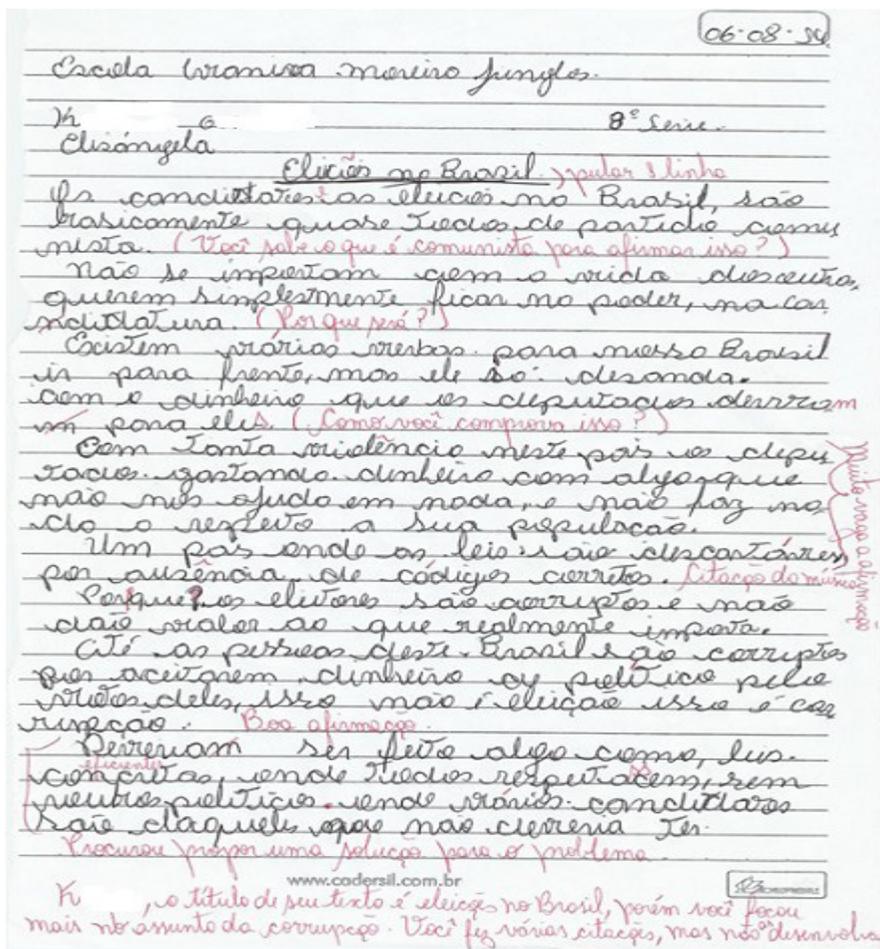


Figura 02: Segunda produção do aluno KG.

Fonte: Acervo da autora.

Nos quatro primeiros parágrafos, KG continua fazendo afirmações vagas, sem exemplificações, comprovações ou justificações do que escreve. Exemplo: “Os candidatos as eleições no Brasil, são basicamente quase todos de partido comunista”. (Trecho do texto do aluno KG, 1º parágrafo). Quando questionado sobre o conceito de comunista, o estudante afirmou não saber o que significava a palavra, mas já tinha ouvido falar e achou que caberia este termo em seu texto.

Nos quatro últimos parágrafos, o aluno buscou fundamentar suas opiniões como, por exemplo, no trecho seguinte: “Um país onde as leis são descartáveis por ausência de códigos corretos.” (5º parágrafo). Este fragmento KG escreveu baseado na música “O meu país” de Zé Ramalho, trabalhada com eles em um dos módulos da sequência didática.

No sétimo parágrafo, o educando expôs: “Até as pessoas deste Brasil são corruptos por aceitarem dinheiro de político pelos votos deles, isso não é eleição isso é corrupção”. A afirmação é feita com base em uma situação real vivenciada pelas pessoas, ele utilizou o conhecimento de mundo para expor em seu texto.

No oitavo parágrafo, KG apresenta uma solução ou uma alternativa para melhorar a situação da política brasileira, ao invés de retomar as informações do texto, ele opta por esta forma. Exemplo: “Deveriam ser feito algo como leis concretas, onde todos respeitassem, sem roubos políticos onde vários candidatos são daqueles que não deveria ter”. Sem dúvida este trecho poderia ser melhorado se reescrito, porém na primeira para a segunda versão o estudante fez várias modificações.

Apesar de ainda escrever vários trechos sem justificativas ou argumentos sólidos, o aluno compreendeu que seu texto poderia ser revisado e melhorado. Na segunda versão, ele tentou argumentar melhor e baseou-se em algumas atividades desenvolvidas no decorrer dos módulos.

3.2 Aluna KA

3.2.1 Primeira produção

A aluna KA escreveu sua primeira produção com apenas 10 linhas. Cabe ressaltar que em nenhum momento foi estipulado um número mínimo nem máximo de linhas escritas, deveriam somente desenvolver o ponto de vista acerca do tema apresentado. O texto apresenta três parágrafos. A estudante desenvolveu seu texto por meio de questionamentos e em nenhum momento responde ou defende algum ponto de vista.

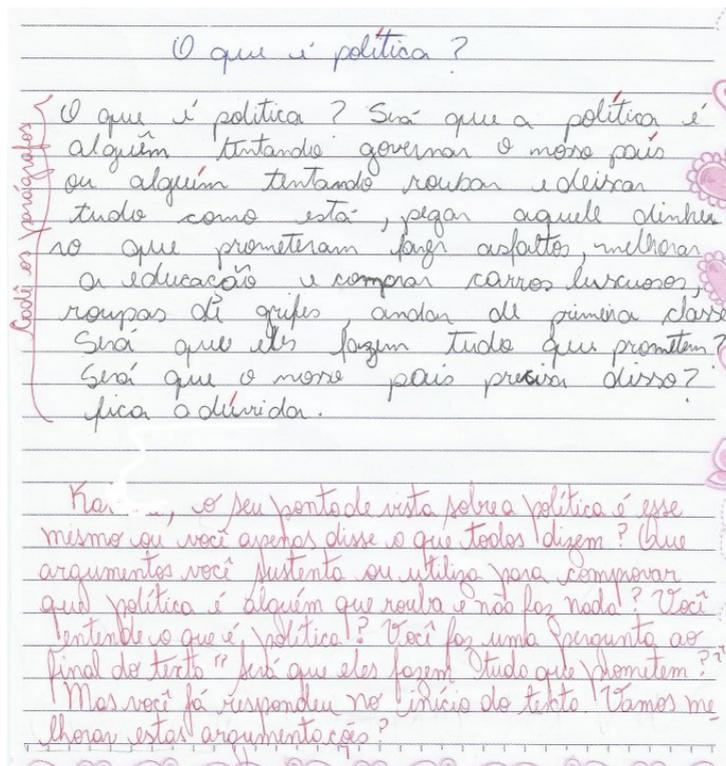


Figura 03: Primeira produção da aluna KA.

Fonte: Acervo da autora.

No início do texto ela escreve: “O que é política?” KA não responde e continua escrevendo em forma de questionamentos. Nos penúltimo e último parágrafos a estudante pergunta: “Será que eles fazem tudo que prometem?” e “Será que o nosso país precisa disso? fica a duvida”. A impressão é que ela não sustenta nenhum argumento ou opinião acerca do tema, não afirma nada nem deixa de afirmar.

Não há informações concretas acerca do tema abordado no texto. KA faz questionamentos muito vagos e não apresenta nenhum tipo de argumento. Ela também repete frases do senso comum: “Será que a política é alguém tentando roubar e deixar tudo como está, pegar aquele dinheiro que prometeram fazer asfaltos, melhorar a educação e comprar carros luxuosos, roupas de grifes, andar de primeira classe”. (Trecho do texto de KA).

3.2.2 Segunda produção

Na segunda versão, a aluna escreveu um texto de vinte e duas linhas dividido em seis parágrafos.

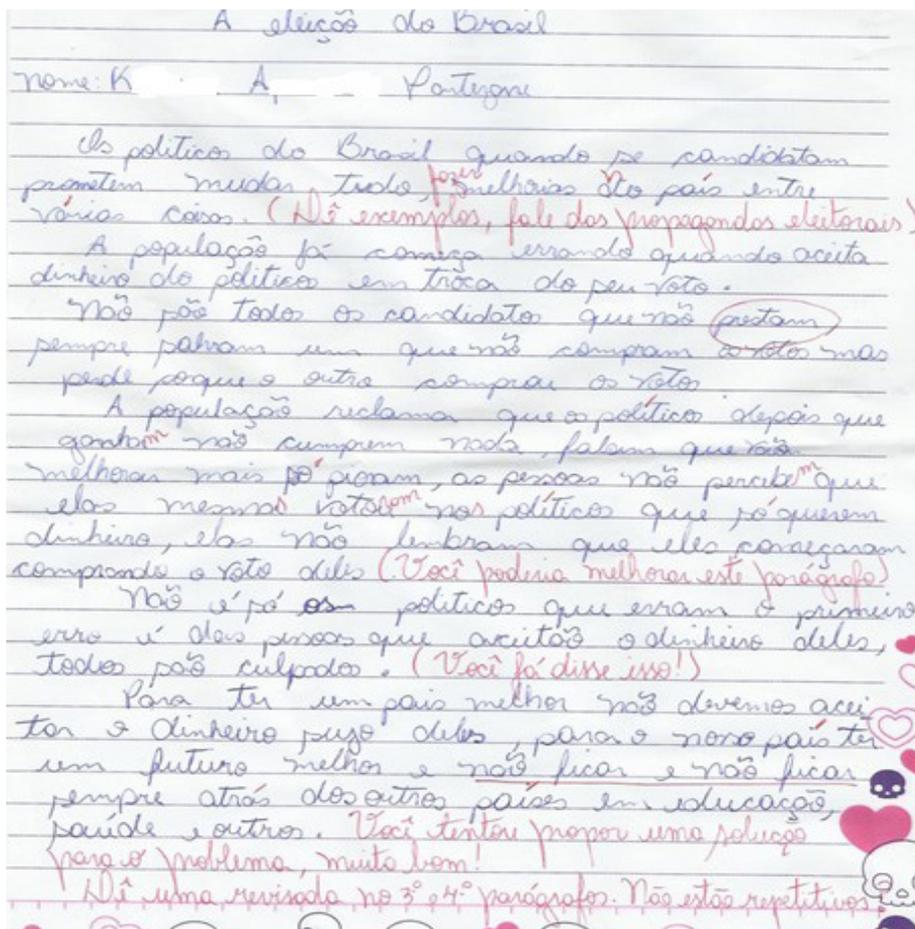


Figura 04: Segunda produção da aluna KA.

Fonte: Acervo da autora.

No primeiro parágrafo, KA inicia com uma informação pertinente, porém não desenvolve nem justifica sua ideia. Exemplo do trecho: “Os políticos do Brasil quando se candidatam prometem mudar tudo, melhorias do país entre varias coisas”. A aluna não especifica o que seriam estas “varias coisas”, ela para o primeiro parágrafo nesta expressão.

Já no segundo parágrafo, KA fez uma afirmação baseada em seu conhecimento de mundo como: “A população já começa errando quando aceita dinheiro do político em troca do seu voto”. A aluna baseia-se em sua vivência ou observação do fato na sociedade para fazer tal afirmação, porém não desenvolve mais o parágrafo.

Nos parágrafos seguintes, a estudante continua fazendo afirmações, porém não utiliza exemplos para sustentar seu ponto de vista e torna-se repetitiva durante o texto. Repete as informações já escritas em parágrafos seguintes como, por exemplo, no quinto parágrafo em que retoma a venda ou compra de votos.

Um fato interessante e diferente da sua primeira escrita é que a aluna KA tenta

propor uma solução ou dar um conselho para as pessoas que cometem o crime de corrupção no último parágrafo.

A estudante optou por modificar completamente seu primeiro texto, pois os poucos questionamentos encontrados na primeira versão desapareceram na segunda. O papel da professora foi o de orientar os estudantes, tirar dúvidas durante a escrita, mas deixar também que eles se sentissem à vontade com o ato de escrever e tentar expor suas ideias, por mais complicado que eles achassem.

Com certeza KA tentou melhorar sua escrita, talvez não muito em relação aos argumentos que poderiam ter sido mais bem desenvolvidos, mas quanto à organização do texto, dividindo em parágrafos, abordando uma questão em cada um e propondo uma solução para o fato abordado por ela: a corrupção (compra e venda de votos). Demonstrou, também, ter um cuidado maior com a grafia das palavras.

3.3. Aluna GS

3.3.1 Primeira produção

A primeira versão do texto da aluna GS contou com dezesseis linhas e foi dividido em cinco parágrafos.

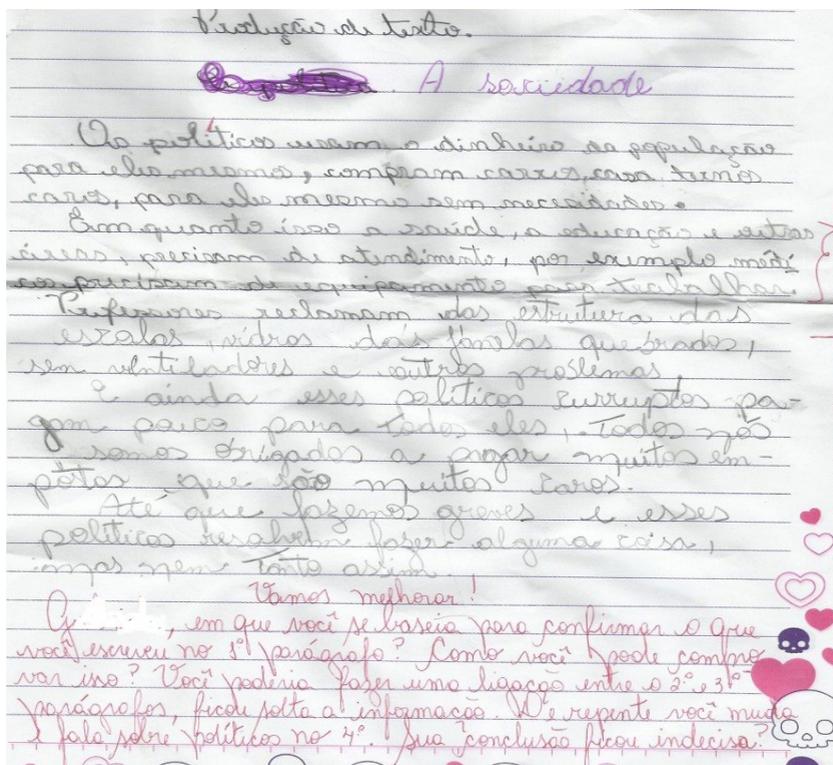


Figura 05: Primeira produção da aluna GS.

Fonte: Acervo da autora.

A estudante introduziu seu texto com uma afirmação que não exemplifica e

não comprova como exemplo: “Os políticos usam o dinheiro da população para eles mesmos, compram carros, casa, ternos caros, para eles mesmo sem necessidades”. Ao referir-se à compra dos ternos, provavelmente GS baseou-se na leitura do texto que leram como exemplo de artigo de opinião.

Porém, nos segundo, terceiro e quarto parágrafos, a aluna desabafa e os escreve pautada em sua vivência e conhecimento de mundo. A estudante relata: “Professores reclamam das estrutura das escolas, vidros das janelas quebrados, sem ventiladores e outros problemas”. (3º parágrafo). “E ainda esses políticos corruptos pagam pouco para todos eles. Todos nós somos obrigados a pagar muitos impostos que são muito caros”. (4º parágrafo).

No último parágrafo, GS relata a questão da greve, que seria uma consequência de tudo o que ela escreveu nos parágrafos anteriores. A aluna conclui que assim os políticos tomam providência, porém não é o esperado pela população. Outro fato interessante é que a estudante se sente parte da sociedade quando menciona: “Até que fazemos greves e esses políticos resolvem fazer alguma coisa, mas nem tanto assim”. (5º parágrafo). A aluna conclui seu texto com este parágrafo.

3.3.2 Segunda produção

A aluna GS inicia seu texto com uma informação lida por ela na música “O meu país” de Zé Ramalho, trabalhada em um dos módulos da sequência, porém não cita de onde tirou a informação. Depois da citação, a estudante continua mencionando a educação e a saúde, assim como fez em seu primeiro texto. Faltaram apenas utilizar conectores para dar coesão ao texto no início.

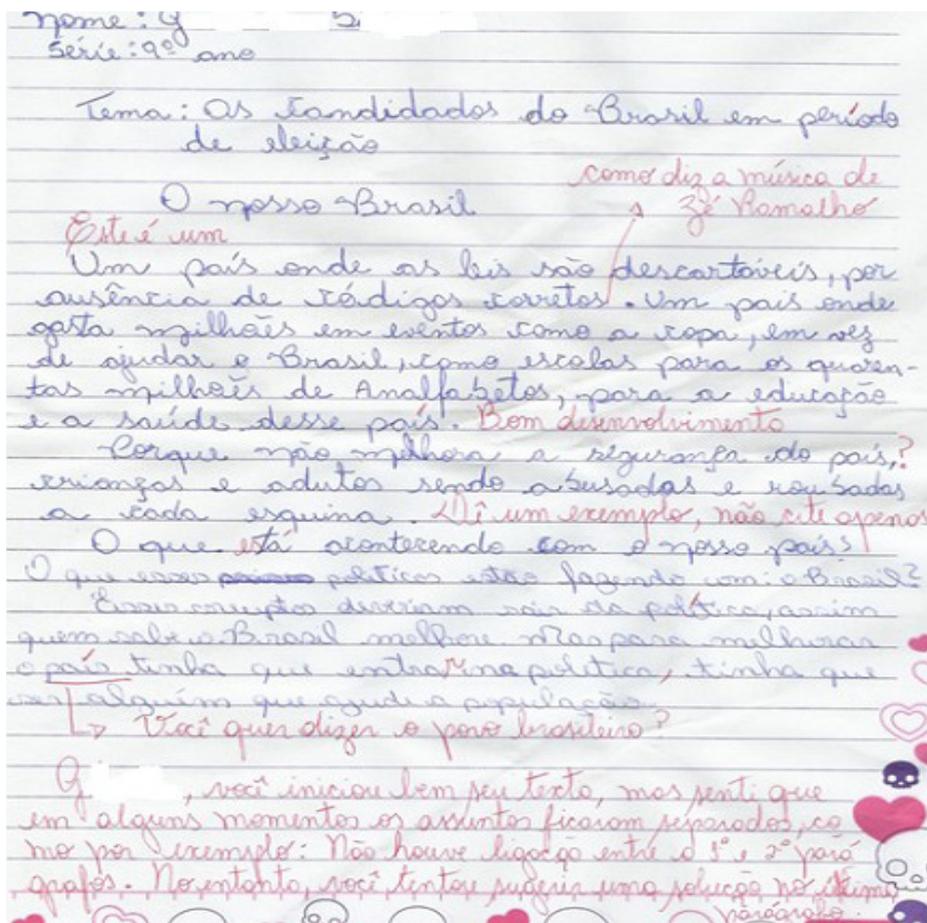


Figura 06: Segunda produção da aluna GS.

Fonte: Acervo da autora.

Essa segunda versão conta com quinze linhas divididas em quatro parágrafos. No segundo parágrafo, GS cita exemplos de fatos que ocorrem no país, também precisava de alguns elementos coesivos para melhorar o entendimento do texto.

No terceiro parágrafo, a estudante faz questionamentos, porém não os responde e termina seu texto (4º parágrafo) sugerindo que os políticos corruptos saiam da política e entrem bons candidatos. Exemplo: “Esse os corruptos deveriam sair da política, assim quem sabe o Brasil melhora. Mas para melhorar o país tinha que entrar na política tinha que ser alguém que ajude a população”.

Esta aluna também fez várias modificações em seu texto diferindo da primeira versão, mas manteve, como dito, as citações sobre a educação e a saúde, não da mesma forma, mas utilizou conhecimento de mundo e das aulas para escrever seu texto de opinião.

4 CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

Os três estudantes que tiveram os textos analisados escreveram abordando mais o ato da corrupção que o tema apresentado a eles, talvez devido ao fato de haver maior incômodo com a questão. No entanto, o tema sugerido a eles para que pudessem escrever o artigo de opinião era “Os candidatos e o processo de eleição no Brasil”, uma vez que o vídeo apresentava a problemática e serviu como ponto chave para o desenvolvimento das atividades.

Todos os alunos tentaram, de alguma forma, melhorar a escrita no segundo texto tanto referente à organização textual e linguística quanto aos argumentos empregados por eles, porém percebemos que os estudantes ainda não conseguem manter um argumento que seja sustentado em algum fato verídico, leitura ou documentado em noticiários, jornais etc., até porque eles não cultivam o hábito de ler diária, semanal ou mensalmente, no máximo trimestralmente porque a professora pede.

Mesmo não mantendo fortes argumentos, os estudantes conseguem associar seus conhecimentos de mundo ao assunto que querem tratar, além disso, eles nunca tinham participado de um trabalho organizado em forma de sequência didática, assim, a experiência foi nova, assim como o gênero apresentado e as atividades propostas.

Acredito que se eles vivenciassem mais um ensino preparado dessa maneira, a aprendizagem da leitura e escrita de fato melhoraria, pois em uma sequência organizada somente em cinco módulos já houve uma tentativa de melhoria dos textos pelos estudantes, não tanto quanto o desejado em relação aos argumentos, mas quanto a critérios gramaticais, discursivos, organização textual, além da preocupação quanto à ortografia vigente.

Estes fatos demonstram, de certa forma, um avanço para o estudante, pois eles não possuem intimidade com o gênero proposto e, mesmo assim, sentiram e afirmaram que estavam aprendendo algo de útil para suas vidas e vendo uma finalidade para a escrita tão cobrada na instituição escolar.

É importante mencionar que as análises não foram feitas de forma aprofundada por não ser o objetivo deste trabalho, mas relatar o passo a passo da aplicação e observar se os estudantes conseguiram desenvolver melhor suas leituras e escritas.

REFERÊNCIAS

ABAURRE, M. L.; ABAURRE, M. B. M. **Um olhar objetivo para produções escritas: analisar, avaliar, comentar**. São Paulo: Moderna, 2012.

BONINI, A. Metodologias do ensino de produção textual: a perspectiva da enunciação e o papel da Psicolinguística. **Perspectiva**, v. 20, n. 1, p. 23-47, 2002.

DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCNNEUWLY, B. Sequências didáticas para o oral e

a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. *et al.* **Gêneros orais e escritos na escola.** Campinas: Mercado de Letras, 2004. p. 95-128.

LEFFA, J. V. **Aspectos da leitura: uma perspectiva psicolinguística.** Porto Alegre, RS: Sagra D C Luzzatto, 1996.

PASSARELLI, L. M. G. **Ensino e correção na produção de textos escolares.** São Paulo: Telos, 2012.

ROJO, R.; MOURA, E. **Multiletramentos na escola.** São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

RUIZ, E. **Como se corrige redação na escola.** Campinas, SP: Mercado de Letras, 2001.

SOLÉ, I. **Estratégias de leitura.** 6. ed. Porto Alegre, RS: Artmed, 1998.

ENSINO E APRENDIZAGEM INTERLIGADOS AOS PROCESSOS SOCIAIS

Marcia Maria Silva de Souza

1 INTRODUÇÃO

O trabalho do professor pode se tornar bastante significativo a partir da utilização de novas abordagens do conteúdo em sala de aula com a finalidade de superar as dificuldades dos educandos ou mesmo aprender um conteúdo novo. Vimos que esse aspecto tem sido fundamental para o desempenho dos estudantes nas habilidades com a leitura e escrita. Este texto tem por objetivo apresentar como ocorreu a aplicação de uma sequência didática (SD) produzida em grupo. Essa proposta foi aplicada na turma do 9º ano do ensino fundamental no período vespertino, na escola estadual Ubaldo Monteiro da Silva, município de Várzea Grande – MT.

A SD possui cinco módulos para trabalhar com o gênero textual artigo de opinião tendo como sugestão para a produção da sequência um vídeo de Marcelo Adnet – Propaganda eleitoral gratuita – a verdadeira.

2 A PROPOSTA EM FOCO

Conforme Solé (1998), no processo de leitura é preciso observar alguns critérios importantes como o antes, o durante e o depois da leitura. Sendo assim, coloquei o título do texto no quadro para que os educandos fizessem inferências a respeito do conteúdo do vídeo que seria em seguida apresentado. Os mesmos se posicionaram já ressaltando os aspectos negativos do processo eleitoral como: “Ninguém gosta de assistir o horário político porque todos os candidatos são ladrões.”

A maioria das hipóteses apresentadas estava de acordo com o conteúdo do vídeo. Após assistirem ao vídeo três vezes, a pedido dos educandos, foram feitos questionamentos para localizar o tema e a ideia principal do texto. Anotei no quadro as colocações e em seguida foi apresentado aos estudantes um artigo do *blog* Recanto das letras de Braga “A política no Brasil” <http://www.recantodasletras.com.br/textos>. Discutimos o texto relacionando-o ao vídeo em seguida foi proposta aos alunos a primeira produção do gênero artigo de opinião com o tema “Os candidatos e o processo de eleição no Brasil.” Embora os alunos já tenham alguma familiaridade com o gênero textual proposto, na sequência combinamos alguns critérios para realizá-la como: título, parágrafos, pontuação, coesão e coerência, informatividade e observância em relação ao tema.

Os educandos produziram o texto que foi corrigido conforme as orientações de Ruiz (2001) que apresenta três modos de correção de produção de textos: a indicativa,

As eleições no Brasil como ocorrem, quais
 são os maiores problemas nas eleições.
 O título ficou muito exten-
 so.
 A eleição começa em quatro em
 quatro anos tempo suficiente para a ^{repetir}
 população votar em seu candidato.
 O erro ^{ficou incerto a final/completar} a ideia
 a presença de ^{algumas} cidades e não ter
 e no dia das eleições algumas pessoas
 votam votando em branco... bom argumento
 Mas que mais dá em isso pois é
 um ^{termo inadequado} ^{que sempre se} a maioria vota e o candidato
 sempre promete ^{concordância} melhorias para o nosso país
 mas nunca ^{sempre} que promete, enquanto
 votamos no lado ^{de} "miséria" e os políticos sempre
 porque todo mês ^{mapa da} ^{solidariedade} ^{integrar} ^{os} ^{de} ^{para}
 A população deveria se reunir para fazer
 protestos nas ruas para o aumento de salários e
 mais... o quê?
 Não fez a conclusão. Poderia ter apresen-
 tado mais exemplos e argumentar mais.

Figura 02: Texto produzido pela aluna MF.
 Fonte: Acervo da autora.

Política cidadã.
 Mantendo sempre o
 título interessante e título
 As eleições no Brasil acontecem
 de quatro em quatro anos e sempre
 a maioria vota em seu candidato na sua
 família ^{algumas} ^{de} ^{para}
 Na ano eleitoral devemos acompanhar
 as ideias e ideias. (pode completar melhor ^{ideias})
 Nem todos ^{sempre} as ^{precisas}
 suas a cada ano ^{qual} ^{temos}
 algum as melhorias.
 Demos que votar para ^{repetir}
 de cada ^{muito} ^{vota} ^{esse} ^{opinião} ^{de} ^{mais} ^{direti}
^{para} ^{falta} ^{acesso}
^{ideias} ^{publicas} ^{de} ^{mapa} ^{de} ^{para}
^{de} ^{judiciais} ^{para} ^{de} ^{de} ^{de}
 Nessas ^{sempre} ^{vota} ^{em} ^{corrupção} ^e ^{com} ^{pro-}
 cessos ^{judiciais}. Essa afirmação ficou incerta
 nos ^{ato} ^{que} ^{vez} ^{se} ^{esque} ^{de} ^{de}
 uma ^{política} ^(nos).

Figura 03: Texto produzido pelo aluno JG.
 Fonte: Acervo da autora.

Ao realizarem a produção do texto, observa-se que os estudantes seguiram o tema e apresentaram argumentos defendendo seu ponto de vista, abordaram mais os aspectos observados no vídeo e conhecimentos advindos da mídia, no entanto observou-se que mesmo conversando, discutindo os critérios para a produção, não foram seguidos por todos como: parágrafos, pontuação, pois teve alunos que não colocaram título e não fizeram a leitura do que escreveram, por isso alguns erros que os mesmos poderiam evitar acabaram aparecendo por falta de uma leitura mais criteriosa do próprio texto.

Vilson Leffa (1996, p. 10) afirma que: “A verdadeira leitura só é possível quando se tem um conhecimento prévio desse mundo.” Desse modo percebe-se a necessidade de ampliar as informações acerca do tema. Sendo assim, na sequência foram trabalhados com os alunos dois textos sobre o contexto político, um sobre “ficha limpa” e outro sobre a lei que responsabiliza os candidatos cassados a arcarem com as despesas das próximas eleições. Esses textos têm por finalidade proporcionar a construção de argumentos a respeito do tema por parte dos alunos.

O planejamento que pretende contribuir com o desempenho dos estudantes deve ser flexível por isso, no decorrer do processo, percebi que os estudantes começaram a questionar o significado de algumas palavras relacionadas ao contexto político. Então foi feita uma pesquisa sobre palavras que permeiam a conjuntura política como: mandato, suplementar, democracia, inelegibilidade, pregressa, campanha, cidadania, improbidade, indeferimento, cassação. Os estudantes buscaram o significado das palavras e discutimos os significados que elas apresentam. Essa atividade foi importante para complementar um pouco mais o entendimento do tema abordado.

Dando continuidade a proposta de trabalho, foi feita a atividade em que os educandos apresentaram sua opinião e um argumento que a defendesse acerca de uma questão polêmica. Essa atividade foi corrigida no coletivo, em que a maioria expôs sua resposta à determinada questão. Essa atividade foi adaptada do livro didático Singular e Plural.

Para maior discussão e debate sobre o tema, propomos aos alunos uma aula com charges animadas de Maurício Ricardo e outras sem animação, referentes a situações do contexto político no Brasil. Trabalhou-se com as questões preparadas previamente para a discussão oral. Nem todos participam das discussões, alguns alunos não gostam do tema e acham que não adianta discutir essa questão, mas ainda têm aqueles que se envolvem apresentam seu ponto de vista e outros que, aos poucos, passaram a se interessar pelo tema.

A prática da leitura tem sido um dos maiores desafios para a educação no mundo moderno, tanto para alunos quanto professores da Educação Básica. O ser humano durante muito tempo teve como base no processo de comunicação a oralidade visto que a invenção da escrita é bem mais recente. De acordo com Marcuschi (2008),

utilizamos a prática oral muito mais do que a prática da escrita, por isso buscamos neste trabalho enfatizar a prática da oralidade.

Os alunos se interessaram bastante pela atividade de análise da letra da música “Meu país” de Zé Ramalho e pediram para repetir várias vezes a letra. Buscamos compreender e relacionar o conteúdo desse texto com situações que muitos brasileiros enfrentam em seu cotidiano, as imagens que acompanham a música ilustram muito bem seu o conteúdo. Os alunos gostaram da atividade e cantaram a música. Mais uma vez as discussões orais acerca dos problemas ressaltados no texto têm como propósito fomentar as discussões e fazer com que educandos exponham sua opinião sobre o assunto.

De acordo com Leffa (1996), existem três conceitos de leitura, que são: ler para atribuir sentido ao texto, ler para extrair sentidos do texto e ler para interagir com o texto. Segundo o autor, esses conceitos foram se desenvolvendo e se modificando para explicitar melhor como realmente acontece o processo de leitura. Leffa (1996, p. 17) considera que: “Para compreender o ato de leitura, temos que considerar então (a) o papel do leitor, (b) o papel do texto e (c) o processo de interação entre o leitor e o texto.” Durante a aplicação da SD, buscamos pensar a leitura como um processo de interação, e, para consolidar um pouco mais essa dinâmica, foi proposta mais uma atividade que não constava na SD aplicada, um trabalho em grupo.

Pensando na importância de ampliar as relações com o tema política, foi proposto aos alunos discutirem em grupo e apresentarem aos colegas uma notícia de jornal sobre o tema trabalhado. Recortamos do jornal do dia algumas notícias sobre política e os estudantes em grupo de quatro componentes escolheram uma para ler, discutir e apresentar seu teor aos colegas da sala. Essa atividade foi muito importante, pois, como tinham que apresentar, preocuparam-se e buscaram estratégias para entender bem o texto como ler mais de uma vez, consultar um dicionário, discutir com os colegas alguns trechos ou mesmo consultar a professora sobre algum assunto que não entendiam. De acordo com Solé (1998, p. 116):

Um aspecto essencial de todo o processo de leitura é que nós os leitores experientes, não só compreendemos, mas também sabemos quando não compreendemos e, portanto podemos realizar ações que nos permitam preencher uma possível lacuna de compreensão. Esta é uma atividade metacognitiva, de avaliação da própria compreensão, e só quando é assumida pelo leitor sua leitura torna-se produtiva e eficaz.

A partir da realização dessa atividade, percebe-se a preocupação dos estudantes em entender melhor o texto em questão, visto que começaram a buscar meios de o compreenderem melhor. Ao reler este fragmento, pude visualizar na prática essa reflexão de Isabel Solé a respeito do processo de leitura.

A mesma autora ainda ressalta sobre a importância de que a leitura não seja um fim em si mesma, mas precisa se realizar a partir de objetivos claros e definidos. Complementando as discussões sobre as notícias de jornal, tendo como tema a questão política, pesquisamos no dicionário sobre o que é ética e os educandos responderam ao questionamento: A ética é importante no contexto político? Por quê? Foi uma questão positiva porque, depois de alguns dias do trabalho realizado, os vi comentando a respeito de uma atitude de um colega, que este estaria agindo com falta de ética, então entenderam e relacionaram algo como falta de ética.

Depois de encerradas as discussões, os estudantes fizeram a segunda produção. De posse do primeiro texto, tinham que observar o que poderiam melhorar a partir das observações realizadas pelo professor. Eles possuíam em mãos uma ficha adaptada do livro *Singular e Plural* com os critérios a respeito da produção do gênero artigo de opinião para nortear a revisão do texto.

Os alunos ainda possuem muita resistência na prática de aprimoramento do texto, não gostam de refazê-lo, por isso é necessária a motivação do professor, sendo que, para apresentá-lo na rádio da escola, algumas particularidades precisariam ser revistas como: palavras inadequadas para um texto formal, trechos em que os sentidos não estão claros, erros ortográficos, título, organização do texto em parágrafos e outros.

Nem todos fizeram a segunda produção, pois alguns alunos faltaram com frequência e outros se envolveram em atividades alheias à sala de aula deixando de realizar o que lhe foi pedido enquanto eu atendia alguns que necessitavam de uma orientação individualizada, mas no conjunto a maioria participou e tivemos um resultado positivo.

- Os candidatos e as eleições no Brasil

- No Brasil as eleições ocorrem a cada quatro anos. O processo eleitoral no Brasil é muito ruim, as eleições que são feitas são sempre as mesmas feitas durante a campanha concordância

- Muitos dos candidatos que estão na política são corruptos. Durante o período eleitoral eles fazem que são melhores a cidade, são ajuda os pobres, e depois a fala que são talam; talamimento para agradar a população da cidade, mas na verdade são muitos promissos que não são cumpridos, por falta de tempo ou não com a população.

Muitos políticos depois de eleitos, além de não trabalhar para bem da sociedade, abusam o dinheiro público.

Os eleitores antes de votar devem investigar a vida dos candidatos, suas famílias, se ele possui um ficha limpa e acima de tudo se se de seu caráter para representar a população brasileira.

A produção melhorará muito! concordância

→ trabalhar que o organizou em parágrafos
Contribuiu para a organização das ideias!

Figura 04: Texto produzido pelo aluno JB.
Fonte: Acervo da autora.

O processo de eleitoral no Brasil

A eleição ocorre no Brasil a cada quatro anos. Tempo suficiente para a população analisar se o candidato escolhido fez um bom governo e cumprir todas as propostas apresentadas.

O erro de alguns cidadãos é não ter a paciência de assistir ao debate político e no dia de votar alguns fazem apenas voto em branco porque não sabem um candidato com boas propostas.

Digo mais entretanto a nossa país é um tempo a mesma coisa, candidatos que prometem melhorias para o país e não cumprem suas promessas. Enquanto o país vive na miséria o político está concordância em concordância ocupando o dinheiro público. ortografia

A população deveria se reunir para fazer protestos com suas para aumentar os salários, pedir mais investimentos para a educação e saúde pública.

Precisamos escolher candidatos que possuam uma ficha limpa e não se envolvam em concordância ortografia

melhorará na organização das ideias!

Muito bom, me agradeço.

Figura 05: Texto produzido pelo aluno MF.
Fonte: Acervo da autora.

Política verdade
 ou mentira
 honestidade ou
 falsidade

As eleições no Brasil acontecem
 de quatro em quatro anos. É
 sempre a mesma luta, candidatos
 na sua fazenda, promessas, desonra
 tirando uma falsa imagem, uma
 falsa família, e uma estrutura social.
 Tudo para alguém que quer contribuir
 com o poder público.

No ano eleitoral devemos acompanhar
 mais os candidatos, saber sobre
 suas propostas e quais são as
 soluções apresentadas para melhorar
 a vida da população brasileira.

Sabemos que nem todos os can-
 didatos cumprem as promessas que
 fazem, mas a cada ano temos
 algumas melhorias, por isso é muito
 importante votar.

Devemos escolher melhor o candidato
 em que vamos votar e que ele cumpra
 as promessas feitas. O candidato ideal
 é aquele que propõe melhorias na
 educação e saúde pública, na segurança.

Devemos votar em candidatos que não
 se envolveram em corrupção e em
 processos judiciais, ou seja, possui uma
 ficha limpa!

Muito bom!

Figura 06: Texto produzido pelo aluno JG.

Fonte: Acervo da autora.

Após a aplicação de todos os módulos da SD, foi feita a segunda produção de texto sobre o processo eleitoral no Brasil. Percebe-se que a produção melhorou consideravelmente em relação à primeira porque os estudantes possuíam uma compreensão maior a respeito do assunto tratado. As discussões, atividades realizadas nos módulos, os trabalhos em grupo proporcionaram aos discentes possibilidades de ampliar os argumentos acerca do processo político no país. Embora o segundo texto ainda apresente problemas de ortografia, as ideias estão mais organizadas e a construção de argumentos foi aperfeiçoada, bem como a estrutura do texto melhorou muito, pois os estudantes tiveram preocupação em pontuar e organizar o texto em parágrafos. O vocabulário utilizado também reflete o estudo acerca do tema, já que, na segunda produção, utilizaram adequadamente termos como o dinheiro público, ficha limpa, processos judiciais e outras palavras que não teriam contato caso o tema não fosse bastante discutido. A correção coletiva realizada, após a primeira produção, contribuiu para o aprimoramento do texto e enfatizamos que os possíveis problemas na produção textual podem ser evitados se for feita uma leitura mais criteriosa com vistas a aperfeiçoar o próprio texto.

Os estudantes se dedicaram um pouco mais na segunda produção porque alguns textos seriam escolhidos para publicar na rádio da escola. Penso que, depois de observarem a importância que foi dada ao trabalho em quase dois meses de aula

refletindo produzindo e escrevendo, decidiram contribuir melhorando a produção textual, já que tinham aumentado as condições para o fazer.

3 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Essa atividade não é algo fácil de realizar na escola, às vezes é mais fácil encher a lousa de determinado conteúdo do que tentar discutir com os alunos outras possibilidades de aprendizagem que são mais significativas. Alguns problemas como: alunos que não deixam o colega falar, interrompem, fazem gracinhas, falam alto e, se o professor não conseguir lidar com essas situações, as aulas não apresentam rendimento. Percebeu-se que os mesmos participam pouco das discussões em sala de aula, não estão muito acostumados a falar sobre o tema da aula, por isso foi um pouco difícil no início, mas depois entenderam a proposta e a participação melhorou e pararam para ouvir o colega.

Pensar atividades que desenvolvam habilidades de leitura e escrita dos alunos é prática necessária no contexto escolar e cabe a nós professores como responsáveis pelo processo de ensino e aprendizagem da leitura e escrita, realizá-las de acordo com as necessidades dos estudantes.

O sucesso desse processo exige de nós compromisso e filiação a teorias e práticas que têm como princípio o desenvolvimento do ser humano enquanto sujeito ativo e participativo.

REFERÊNCIAS

- BONINI, A. Metodologias do ensino de produção textual: a perspectiva da enunciação e o papel da Psicolinguística. **Perspectiva**, v. 20, n. 1, p. 23-47, 2002.
- DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCNNEUWLY, B. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. *et al.* **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2004. p. 95-128.
- LEFFA, J. V. **Aspectos da leitura: uma perspectiva psicolinguística**. Porto Alegre, RS: Sagra D C Luzzatto, 1996.
- ROJO, R.; MOURA, E. **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- RUIZ, E. **Como se corrige redação na escola**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2001.
- SOLÉ, I. **Estratégias de leitura**. 6. ed. Porto Alegre, RS: Artmed, 1998.

REFLETINDO A PRÁTICA DOCENTE E PROCESSOS SOCIAIS POR UMA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA

*Denis Alves Farias
Elisangela Dias Saboia
Marcia Maria Silva de Souza*

Todos nós, professores de Língua Portuguesa, estamos cientes de que as dificuldades relacionadas à prática de leitura e escrita têm sido uma das grandes problemáticas enfrentadas pela escola pública brasileira e, torna-se, a cada dia, um desafio para nós enquanto educadores.

Além disso, os educandos não são atraídos por leituras que o livro didático apresenta, talvez pela falta de continuidade dos assuntos, que se modificam com muita frequência, fato este que os afastam do ato de ler e os desmotivam.

No entanto, por meio desta sequência didática, elaborada coletivamente, os estudantes tiveram a oportunidade de ampliar e desenvolver a leitura e a escrita a partir do tema “Os candidatos e o processo de eleição no Brasil”. A sequência foi organizada tendo como ponto de partida o vídeo “Propaganda eleitoral gratuita – a verdadeira”, de Marcelo Adnet. O tema foi bastante relevante, além de coincidir com a realidade dos estudantes, uma vez que no ano de 2014 ocorreram eleições para Presidente da República, Governador, Senador, Deputados Estaduais e Federais.

O trabalho com a prática de leitura foi primordial para considerarmos que os estudantes avançassem na aprendizagem oral e escrita, pois em todos os módulos tinham que praticá-la acerca de um gênero: texto dissertativo, charges animadas, músicas, vídeos, entre outros, entretanto a aplicação em cada turma deu-se de maneira diversa já que trabalhamos com estudantes de diferentes municípios com realidades distintas.

De acordo com o andamento das atividades, houve alteração, complementação e até mesmo inversão nos módulos, pois, conforme a turma desenvolvia as atividades, percebíamos a necessidade de intervenção e revisão da SD para que fosse mais bem apreendida pelos estudantes.

Apesar das diferenças nas aplicações das atividades de leitura e escrita, pudemos perceber que a primeira produção dos estudantes, no geral, apresentou diversos problemas quanto à organização discursiva e linguística, à ortografia vigente, à semântica, à coesão e coerência e até mesmo quanto à compreensão da proposta de texto.

Cabe mencionar que nossa preocupação principal não foi suprir os estudantes de todas as características do gênero textual artigo de opinião de modo severo. Nossa atenção estava voltada mais para a expressão oral, formação de opinião e argumentos,

itens principais que compõem um artigo de opinião. Deixamos claro que a intenção da produção textual era apresentar a opinião e defender esta opinião por meio dos argumentos adquiridos e desenvolvidos no decorrer dos módulos da SD.

Deixamos que as atividades fluíssem, ocorressem de forma natural, que os textos levados a eles instigassem debates e discussões, o que parece que deu certo. E, se algum outro ponto relacionado ao tema proposto surgisse, o professor era levado a pesquisar e refletir se aquele item poderia ser abordado em algum dos módulos.

Dessa forma, entendemos que, apesar de termos levado a SD praticamente pronta para a sala de aula, foi imprescindível a participação dos estudantes na construção final e na concretização dela. Sem esta participação, a aplicação tornar-se-ia impossível para nós.

Cada um de nós, como dito, desenvolveu as atividades em turmas de turnos, cidades e escolas diferentes, no entanto houve uma participação positiva dos estudantes. Além de termos aplicado a SD em turmas bem heterogêneas, o que é riquíssimo para a educação, somos também docentes bastante diferentes, porém, em busca de um mesmo objetivo: melhorar a leitura e a escrita de nossos alunos.

Vale ressaltar que todo este trabalho foi baseado em alguns teóricos importantes para o estudo da leitura, da escrita, do ensino, do multiletramento e da correção de textos como Solé (1996), Leffa (1996), Bonini (2002), Rojo (2012), Ruiz (1996), dentre outros que constam em nossa bibliografia final.

Quanto à evolução na escrita dos estudantes da primeira para a segunda produção, percebemos que alguns apresentaram um desenvolvimento considerável, outros apresentaram melhorias tímidas. Acreditamos que este fato pode ter ocorrido ou por inexperiência e pouca intimidade com a SD na escola durante os anos de escolaridade ou por desinteresse em adquirir conhecimento sobre o tema de política, pois, conforme alguns confessaram não sabiam nada de política e nem buscavam saber, sabiam o que os outros diziam e, assim, repetiam quando precisava discutir algo sobre a temática.

Todavia, somente em ter que olhar o seu texto e refletir sobre ele no intuito de melhorá-lo, já indica avanços significativos. É claro que buscamos percorrer o caminho completo, mas acreditamos que o primeiro passo já foi dado por nós e pelos estudantes que se propuseram a aprender um pouco mais.

REFERÊNCIAS

- BONINI, A. Metodologias do ensino de produção textual: a perspectiva da enunciação e o papel da Psicolinguística. **Perspectiva**, v. 20, n. 1, p. 23-47, 2002.
- DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCNNEUWLY, B. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. *et al.*

- Gêneros orais e escritos na escola.** Campinas: Mercado de Letras, 2004. p. 95-128.
- LEFFA, J. V. **Aspectos da leitura: uma perspectiva psicolinguística.** Porto Alegre, RS: Sagra D C Luzzatto, 1996.
- ROJO, R.; MOURA, E. **Multiletramentos na escola.** São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- RUIZ, E. **Como se corrige redação na escola.** Campinas-SP: Mercado de Letras, 2001.
- SOLÉ, I. **Estratégias de leitura.** 6. ed. Porto Alegre, RS: Artmed, 1998.

SOBRE OS AUTORES

Ademir Juvêncio da Silva é graduado em Língua Portuguesa (UNEMAT), especialista em Linguística Aplicada ao Ensino do Português como Língua Materna (UNEMAT) e Gestão do Trabalho Pedagógico: Supervisão e Orientação Escolar (FACINTER), mestrando do Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS (UNEMAT/Sinop). É professor de Língua Portuguesa do 6º ao 9º anos do Ensino Fundamental da rede municipal na cidade de Sorriso, Mato Grosso, atuando na Escola Municipal Rui Barbosa. Endereço eletrônico: ademih@hotmai.com

Alessandra de Oliveira é graduada em Língua Portuguesa (UNEMAT), especialista em Educação Língua Portuguesa e Literatura (UNEMAT), mestranda do Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS (UNEMAT/Sinop). É professora de Língua Portuguesa do 9º ano do Ensino Fundamental, na Escola Estadual Antonio Ometto e no 2º e 3º anos do Ensino Médio, na Escola Estadual Jardim das Flores, na cidade de Matupá, Mato Grosso. Endereço eletrônico: aleoliveira.matua@hotmai.com

César Vicente da Costa é graduado em Língua Portuguesa, Língua Inglesa e respectivas Literaturas (UNEMAT/Tangará da Serra), Língua Espanhola e respectiva Literatura (UFMT/Sinop) e Educação Física (UFMT/Cuiabá), mestrando do Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS (UNEMAT/Sinop). É professor de Língua Portuguesa do 6º ao 9º anos do Ensino Fundamental e no Ensino Médio da rede Estadual na Escola Estadual Padre Ezequiel Ramin, na cidade de Juína, Mato Grosso. Endereço eletrônico: rasevc@hotmai.com

Cleunice Fernandes da Silva é graduada em Licenciatura Plena em Letras (UFMT/Rondonópolis), especialista em Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas Portuguesa e Inglesa (UNEMAT/Sinop), mestranda do Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS (UNEMAT/Sinop). É professora de Língua Portuguesa do 6º ao 9º anos do Ensino Fundamental da Escola Estadual Rosa dos Ventos, na cidade de Sinop, Mato Grosso. Endereço eletrônico: cleonicefernandes_silva@hotmai.com

Denis Alves Farias é graduado em Letras com habilitação em Língua portuguesa e Língua Estrangeira Moderna – Inglês (UPE), especialista em Língua Portuguesa e Literatura (UNEMAT/Sinop), mestrando do Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS (UNEMAT/Sinop). É professor de Língua Portuguesa do Ensino Básico, na escola Estadual 21 de Abril, no município de Juína, Mato Grosso. Endereço eletrônico: farias.denis@ibest.com.br

Edivaldo Aparecido Mazolini é graduado em Língua Portuguesa e especialista em Língua Portuguesa e suas Literaturas pela UNEMAT – Campus Universitário Vale do Telles Pires, mestrando do Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS (UNEMAT/Sinop). É professor de Língua Portuguesa do ensino fundamental (6ª ao 9º anos) e ensino médio na rede estadual, lotado na Escola Estadual José Domingos Fraga, situada no município de Sorriso, Mato Grosso. Endereço eletrônico: edivaldomazolini@gmail.com

Elaine Xavier Lima Babinski é graduada em Língua Portuguesa com habilitação em Língua Inglesa (UNEMAT/Cáceres), especialista em Linguística Aplicada em Língua Portuguesa e Língua Inglesa (UNEMAT/Sinop), mestranda do Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS (UNEMAT/Sinop). É professora de Língua Portuguesa do 6º ao 9º anos do Ensino Fundamental e Ensino Médio na Escola Estadual José Domingos Fraga, na cidade de Sorriso, Mato Grosso. Endereço eletrônico: ela13ine@hotmail.com

Elen Cristina Freire é graduada em Língua Portuguesa (FAFIPA – Faculdade Estadual de Educação, Ciências e Letras de Paranavaí – PR), especialista em Língua Portuguesa e Literatura pela mesma faculdade, mestranda do Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS (UNEMAT/Sinop). É professora de Língua Portuguesa do 6º ao 9º anos do Ensino Fundamental da rede Estadual na cidade de Nova Mutum, Mato Grosso, atuando na Escola Estadual Virgílio Corrêa Filho. Endereço eletrônico: elencf@outlook.com

Elisângela Dias Saboia é graduada em Letras, com habilitação em Português, Inglês e respectivas Literaturas (UNEMAT), especialista em Educação de Jovens e Adultos (Instituto Cuiabano de Educação), mestranda do Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS (UNEMAT/Sinop). É professora de Língua Portuguesa e Língua Inglesa de 6º a 9º anos do Ensino Fundamental da rede municipal de ensino da cidade de Colider, Mato Grosso. Endereço eletrônico: elisangela.saboia@hotmail.com

Genivaldo Rodrigues Sobrinho é graduado em Letras (UNEMAT), mestre e doutor pelo Programa de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo (USP). É professor adjunto do curso de Letras, no *Campus* Universitário de Sinop, na área de língua inglesa. Professor permanente do Programa de Mestrado Profissional – PROFLETRAS (UNEMAT). Coordena o subprojeto PIBID de Língua Inglesa. Endereço eletrônico: genivaldosobrinho@unemat.br

Leandra Ines Seganfredo Santos é graduada em Pedagogia (UNEMAT), mestre em Estudos de Linguagem (UFMT), doutora em Estudos Linguísticos (UNESP/IBILCE) e pós-doutora em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem (PUC/SP). É professora concursada na UNEMAT, na área de Metodologia do Ensino, com experiência nos Cursos de Pedagogia e Letras, com ênfase em formação docente e ensino de línguas na Educação Básica. Professora permanente dos Programas de Mestrado em Linguística e PROFLETRAS (UNEMAT). Coordena o subprojeto PIBID Interdisciplinar – Formação para a Diversidade: Educação Linguística, Educação para a Diversidade Cultural e Educação Ambiental nas Licenciaturas no contexto da Amazônia Mato-Grossense e entorno do Parque do Xingu. Endereço eletrônico: leandraines@unemat.br

Marcia Maria Silva de Souza é graduada em Letras, com habilitação em: Português, Espanhol e respectivas Literaturas (UNIVAG), especialista em Língua Portuguesa pelo Instituto Pró-Minas, mestranda do Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS (UNEMAT/Sinop). É professora de Língua Portuguesa na Escola Estadual Ubaldo Monteiro da Silva de 6º ao 3º ano do Ensino Fundamental e Médio da rede pública de ensino na cidade de Várzea Grande-MT. Endereço eletrônico: marcia.amarillo@hotmail.com

Marcia Weber é graduada em Língua Portuguesa (FURG), especialista em Psicopedagogia (FASIPE) e Metodologias do Ensino de Línguas Portuguesa e Estrangeiras (UNINTER/Sinop), mestranda do Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS (UNEMAT/Sinop). É professora de Língua Portuguesa do 6º ao 9º anos do Ensino Fundamental na Escola Estadual Professora Cleufa Hübner, na cidade de Sinop, Mato Grosso. Endereço eletrônico: marciapweber@hotmail.com

Maria Salete Dias Antônio é graduada em Língua Portuguesa (UNIOESTE), especialista em Educação Infantil, Alfabetização e Educação Especial (AVEC), mestranda do Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS (UNEMAT/Sinop). É professora de Língua Portuguesa do 6º ao 9º anos do Ensino Fundamental e Ensino Médio das redes Municipal (C.M.E.B. Sorriso) e Estadual (Escola Estadual 13 de Maio) na cidade de Sorriso, Mato Grosso. Endereço eletrônico: promarsal@hotmail.com

Maríndia Becker é graduada em Letras (UNEMAT), especialista em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira (UNEMAT), mestranda do Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS (UNEMAT/Sinop). É professora de Língua Portuguesa em duas turmas do 7º ano do Ensino Fundamental na Escola Estadual Antonio Ometto (Rede Estadual de Educação) no município de Matupá, Mato Grosso. Endereço eletrônico: marindiabecker@yahoo.com.br

Miguel Rodrigues de Oliveira é graduado em Letras (UNEMAT/Sinop), especialista em Linguística Aplicada ao Ensino do Português como Língua Materna (UNEMAT/Sinop), mestrando do Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS (UNEMAT/Sinop). Atua como docente na Escola Municipal de Educação Básica Silvana, em Sinop, Mato Grosso. Endereço eletrônico: miguelrodrigues1968@oi.com.br

Nilze Maria Malaguti é graduada em Língua Portuguesa (UNIOESTE), especialista em Atualização Pedagógica (UFRJ) e em Língua Portuguesa (AJES), mestranda do Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS (UNEMAT/Sinop). É professora de Língua Portuguesa do 6º ao 9º anos do Ensino Fundamental e Ensino Médio das redes Municipal e Estadual na cidade de Aripuanã, Mato Grosso. Endereço eletrônico: nilzemalaguti@hotmail.com

Polyana Sampaio da Silva Scrimim é graduada em Licenciatura Plena em Letras (UNEMAT), mestranda do Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS (UNEMAT/Sinop). É professora de Língua Portuguesa do 6º ao 9º anos do Ensino Fundamental da rede Estadual na cidade de Juara, Mato Grosso, atuando na Escola Estadual Luiza Nunes Bezerra. Endereço eletrônico: polyanascrimim@gmail.com

Sérgio Cervieri é graduado em Língua Portuguesa (UNIFLOR – Universidade de Alta Floresta), especialista em Educação Ambiental para a conservação da Amazônia mato-grossense (UNEMAT), mestrando do Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS (UNEMAT/Sinop). É professor de Língua Portuguesa do 6º ao 9º anos do Ensino Fundamental e no Ensino Médio da rede Estadual na Escola Estadual Irany Jaime Farina, na cidade de Guarantã do Norte, Mato Grosso. Endereço eletrônico: sergiocervieri@hotmail.com

Sidnei Alves da Rocha é graduado em Língua Portuguesa (UNEMAT/Sinop), especialista em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira (FIP - Faculdades Integradas de Patrocínio/MG) e Tecnologia em Educação (PUC), mestrando do Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS (UNEMAT/Sinop). É professor de Língua Portuguesa do 6º ao 9º anos do Ensino Fundamental na Escola Municipal Vista Alegre e do 6º ao 9º anos do Ensino Fundamental e do Ensino Médio na Escola Estadual 12 de Abril, na cidade de Terra Nova do Norte, Mato Grosso. Endereço eletrônico: profsidneirocha@hotmail.com